# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE LINHA DE PESQUISA I – PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS: EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E PLURALIDADE CULTURAL

**ANALIA SANTANA** 

A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES NA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DO PELOURINHO (1969-2001)

### **ANALIA SANTANA**

### A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES NA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DO PELOURINHO (1969-2001)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, no âmbito da Linha de Pesquisa I — Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural, para a obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizabete Conceição Santana

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Biblioteca da Universidade do Esta	ado
da Bahia – UNEB	

### **S231**

Santana, Analia

A Participação Política das Mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho (1969/2001). Anália Santana. Salvador. 2013.

f. 205

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Conceição Santana

Dissertação de Mestrado- Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós Graduação

em Educação e Contemporaneidade Faculdade de Educação.

1. Mulheres Negras 2. Irmandade religiosa 3. Poder I Título

CDD 305.4

### FOLHA DE APROVAÇÃO

## A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES NA IRMANDADES DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DO PELOURINHO (1969-2001)

### **ANALIA SANTANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 11 de outubro de 2013, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:

Profa. Dra, Elizabete Conceição Santana Universidade do Estado da Bahia - UNEB Doutorado em Educación Moral y Democracia Universidade de Barcelona, Espanha

1

Profa. Dra. Lucilene Reginaldo Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS Doutorado em História Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil.

Profa. Dra. Jaci Maria Herraz de Menezes Universidade do Estado da Bahia - Uneb

Doutorado em Doctorado En Ciencias de La Educación

Universidade Católica de Córdoba

Profa. Dra. Cecilia Conceição Moreira Soares Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Doutorado em Antropologia

Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil

Dedico esta dissertação à minha mãe, Ana Martins; ao meu pai, Álvaro Santana, meu irmão primo Antônio Luis e Tia Lúcia (in memorian); a minha filha, Edla Kyesi; ao meu companheiro, Everaldo Almeida da Paixão; aos meus oito irmãos, que são a família escolhida por Nzambi (Deus) para me acolher.

Aos meus antepassados da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho, em especial à Irmã Ivone da Silva Paixão, por nos deixar imensuráveis histórias, memórias e patrimônios: espiritual, material e imaterial para que nós, negros/negras possamos re-significar nossas vidas, mantendo a tradição e reinventando práticas educativas para a construção de relações menos excludentes.

### **AGRADECIMENTOS**

Às forças invisíveis que vem de Nzambi (Deus do supremo) e dos santos, orixás, inquíces e voduns. Minha Mãe do céu Nossa Senhora do Rosário. Aos elementos da natureza materializados na terra, fogo, água e ar. Agradecer é reconhecer que sem o apoio das inúmeras pessoas e das energias positivas que colaboram conosco, fica quase que impossível concluir uma etapa da vida. Assim, minha vida é cheia de pessoas boas que com o carinho, o abraço, o chegar junto na hora da dificuldade e o chamar atenção para não perder o foco da caminhada, tem feito de mim um ser humano sociável.

À minha família primeira da Roça de Irará (Fazenda Mombaça) Ana Martins que com força e coragem de mulher mestiça guerreira pode criar os nove filhos com o falecimento precoce de meu Pai Álvaro Santana de quem guardo as memórias boas de brincadeiras, danças e viagens. Meus oito irmãos: José Raimundo, Alda, Maria das Dores, Luciano, Altamiro, Maria América, Joziana e Iralva. Minha Madrinha Joana, Magno e família que nos acolhe sempre.

À família construída em Salvador Everaldo pela paciência, a ajuda nas viagens e até as insatisfações nas ausências. Minha filha Edla Kyesi o amor da minha vida, que por várias noites vinha estudar comigo motivando-me para que tivesse inspiração na escrita, mas também, sentindo a minha ausência na sua vida. Seu Estevam e Dona Lourdes por me acolher como mais um membro.

Às pessoas que foram mães e pais da minha filha nos momentos que eu não pude ser: Everaldo, Iraci e família, Alda, Claudia, Emanuele, Manoel (Xexeu) e Felipe.

Minha gratidão à Makota Valdina, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Ana Célia Silva, Prof<sup>o</sup>. Jorge Conceição, Prof<sup>a</sup> Arani Santana e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Narcimária Luz, vocês plantaram em mim as sementes da busca pela Epistemologia Africana.

Aos Irmãos e Irmãs do Rosário na pessoa do atual Prior Irmão Leomar Borges, da Secretária Cosma, da Mestra de Noviços Nilsa Bonfim, dos Priores de gestões passadas: Irmão Julio Cesar Soares e Ubirajara Santa Rosa. Ao irmão Antônio Lima Nicanor. Meus agradecimentos especiais às irmãs e irmãos que se dispuseram a colaborar na pesquisa: Nolair Bomfim, Maria Rosa Santos (Rosinha), Lourdes Bárbara, Sandra Maria Bispo, Maria das Graças Ramos (Gal), Adonai Passos e Antonio Carlos Conceição (Tony).

Aos gestores da Escola Municipal Novo Marotinho: José Nivaldo Almeida Lima, Cristiane Angélica, Cássia Maria, Alexandra Lange. À Adenildes Teles Coordenadora Regional de Cajazeiras Às Coordenadoras pedagógicas Joselice Bastos e Maria de Fátima Alcântara. Sem eles/elas eu não estaria realizando este sonho, já que a Secretaria Municipal de Educação de Salvador ceifou-me o direito da licença. Aos meus colegas professores, auxiliar de classe, equipe de apoio e da cozinha por acolher-me e aos meus alunos para não prejudicá-los na aprendizagem.

Ao Grupo e Núcleo de Pesquisa NGEALC (Núcleo de Estudos Africanos em Línguas e Culturas) por acreditar que eu teria algo para acrescentar á sua extensa gama de conhecimentos. Professora Yêda Pessoa de Castro, Ana, Dona Hildete,

Amanaiara, Prof<sup>o</sup>. Abílio, Cesar Vitorino, Darci Xavier, Patrícia, Ivo, Eunice, Heloisa, Valdilene, Vera e Felipe Web Design que auxiliou na construção de imagens da dissertação.

Ao Profº. Dr. Valdélio Santos Silva e os alunos/pedagogos, pelo acolhimento na experiência do tirocínio na turma de Pedagogia 2009.1. Aos revisores Rizomar e Alan pelo apoio nas partes técnicas.

Aos amigos do coração Fátima (Fau), Luíza, Valdecir, Heluísa, Verônica, Magali, Ademir, Mille, Mariana, Deyse Luciano, Elisângela pelas palavras de carinho e conforto nas horas de insegurança e fraqueza.

Aos tios e tias: Miúda, Alzira, Naná, Preta, Cota, Raminho, José, Antônio. Sem esquecer, a grande quantidade de primos e primas.

Aos colegas do Mestrado em Educação e Contemporaneidade da turma de 2011, alguns se tornaram amigos. Vocês foram muito importantes, construímos e vivemos muitas coisas boas juntos. Mille Caroline, Priscila, Sérgio Bahialista, Josinélia, Jurandir, Rogério Vidal, Hugo, Genilson, Bianca, José Nunes, André, Max, Rogério Rodrigues, Julho, Josemar e Isabele.

À Secretaria Acadêmica, em especial ás meninas da Secretária Sônia e Juliana pela sensibilidade nos momentos de dificuldade.

À minha Orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizabete Conceição Santana pela paciência e atenção dispensada nesses quase três anos de escrita colaborativa. Peço-lhe desculpa pela ansiedade, agradeço a paciência e a confiança no meu potencial.

À Banca examinadora da Qualificação e Defesa Prof.ª Drª. Lucilene Reginaldo, Prof.ª Drª. Cecília Soares e Prof.ª Drª. Jaci Menezes. As sugestões e críticas propiciaram grande crescimento para a pesquisa e também para o meu desenvolvimento enquanto criança nesse processo acadêmico.

Peço desculpas, aos que não foram registrados nesse momento. Agradeço imensamente a todos e todas, porque são as energias e os esforços de muitas pessoas, os exemplos de superação e o trabalho coletivo que nos impulsionam, a continuar buscando o conhecimento, e viver as maravilhas que vêm do processo de aprendizagem constante. *Nzambi* seja minha força sempre.

A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. [...] o exercício da escrita, é um direito que todo mundo tem. Como o exercício da leitura, como o exercício do prazer, como ter uma casa, como ter a comida (...). "A literatura feita pelas pessoas do povo, ela rompe com o lugar pré-determinado. (EVARISTO, 2010).

### A Participação Política das Mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho (1969-2001)

#### **RESUMO**

Estudo da participação política das mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho, em Salvador, Bahia, que teve como principal preocupação a de refletir sobre a luta e resistência interna empreendida pelas mulheres negras para a divisão do poder na Mesa Administrativa da Irmandade. Considera entre outros elementos as relações de gênero escamoteadas pelos cânones religiosos, uma vez que o viés sexista esteve presente nas várias edições do Compromisso até o ano 2000, esse documento vem regulamentando o funcionamento da Irmandade há quase quatrocentos anos o qual especificava que as mulheres "Pela qualidade do sexo não exercem atos de Mesa". Nesta perspectiva, o Compromisso, algumas atas da Mesa Administrativa, da Mesa de Honra e outros documentos internos se constituíram como os documentos base da Associados às narrativas das irmãs e irmãos colaboradores deram suporte para o entendimento do objeto de estudo. Optou-se por um arcabouço teórico interdisciplinar privilegiando alguns estudos históricos, antropológicos, sociológicos, estudos sobre questões de gênero e mulheres negras, tendo em vista que, como bem ressaltou Lélia Gonzáles, "as questões de gênero por si só não dão conta das especificidades de ser mulher negra". As conquistas das mulheres intermediadas pela Mesa de Honra feminina expressas nas narrativas orais dos Irmãos colaboradores e pelo conjunto de documentos analisados constituíram-se questões centrais desta dissertação.

Palavras-Chave: Irmandade. Poder. Mulheres Negras.

### The Political Participation of Women in the Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho (1969-2001)

#### **ABSTRACT**

A study of the political participation of women in the brotherhood of Nossa Senhora do Rosario dos Homens Pretos do Pelourinho (Our Lady of the Rosary of Black Men of Pelourinho), in Salvador, Bahia, which as its primary focus reflected on the struggle and internal resistance waged by black women for the division of power in the Administrative Board of the Brotherhood. It considers among other things, the inter alia gender relations concealed by religious canons, since the sexist bias was present in the various editions of the Statute up to the year 2000, this document which specified that women "by definition of their sex do not carry out acts of the has been regulating the operation of the Brotherhood for almost four hundred years. From this standpoint, the Statute, some proceedings of the Administrative Board of the Bureau of Honor and other internal documents constituted the basis of the research documents. Also the narratives of the sisters and brothers who were employed, gave support for the understanding of the objectives of the study. We opted for an interdisciplinary study focusing on the theoretical, anthropological, sociological and historical studies on gender issues and black women, considering that, "gender issues alone do not give an account of the specificities of being a black woman" as stressed by Lélia Gonzáles. The achievements of the women mediated by the Bureau of Honor as expressed in the oral narratives of the sisters and brothers employed and by the set of documents analysed were central issues to this dissertation.

**Keywords**: Black Womens. Power. Brotherhood.

### LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - SEMINÁRIO 325 ANOS DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA (2010)	19
FIGURA 2 - IRMÃ IVONE SILVA PAIXÃO (IN MEMORIAM) VESTIDA COM O HÁBITO DA	
FIGURA 3- IRMÃ NOLAIR BOMFIM VESTIDA COM O HÁBITO DA IRMANDADE DO ROSÁRIO DE	
Nossa Senhora	
FIGURA 4 - IRMÃ LOURDES BÁRBARA VESTIDA COM HÁBITO DA IRMANDADE	.43
FIGURA 5 - IRMÃ SANDRA MARIA BISPO VESTIDA COM HÁBITO DA IRMANDADE	.44
FIGURA 6 - IRMÃ MARIA ROSA SANTOS COM HÁBITO DA IRMANDADE	.45
FIGURA 7 - IRMÃ MARIA DAS GRAÇAS RAMOS VESTIDA COM O HÁBITO DA IRMANDADE	.46
FIGURA 8 - IRMÃO ADONAI VESTIDO COM O HÁBITO DA IRMANDADE ACOMPANHADO	.47
FIGURA 9 - IRMÃO TONY REVESTIDO COM O HÁBITO DA IRMANDADE	.48
FIGURA 10 - BANER COM O SÍMBOLO DE ORDEM TERCEIRA 02 DE JULHO DE 1899	59
FIGURA 11 - REPRESENTAÇÃO DA SANTA ESCRAVA ANASTÁCIA NO NICHO NO CEMITÉRIO	DA
Igreja de Nossa Senhora do Rosário	.61
FIGURA 12 - FRAGMENTO DO CAPÍTULO 1 DO COMPROMISSO DE 1900	.64
FIGURA 13 - HÁBITO FEMININO DA IRMANDADE DE SÃO BENEDITO NA IRMANDADE DE NOS	SA
SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS DO PELOURINHO.	.69
FIGURA 14 - HÁBITO MASCULINO DA IRMANDADE DE SÃO BENEDITO NA IRMANDADE DE	Ξ
Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	.69
FIGURA 15 - HÁBITOS MASCULINO DA CONFRARIA DE SANTO ANTÔNIO DE CATEGERÓ NA	
IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS DO PELOURINHO	.71
FIGURA 16 - HÁBITO FEMININO DA CONFRARIA DE SANTO ANTÔNIO DE CATEGERÓ NA	
IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS DO PELOURINHO	.72
FIGURA 17 - HÁBITO MASCULINO DA IRMANDADE DE SANTA BÁRBARA NA IRMANDADE DE	
Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho	.73
FIGURA 18 - HÁBITO FEMININO DA IRMANDADE DE SANTA BÁRBARA NA IRMANDADE DE	:
Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho	.73
FIGURA 19 - HÁBITOS DA IRMÃ NOVIÇA NA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	
DOS HOMENS PRETOS DO PELOURINHO	.75
FIGURA 20 - HÁBITO DO IRMÃO NOVIÇO NA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	)
DOS HOMENS PRETOS DO PELOURINHO	.76
FIGURA 21 - HÁBITO DO IRMÃO PROFESSO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁ	RIO
DOS HOMENS PRETOS DO PELOURINHO)	
FIGURA 22 - HÁBITO DA IRMÃ PROFESSA DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁR	₹IO
DOS HOMENS PRETOS DO PELOURINHO (IDEM)	.77
FIGURA 23 - IMAGEM DO ALTAR MOR DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO NA IGREJA DE	
Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos Pelourinho Salvador - BA	
Brasil	
FIGURA 24 - PIRÂMIDE DOS CARGOS NA MESA ADMINISTRATIVA MASCULINA 1820 E1872.	
FIGURA 25 - PIRÂMIDE DOS CARGOS FEMININOS 1820	
FIGURA 26 - FIGURA 26 - PIRÂMIDE CARGOS MESA ADMINISTRATIVA MASCULINA 1900	
FIGURA 27 - PIRÂMIDE DOS CARGOS FEMININOS NO COMPROMISSO DE 1900	
FIGURA 28- ORGANOGRAMA ADMINISTRAÇÃO DA IRMANDADE 1969-2001	88
FIGURA 29 - EQUIDADE NOS CARGOS ADMINISTRATIVOS DE ACORDO COM O	
COMPROMISSO 2001	20
OOWI 10000 2001	UU

### LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - CARGOS PARA HOMENS E MULHERES NOS COMPROMISSOS PESQUISADOS	90
Quadro 2 - Atas utilizadas na Pesquisa 1959-1974	91
QUADRO 3 - ATAS LITILIZADAS NA PESOLIISA 1974-2000	. 91

### LISTA DE SIGLAS

AINSRP - Arquivo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos APNs – Agentes Pastorais Negros CEBs – Comunidades Eclesiais de Base IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional SESC - Serviço Social do Comércio

### SUMÁRIO

1	"ESTAMOS CHEGANDO"	15
2	"ELES PENSAM QUE PODEM APAGAR NOSSA MEMÓRIA"	31
2.2	EM CIRCULARIDADE: HISTÓRIA ORAL E ANÁLISE DOCUMENTAL	40
3	"NEGRA HISTÓRIA NEGADA, OFERECEREI"	
3.1	A IRMANDADE: CONTEXTO HISTÓRICO, CONJUNTURA RELIGIOSA E CULTURAL	51
3.2	COMO SE DÁ A FORMAÇÃO DE UM (A) IRMÃO (Ã) NO ROSÁRIO DOS PRETOS	63
3.3	RELAÇÕES DE PODER NA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁ DOS HOMENS PRETOS DO PELOURINHO	
	"PELA QUALIDADE DO SEXO": O COMPROMISSO, CARGOS E HIERARQUIA	
3.5	RELAÇÕES DE PODER E O REGISTRO EM DOCUMENTOS	90
4	"NA NOVA TERRA A MULHER TERÁ SEU DIREITO"	113
4.2 4.3	DISCUTINDO PODER, RELAÇÕES DE PODER E EMPODERAMENTO DE MULHERES	118 123
5	"EU VI MEU ROSÁRIO FALAR"	137
5.2 5.3	OS REGISTROS DA MESA DE HONRA O LIVRO DA MESA DE HONRA NARRATIVAS ORAIS: MEMÓRIAS DA MESA DE HONRA AS REFERÊNCIAS SOBRE TEMAS ESPECÍFICOS NO DEPOIMENTO DAS IRMÃS E IRMÃOS	141 154 S
6	PALAVRAS QUASE CONCLUSIVAS: SEMPRE UM NOVO COMEÇO	181
FOI	NTES	189
RE	FERÊNCIAS	191
API	ÊNDICE A	200
	ÊNDICE B	
API	ÊNDICE C	202
ΑΡĺ	ÊNDICE D	203

### 1 "ESTAMOS CHEGANDO"

Estamos chegando! Ê, ê, ê Chegando cantando ê, ê, a Sambamos revoltas ê, ê, ê Nós somos humanos ê, ê, a. (...)
(Canto um Clamor de Justiça¹).

O canto, a revolta e a afirmação existencial do povo negro sempre foram formas de resistências que ecoaram desde os primeiros anos de formação das primeiras irmandades, confrarias e devoções de homens pretos no Brasil. Nelas, as mulheres sempre estiveram presentes, participando ativamente com cargos préestabelecidos, mas nem sempre participando do poder administrativo. Mas o que vem a ser uma irmandade? De acordo com Bluteau (1728, p.200), uma irmandade pode ser caracterizada como "sociedades de pessoas dirigidas em virtude de um Compromisso², e debaixo da devoção de um santo, se obrigam a fazer alguns exercícios espirituais". Contudo, as irmandades negras não serviram apenas às devoções dos santos, reinterpretaram suas heranças religiosas e culturais, reconstruíram laços afetivos e comunitários, reelaboraram memórias estigmatizadas pelo processo de escravização.

Como as irmandades, as confrarias e devoções estão sobre a jurisdição da Igreja católica. Portanto, cabe nesse capítulo introdutório tecer algumas considerações gerais sobre: o contexto histórico, a forma como a igreja se estabeleceu no Brasil, entre os séculos XV e XIX, que foram os períodos mais importantes e sua ligação com o processo expansionista europeu, aqui, especificamente, o português. Isto porque as irmandades e confrarias tiveram papel preponderante na conversão e agrupamento de negros africanos nas Américas e África Central. A princípio essa conversão se deu por adesão e/ou negociação, para logo em seguida transformar-se em imposição, escravização e colonização.

-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Este canto faz parte da dinâmica das celebrações da Irmandade. Livro de Cânticos da Festa de Nossa Senhora do Rosário, Outubro 2005.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Compromisso é o documento que rege as irmandades, ordens terceiras e confrarias. Nele estão estabelecidas as normas, leis e princípios, direitos e deveres. Ele vai sendo reformulado de acordo às necessidades, mas as alterações só são validadas se aprovadas em assembleia pela maioria dos votos, o documento é registrado em cartório e também na autoridade eclesiástica onde a irmandade se insere.

Contudo, houve resistência ao processo de exploração e aculturação que passaram os diversos povos. Assim o encontro decorrente de experiências religiosas distintas proporcionou o surgimento de movimentos religiosos, experiências religiosas diferentes e manifestações culturais reelaboradas nas Américas.

As grandes mudanças históricas pelas quais passaram as civilizações, fizeram com que fossem necessárias novas formas de organização social e política. Para Freud (1969), desde a instituição da propriedade privada, a vitória dos cristãos sobre as religiões pagãs, as neuroses que começaram a afastar do homem a idéia de felicidade, os avanços técnicos, da medicina, a ciência e a tecnologias diversos benefícios da sociedade civilizada se constituem como reguladores afastando o homem da liberdade instintiva. Trouxe, assim, um prazer barato e momentâneo sem perspectiva de futuro. A civilização primou pela elevação das faculdades intelectuais e artísticas, prejudicando essencialmente a vida afetivo-sexual e sua liberdade. Passou-se a tentar controlar a força da natureza humana e os seus sentimentos com tanta veemência que o desejo foi relegados ao acaso. O autor ainda aponta a religião cristã, como padronizadora das relações sociais.

Sabemos que a Igreja católica se originou a partir das primeiras comunidades apostólicas, impondo-se sobre as formas religiosas já existentes em diferentes partes do planeta terra. Pedro, o mais velho dos apóstolos de cristo, sempre questionado em público sobre sua fé, ao passo que servia de exemplo em algumas passagens bíblicas, sendo colocado em destaque. Desse modo, a Igreja Católica foi fundada tendo como base a passagem de Felipe pela Cesareia quando Jesus perguntou aos discípulos quem as pessoas achavam que ele era. Pedro foi o primeiro responder, disse: "Tu és o Messias o Filho do Deus vivo" (MATEUS<sup>3</sup>, 16:16). Em resposta, Jesus lhes disse:

És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelou, mas o Pai que está nos Céus. Também eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei minha igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu. Depois ordenou aos discípulos que a ninguém dissessem que Ele era o Messias (MATEUS<sup>4</sup>, 16, 17-20).

<sup>4</sup> Idem, p. 49-50.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Bíblia Sagrada Africana, Novo Testamento e Salmos, Paulinas, Maputo, Moçambique, 2008, p. 49.

Pedro foi o primeiro papa da Igreja Católica, entre os anos 30 e 67 do primeiro século. Após a morte de Pedro, que foi crucificado de cabeça para baixo, em Roma, por volta do ano 67; foi eleito o segundo Papa, Lino, que não era mais da linhagem direta dos apóstolos, mas foi escolhido por Pedro. Desde o primeiro papa Apóstolo até o atual Papa Francisco foram 266 pontífices.

Vale lembrar que, investida desse poder "celestial", a Igreja Católica, em momentos da história da humanidade, cometeu várias atrocidades em nome da fé, Utilizando-se de conspirações, lutas, guerras, cruzadas, inquisição. O processo de enriquecimento através do acúmulo latifundiário, a reforma protestante, o patriarcado, o processo inquisitório, a expansão do protestantismo são questões que perpassaram a história da Igreja Católica no mundo e provocaram mudanças significativas no catolicismo. Isso também influenciou a construção social das colônias portuguesas, nos anos de apropriação indébita das terras e povos brasileiros e africanos.

Em tese, os objetivos da Igreja e os do Estado eram os mesmos. Um era o outro. O bispo não passava de um funcionário especializado do Estado, cuja política executava. O rei era um servidor privilegiado de Deus, portanto da sua Igreja, de quem recebera a missão e o direito de governar o povo (ALVES, 1979, p.24).

O estado, no Brasil, só veio ter uma independência em relação à Igreja Católica após a Constituição de 1891, antes ela era o braço do estado. Em nosso país, a história da Igreja pode ser entendia a partir de seis períodos históricos. Como afirma Márcio Moreira Alves (1979, p. 18):

Pode dividir-se a história da Igreja no Brasil em cinco períodos: a implantação sob a égide do patronato real; a decadência do patronato e o esboroamento da organização eclesiástica ao longo dos séculos XVIII e XIX; os esforços dos bispos ultramontanos para restabelecer, ao longo dos últimos trinta anos do século XIX, o predomínio de Roma sobre a Igreja local; a reimplantação da Igreja sob a autoridade incontestável do Vaticano a partir da separação Igreja-Estado, estabelecida pela Constituição Republicana de 1891, mas só possível graças à ajuda do poder político; finalmente, a etapa que se delineia no princípio dos anos sessenta, a de uma independência relativa da Igreja em face do Estado, fruto do reforço da sua organização durante o período precedente e impulsionada por uma organização de coordenação, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), fundada em 1953. Um sexto período, ainda não perfeitamente definido e que se poderia chamar de prospectivo, começa com os anos setenta e baseia-se em uma nova forma

organizacional, as "comunidades eclesiais de base". É o período de reinvenção das raízes populares e libertárias da Igreja, raízes abandonadas ao tempo de Constantino.

As irmandades e confrarias de negros tiveram papel importantíssimo no período colonial e escravocrata, lutando contra toda forma de opressão ao que os negros africanos estavam sujeitos. Sendo assim, arrecadavam recursos para compra de cartas de alforrias<sup>5</sup>, participaram de revoltas e insurreições, abrigaram negros que fugiam dos castigos públicos, preparavam o funeral digno para seus membros, davam auxílio aos doentes e infortunados. Essas entidades, juntamente com os quilombos, podem ser consideradas as primeiras formas de organização social dos negros africanos escravizados, crioulos e forros<sup>6</sup> em nosso país. No entanto, alguns pesquisadores afirmam que elas foram conformistas, não colaborando de fato com o processo abolicionista e a emancipação dos africanos em terras brasileiras. Assim:

[...], o elemento dinâmico do catolicismo brasileiro eram as irmandades laicas. Gilberto Freyre<sup>7</sup> considera que estas irmandades realizaram no Brasil uma parte considerável do trabalho que as autoridades governamentais levavam a cabo na América espanhola. Caio Prado Junior<sup>8</sup> considera que as Santas Casas da Misericórdia "são as mais belas e quase a única instituição social com uma certa colônia".Outras irmandades. importância inumeráveis, organizaram-se ao longo dos séculos. A maior parte só se manifestava uma vez ao ano, por ocasião da festa dos seus patronos, pretexto para festividades onde, frequentemente, Baco era tão honrado como os mártires protetores. As irmandades agrupavam membros de uma mesma profissão: marceneiros, militares, ferreiros, escrivães, serralheiros, comerciantes; só faltava mesmo que os vagabundos e as prostitutas tivessem as suas, já que eram as categorias mais numerosas da população livre das cidades ( ALVES, 1979, p.23).

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Tema ainda pouco estudado na Bahia, porém há registros das Irmandades de Minas Gerais e Rio de Janeiro ver: SCARANO, Julita. **A Irmandade do Rosário dos Pretos do Distrito Diamantino no século XVIII.** São Paulo: Nacional, 1978. QUINTÃO, Antônia Aparecida. **Irmandades Negras: estratégias de resistência e solidariedade. Mídia Étnica** Educação e Comunicação LTDA, n. 9, 2010. Disponível em: <a href="http://midiaetnia.com.br/wp-content/uploads/2010/09/Irmandades-Negras-Antonia.pdf">http://midiaetnia.com.br/wp-content/uploads/2010/09/Irmandades-Negras-Antonia.pdf</a>>. Acesso em: 10 de out. de 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Os forros eram os negros que não estavam na condição de escravizados daquela época embora passasse por muitas dificuldades e sofresse o processo de exclusão social.

Gilberto Freire, Casa Grande e Senzala. São Paulo, Global, 49 ed. 2004.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Caio Prado Junior, Formação do Brasil Contemporâneo, São Paulo, Ed. Brasiliense, 8<sup>a</sup> edição, 1965, p. 383

Mesmo com todo esse legado, foram muitas dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras no interior das irmandades de homens pretos para a efetiva participação no poder político-administrativo. As irmãs desenvolvendo atividades diversas, ocupando alguns cargos na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, a participação política indireta, porque ocupavam diferentes cargos, contudo não tinham acesso às grandes decisões, visto que o Compromisso afirmava que "Pela qualidade do sexo não exercem atos de Mesa<sup>9</sup>" (COMPROMISSO, 1820, p. 20). Esta norma perdurou no interior da Irmandade por mais de três séculos, embora a redação do documento fosse sendo modificada, as conquistas sociais efetivadas, na prática e na a ideologia a norma perdurou. Todavia, as mulheres do Rosário lutaram durante muito tempo para, efetivamente, ter uma participação político-administrativa mais equânime (Figura 1).



Figura 1 - Seminário 325 anos da Irmandade de Nossa Senhora (2010)<sup>10</sup>

FONTE: http://plugcultura.files.wordpress.com/2010/09/irmandade\_dos\_homens\_pretos.jpg

\_

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Mesa se refere à Mesa Administrativa que administra a irmandade à luz do Compromisso, eleita trienalmente desde os primeiros tempos através de eleição direta. A Mesa Administrativa era composta exclusivamente por homens: um Prior ou Juiz (corresponde ao diretor ou presidente), um Vice-Prior, um Tesoureiro, um Secretário, um Procurador Geral, um Mestre de Noviços, um Vigário de Culto, oito Definidores.

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Il Seminário "**Ouve o Clamor deste Povo Negro**" em comemoração aos 325 anos de criação da Irmandade aconteceu entre os dias 17 e 19 de setembro de 2010 na Biblioteca Pública do Estado da Bahia com participação de pesquisadores, historiadores, membros da Irmandade e comunidade em geral. As discussões giraram em torno de temas importantes como: o legado da Irmandade, seus aspectos jurídicos, memória e tradição na entidade, religiosidade negro-africana e preservação do Patrimônio material e imaterial. Irmãos da imagem: à esquerda Irmão Rui e o Irmão e colaborador da pesquisa Antônio Carlos Conceição Souza (Tony). No centro Irmã Nolair Bonfim colaboradora da pesquisa, à direita o Irmão já falecido Claudionor e Antônio Carlos dos Santos.

As mulheres negras brasileiras, em diferentes momentos históricos, protagonizaram lutas diversas, resistências, conquistas e superações de dificuldades, mas poucas foram as que tiveram as estratégias e conhecimentos produzidos registrados. Como bem ratifica Maria de Lourdes Siqueira (1995, p.437):

A presença da mulher negra é concreta e tem sido significativa ao longo de todo o processo de formação histórico-social da sociedade brasileira, ela participa ativamente na escravidão resistindo desde a África nas viagens do tráfico negreiro, onde eram obrigadas a passar meses a fio de travessia para a escravidão, para o desconhecido, deixando seu grupo étnico e sua família, seus costumes, sua própria língua e grupo familiar.

Assim sendo, nas irmandades negras, essas mulheres puderam reinventar suas experiências trazidas de África, reconstruindo laços afetivos, familiares, culturais e religiosos nas diferentes atividades que desenvolviam. Não esqueçamos, contudo, de que também nelas as mulheres negras continuaram a viver cotidianamente experiências de sexismo, com o poder patriarcal que atravessava toda a sociedade colonial e também as normas da Irmandade. Mas, isso não impediu que as mesmas engendrassem estratégias para desenvolver diversas atividades e planejassem com afinco diversos projetos para o bem estar das irmandades, inclusive desenvolvendo um poder paralelo ao das Mesas Administrativas quando algumas não davam abertura para participação política direta.

Embora o registro da Irmandade tenha se dado oficialmente em 1685, algumas fontes relatam que ela funcionava desde 1604 nos porões da antiga Igreja da Sé (OTT, 1969). Nos primeiros anos de criação, a Irmandade do Rosário dos Pretos Homens do Pelourinho era regida por uma diminuta descrição, de um antigo estatuto, o qual só se tem registro do seu prólogo. Isso causava muitas inquietações internas e externas, dentre elas a desconfiança de ilegitimidade aos olhos do governo da colônia, da igreja e da coroa por não possuir um documento completo ou um regulamento. Assim,

[...] ordenaram em 1769 um Compromisso, que sendo aceito pela maior parte os Irmãos daquele tempo, recorreram imediatamente a Proteção Real para aprovação por meio da Provisão que o Tribunal da Meza da Consciencia e Ordens da Corte e Cidade de Lisboa

obtiveram, e se passou encorporado no mesmo Compromisso aos 10 de outubro de 1781, e em consequencia pelo dito Compromisso se tem governado a Irmandade. (COMPROMISSO, 1949, p.5 <sup>11</sup>).

Nele também estão registrados os pré-requisitos para o processo eleitoral, para a admissão dos irmãos, a relação do patrimônio e aplicação dos recursos excedentes, assim como as festas e as comissões. O efetivo culto à mãe do Rosário e a observância do Compromisso são elementos chave para os irmãos e irmãs desta Irmandade.

São as inquietações internas e externas a respeito de algumas normas, regulamentos e artigos que suscitam a reforma do Compromisso. Neste caso, a *Junta Definitória*<sup>12</sup>, que, dentre outras atribuições, é a única entidade legalmente autorizada a reformar o documento, com a licença do Arcebispo de Salvador, reúnese para estudar e emitir o parecer que é levado à assembleia geral. Esta deve aprovar ou refutar as mudanças. Nessas reformas, a Junta Definitória propõe a reformulação de capítulos inteiros ou até sua extinção, além de exclusão de artigos ou acréscimos. Foram registrados casos em que se passaram muitos anos para a introdução das modificações no documento correspondente à edição do Compromisso vigente, sendo as modificações impressas pela Mesa Administrativa para o uso cotidiano na Irmandade. Uma das inquietações que moveram mulheres e homens por mais de três séculos, no interior da Irmandade, foi a não participação das mulheres nos cargos administrativos, sempre registrada nas várias edições do Compromisso, até o ano de 1949.

Porém estudos mostram que em outros estados as mulheres exerciam cargos na Mesa administrativa, podemos citar: São Paulo, Pernambuco e Rio de Janeiro. A historiadora (Quintão, 2010, p.9) enfatiza que "é importante destacar a presença das mulheres, que participavam da mesa administrativa, exercendo inclusive a função de escrivã", fato que não ocorreu na Irmandade estudada. Ainda nessa perspectiva acrescenta a autora esclarece:

<sup>12</sup> Grupo de 16 irmãos selecionados para estudar questões relevantes para a irmandade juntamente com a Mesa Administrativa. Delibera para a aprovação em assembleia. Traremos mais detalhadamente no Cap. III.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> PROLOGO TRANSCRIPTO, ipsis verbis DO PRIMITIVO COMPROMISSO. Transcrição literal considerando a grafia adota em Língua Portuguesa da época.

Dos oficiais que haverão nesta irmandade: um juiz, um escrivão, dois procuradores, doze mordomos (seis criolos e seis angolas), uma juíza também de Mesa, uma escrivã, e doze irmãs ou mordomas, e destas também serão seis criolas e seis angolas. O juiz e escrivão sempre será um deles forro e outro cativo, o mesmo se guardará com a juíza e escrivã. (Constituição 6a.- Compromisso da Irmandade de N.Sra. do Rosário dos Pretos de Sto. Antonio do Cabo, Pernambuco, 1767) (QUINTÃO, 2010, p. 9).

A Venerável Ordem Terceira Irmandade do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos) ou Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho, como é popularmente conhecida, é uma entidade trissecular religiosa, social, cultural que luta pela preservação das tradições de origem africana com 327 anos de existência e 114 anos de Ordem Terceira 13, tendo recebido este título em 2 de julho de 1889. É a única irmandade negra que detém o título de Ordem Terceira na Igreja Católica do Brasil. As mulheres ocuparam vários cargos na Irmandade, como, por exemplo, juíza e mordomas de festa, que foram os primeiros cargos estabelecidos no Compromisso. Em torno desses cargos havia uma disputa porque o poder aquisitivo das postulantes era muito importante visto que as juízas tinham de arcar com as despesas da festa de Nossa Senhora do Rosário. Além disso, as mulheres brancas da sociedade colonial baiana também concorriam aos cargos de juízas, tornando as disputas ainda mais acirradas.

Durante bastante tempo, muitas mulheres angariaram fundos para a Irmandade, doaram seus bens conquistados como ganhadeiras<sup>14</sup>, doceiras, passadeiras, feirantes. Algumas mulheres questionaram as normas do compromisso e do patriarcalismo e o machismo da Mesa Administrativa; outras perceberam as necessidades da irmandade, umas resistiram, e outras desistiram no caminho tomando rumos diversos; "São histórias que começam a emergir do 'véu do esquecimento' que a historiografia tradicional, feita por homens e sobre homens, havia-lhes destinado" (SANDENBERG, 2001, p. 11).

Na Irmandade do Rosário o acompanhamento da Cúria de Salvador é sistemático com bem afirmou a irmã Ivone: "O papel da mulher sempre foi

<sup>14</sup> Referia-se às escravas de ganho, mulheres negras mercadoras que saiam as ruas para vender gêneros alimentícios preparados por elas. Os recursos angariados em grande parte eram repassados para seus senhores.

-

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Título mais alto da Igreja Católica designado às irmandades de pessoas brancas comuns. As Ordens Primeiras são formadas pelos padres, as Ordens Segundas por freiras e as Ordens Terceiras pelos leigos, ou seja, as pessoas que frequentam a comunidade ou igreja de uma determinada região.

importante a Cúria não deixava as coisas correrem como agente desejava, andava dentro das leis. Eu fiquei revoltada quando teve mesa administrativa só de homens. Desde que eu me entendo já encontrei mulheres lá dentro desempenhando os principais papéis" (IRMÃ IVONE, ENTREVISTA, 20/02/2011).

Assim, para dar visibilidade e estudar a participação política das mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho (1949-2001) é que esta dissertação se delineia. O recorte se fez necessário porque a entidade tem um legado histórico amplo de existência, agregando homens e mulheres negros, em princípio escravizados (as), de procedência étnica: congo, angola e jeje, além de crioulos; escravos e forros.

A pesquisadora Lucilene Reginaldo<sup>15</sup> empreendeu uma busca em diversos arquivos do Brasil e de Lisboa sem, contudo, encontrar vestígios do antigo Compromisso da Irmandade. Enquanto nós pesquisamos em Salvador os arquivos da Cúria Metropolitana, Arquivo Público Estadual, Santa Casa da Misericórdia e na própria Irmandade, também sem êxito.

Tivemos acesso aos Compromissos de 1820, 1872, 1900, 1945, 1949, ementa para reforma 1966 e 2001. Estes documentos permanecem guardados no arquivo da própria Irmandade e em bom estado de conservação. Lembramos que, com o incêndio da Igreja da Barroquinha, uma vasta documentação dos anos de 1960 e 1980 foi queimada e/ou extraviada, pois a Irmandade do Rosário encontravase em reforma e alguns dos seus arquivos estavam guardados nas dependências daquela Igreja.

Detivemo-nos no arquivo da Irmandade visto que a quantidade de informações encontradas sobre a temática da pesquisa foi muito grande e instigante. Assim, devido ao tempo limitado para a investigação, seleção dos documentos, entrevistas e escrita da dissertação, optamos por privilegiar o Compromisso até sua reformulação em 2001, como também atas selecionadas entre 1969 e 1974, 1974-2000, Livro de Atas da Mesa de Honra 1980-1992, Planos de Ação da Mesa de Honra de 1996, Relatório de Atividades 1995, Editais dos meses de maio e agosto

\_

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> A pesquisadora Lucilene Reginaldo desenvolveu extensa pesquisa de doutoramento sobre as Irmandades Negras em Portugal, na Bahia, e Angola dando ênfase no seu estudo sobre a Irmandade do Rosário do Pelourinho defendida na UNICAMP (Universidade de Campinas) em 2005. O estudo transformou-se no livro *Os Rosários dos Angolas Irmandades de africanos e crioulos na Bahia setecentista editado no ano 2011.* Este livro e a Tese são referências importantes nesta pesquisa, assim como a pesquisadora Dr<sup>a</sup>. Lucilene Reginaldo como uma das Examinadoras deste trabalho, trouxe excelentes colaborações, críticas para a pesquisa no propósito enriquecimento e sugeriu referências. A quem rendo meus sinceros agradecimentos.

de 1996. Esses documentos, juntamente com os depoimentos orais, ajudaram no entendimento do processo de negociação para que as mulheres pudessem hoje participar da Mesa Administrativa, mesmo que muitas das conquistas da Mesa de Honra tenham não tenham sido efetivadas pelas reformas do Compromisso de 2001, assim como pelas transformações políticas sociais contemporâneas.

A partir de 1949, o Compromisso passou a admitir oficialmente uma Mesa de Honra feminina, eleita juntamente com a Mesa Administrativa com os seguintes cargos: uma Priora, uma Vice-Priora, uma Mestra de Noviças, uma visitadora, uma zeladora, uma procuradora e oito condignas que "Não tomarão parte da administração da ordem" (COMPROMISSO, 1949, Cap. II, Art. 4, p.13). Nesse contexto, para tomar parte da administração da ordem, essas mulheres empoderadas se organizaram e criaram estratégias, mesmo sobre a forte pressão da Mesa Administrativa e omissão de algumas irmãs, para conquistar o direito ao poder administrativo. As narrativas orais das nossas irmãs colaboradoras e sujeitos desta pesquisa constituem-se de uma relevância inigualável para a compreensão do objeto em estudo.

Na condição de mulher negra, pesquisadora, pedagoga, fruto do êxodo rural, devota da mãe do Rosário desde criança e Membro da V. O. T. Irmandade do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos) interessa-me pensar que, no contexto católico, as relações desiguais de poder administrativo e gênero foram referendadas pelo cristianismo primitivo, alicerçada no Antigo Testamento. Assim, o *eu* e o *nós* estão imbricados na construção de um discurso que privilegie as mulheres negras enquanto sujeitos da sua história numa Irmandade de homens pretos. Sabemos da desconfiança que causa à academia a relação pesquisadora/participante. Porém, procuraremos minimizar o narcisismo e o etnocentrismo, desenvolvendo uma reflexão crítica que colabore para a ampliação dos estudos desse campo do conhecimento.

Teólogos, pesquisadores, sacerdotes, legisladores, estudiosos e irmãos comprometeram-se, ideologicamente, em evidenciar que as condições subalternas das mulheres eram produto da inferioridade sexual, articulando forças terrenas e celestes. "As religiões cristãs, juntamente com as relações sociais e de poder forjadas pelos homens, refletem essa vontade de domínio" (SAFIOTTI, 2001, p.14). Uma vez que os estudos de gênero podem ser percebidos como "uma forma primária de dar significado às relações de poder" (SCOTT, 1995, p.86).

Em se tratando das mulheres negras, a situação se agrava:

As mulheres negras advêm de uma experiência histórica diferenciada (...) a liberdade pleiteada pela mulher branca implica visceralmente na exclusão da mulher negra, já que esta não está identificada com a outra, pelo sistema valorativo racio-etnocêntrico, que delega à mulher negra as tarefas mais ínfimas da sociedade brasileira (CARNEIRO, et.al. 1985, p.44 Apud SOUSA, 2007, p.98).

A Irmã Sandra Maria Bispo, colaboradora da pesquisa, ressaltou que "a gente vê na TV e nos livros sobre a violência contra as mulheres, mas, em nível do poder e do conhecimento, é 'porradão, é porradão'<sup>16</sup>[...]". Isso nos leva a perceber que a violência simbólica escamoteia toda uma forma de exclusão na inclusão e que nós, mulheres, temos que recriar cotidianamente, nas irmandades e em outras entidades, estratégias para burlar as diversas formas de violência que nem sempre são reconhecidas como intencionais. Na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, a Mesa de Honra feminina teve papel importante na quebra de estereótipos. "Nós colocamos os homens para mexer pirão, para fazer feijão, dividir o feijão, alguns diziam que aquilo era coisa de mulher. Mas isso também é papel masculino. (IRMÃ SANDRA BISPO, ENTREVISTA, 13/12/2012).

Olhar criticamente para essas relações de poder que se desenvolveram na Irmandade de N. S. do Rosário dos Pretos do Pelourinho requer de mim, como pesquisadora e também membro da entidade pesquisada, uma exigência ética, perspicaz e criteriosa. É desafiante observar de dentro para fora e de fora para dentro nesta interconexão com diferentes autores e com os sujeitos da pesquisa, no intuito de entender essas relações de poder no contexto histórico estudado, procurando, também, minimizar o narcisismo e o etnocentrismo que estão presentes em nós. Desse modo, podemos tomar a narrativa do Irmão Tony como um ponto importante da nossa reflexão porque:

às vezes a gente pertence a uma religião, a uma entidade e não percebe que o social está além do financeiro. Somos agentes transformadores de um mundo melhor. Quem é esse indivíduo que eu estou trabalhando?! Ele tem um nome, uma história. Precisa ter envolvimento, como eu posso falar de liberdade e emancipação do

-

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> Entrevista em 07/12/2012.

negro no passado e não consigo trazer isso para o contexto presente? Talvez os irmãos posteriores não entendam a forma como os irmãos mais velhos preservavam sua casa. O zelo, o respeito, a dedicação. È muito difícil de traduzir o que a gente viveu, a veneração, o carinho, o luxo e o orgulho (IRMÃO TONY, ENTREVISTA, 05/06/2013).

Homens e mulheres se organizaram para celebrar a sua padroeira, Nossa Senhora do Rosário, e também para forjar outras experiências comunitárias no interior das irmandades. As relações de poder foram e são vivenciadas de várias formas nesse contexto, onde, em momentos diferentes, as disputas pelo poder administrativo estiveram intimamente ligadas às questões religiosas, políticas, comunitárias e sociais. Desse modo, a religião é imprescindível para compreendermos diferentes aspectos de qualquer cultura em uma comunidade. James H. Sweet, em *Recriar África*, escrevendo sobre cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770) esclarece que existe uma concordância geral sobre a importância da religião:

A religião é uma das facetas mais importantes de qualquer cultura, devido ao fato de permitir revelar os valores, os costumes e a mundividência geral de uma determinada comunidade. Isto é particularmente verdadeiro em muitas das sociedades africanas aqui analisadas, onde o diálogo entre o mundo espiritual e o mundo temporal era contínuo e ininterrupto, as ideologias políticas, sociais, econômicas e culturais eram permeadas por uma cosmologia que estabelecia uma ponte entre o mundo dos vivos e o mundo dos espíritos. A relação entre os seres vivos e o mundo espiritual explicava as circunstâncias temporais e ditava códigos de comportamento, que previam inclusivamente a resposta a dar aos diversos infortúnios da vida- como a escravatura (SWEET, 2007, p.21).

Nesse sentido, os negros (as) africanos (as), respondendo às crueldades sofridas no processo de migração forçada e escravização, recorreram a diversas práticas religiosas trazidas de suas culturas, especialmente as congolesas e angolanas, além do cristianismo para recriar sistemas religiosos no novo mundo, uns forçados outros por adesão, por já terem uma experiência anterior com a religião do colonizador. Dessas experiências, em paralelo, foram construídas alternativas como, por exemplo, um "catolicismo negro" ou um "cristianismo africano" como bem afirma Lucilene Reginaldo (2005, p. 41-42).

O reconhecimento de um cristianismo africano, como uma variante ocidental ou ainda a afirmação de uma reinterpretação africana dos símbolos e práticas cristãs, chama a atenção para a experiência da África Central como fator importante na compreensão da história política e cultural dos africanos e seus descendentes afroamericanos. Nestes termos, as irmandades e devoções católicas podem ser encaradas como importantes veículos de elaboração e propagação destas concepções cristãs africanizadas.

Convém salientar, que no interior dessas entidades, que funcionavam na sociedade colonizada escravocrata e patriarcal, as relações aí construídas demarcavam lugares e posições para as mulheres nos espaços do poder e, consequentemente, do saber, pois, saber e poder se complementam, como bem afirma Foucault (1997) com base nos estudos de Deleuze (1988), as relações de poder estão intimamente imbricadas com o saber. Nesse contexto, pesquisar sobre a participação política das mulheres numa irmandade negra inclui a percepção dos diferentes saberes que escamoteiam essas relações de poder, porque:

O poder delineia uma segunda dimensão irredutível a do saber, embora ambos constituam mistos concretamente invisíveis – o saber é feito de formas, o Visível, o Enunciável, o Arquivo, enquanto o poder é fruto de forças, relações de forças, o diagrama [...] o poder é precisamente o elemento informal que passa entre as forças do saber, ou por baixo delas [...] por isso ele é dito microfísico. Ele é força, relações de força e não força (DELEUZE, 1988, p. 43).

Muito se tem pesquisado, estudado, escrito sobre as irmandades de homens pretos no Brasil, Portugal, África Central. Renomados pesquisadores trazem contribuições imprescindíveis à historiografia destas entidades nas diferentes áreas do conhecimento. As irmandades negras se proliferaram por quase todos os estados brasileiros: Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Alagoas, Mato Grosso, Paraná, Alagoas, Rio Grande do Sul entre outros, além de uma grande concentração na Bahia. Várias pesquisas reconhecem o protagonismo das mulheres nas irmandades. Contudo, ainda existem lacunas neste campo de estudo. Dentre os trabalhos de relevância que fazem referência ao papel das mulheres nas irmandades, entre os séculos XVII e início do século XX, destacamos os de Julita Scarano (1978), Sara Farias (1997), Antônia Aparecida Quintão (2002), Lucilene Reginaldo (2005, 2011) e Patrícia Mulvey (1980).

A partir desse contexto, desenvolvemos um diálogo com diferentes campos do conhecimento, a saber: a História, Sociologia, Antropologia, estudos sobre a mulher e feminismo, para situarmos o objeto de estudo cuja questão central é assim expressa: como se deu a efetiva participação política das mulheres na Mesa Administrativa e no processo decisório na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho de 1969 a 2001? Algumas complexidades simbólicas não foram esquecidas na busca por apreender alguns significados da memória, na dinâmica do tempo vivido e sentido, no contexto histórico, religioso e cultural da tradição.

Na construção do aporte metodológico, optamos por uma abordagem qualitativa que envolveu a História Oral e a Análise Documental. Deram-nos suporte os seguintes estudos: Marli Andre e Ludke & Menga, (1986), Walter Benjamim (1994), (Lopes, 2001), Paul Thompson, (2002), Verena Alberti, (2005), entre outros. O site da Associação Brasileira de História Oral também foi importante.

Para compreender o contexto histórico da Irmandade, recorremos a Sara de Oliveira Farias (1997), Jeferson Bacelar e Maria Santos (1974), Lucilene Reginaldo, (2005 e 2011), Abraham Levy (2006), Patrícia Mulvey (1980), João José Reis (2002, 2003), Luiz Viana Filho (1946), Russel-Wood (1981), Antony Appiah, (1997), Marco Aurélio Luz (2007), dentre outros. Quanto à compreensão de aspectos relativos à religião, buscamos suporte em Mircea Eliade (1993), Emille Durkheim (2008), Clifford Geertz (1973) Max Weber, (1982), Sweet (2007) e no Documento de Aparecida (2010) que delineia as diretrizes da Igreja Católica na América Latina e no Caribe.

Ao discutirmos as relações de poder e gênero, a mulher e a mulher negra foram importantes as contribuições de: Michel Foucault (1979), Juan Wallace Scott (1996), Franz Fanon (1983), Michelle Perrot (1996), Sueli Carneiro, (1985), Simone de Beauvoir (1967, 1970), Lélia González (1980,1981), Beatriz do Nascimento e Alex Ratts (2006), Soares (1991,2001), Sandenberg (2001), Moreira, (2011) e Jurema Werneck (2012). Na reflexão sobre empoderamento das mulheres, privilegiamos os estudos de Magdalena Leon (1997), Batliwala (1998), Oliveira (2004) e Vasconcelos (2003). Ao discutir dupla pertença religiosa, apoiamos nossa reflexão em Josildeth Consorte (2006) e Reginaldo Prandi (2006, 2007), dentre outros que contribuíram para a pesquisa.

Por ser integrante da Irmandade, não tive maiores problemas em relação aos contatos com as irmãs colaboradoras selecionadas para a pesquisa, uma vez que elas perceberam ser de relevância alguém da própria entidade retratar e inscrever as mulheres do rosário na história. Os critérios de seleção dos colaboradores deramse considerando os seguintes aspectos: ter ocupado cargos na Mesa de Honra e Mesa Administrativa até 2001; ter mais de 15 anos de irmandade; ser reconhecido/a pelos irmãos como uma liderança. Os irmãos selecionados que se dispuseram a colaborar foram: Irmã Ivone Silva Paixão (que faleceu no decorrer da pesquisa), Nolair Bomfim, Sandra Maria Bispo, Maria Rosa Santos, Antônio Carlos dos Santos Conceição, Adonai Passos Ribeiro e Maria das Graças Ramos Lourdes Bárbara Pereira. Esta última, embora tenha se desligado da irmandade e se tornado evangélica, quando convidada, não hesitou em participar.

Dessa forma, as narrativas das colaboradoras, na medida do possível, atravessarão toda a dissertação, porque os depoimentos orais, transformados em documentos, são relevantes para ajudar a compreender a trama do objeto de estudo. Assim, as subjetividades, as emoções, o simbolismo, as memórias entrelaçam os depoimentos uma vez que o Compromisso e os documentos administrativos não dão conta desses aspectos.

Este estudo organiza-se em cinco capítulos: o capítulo 1, intitulado **ESTAMOS CHEGANDO**, que corresponde à introdução.

O capítulo 2, "ELES PENSAM QUE PODEM APAGAR NOSSA MEMÓRIA", traz o Aporte Metodológico, aprofundando sobre a construção da metodologia ancorada na história oral e na análise documental como métodos e técnicas de pesquisa. Nele, descrevemos os colaboradores da pesquisa, trazendo uma breve biografia de cada um deles. Apresentamos também as imagens dos sete irmãos, pois tive a autorização escrita dos mesmos para sua publicação. E selecionamos alguns temas para análise e aprofundamento da reflexão a que esta pesquisa se destina.

O capítulo 3, cujo título é "NEGRA HISTÓRIA NEGADA", descreve o contexto histórico e a conjuntura religiosa e cultural da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Discorre também sobre a forma como uma pessoa se torna Irmão do Rosário, além das relações de poder no contexto interno como pressupostos importantes para entender o objeto estudado. Trata ainda da importância do Compromisso fazendo referência às suas diretrizes, aos cargos

estabelecidos, às Mesa Administrativa e de Honra, considerando a participação efetiva das mulheres.

O capítulo 4, "NA NOVA TERRA A MULHER TERÁ SEU DIREITO", aborda as relações de poder e empoderamento, trazendo uma discussão sobre mulheres e relações de gênero, tomando as contribuições dos autores selecionados e das colaboradoras da pesquisa para dar sustentação aos argumentos que desenvolvemos.

No último capítulo, "DAS DECISÕES ELAS IRÃO PARTICIPAR", aprofundamos a análise partindo de alguns documentos que fazem referência ao papel das mulheres na luta pela divisão do poder administrativo da Irmandade, a saber: compromissos, atas, relatórios de atividades das Mesas de Honra e Administrativa. Essa análise levou em conta os procedimentos metodológicos de Minayo (2007, 2008) e Franco (2005). Em seguida, registramos algumas narrativas importantes das irmãos colaboradores sobre a Mesa de Honra, finalizando com uma reflexão que tomou como base os temas selecionados que foram: relações de poder, relações de gênero, machismo, sexismo, mulheres negras, divisão de poder, dupla pertença religiosa e mudança de religião. buscando nos depoimentos das irmãos uma reflexão para as questões mais relevantes da pesquisa.

E, nas **PALAVRAS QUASE CONCLUSIVAS**, tecemos algumas considerações sobre as questões mais pertinentes que emergiram do processo da pesquisa.

Gostaria de esclarecer que na redação desta pesquisa o discurso segue ora na primeira pessoa do singular, quando se trata da experiência pessoal da pesquisadora, ora na primeira pessoa do plural quando se tratam das discussões gerais.

### 2 "ELES PENSAM QUE PODEM APAGAR NOSSA MEMÓRIA"

[...]
Eles pensam que podem apagar nossa memória
Não desisto, pois eu sou um (a) negro (a) quilombola
Mas a força do Ilê nos conduz nessa trajetória

Esse país aqui é feito por nós Ninguém vai mudar nem calar nossa voz Direito de ir e voltar cidadão Levante a bandeira do gueto, negão, negão ... A bola da vez sou a voz sou Ilê A bola da vez sou a voz sou Ilê Ilê bola da vez!

(JOCCYLEE & VALE, ILÊ AIYÊ, 2008) 17

A pesquisa acadêmica articula técnicas, procedimentos, interpretações, análises, esforços coletivos e individuais para buscar respostas transitórias para a realidade empírica estudada. No campo da educação, por ser um campo íngreme e sem um arcabouço teórico-metodológico definido, essa problemática se intensifica. Na presente pesquisa, a metodologia foi construída a partir do aporte da Análise Documental e das narrativas levantadas, utilizando a perspectiva da História Oral, considerando que "A oralidade é a grande escola da vida [...] ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação a arte, história, divertimento e recreação..." (KI ZERBO, 1982, p. 183).

Como já fazemos parte da entidade, não tivemos maiores problemas em relação aos contatos com as irmãs e irmãos colaboradores que foram selecionados para a pesquisa, uma vez que eles perceberam ser de relevância alguém da própria entidade retratar parte da história da Irmandade e inscrever o protagonismo das mulheres do Rosário nos moldes acadêmicos. Como já registrado, anteriormente, na seleção dos colaboradores foram adotados os seguintes critérios: ter ocupado cargos na Mesa de Honra e na Mesa Administrativa, ter mais de 15 anos de irmandade, participar ativamente da entidade e demonstrar interesse em colaborar com a pesquisa a partir do contato presencial. Desses, foi solicitado a assinatura dos documentos de consentimento de livre participação, conceder os direitos de uso da imagem e da narrativa oral na pesquisa e seus desdobramentos após as entrevistas.

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> Música A Bola da Vez Bloco Afro Ilê Aiyê, Carnaval 2008, cuja temática foi O negro e o Poder, Compositores Jocylee e Toinho do Vale.

As narrativas das irmãs e irmãos colaboradores a partir da experiência de vida e na Irmandade e de toda a problemática vivenciada por eles constituem-se de fundamental importância para o arcabouço dessa pesquisa. Estamos imbuídos/as em desenvolver um discurso que considere as especificidades, as memórias e subjetividades, mas também com a preocupação em se falando "desde dentro" para "desde fora" (SANTOS, 1998) e vice versa tentar evitar, na medida do possível, uma descrição romantizada do objeto em estudo. O "desde dentro" articula as experiências da pesquisadora como membro da entidade pesquisada, mas também, uma reflexão e análise coerente com o que pede o rigor acadêmico e científico.

Constatamos que a postura ética do "desde dentro" impõe mais desafios ao processo de pesquisa que desenvolvemos visto que requer ainda mais cuidado com o discurso desenvolvido, com análises feitas e até a forma de se colocar os fatos da pesquisa. Ainda assim, optamos por esta linha por acreditar na possibilidade dos excluídos (negros, mulheres, trabalhadores rurais, dentre outros) também serem sujeitos históricos construtores de conhecimento e fazedores de ciência.

Mesmo quando ouvimos do grupo "menina não mexe com isso, deixa quem está quieto", "tem coisa que é melhor ser estudado pelos de fora" ou "você está no caminho vamos registrar as memórias dessas mulheres guerreira". Já em alguns embates acadêmicos nestes mais de dois anos de estudo, ouvimos "e você vai ser capaz de separar sua condição de irmã, dá de pesquisadora"? "Onde fica seu afastamento do objeto da sua pesquisa"? Lembramos que todo pesquisador/a tece seu caminho empírico estando inserido ou não no campo escolhido para sua pesquisa. A ética, os pressupostos metodológicos adotados para responder aos questionamentos levantados têm relevância no percurso investigativo e nos instigam a ter um olhar mais perspectivo na análise do objeto e das suas relações externas ampliando nossa visão de mundo. Assim, é possível afirmar que podemos sim fazer uma discussão pertinente, estando inserido no contexto da pesquisa.

Foi instigante continuar a caminhada e contribuir para o debate acerca dos pressupostos da pesquisa científica. Participar do grupo pesquisado ou estar "iniciado" de acordo com Juana Elbein dos Santos significa:

-

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> Este termo a autora se refere à iniciação na Religião do Candomblé, tratando especificamente dos terreiros de cosmologia Yorubá Nagôs, ver SANTOS, Juana Elbein. *Os Nagôs e a Morte: Padè,* Ásèsè *e o Culto Egun na Bahia*; traduzido pela Universidade Federal da Bahia.10ª Ed. Petrólopis, RJ: Vozes, 2001. Porém, nas irmandades negras também se adota todo um processo educativo iniciático para se tornar membro, usando elementos próprios dessas entidades.

[...], aprender os elementos e os valores de uma cultura "desde dentro", mediante uma interrelação dinâmica no seio do grupo, e ao mesmo tempo, poder abstrair dessa relação empírica os mecanismos do conjunto e seus significados dinâmicos, suas relações simbólicas, numa abstração consciente "desde fora", eis uma aspiração ambiciosa e uma combinação pouco provável (SANTOS, 2001, p. 18).

Assim, buscamos "partir da realidade cultural do grupo" (SANTOS, 2001, p.20), reinterpretada pela voz de um (uma) de seus membros que se propôs a tecer uma análise crítica de algumas situações postas em reflexão. Enquanto pesquisadora em educação, busquei fazer uma análise cuidadosa para decidir qual arcabouço melhor colaborava para explicar o meu objeto de pesquisa, na tentativa de construir uma metodologia que aproximasse objeto de estudo e aporte teórico/metodológico. Essas opções consideraram as contribuições epistemológicas de áreas afins para que nossa pesquisa se sustentasse e tivesse relevância no âmbito empírico. Assim, na seleção dos métodos e procedimentos adotados foi considerado que: "a educação vem se constituindo como campo de conhecimento e de pesquisa que ainda busca seu espaço, se constrói, e reconstrói na história" (GATTI, 2008).

Uma diversidade de métodos é construída, porém, é a questão principal de cada pesquisa que vai fazer o/a pesquisador/pesquisadora construir seu arcabouço metodológico e teórico. Em educação, a complexidade se mostra mais evidente devido à fragmentação metodológica, ou, ainda, a escolha de temáticas de pesquisa como esta que desenvolvemos que são novas no campo do conhecimento. E por abordar uma realidade empírica desafiante e até estranha aos cânones educacionais. Dessa forma:

Não há consenso paradigmático no campo de conhecimento e das pesquisas em educação, não há leis gerais aceitas, conceitos universalmente admitidos, ainda que na provisoriedade histórica que têm os paradigmas. Isto não quer dizer, no entanto, que não se tem nos estudos na área de educação, a preocupação com questões de teoria e método, que não se tenham referentes e preocupações quanto ao sentido mais geral e a uma certa consistência dos conhecimento construídos ou em construção nas investigações e reflexões no campo (GATTI,2008,p.2).

De acordo com os estudos de Triviños (1987, p.119), "o pesquisador deve lutar para vencer dificuldades de diferente natureza". E as que dizem respeito à sua própria formação tradicional, nas perspectivas positivista e estrutural-funcionalista não são fáceis de superar, uma vez que, o novo sempre ameaça as estruturas já há muito estão consolidadas. Embora venhamos de zonas rurais com pouco acesso à formação científica, vencemos desafios diários e articulamos diferentes etapas de estudos para minimizar as lacunas que, com certeza, aparecem nas nossas pesquisas. Uma das maiores dificuldades encontradas foi o fato da Igreja do Rosário encontra-se em reforma, entre junho de 2010 a abril de 2012, o que levou quase todo o período da pesquisa, ainda assim não se constituiu em impedimento ou s cogitou-se desistir da temática.

Para Marli André (1999, p.24). "não basta saber observar: é preciso saber agir... É preciso ter coragem de correr riscos, dispor-se a experimentar, rever o que foi feito e mudar o que não deu certo". Estamos tão arraigados aos resultados ditos sólidos, que quando ele se "desmancha no ar" ainda nos agarramos aos respingos. Dessa maneira, é necessário despir-nos do narcisismo e do eurocentrismo que insistem em reduzir nossa compreensão e visão de mundo, especialmente no que tange à pesquisa científica e a atuação no campo tão vasto que é a educação. Nesse contexto, ousamos enveredar pelo campo da história e sua articulação com as ciências sociais e os estudos de gênero, pesquisando numa Irmandade negra para dar visibilidade às ações das mulheres nesta entidade.

Na dinâmica da pesquisa qualitativa, em ciências humanas (Educação), é necessário apurarmos nosso olhar para as várias interpretações, reflexões, conceitos e indagações a que a ciência se propõe. Assim, instigados a observar as relações humanas que subjazem ao processo de construção do conhecimento e da pesquisa em educação, é que nos lançamos aos desafios deste campo. No campo de pesquisa nos deparamos com muitas demandas que tentam tirar o foco do nosso objeto. Nesse momento, a parceria com a orientadora foi imprescindível para a qualidade da pesquisa e o redimensionamento das análises a partir dos dados colhidos no campo.

Nesse sentido, Gilberto Velho, no texto *Observando o Familiar*, salienta que na investigação da realidade seja ela "familiar ou exótica" o objeto é reinterpretado através da visão do pesquisador e este deve atentar para a "necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre

interpretativa" (VELHO, 2004, p. 129). A Interpretação dos dados dessa pesquisa enriqueceu consideravelmente os meus conhecimentos enquanto irmã e pesquisadora, e revelou dados interessantes a cerca de como se desenvolveu as relações de poder no período pesquisado, além de trazer questões pertinentes para a reflexão na contemporaneidade.

Portanto, a construção metodológica se delineou a partir "do embate de ideias e perspectivas teóricas com a prática. Ela não foi somente um conjunto de passos que ditou um caminho. Foi também um conjunto de crenças, valores e atitudes" (GATTI, 2002, p. 13) que permearam todo o percurso. Foi um caminho que contribuiu para uma aproximação da compreensão do fenômeno estudado. A convivência ativa e boas relações interpessoais em relação aos membros da entidade, além de "minha consequente localização no grupo, fazendo parte de uma iniciação no conhecimento 'desde dentro'" exigiu-me muitas horas de reflexão, "obrigando-me a agilizar, revisar, modificar e, às vezes, rejeitar" algumas discussões acadêmicas e científicas que não seriam adequadas à "compreensão consciente e objetiva dos fatos" (SANTOS, 2001, p.17). A observação e a interpretação foram pressupostos importantes da nossa pesquisa.

### 2.1 EM CIRCULARIDADE: HISTÓRIA ORAL E ANÁLISE DOCUMENTAL

Entendemos que através dos procedimentos metodológicos buscamos, de certa forma, fontes e documentos que deem respostas aos questionamentos da pesquisa. A História Oral pressupõe método, técnica e fonte, isso porque engloba aspectos históricos, antropológicos e sociológicos que são percebidos através das entrevistas desenvolvidas com pessoas que vivenciaram ou "testemunharam" acontecimentos importantes, "conjunturas, visões de mundo como forma de se aproximar do objeto de estudo" (ALBERTI, 2005, p.18). Enquanto procedimento metodológico, a história oral possibilita a construção de fontes e documentos através das narrativas dos colaboradores da pesquisa que apresentam a sua interpretação da realidade, que será analisada e reinterpretada pelo pesquisador.

A opção pela Análise Documental se deu porque os documentos, articulados com a memória, possibilitaram o registro da participação das mulheres nas esferas de poder da Irmandade de Nossa Senhora Rosário dos Pretos do Pelourinho entre

1949 a 2001. As respostas para as questões colocadas foram encontradas por meio das narrativas das irmãs, seus testemunhos, versões e interpretações dos fatos em múltiplas dimensões e com o auxílio dos documentos (relatório de atividades, atas, livra de registro de atividades e doações).

As fontes orais são produzidas por sujeitos pensantes independentemente da condição social. Elas permitem compreender a história através do discurso que dá voz aos sujeitos excluídos (vencidos, operários, mulheres, negros, indígenas, portadores de necessidades especiais, marginais, entre outros) da história oficial por muito tempo. Os colaboradores se dispuseram a colaborar livremente agendamos as entrevistas de acordo a disponibilidade de cada um.

Nesse sentido, a opção pela história oral e pela análise documental justificase por entendermos que elas se articulam com a memória e ajudam a compreender o objeto de estudo que são as mulheres do Rosário. Lucília Delgado (2006, p.16) ressalta que a história oral pode ser entendida como "um procedimento, meio ou caminho para a produção do conhecimento histórico." Ainda de acordo com esta autora:

A história oral é um procedimento, método lógico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosos, consensuais. *Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida.* (...) Traz em si um duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento (-) o tempo passado, e sobre a época na qual o depoimento foi produzido (-) o tempo presente. Trata-se, portanto, de uma produção especializada de documentos e fontes, realizada com interferência do historiador e na qual se cruzam intersubjetividades (DELGADO, 2006, p.15-16).

De acordo com Etienne François (2006) a "história oral dá uma atenção especial à história do cotidiano e da vida privada e suas abordagens privilegiam a história vista de baixo", como também, se atenta a questões das diferentes "maneiras de ver, sentir e perceber" os fatos históricos e realidades por quem realmente os vivenciou, suas subjetividades e percursos individuais e ou coletivos (FRANÇOIS, 2006, p. 4).

Buscamos suporte também na análise documental, pois a Irmandade detém um significativo acervo de documentos que enriqueceu bastante a pesquisa, dando-

lhe sustentação. Um dos documentos mais utilizados foi o Compromisso, que, como já dito, anteriormente, é o documento mais importante que regulamenta e rege a Irmandade. Também foram utilizadas, algumas Atas de reuniões da Mesa Administrativa entre anos 1969 a 1999 em que encontramos alguns fragmentos importantes, registros dos anos 1990 da Mesa de Honra, porque em anos anteriores não foram registrados oficialmente as atividades desta Mesa, assim como Plano de Ação da Mesa de Honra do ano de 1996, Relatório de Atividades de 1995, Editais referentes aos meses de maio e agosto de 1996 e Ofício a Mesa de Honra encaminhado pela Mesa Administrativa em julho de 1996.

Esses documentos, juntamente com os depoimentos orais, ajudaram no entendimento do processo de negociação intensa para que as mulheres pudessem hoje participar da Mesa Administrativa, mesmo que muitas das conquistas da Mesa de Honra tenham sido negligenciadas pelas reformas do Compromisso de 2001. Sabemos das limitações que a omissão de alguns documentos pode causar na pesquisa. Porém, gostaríamos de destacar que na entidade muito da documentação de algumas Mesas Administrativas desaparecem da entidade tão logo seus membros deixam o poder. Portanto, reconhecemos que lacunas ficarão nesse processo investigativo.

A pesquisa documental, análise documental, envolve o trabalho com fontes escritas sejam elas documentos oficiais, históricos ou científicos. Para Ludke & André (1986, p.38), a análise documental é considerada uma técnica imprescindível de "abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas de outras técnicas seja para o desvelamento de aspectos novos de um tema ou problema".

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem as afirmações e declarações do (a) pesquisador (a). Eles surgem em um contexto determinado e colaboram para conhecermos um determinado assunto e, ainda, fornecem dados que podem ser analisados ou quantificados.

As fontes orais e os documentos foram muito importantes para delinear o caminho metodológico da pesquisa, pois a oralidade é o principal meio de comunicação dos excluídos das grandes mídias e dos discursos públicos. Os documentos preenchem as lacunas para as quais a oralidade não tem resposta. Por sua dinâmica, a História Oral pode ser utilizada em diversas áreas do conhecimento

das ciências humanas e tem relação direta com diferentes categorias, tais como a Biografia, a Tradição Oral, Memória etc. Conforme os propósitos da pesquisa, História Oral pode ser definida como "método de investigação científica, como fonte de pesquisa e ainda como técnica<sup>19</sup> de produção e tratamento de depoimentos gravados" (ALBERTI, 2005, p.17).

A História Oral pode, de acordo com Thompson (2002), empoderar as pessoas que se fizeram presentes e viveram em um determinado lugar mediante suas próprias narrativas. Assim descreve o autor:

A história oral..., torna possível um julgamento mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radial em favor da mensagem social da história como um todo (THOMPSON, 2002, p.26).

Acreditamos que, através da História Oral, as narrativas das Mulheres e dos Homens do Rosário, suas memórias, suas histórias, suas experiências de vida na comunidade negra católica que entrecruzam dimensões temporais diversas, nos instrumentalizam para compreendermos as formas distintas de luta e resistência dentro da Irmandade. Ainda nesse sentido, possibilita dar visibilidade aos acontecimentos específicos que só a narrativa oral pode proporcionar. O olhar de quem vivenciou os acontecimentos afirma a experiência existencial dos sujeitos históricos.

Vale assinalar que as narrativas dessas mulheres, e também dos homens, suas lembranças e memórias mostraram como as relações de poder são circulares e as constantes negociações permitem a construção, mesmo que lenta, de formas de empoderamento. Lucília Delgado (2006), dialogando com as ideias de Walter Benjamim, afirma que as narrativas orais e memórias são imprescindíveis para a preservação e transmissão das heranças ancestrais. Conforme Benjamim (BENJAMIN, 1994, p. 98 apud DELGADO, 2006, p.22):

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> Grifos da autora

As narrativas, tal qual os lugares da memória são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar a arte de contar, traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração a geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram a História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem/mulher como ser no mundo. Possuem natureza dinâmica e como gênero específico do discurso integra a cultura de diferentes comunidades. São peculiares, incorporam dimensões materiais, sociais, simbólicas e imaginárias [...].

Por isso usamos a história oral, porque acreditamos no seu potencial de afirmar as vozes menos estridentes da sociedade brasileira, no caso, as vozes das mulheres da Irmandade que algumas vezes não ecoaram nesses quase quatrocentos anos. Como afirmamos anteriormente, ela pode ser técnica, metodologia e fonte numa pesquisa. Assim, esta metodologia foi indispensável. Para Portelli (2009, p.12) se "buscamos as palavras é porque o direito fundamental é o de falar e de ser escutado". Enfim, este saber social e coletivo, tendo visibilidade, enriquece consideravelmente o conhecimento socialmente construído, seja validado pelo mundo acadêmico ou não.

É por entendermos que a história oral se relaciona com a memória para reavivar fatos, acontecimentos e vivências de uma determinada pessoa, comunidade ou entidade que ressaltamos sua validade fundamental para o processo de pesquisa que desenvolvemos. Tomamos como referência, algumas ideias de Ulpiano Menezes sobre memória, pois, responde a alguns questionamentos da pesquisa.

Memória é um sistema organizado de lembranças cujo suporte são os grupos sociais espacial e temporalmente situados, ou seja, redes de inter-relações estruturadas e imbricadas em circuitos de comunicação. Essa memória assegura a coesão e a solidariedade do grupo e ganha relevância nos momento de crise e pressão. Não é espontânea: para manter-se precisa permanentemente ser reavivada. É por isso que é da ordem da vivência do mito, e não busca coerência, unificação. Várias memórias coletivas podem coexistir, relacionando-se de múltiplas formas. (MENEZES, 1992, p.15).

Portanto, esta ferramenta indispensável despertou nos colaboradores, parceiros e coautores, os Irmãos e Irmãs do Rosário; a relevância de suas vivências,

seu saber social e coletivo que se materializam através das narrativas e memórias. Foram imprescindíveis os momentos de escuta e registro, porque todos dividiram algumas experiências comigo. A cumplicidade, a confiança e a abertura que a história oral possibilita. Revelam também o dito e o não dito, as subjetividades e faz com que o "desde dentro" traga para fora outras possibilidades de leitura sobre a Irmandade que até então não tínhamos atentado.

### 2.2 COLABORADORES DA PESQUISA: AS IRMÃS E IRMÃOS DO ROSÁRIO

Buscamos desenvolver um aporte metodológico que privilegiasse na medida do possível os colaboradores da pesquisa, pensando na metodologia da História Oral e da Análise de Documentos internos da Irmandade. Montamos um roteiro simples para uma primeira aproximação com os colaboradores de forma acadêmica. O procedimento resultou em algumas pistas e respostas que nortearam a pesquisa, contribuindo para estruturar e delimitar o objeto de pesquisa e para em seguida buscar nos arquivos da Irmandade alguns documentos que ajudassem a entender os desafios que algumas mulheres enfrentaram na busca pela divisão do poder. Posteriormente, ocorreu a ampliação do roteiro guia para a segunda entrevista

A seleção dos colaboradores foi realizada considerando os critérios anteriormente citados e o interesse demonstrado em participar da pesquisa a partir de uma conversa preliminar. Em principio Selecionamos seis colaboradoras para compartilhar conosco seus conhecimentos, memórias e vivências acerca dos embates, lutas e resistência na Mesa de Honra. Com a sugestão e colaboração da Banca de qualificação<sup>20</sup> acrescentamos dois irmãos. Com a doença da Irmã Ivone Silva Paixão durante o processo da pesquisa e o seu falecimento em 10 de agosto de 2012, contamos com a colaboração final de sete irmãos, sendo cinco mulheres e dois homens.

As entrevistas foram agendadas de acordo a disponibilidade de cada um dos colaboradores. Na própria Igreja do Rosário no Pelourinho ocorreram três entrevistas: Irmã Nolair Bonfim, Irmã Maria Rosa Santos (Ir. Rosinha) e o Irmão Adonai Passos. Enquanto que nas residências ocorreram três: Irmã Ivone Silva

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> Minha Orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizabete C. Santana, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lucilene Reginaldo, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cecília M. Soares, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jaci Menezes em 05/06/2013.

Paixão, no Engenho Velho de Brotas; Irmã Lourdes Bárbara, em Pernambués e Irmã Maria das Graças, no bairro de Cajazeiras X. No Restaurante do SESC Pelourinho ocorreu a da Irmã Sandra Maria Bispo e na Escola Municipal Senhor do Bonfim, em Plataforma, ocorreu à entrevista com o Irmão Antônio Carlos Conceição. Segue uma breve biografia dos entrevistados/as para situar os colaboradores selecionados.

Ivone Silva da Paixão, nascida em 25/03/1925, soteropolitana com descendência nagô viúva, professora e secretaria aposentada, foi admitida como irmã em 06/08/1950. Ela ocupou os cargos de Priora (1985), Vice Priora (1988), Procuradora Geral (1991), Mestre de Noviços (1999). Ela foi e é uma referência para nós, Irmãos do Rosário, porque desenvolvia um diálogo constante com os mais novos, relatando suas memórias. Consta, segundo relatos orais, que ela era de descendência negra muçulmana. Participou do processo inicial da pesquisa, mas faleceu em agosto de 2011 Durante a entrevista preliminar afirmou: "Com Nossa Senhora do Rosário não se brinca [...]. Na minha época, as mulheres já tinham adquirido seus direitos, com as reformas do compromisso acabou a Mesa de Honra" figura 2 (IVONE, ENTREVISTA, 21/02/2011).

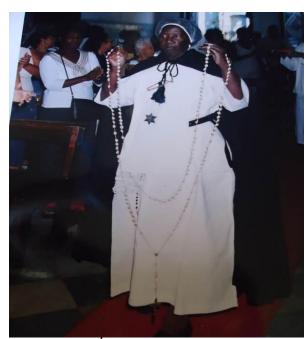


Figura 2 - Irmã Ivone Silva Paixão (in memoriam) vestida com o hábito da Irmandade e com o Rosário de Nossa Senhora

Fonte: AINSRP, Álbum de fotografias diversas entre (1991-2000).

Irmã Nolair Bomfim, nascida em 02/01/1933, solteira, comerciária e doméstica aposentada, admitida oficialmente em 1975, mas que já frequentava as atividades desde os anos de 1960. Ela é também integrante da Sociedade protetora dos Desvalidos, do Monte Pio dos Artistas e do Grupo de Terceira Idade Eterna Juventude. Exerceu os cargos de Visitadora, Condigna, Definidora. Uma das irmãs que dançam afro no ritual litúrgico do Rosário. Atualmente é uma das irmãs que tem mais tempo de irmandade, ela afirma categoricamente que "algumas pessoas deviam pensar mais na Irmandade e menos no dinheiro, eu estou aqui para acolher e não para afastar as pessoas" (IRMÃ NOLAIR, ENTREVISTA, 20/04/2013).

Figura 3- Irmã Nolair Bomfim vestida com o Hábito da Irmandade do Rosário de Nossa Senhora



FONTE: AINSRP, Album Fotografias Diversas (1999 e 2002)



Figura 4 - Irmã Lourdes Bárbara vestida com hábito da Irmandade

FONTE: AINSRP, Álbum de Fotografias Diversas anos (1990).

A Irmã Lourdes Bárbara Pereira Silva, nascida em 04 de dezembro de 1939 é professora aposentada, foi admitida na entidade em 20/09/1988. Exerceu os cargos de Priora, Vice Priora, Mestre de Noviços. Foi responsável pela organização do ritual litúrgico da missa por mais de 18 anos. Atualmente afastada da Irmandade, segue a igreja evangélica e diz: "Minha fé em Nossa Senhora era muita, mas me decepcionei muito ali dentro [...]" (Ir. LOURDES BÁRBARA, ENTREVISTA, 09/02/2013).

A Irmã Sandra Maria Bispo, nascida em 27/09/1953, casada, professora, e pesquisadora; ocupa o Cargo de Yakekerê (Mãe Pequena) no Terreiro Ilê Axé Oxumaré no Bairro Vasco da Gama, em Salvador, foi admitida na Irmandade em 30/10/1989. Publicou em 1997 o texto *Espaço Terreiro: uma contribuição à formação do cidadão leitor*, no livro *O Terreiro, a quadra e a roda: formas alternativas de educação de crianças negras em Salvador,* organizado por Edvaldo Boaventura e Ana Célia Silva. Na Irmandade, exerceu os cargos de Priora, Vice-Priora, Procuradora Geral, Definidora e Secretária. É uma das irmãs que mais sofreram retaliações internas por buscar lutar e resistir contra a exclusão da mulher na Mesa Administrativa. Sobre sua luta afirma: "Foram muitos embates, nós lidávamos com homens letrados que não abriam mão do poder [...] (Ir. SANDRA BISPO, ENTREVISTA, 13/12/2012).



Figura 5 - Irmã Sandra Maria Bispo vestida com Hábito da Irmandade

Fonte: Fotografia Anália Santana, Salvador 02/07/2013.

O letramento como instrumento de libertação das mulheres e dos homens nas Irmandades e na sociedade foi de fundamental importância para os enfrentamentos internos na divisão dos cargos administrativos com os irmãos. Se bem que, como afirmou nossa colaboradora, os homens usaram o letramento para oprimir as mulheres e manter os seus cargos, como acontece nas várias esferas da sociedade. Uma pedagogia libertária (Freire, 1998) nos leva a perceber que homens e mulheres, especialmente no Brasil, compartilham uma experiência singular ou seja, estão

[...] inscritos em sistemas institucionais, culturais e sociais de domínio, opressão e relações de poder/conhecimentos que reificam e demonizam o outro em maneiras essencialistas. Como Bell Hooks afirma, o essencialismo ou a política de identidade não é algo que é apenas ou primariamente confundida pelos grupos marginais. O essencialismo é abusado muitas vezes por grupos dominantes, dos quais a subjetividade em formas culturais e práticas tanto silenciam a diferença como legitimam e desvalorizam as experiências personalizadas, as vozes do outro marginalizado (McLAREN, SILVA, 1998, p.51-52).

Desde os primeiros anos a Irmandade do Rosário Pretos do Pelourinho privilegiou o processo educativo de seus membros. Fontes orais afirmam que por muitos anos ela manteve salas de alfabetização, cursos de formação e etc., a

exemplo da atualidade, quando construiu um laboratório de informática com computadores conectados à internet, permitindo a seus membros e a comunidade o acesso às redes sociais e às novas tecnologias.

Selecionamos também a Irmã Maria Rosa dos Santos, conhecida carinhosamente por Irmã Rosinha. Nasceu em 16/06/1939, entrou para a Irmandade em 09/09/1990. Tem um cuidado especial com os paramentos litúrgicos, sendo a única mulher da irmandade que sabe tocar o sino. Em sua entrevista, disse: "Ou a gente se firmava ou não continuava a luta [...]". figura 6 (Ir. Rosinha, Entrevista, 06/02/2012)



Figura 6 - Irmã Maria Rosa Santos com Hábito da Irmandade

FONTE: AINSRP, Álbum Fotografias diversas (1990-2000).

A Irmã Maria das Graças Ramos dos Santos, conhecida na Irmandade como Irmã Gal. Nascida em 24/10/1959, secretária executiva aposentada, solteira. Embora conhecesse a Irmandade desde os anos 1980, entrou na entidade em 27/10/1991. Exerceu o cargo de Secretária em alguns mandatos da Mesa de Honra e teve um cuidado especial em registrar as atividades da Mesa, contribuindo para reduzir o problema da inexistência de registros das atuações da Mesa de Honra em anos anteriores. Na opinião da Irmã Gal:

O Rosário dos pretos foi importante, e continua importante porque como eu vim do movimento negro e de caminhada de igreja e do

grupo ginga que era formado por pessoas de várias religiões. Discutíamos o negro e sua fé lá no São Francisco. Para mim ser mulher, ser negra e está no Rosário dos Pretos é uma dádiva. Sempre tive auto-estima e a Irmandade fortalece. (Ir. GAL, ENTREVISTA, 04/04/2013).

As inter-relações dos membros da Irmandade nos diferentes espaços do movimento negro, nos terreiros de candomblé e em outros espaços sociais fomentaram discussões importantes que enriquecem a experiência da Irmandade.



Figura 7 - Irmã Maria das Graças Ramos vestida com o Hábito da Irmandade

FONTE: Fotografia Analia Santana, Caminhada de Corpus Cristi , Salvador , 30/05/2013.

O Irmão Adonai Passos Ribeiro é natural de Salvador, do bairro da Liberdade, nasceu em 30/12/1953, divorciado, técnico de segurança aposentado, com ensino médio completo. Entrou na irmandade no ano de 1995 e ocupou o cargo de Secretário por duas gestões, segundo o relato das irmãs na época da Mesa de

Honra, deu grande colaboração nas atividades sociais que as irmãs desenvolviam. Entrou na Irmandade através do Irmão Jailton, que o convidou para assistir a uma missa da terça-feira " eu me encantei com tudo que vi aqui e passei a querer fazer parte, inclusive tem alguns irmãos mais antigos que eram vizinhos nosso". Ao falar da Mesa de Honra o Ir. Adonai (Figura 8) foi categórico: "Naquela época tinha a Mesa Administrativa e de Honra, inclusive se dependesse da minha opinião particular não tinha acabado a Mesa de Honra porque eu acho que não existe filho sem mãe" (Ir. ADONAI, ENTREVISTA, 10/06/2013).



Figura 8 - Irmão Adonai vestido com o Hábito da Irmandade acompanhado<sup>21</sup>

Fonte: Fotografia Analia Santana, Salvador Festa de 02/07/2013

O Irmão Antônio Carlos Conceição Souza (Tony) é natural do recôncavo baiano, da cidade de Conceição do Almeida, a 190 KM de Salvador, nascido em 07/07/1969 tem 44 anos. Professor e gestor de estabelecimento de ensino público municipal, Pós-Graduado em História e Cultura Afrobrasileira e Africana e mestrando em Educação, na atualidade.

-

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> À esquerda Irmã Maria Miguel, à direita Irmão Adailton atual Tesoureiro da Mesa Administrativa e mais ao fundo irmã Cleusa.

O Irmão Tony é solteiro e tem um filho. Entrou na Irmandade em 1995 quando fez o noviciado, mas sua caminhada é extensa. Participou de vários movimentos sociais, começando pelos sindicatos rurais em sua cidade natal e pelo nordeste, através dos APNs colaborou na organização e mapeamento de algumas comunidades quilombolas no estado da Paraíba, onde foi seminarista, morou também no Ceará. Afirma, "sou filho de uma família negra egressa dessa situação dos resquícios do escravismo, onde meus pais e meus avós trabalhavam ainda em antigas fazendas e nas casas grandes. Uma dessas remanescentes foi minha mãe até o ano de 1984" (Ir. TONY, ENTREVISTA, 05/06/2013).

O Irmão Tony figura 9 enriqueceu bastante com a sua narrativa, disse:

Venho de uma realidade de casa de taipa, chão de barro, de buscar água de beber e de gasto na cabeça. Buscava lenha para cozinhar. Ajudava no orçamento desde criança trabalhava nos digitórios. la para a roça pela manhã, buscava água de gasto, ia para a lenha. Depois, ia para o digitório [trabalho colaborativo] nestas fazendas ajudar na casa de farinha, colher laranja. Tudo se fazia nessa grande fazenda, a gente voltava não com dinheiro, mas, com farinha, beiju, fruta pão, era questão de sobrevivência mesmo. Fora isso a gente trabalhava com fumo, até hoje eu sei classificar os tipos de fumo: trintinha, classe A, B, C. [...]. Eu era membro da Igreja Católica, venho de grupo de jovem é também do Axé [candomblé]. Na igreja espaço de entendimento e aceitabilidade, de todos. No espaço do terreiro a gente ia escondido, comas roupas também escondidas. Apesar de tudo isso, eu não tinha conflito. [...] eu procurava trabalhar o lado religiosos nunca tive o contexto religiosos afrodescendente como negação (Ir. TONY, ENTREVISTA, 05/06/2013).

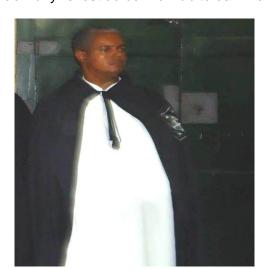


Figura 9 - Irmão Tony revestido com o Hábito da Irmandade

Fonte: Fotografia Analia Santana, Salvador, 02 de julho de 2013, 114 anosde Ordem Terceira.

Homens e mulheres negro/as letrados/as buscavam o controle das irmandades, especialmente porque em algumas delas, os cargos de tesoureiro e escrivão eram ocupados por homens brancos, no século XIX, e muitos embates foram registrados naquele século. A partir das transformações sociais e econômicas, das mudanças com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, do acesso delas ao processo educativo mais amplo, da abertura da igreja Católica às minorias no século XX, as mulheres passaram a reivindicar novos lugares de poder em novos contextos. Não obstante, a escola e o processo educativo " não distribui poder, mas constrói saber que é poder". Desse modo letrar-se ou aprender "é inserir-se na história interagir com ela num imaginário político mais amplo" (GADOTTI, 1998, p. 30). Portanto, o letramento foi e é fator preponderante para o acesso das irmãs ao poder administrativo na Irmandade.

# 2.3 APROXIMAÇÕES ENTRE VOZES E DOCUMENTOS: PESQUISA DOCUMENTAL

Muitas das indicações dos documentos surgiram nas entrevistas quando as colaboradoras logo no início das primeiras entrevistas apontaram em suas falas: "foram muitos embates [...] nós lidávamos com homens letrados que não abriam mão do poder [...]" (Ir. SANDRA, ENTREVISTA, 15/03/2011) "eu fui muito desrespeitada na minha condição de mulher e de ser humano [...]" (Ir. LOURDES, ENTREVISTA, 09/02/2013) "ou a gente se firmava ou não continuava a luta [...]" (Ir. ROSINHA, 06/02/2013). "Nós reconstruímos memórias e reinventamos as lutas e isso ainda continua [...]" (Ir. GAL, ENTREVISTA, 04/04/2013). Desse modo, fomos à busca dos documentos que também dialogassem com as narrativas dos colaboradores. Isso muito importante, o cruzamento de falas e documentos.

A partir das pistas das entrevistas preliminares, recorremos aos arquivos da Irmandade e buscamos alguns documentos que também colaborassem para entender esse processo de duas mesas, uma Administrativa e outra de Honra. Na verdade ambas negociavam constantemente entre si, sendo que os membros da Mesa de Honra, como bem descreviam os Compromissos anteriores, não tomavam parte da administração. Algumas atas e relatórios dos anos 1980 e 1990 foram importantes porque retratam os embates nesse processo da participação das

mulheres na Mesa Administrativa. As conversas preliminares e o acesso à documentação facilitaram bastante o processo de pesquisa nos arquivos, ainda que estivesse fechado por causa da reforma.

Encontramos, por exemplo, uma circular interna afastando uma irmã priora por trinta dias por desacato à Mesa Administrativa, quando, na verdade, essa irmã tomou a atitude de ter uma conversa com o Bispo sobre as atividades da Mesa de Honra e apresentar a ele o planejamento de suas atividades. Ela não se atentou para as normas do Compromisso que afirmava ser a Mesa de Honra subordinada à Mesa Administrativa. Encontramos também um documento de queixa na Delegacia das Mulheres por ameaça de agressão física a uma irmã que ocupava o cargo de Vice-Priora em 23/07/1996. Trataremos dessa questão no capítulo 3.

Outro documento importante foi um relatório das atividades da Mesa de Honra do ano de 1996, referente ao planejamento de todas as atividades com metas, cronograma de realização etc. Embora nos primeiros anos, a Mesa de Honra não recebesse recursos financeiros da Mesa Administrativa, ela desenvolveu estratégias para angariar fundos, retomando de forma diferente a antiga tradição do peditório. E assim, se auto-sustentar e realizar as diferentes atividades planejadas cuidadosamente para cada ano da gestão.

Na busca pela memória e história da participação das mulheres na Irmandade os relatos das irmãs e irmãos colaboradores têm uma importância imensurável porque resgatam nossa história como negras e negros em constante inquietação, como também nos impõem desafios de lidar cotidianamente com as relações de gênero, o machismo e as disputas internas pelo poder administrativo. Neste processo investigativo buscou-se identificar as convergências e discordâncias entre os relatos orais e os registros inscritos nos documentos institucionais. Não esquecemos os conflitos e dissonâncias que também ajudam a entender o objeto de estudo.

Para a análise do conteúdo das narrativas e dos documentos encontrados (atas, ofícios relatórios atuais de avaliação, planejamento) foram selecionados os seguintes temas: relações de poder, relações de gênero, machismo e sexismo, mulheres negras, divisão de poder, dupla pertença religiosa e mudança de religião.

#### "NEGRA HISTÓRIA NEGADA, OFERECEREI..." 3

Ao Deus pai criador, oferecei! Está raça esta cor, oferecei! Cada negro que luta, oferecerei. Pelo fim do racismo, meu sangue em batismo oferecerei! Negra história negada, oferecerei! Toda dor suportada, oferecerei! Preta Velha Iaiá oferecerei! Negra bela raiz, este povo feliz, oferecerei! [...] (CEBs<sup>22</sup>)

### 3.1 A IRMANDADE: CONTEXTO HISTÓRICO, CONJUNTURA RELIGIOSA E **CULTURAL**

Nossas reflexões continuam das confluências reelaboradas nas Américas, especificamente no Brasil, onde os processos civilizatórios indígenas, europeus e africanos se entrecruzaram para formar um mosaico cultural complexo e rico de possibilidades de estudo. No que diz respeito aos povos africanos e indígenas, resistências e lutas são referências indispensáveis para serem reconhecidos como humanos e firmar suas colaborações culturais, históricas e sociais. Nesse contexto, a educação é um campo privilegiado e movediço para desenvolver epistemologias que transcendam a lógica ocidental da "verdade" única. Assim, quando estudamos as irmandades e confrarias, devemos situá-las em contextos de diversidades culturais e religiosas, pois mesmo se tratando do cristianismo, ele é múltiplo.

Devemos enfatizar que o processo de importação do continente Africano para o Brasil não se limitava às cargas humanas, pois sabemos do potencial produtivo que a África tinha desde as primeiras civilizações. Esse comércio incluía também ouro, marfim, tecidos de algodão, óleo de palma ou azeite de dendê e variados produtos. É bom, também, lembrar que como o cristianismo já havia se estabelecido em alguns reinos africanos, a exemplo do antigo Reino do Congo, muitas das

social por meio da luta dos movimentos. Paulo Freire foi um dos intelectuais que desenvolveram seus

estudos e experiências educativas nessas entidades.

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> As comunidades Eclesiais de Base é o movimento que surgiu na igreja católica entre os anos de 1960 a 1965 impulsionado pelo Concílio Vaticano Segundo, fundamentado pela Teologia da libertação onde se organizaram movimentos de trabalhadores rurais, mulheres, presidiários e excluídos em geral, fazendo a leitura da bíblia através da realidade vivida, propondo a organização

pessoas trazidas para as Américas já tinham experiência religiosa cristã. Alguns religiosos africanos também atravessaram o Atlântico para servirem aos fins de cristianização dos povos ameríndios e africanos escravizados<sup>23</sup>.

Até o século XIV, a escravidão era uma prática tradicional efetuada por vários povos, dentre eles os árabes, os sumérios, os romanos, os gregos e os próprios africanos em conflitos internos como disputas territoriais e religiosas. Mas, a partir do século XV e XVI, a escravidão esmagadora de povos africanos obteve cunho comercial e industrial gerando capital e servindo aos interesses das coroas europeias na construção das novas colônias na América, África e Ásia. Esse crime transformou os seres humanos *Bantu, Ambundo, Muxicongo, Bacongo Yorubá, Jêje, Fulas* e muitos outros em "peças", "mercadorias" e "escravos". "Mesmo com todo esforço dos nobres congoleses o catolicismo não removeu por completo as tradições religiosas locais, a qual resultou num complexo religioso original, híbrido, ao mesmo tempo católico e banto" (VAINFAS e SOUZA, 1998 pp.104-106).

Desse modo, o complexo cultural e religioso Banto tem influência direta na instituição do catolicismo brasileiro iniciado na Bahia. Suas memórias se constituíram como pilares importantes para a reinvenção de suas riquezas culturais nas Américas, funcionando como formas de resistência ao processo de escravização e exclusão social. Porque da região Congo Angola foram trazidos em média 75% dos negros escravizados. "Entre os bantos, destacaram-se pela superioridade numérica e continuidade no tempo de contato direto com o colonizador português, três povos litorâneos: 1) *bacongo, 2) ambundo e 3) ovimbundo*<sup>24</sup> (CASTRO, 2001, p. 34). Para compreendermos melhor, a autora ressalta que:

1 BACONGO, falantes da língua quicongo [...], língua que engloba vários falares regionais de territórios correspondentes "grosso modo" com os limites do antigo reino do congo, hoje compreendidos no Sul

Ver: O Povo Banto no Brasil. CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; TopBooks Editora. 2001, p-34-37.

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> A esse respeito o artigo de LIMA, Ivana Stolze. **Na Bahia, a arte da língua de Angola. Comunidades linguísticas no mundo atlântico** apresentado no XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH em Natal (RN) 22-26 de julho de 2013, onde a autora faz informações sobre alguns padres que vieram de Angola para trabalhar no Brasil colonial. Disponível em: <a href="http://www.snh2013.anpuh.org/site/anaiscomplementares">http://www.snh2013.anpuh.org/site/anaiscomplementares</a>.

do Congo Brazzaville até o Cabo Lopes, no Gabão, sudoeste do Congo Kinshasa e noroeste de Angola, nas províncias de *Cabina, Zaire e Uíge.*[...] 2 *AMBUNDO*, falantes de *quimbundo* [...], concentrados na região central de Angola, entre Luanda, sua capital, Malanje, Bengo e Cuanza Norte até Ambriz, em território equivalente do Dongo (Kimb. Ndongo, chamado pelos portugueses de Angola, do banto "ngola"(o divino), título atribuído aos seus soberanos. 3 *OVIMBUNDO*, falantes do *umbundo* [...], localizada ao longo de uma região bastante vasta e povoada, abrangendo as províncias de Bié, Huambo, Benguela, ao sul de Angola [...] (CASTRO, 2001, p. 34-45).

A afirmação de valores herdados das civilizações e povos negros africanos transplantados para as Américas através do processo escravocrata e/ou colonizados no próprio continente pelos povos europeus, sempre foi uma luta constante. Na contemporaneidade, eles se tornam instrumentos de libertação do pensamento, de reconstrução da identidade africana e afro-brasileira, de combate às várias formas de discriminação, racismo e de intolerâncias religiosa. Isto porque "o problema não se limita aos negros que vivem entre brancos, mas sim dos negros explorados, escravizados, humilhados por uma sociedade capitalista, colonialista e ocidentalmente branca [...]" (FANON, 1983, p.164).

O Culto a Nossa Senhora do Rosário começou a partir da aparição de Nossa Senhora a São Domingos de Gusmão<sup>25</sup>, em Lisboa, por volta de 1208. Em meio aos conflitos religiosos da época, ele recebeu a missão de orar usando um colar de contas unidas por um cordão com vistas a obter vitória nas cruzadas religiosas. O papa Alexandre VI foi o primeiro a mencionar e aprovar a devoção ao Rosário, que recebeu o nome de Nossa Senhora das Vitórias. Gregório XIII, por sua vez, mudou o título para Nossa Senhora do Rosário e expandiu para toda a Igreja, colocando a festa no mês de outubro, reforçando a crença do Rosário como arma da vitória.

As irmandades surgiram no período medieval, na Europa, para agrupar fiéis com um sentimento religioso coletivo. Sabemos que as rotas e trocas comerciais favoreceram muitas transformações nos costumes e tradições religiosas de vários povos. Assim, o cristianismo primitivo se relacionou com religiões tradicionais dos vários continentes e foi se expandindo com faces múltiplas, mesmo que os teólogos conservadores rechacem esta ideia.

As Irmandades de Homens Pretos começam a se estabelecer na Península Ibérica (Portugal e Espanha) entre os séculos XIV e XV. A primeira Confraria de

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup> Para saber mais sobre São Domingos ver http://www.arautos.org/especial/17940/Sao-Domingos-de-Gusmao.html.

Nossa Senhora do Rosário dos homens Pretos em Lisboa é datada de 14 de julho de 1496, no Mosteiro de São Domingos. A aproximação dos portugueses com o Reino do Congo em 1458 e a conversão do Rei congolês Mani Gongo ou D. Afonso I e sua corte ao Cristianismo. Após sua conversão, o Rei queimou muitos dos objetos religiosos dos cultos ancestrais, enviou seu filho ao seminário e este, após anos de estudo em Portugal, tornou-se o primeiro bispo negro, D. Henrique, que veio a falecer poucos anos depois do retorno ao Congo (REGINALDO, 2011). As trocas e negociações entre o Reino do Ndongo e Portugal foram constantes com o envio de nobres congoleses a Portugal para aprender as tradições cristãs e com a vinda de portugueses para converter os congoleses. A primeira Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos homens Pretos em Lisboa é datada de 14 de julho de 1496, no Mosteiro de São Domingos.

A partir de 1512, Portugal começa a impor regras e a limitar os contatos oficiais com o Congo. Os dominicanos e jesuítas já estão familiarizados com o novo reino. O Papa Clemente I negocia com o rei português, pedindo uma delegação para a criação da Diocese do Congo, por volta de 1540. A primeira Igreja foi construída na Capital Mbanza (São Salvador) em 1548 (VAINFAS e SOUZA, 1998).

A colonização e a escravização mercantil praticadas pelos europeus com povos africanos a partir do século XV transformaram o Continente, abalaram às estruturas sociais, organizações políticas, desestabilizaram reinos e acirraram conflitos já existentes. Muitos africanos capturados pelo tráfico nas regiões da África Central ou Subsaariana, especificamente do Congo e Angola (povos Ambundo falantes de língua Kimbundo e Bacongo falantes do Kikongo), tinham certo conhecimento da língua e religião portuguesa.

De acordo com a estudiosa Linda Heywood<sup>26</sup> (2009, p.112):

As missões católicas jesuítas, carmelitas de pés descalços, capuchinhos e terceira ordem dos franciscanos, que foram para Angola a fim de trabalhar entre os 'condenados' tiveram trabalho importante na conversão de africanos de diversas etnias para a expansão do cristianismo e das culturas europeias em África.

Ainda segundo a autora, o trabalho religioso desempenhado por africanos livres e afro-lusitanos, exercido sem a supervisão de missionários estrangeiros, foi

-

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> Pesquisadora Norte Americana com diversos estudos sobre cultura e religiosidade na diáspora, desenvolve estudos sobre a Angola e o complexo religiosos Bacongo.

um enorme passo para assegurar a influência africana no catolicismo angolano e na diáspora. Acrescenta ainda que "os escravizados que chegaram a América levaram elementos desse catolicismo centro-africano com eles, e essas práticas acabaram passando por novas transformações ao se tornarem parte da diáspora americana" (HEYWOOD, 2008, p.112).

Ao pensar nas irmandades e confrarias como objeto de investigação, devemos concebê-las como fenômenos religiosos, sociais, políticos e culturais inseridos em contextos amplos de sociedades complexas como as africanas, a portuguesa e a brasileira. Estes elementos se constituem em uma problemática que requer lançar mão de diferentes produções para tentar ampliar o debate sobre a atuação dessas organizações em diferentes épocas no território brasileiro. Não esquecendo também que os contatos intensos entre a Bahia e a Costa da África podem ampliar as discussões.

Podemos assegurar o caráter social, político e jurídico das irmandades formadas por homens e mulheres negros (as), pois, como bem salienta o Padre Gabriel dos Santos Filho<sup>27</sup>, no livro *O Catolicismo Brasileiro e a construção de identidades negras na contemporaneidade Um olhar socioantropológico sobre a Pastoral afrobrasileira,* "as irmandades negras católicas podem ser classificadas como associações de fiéis, porque se constituíram juridicamente independente da igreja católica, salvaguardando o vínculo religioso, stricto sensu, a esta" (SANTOS FILHO, 2012, p. 14).

Vale lembrar que o cristianismo, especialmente na igreja católica, aliada ao processo expansionista, colonizador e escravagista europeu, cometeu inúmeras atrocidades contra os povos africanos, ameríndios e asiáticos. Contribuiu, também, para a legitimação do poder patriarcal, impôs como verdade absoluta a sua doutrina a negros e indígenas, colaborou com o processo da escravidão mercantil e para o acúmulo de capital pelas potências europeias. Contudo, teve o potencial de irmanar inúmeras pessoas que souberam articular seus saberes ancestrais com novos conhecimentos cristãos, para, assim, forjar novas construções religiosas.

É certo que algumas lideranças africanas e brasileiras serviram-se do tráfico de pessoas, intermediando o comércio de escravizados de diferentes etnias, mas

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> Com uma larga experiência na organização das comunidades negras na Igreja Católica da Bahia, participou e acompanhou os APNs Agentes Pastorais Negros e a Pastoral Afrobrasileira em Salvador entre os anos 1980 e 1990. Foi capelão da Igreja do Rosário entre 2009 a 2012.

não foram os maiores traficantes de pessoas para o Brasil. Esse processo foi levado com afinco pela Europa com o propósito de ampliar seus territórios e riquezas. Dos quase quatro séculos de escravidão, os resquícios são percebidos tanto no continente africano quanto no nosso país.

Os conhecimentos construídos acerca do continente Africano, e das africanias<sup>28</sup> construídas com o processo de trocas internas e externas envolvem complexidades, ideologias e intencionalidades. A quem interessa conhecer o lado dos subalternos, colonizados, explorados? As histórias são outras e foram escamoteadas. Podemos citar as antigas migrações humanas, os grandes impérios, os reinos, a invenção do ferro, as primeiras organizações políticas e sociais, das ciências e do conhecimento, um celeiro de religiosidades, de rotas comerciais e de produções diversas que são basilares para entendermos a humanidade. Não podemos apenas aceitar as verdades europeias, e sim buscar outras fontes de informação que ampliem nossa visão de mundo para a reconstrução de um conhecimento mais plural, que contemple os processos civilizatórios dos cinco continentes. Portanto, as irmandades e confrarias de homens e mulheres detêm um complexo de elementos culturais riquíssimos. Elas são importantíssimas para afirmarmos valores que fazem parte do processo civilizatório africano brasileiro, "e, através da educação esses conhecimentos podem ser reelaborados e transmitidos para as gerações futuras, podem também, enriquecer a identidade conforme as normas da tradição." (LUZ, 2002, p.59).

Os primeiros estudos sociológicos da religião tomaram como base a ideia de religião apenas válida para a coesão e a continuidade das sociedades. Em seguida, estudos como os de Max Weber apontaram outros aspectos como o econômico, o social, político e educacional, que se articulam na vida religiosa do homem moderno. Weber (1982) entendeu a religião como prática comunitária de experiência coletiva e individual, que apresentam uma ética e uma economia. Seus estudos enfocam a política, a economia e a educação dentro dos processos religiosos.

FRIEDEMAN, Nina. *Negros refúgios de africanias em Colômbia*, Revista Montalban, Caracas: Universidade Andes Bello, 1998. Africanias refere-se às reminiscências culturais africanas reconstruídas e/ou reelaboradas nas Américas, Europa e Ásia pelos africanos e seus descendentes exportados pelo processo escravocrata. Este termo é defendido pela Etnolinguista Yêda Pessoa de Castro que trabalha com as Línguas Africanas e seus desdobramentos na Língua Portuguesa do Brasil. Ele pode substituir, por exemplo, cultura africana recriadas nas Américas ou afrobrasileira por ser amplo e abranger culturas e seus aspectos das línguas, religiões, artes e subjetividades dos povos negros fora do Continente Africano.

Durkheim (2008) percebia a religião como um fenômeno social pensado, sentido e desejado pelos indivíduos de uma sociedade e que precisava de uma mente dotada de tais funções. Para ele, a religião, enquanto fato social, pode ser entendida como um fenômeno psicológico individual, podendo ser estudada desse ângulo. Reginaldo Prandi (2007, p. 6), por sua vez, ressalta que "a religião aproxima os iguais e os distancia dos outros, agrega e imprime identidades, como faz a cultura". Através das confrarias da época, era possível aos negros participarem ativamente das solenidades religiosas e obterem alguns benefícios sociais. O rosário tem vários significados para homens negros e para as mulheres negras das irmandades em cada momento da luta histórica. E o cristianismo, assim como outras denominações religiosas, tem suas nuances que se revelam de acordo o momento histórico. Burdick (1998) contribui ao considerar o cristianismo um idioma viável para imaginar e articular a identidade étnica negra e o antirracismo.

Scarano (1976) sugere que as irmandades, no período colonial, eram conformistas e conservadoras, pois não lutavam contra a escravidão, mas apenas minimizavam seus sofrimentos. No entanto, reconhece que elas colaboravam para salvar a identidade e dignidade dos africanos no Brasil, sendo, também, veículo de transmissão de diversas tradições africanas, que se conservavam pela frequência de contatos, pela linguagem e outras razões semelhantes. Nessa perspectiva, Quintão (2002, p.34) sugere que se a classe senhorial e as elites quiseram utilizar as irmandades como meio de controle e de integração do povo negro numa sociedade escravocrata, estes souberam transformá-las num espaço de solidariedade, de reivindicação social, reinvenção de práticas religiosas e de protesto racial, conseguindo, assim, salvar sua identidade e sua dignidade.

Nina Rodrigues, com seus estudos tentou demonstrar uma maior influência cultural dos Nagôs na cultura brasileira, contestando outros pesquisadores da época, dentre eles o Sá Oliveira, João Ribeiro e Silvio Romero que sugerem uma maior contribuição da Cultura Bantu. De acordo com Bacelar e Santos (1974, p. 9), "no século XVII era incontestável a superioridade numérica dos negros de Angola e do Congo, isso justifica o porquê de as primeiras irmandades serem compostas exclusivamente por negros vindos de Angola e seus descendentes". Contudo, em se tratando de Irmandades negras, os povos Bantu são referências em todo o Brasil desde o século XV, uma vez que as experiências com o cristianismo primitivo, com

companhias religiosas e com a língua de Portugal no Continente Africano já fazia mais de um século.

No Brasil, houve a propagação de irmandades de homens pretos em todo o seu território. Dentre as mais antigas do país estão a de Salvador, na Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco e Minas Gerais. Assim sendo, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho "na Bahia setecentista a importância real e simbólica da igreja do Rosário da Baixa dos Sapateiros ou das Portas do Carmo para os confrades africanos e crioulos aí congregados justificava o embate com autoridades brancas, mas também com seus irmãos de cor" (REGINALDO, 2005, p.143). Como também com padres, bispos e outras irmandades de pessoas brancas que queriam se apoderar do patrimônio, especialmente a igreja.

Esta irmandade, assim como a maioria de suas congêneres , surgiu no século XVII. Neste período era incontestável o predomínio dos centro-africanos na população escrava baiana. Entretanto, é unânime entre os pesquisadores o reconhecimento da primazia dos angolas nesta associação, mesmo após o período de hegemonia do tráfico centro-africano. Até a segunda metade do século XIX, os angolas, juntamente com os crioulos, permaneceram na direção da Irmandade das Portas do Carmo. Este fenômeno fundamental na compreensão da formação das identidades de "nação" na Bahia setecentista, particularmente a identidade angola [...] (REGINALDO, 2011, p.320).

É nesse contexto que "desde 1604" funcionava "na Sé" (OTT, 1968, p. 121), ou seja, nos porões da antiga Igreja da Sé, centro histórico de Salvador, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho, a Irmandade negra mais antiga de que se tem registro no país. Os registros oficiais são de 1685. Os irmãos do Rosário lutaram por uma sede própria, pois a Irmandade funcionava no centro da igreja colonial. Em 1696, o terreno foi doado pelo Rei de Portugal através do alvará de 14/04/1696. A construção da igreja levou quase um século, uma vez que foi construída pelos irmãos nas horas vagas. O primeiro Compromisso foi aprovado por Dom Fr. João da Madre de Deus em 1685, sendo confirmado por provisão Régia de 10 de outubro de 1781 e só reformado em 1820 (RUSSEL-WOOD, 1971).

A igreja, tombada pelo IPHAN, em estilo Barroco Rococó, apresenta corredores laterais, oratório situado ao lado direito e pátio no fundo com cemitérios dos irmãos. Situa-se na antiga Rua das Portas do Carmo, hoje Praça José de

Alencar S/N, Pelourinho. A Irmandade foi elevada ao Grau de Ordem Terceira em 02 de julho de 1899. A titulação de ordem terceira se constituiu como o processo de defesa contra romanização empreendida pela Igreja católica. Nesse processo, ela impôs um controle efetivo sobre todas as instituições. Disciplinava as festas religiosas promovidas pelos fiéis leigos e associações. Entretanto, um dos principais focos da romanização era o combate às Religiões Afro-brasileiras, o Espiritismo e o Catolicismo popular.

A titulação de **Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora as Portas do Carmo** é festejada todo 02 de junho com missa festiva e grande alegria.

Ela é a única irmandade negra a deter este título, que é o maior para associações de pessoas comuns da igreja católica, observem a figura 10.



Figura 10 - Banner com o símbolo de Ordem Terceira 02 de julho de 1899

FONTE: Fotografia: Analia Santana, Salvador –BA 02 de julho de 2012.

A hierarquia católica está subdividida em vários grupos: o Clero onde se encontra o Papa, os Cardeais e os Bispos; as ordens primeiras, nas quais estão padres; as ordens segundas, compostas de freiras, monges; e ordens terceiras, que correspondem aos grupos de pessoas religiosas comuns, geralmente brancas (irmandades, confrarias e devoções), que se formaram no Brasil desde o período colonial. A titulação de Ordem Terceira, recebida no final do século XIX, coloca a Irmandade dos Homens Pretos do Pelourinho no patamar mais alto da hierarquia da

Igreja Católica dedicada às pessoas leigas. Os procedimentos das ordens terceiras são estipulados a partir do exemplo dos Franciscanos (São Francisco de Assis) tendo como referência: oração, jejum, auxílio aos pobres e necessitados, assistência aos doentes, ajuda mútua.

Evidentemente, que as irmandades funcionavam sob os olhos da igreja elitista branca e conservadora, do colonialismo explorador eurocêntrico e da sociedade hierarquizada da época, se desenvolveram e herdaram estas características. As pessoas negras e crioulas eram proibidas de professar sua fé, alicerçada nas religiões tradicionais africanas, no Islã e no próprio cristianismo africanizado. Elas usaram estratégias de sobrevivência, pois, em alguns casos, era necessário estar ao lado do inimigo para em outro momento oportuno conquistar seus objetivos.

As irmandades religiosas da época colonial desenvolveram uma dinâmica social, política e religiosa na vida de seus membros e da sociedade escravocrata. Elas possuíam diversas finalidades. A partir da religião, as irmandades negras desenvolviam prestação de serviços e assistência social, hospitalar, educacional, financeira, funerária. Ajudavam também na compra de alforrias e auxiliavam os escravizados que recorriam ao seu prestígio social. Para Reis (1996, p.4), a irmandade desempenhava um papel fundamental na vida dos seus membros:

A irmandade representava um espaço de relativa autonomia negra, no qual seus membros - em torno das festas, assembleias, eleições, funerais, missas e da assistência mútua - construíam identidades sociais significativas, no interior de um mundo às vezes sufocante e sempre incerto. A irmandade era uma espécie de família ritual, em que africanos desenraizados de suas terras viviam e morriam solidariamente. Idealizadas pelos brancos como um mecanismo de domesticação do espírito africano, através da africanização da religião dos senhores, elas vieram a constituir um instrumento de identidade e solidariedade coletivas.

No Rosário dos Pretos do Pelourinho, a maioria dos santos cultuados são negros, ainda que a imagem de Nossa Senhora do Rosário seja "branca".

Figura 11 - Representação da Santa Escrava Anastácia no nicho no Cemitério da Igreja de Nossa Senhora do Rosário



FONTE: Fotografia Analia Santana, Salvador- BA, 29 de outubro 2012.

Dentre os santos cultuados, podemos destacar: São Benedito, Santa Ifigênia, Santo Antonio de Categeró, Nossa Senhora Aparecida, Santo Elesbão, Santa Backita, Escrava Anastácia<sup>29</sup>, além de outras imagens brancas e negras, vejam a figura 11.

Conforme os estudos de Geertz<sup>30</sup> (1973), as religiões orientam as ações sociais dos indivíduos, estabelecendo parâmetros para a ação dos sujeitos em sua atuação na vida social. Dessa forma, a participação dos negros e negras nas irmandades religiosas negras tem influências positivas para a sua inserção e atuação no campo social baiano/brasileiro. Maria de Lourdes Siqueira (2004, p.152) corrobora com essa reflexão quando afirma que:

Em todos os momentos históricos registram-se processos de resistência cultural e religiosos profundamente perpassados pela sabedoria ancestral africana, nesta perspectiva de lutar, com os mesmos recursos possíveis, sempre em busca de caminhos,

O nincho em homenagem a Escrava Anastácia fica em área externa da igreja em frente ao antigo cemitério e atual ossuário da Irmandade, onde é visitada regularmente pelos fiéis.

<sup>&</sup>lt;sup>30</sup> Clifford Geertz Antropólogo Americano da Antropologia Simbólica (paradigma expressivo e interpretativo) traz importantes estudos sobre a individualidade das religiões. Um dos seus mais conhecidos estudos é A Interpretação das Culturas (1973 e 1989).

tentando criar espaços, realizando mesclas, trocas, empréstimos, justaposição entre suas próprias culturas e as do outro, sem perder nessa dinâmica, a essência dos fundamentos de suas matrizes civilizatórias.

Os estudos de Pollak (1989, p.6-7) destacam que "há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória individual e coletiva, familiar e nacional e de pequenos grupos". Nas dinâmicas das irmandades, essa interação é constante. Dessa forma, existem várias maneiras de se aproximar do passado através de narrativas orais e escritas, contos, danças, esculturas e toda uma produção histórica que se apresenta como um fato político. Este passado pode ser analisado através de uma dialética própria que dará sentido ao estudo pesquisado e ao enfoque que o autor escolhe.

Compreendemos que, através dos contextos históricos de uma determinada entidade ou cultura, pode-se negociar o presente e utilizar formas ritualísticas e simbólicas para dialogar com o passado em espaços variados e diversificados, especialmente em estudos de entidades religiosas. Nessa perspectiva, essas experiências de culturas africanas ou afro-brasileiras ressignificadas nas Américas através do contato permanente com as outras culturas podem recriar outras alteridades de ser e viver, construindo um mundo menos excludente e mais humanizado.

Refletir criticamente sobre a participação política das Mulheres na Irmandade do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho é tentar olhar "desde dentro para desde fora" e vice-versa, percebendo os mecanismos das relações poderes que nos cercam nas diversas relações com nossos pares que desenvolvemos na sociedade. As tensões, contribuições, memórias emergem dos sujeitos neste contexto de relações complexas. Seixas (2011), dialogando com as ideias de Foucault (2001), adverte que:

Gostaria de observar a maneira como diferentes mecanismos de poderes funcionam na nossa sociedade, entre nós, no interior e fora de nós. Gostaria de saber de que maneira nossas condutas, nossos comportamentos sexuais, nossos desejos, nossos discursos científicos e teóricos se ligam a muitos sistemas de poder que são, eles próprios ligados entre si (SEIXAS, 2011, p, 73, Apud FOUCAULT, 2001, p.469 op. cit.).

É interessante observar que estamos diante de questões que necessitam ser interpretadas com cautela, pois nós estamos inseridos nestas redes de poderes. Também podemos perceber as diversas formas heterogêneas de aprendizado do poder, que se movimentam e se transformam constantemente (SEIXAS, 2011). Portanto, entre a representação histórica e cultural e a realidade histórica cultural existem diferentes mecanismos que podem ou não escamotear as memórias coletivas e as formas de representar um povo, entidade ou sociedade.

Podemos caracterizar as irmandades sejam elas de brancos, negros ou crioulos a partir de um denominador comum:

A história da formação de todas as irmandades brasileiras de brancos, africanos, afro-brasileiros e mulatos, tem como seu comum denominador o desejo de um grupo de indivíduos- homens e mulheres, livres, escravos, ou libertos-, de estabelecer uma agremiação a qual, uma vez eleito um conselho administrativo, chamado Mesa redigia um compromisso, devidamente enviado à metrópole para depois receber a aprovação régia (LEVY, 2006, p.9).

As irmandades foram essenciais na organização social dos negros brasileiros. Na Bahia, a Irmandade dos Homens Pretos do Pelourinho deu origem a muitas organizações sociais, a exemplo da Sociedade Protetora dos Desvalidos, ao Monte Pio dos Artistas, dentre outras. O exercício das relações sociais foi primordial para a efetivação desta entidade como um patrimônio material e imaterial importante na constituição da sociedade, da religião e da cultura no nosso país.

## 3.2 COMO SE DÁ A FORMAÇÃO DE UM (A) IRMÃO (Ã) NO ROSÁRIO DOS PRETOS

Em 1894, Maria da Pua envia ao juiz da Irmandade e aos Mesários um documento escrito por seu procurador, José Marins de Jesus, no qual diz que, tendo

vontade de ser irmã desta confraria, vem, por meio do requerimento, solicitar esta graça que espera ser atendida. O documento é datado de 28 de maio de 1894<sup>31</sup>.

Uma questão relevante é o quesito *cor* para entrada na irmandade. Se nos séculos XVII e XVIII apenas negros, crioulos e mestiços com ascendência africana poderiam fazer parte da Irmandade, no século XIX, essa prerrogativa desaparece do Compromisso, deixando de haver distinção de cor. Isso talvez justifique o aumento do número de irmãos e irmãs na entidade e a quantidade de juízas de festa eleitas a cada ano, no início do século XX, até a atualidade. O Compromisso de 1900 até o atual reformado em 2001, no seu capítulo primeiro, voltou a colocar a questão étnico-racial como um requisito à participação na irmandade, como pode ser observado na figura 12.

Da Veneravel Ordem e seus Tins.

chit. 1º A. Veneravel Ordem Terceira do Per de Nossa Tembora, das Portas do Carmo estabele Capital do Estado da Bahia, é uma associaçõe do persõas do côr freta do am bos os sesos plar procedimento que possuam meios de homes meia.

1º Jus sins são a continuação do culto comsagnissima Virgem do Rosario, o abservancia das prissima Virgem do Rosario, o abservancia das procedimentos das continuaçãos do culto com a continuação do culto com sa procedimento por do Rosario, o abservancia das procedimentos das continuaçãos do culto com sa procedimento das procedimentos dos cultos com sa procedimento das procedimentos dos cultos com sa procedimento das procedimentos das continuaçãos do culto com sa procedimento das procedimentos das procedimentos das continuaçãos do culto com sa procedimento das procedimentos das procedimentos das continuaçãos do culto com sa procedimento das procedimentos das procedimentos das procedimentos das continuaçãos do culto com sa procedimento das procedimentos das procedimentos das procedimentos do Rosarios, o absenvancia das procedimentos das procedimentos

Figura 12 - Fragmento do Capítulo 1 do Compromisso de 1900

FONTE: AINSRP (Caixa1 Doc. 03 sem paginação).

No início da Irmandade, de acordo com o Compromisso, os homens ingressavam enviando requerimento escrito para ser avaliado pela Mesa Administrativa. Se este não soubesse escrever, buscava um procurador para redigir o documento. Se aprovado, pagava uma taxa e se preparava para a cerimônia de recepção do hábito (noviciado) que implicava em vários anos de aprendizado na

<sup>&</sup>lt;sup>31</sup> Arquivo da Irmandade, Caixa 23, Doc. 1

irmandade, até acontecer a cerimônia oficial de profissão e juramento no átrio da igreja. Desse modo, este se tornava irmão professo. Conforme estabelecia o Compromisso de 1872 (p. 4, Art. 4), "O homem casado que ingressar na Irmandade, pagará a joia de \$25, 000 (Réis) e sua esposa também será considerada irmã", e os "seus filhos menores de 12 anos, gozavam dos direitos e prerrogativas assegurados pela Irmandade". Assim, toda a família era acolhida na Irmandade. Esse benefício, contudo, foi totalmente abolido da irmandade.

Ao longo do tempo, as mudanças foram acontecendo. Alguns pré-requisitos continuavam, outros eram retirados, sendo acrescentadas outras normas. Outras vezes, com as modificações, retornavam normas anteriores. Os movimentos de retiradas, acréscimos e reintroduções de normas evidencia que as inquietações sempre estiveram presentes na Irmandade.

O pedido pessoal de entrada era feito através de um requerimento que deveria ser assinado pelo candidato e por algum irmão mesário, contendo nome, estado civil, profissão, religião e residência. Em seguida, enviava-se para a Mesa Administrativa. A idade mínima era 15 anos para o noviciado e 16 para a profissão. Pairava o medo de irmãos pertencerem a grupos secretos e de feiticeiros (as). Então, para se prevenir de tais acusações, o Compromisso também estabelecia que o candidato a irmão "não deve ser praticante de seitas ou sociedades secretas ou não, condenadas pela igreja católica" e se de fato vier a pertencer não lucrará ou perderá os direitos e o nome de Irmão" (COMPROMISSO<sup>32</sup>, 1949, p.14). Embora expressamente proibido pelo compromisso muitos dos irmãos (as) iniciados (as) no candomblé sempre fizeram parte do quadro de irmãos e irmãs do Rosário. O Compromisso de 2001 excluiu esta proibição.

São registrados por fontes orais que muitos dos irmãos e irmãs permaneceram todos os anos de sua vida na irmandade como noviços, não recebendo o título de irmão(ã) professo(a). A irmã Ivone Silva da Paixão tinha mais de cinquenta anos de Irmandade, sendo uma das motivadoras e colaboradoras deste estudo antes do seu falecimento, ressaltou que:

Só recebe o Hábito um ou dois anos depois que passa pela observação dos irmãos mais velhos, aprendizado sobre a história e rituais da irmandade. No final desse período tem uma reunião com a mesa Administrativa e o Capelão (padre) onde avaliam a caminhada

AINSRP 32, Caixa 1, Doc. 8.

do noviço com o parecer do padrinho que é a pessoa que assina a proposta do pretendente a irmão. Se a maioria concordar, este recebe o voto de confiança da mesa para se tornar irmão ou irmã. A cerimônia de vestição acontece na Festa de Nossa Senhora do Rosário no mês de outubro geralmente no domingo numa missa exclusiva ou na missa festiva do dia. Nesta cerimônia a pessoa professa; ou seja: faz o juramento com toda uma cerimônia que só os irmãos sabem quanto é importante esse momento. Se isso não acontecer, a pessoa fica sendo noviço (a) da irmandade. Na minha família muitos entraram e morreram como noviços, só professou eu e minha tia Tereza. (Ir. IVONE SILVA DA PAIXÃO, ENTREVISTA, 21/02/2011).

As mulheres deveriam ser "donzelas", casadas ou viúvas de vida dentro da moral da época, com costumes puros e meio de vida honesto. Caso aceito, o candidato passava um ano no noviciado, salvo quando dispensado do tempo de espera pela autoridade Diocesana, mediante requerimento do Prior e ouvido os irmãos da Mesa. Em 2011, foi estabelecida a idade mínima de 16 anos para o noviciado e de 18 anos para professar.

No Compromisso de 1949 (Cap. I, Artigo, 1º), a admissão de irmãos segue os requisitos citados anteriormente. Descreve-se ali que

A Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo, ereta canonicamente na capital do Estado da Bahia na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, ao Pelourinho, é uma associação religiosa de pessoas católicas de ambos os sexos de cor preta, de exemplar procedimento, e honesto meio de subsistência que pratiquem como bons cristãos os mandamentos de Deus e da Igreja (COMPROMISSO<sup>33</sup>, 1949).

Ainda sobre esta questão, a reformulação do Compromisso em 2001 reafirma os critérios de admissão, embora com modificações na redação:

À Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora ás Portas do Carmo, ereta canonicamente na Capital da Bahia, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Praça José de Alencar, s/nº, Pelourinho, fundada no ano de 1685 e elevada a categoria de Ordem Terceira em 02.07.1899, é uma associação religiosa sem fins lucrativos, de pessoas católicas de ambos os sexos, de cor negra, de conduta ilibada e que praticam como bons cristãos os mandamentos de Deus e da Igreja (COMPROMISSO, 2001, p.3).

<sup>33</sup> Idem.

Ainda de acordo com esse Documento, os Candidatos aos cargos de Prior e Vice- Prior devem ser "Irmãos respeitáveis pela inteligência, probidade e prudência", com idade mínima estabelecida para exercer os Cargos de Prior e Vice-Prior e acima de 30 anos com uma joia de cem cruzeiros (CR\$ 100,00). Nas reformulações posteriores a 1949, a joia ou taxa doada não está mais especificada, mas todos devem contribuir. Os cargos da Mesa Administrativa especificados no Compromisso de 1949, Sessão da Administração da Ordem, Art. 4 são mantidos até a atualidade. É importante destacar que quando o Documento registra "Da Ordem" refere-se ao Título de Ordem Terceira que a Irmandade ostenta:

A ordem será administrada por uma Mesa composta dos seguintes membros: 1 Prior, 1 Vice- Prior, 1 secretário, 1 Tesoureiro, 1 procurador Geral, 1 Vigário do culto, 1 Mestre de Noviços e 8 definidores. Além destes haverá uma Priora, uma Vice- Priora, Uma Mestre de Noviças, uma visitadora, uma zeladora, uma procuradora e oito condignas que não tomarão parte na Administração da Ordem (COMPROMISSO, 2001, p. 6).

O Compromisso de 2001 possibilitou a participação de ambos os sexos para a maioria dos cargos da Mesa Administrativa única. Exceto para os de Procurador Geral e Mordomo de Culto. Assim descreve o Capítulo II Da Administração da Ordem (Artigo 4º) "[...] uma Mesa, composta dos seguintes membros: um Prior (ou Priora), um Vice-Prior (ou Vice-Priora), um Secretário(a), um Procurador Geral, um Mordomo, um Mestre(a) de Noviços, oito definidores(as) e um Casal de Visitadores".

Na contemporaneidade, os trâmites para se galgar o título de irmão não mudaram muito do que era em tempos anteriores. A pessoa deve participar das diversas atividades ativamente, por algum tempo, até que esteja familiarizado com o ambiente religioso, tenha boa relação com a comunidade, goze dos direitos civis, pague a quantia estabelecida pela mesa como joia. Há o pré-requisito de "idade mínima 16 anos noviciado e 18 anos para professar" (COMPROMISSO, 2001, p.4).

Em seguida, a pessoa deve se candidatar a ser irmão ou irmã em uma das três confrarias que fazem parte do complexo religioso do Rosário dos Pretos do Pelourinho: São Benedito, Santo Antônio de Categeró e Santa Bárbara. Ela deve ser

apresentada à comunidade e à Mesa Administrativa através de um padrinho ou madrinha que assinará o requerimento e encaminhará à Comissão de Sindicância e à Mesa Administrativa para avaliação e aprovação. Se aprovada a proposta, a pessoa participa da cerimônia própria daquela confraria no dia da festa do santo da devoção e continua sua caminhada. Existe a discussão interna de que as devoções, como são menores que a Irmandade, não são necessariamente primeiras, mas um exercício para a passagem para a V.O.T. A Irmandade de São Benedito funcionou nos séculos XIX e início do século XX dentro do Rosário, quando foi quase extinta, voltando a funcionar nos anos 1990 animada por um grupo de irmãos que estavam imbuídos de retomar algumas tradições do Rosário.

Esta Irmandade abriga os irmãos e irmãs devotos (as) deste Santo Negro que é cultuado em todos os estados do Brasil. Seu altar fica do lado esquerdo do altar mor. Conta-se que ele fez o milagre de transformar pão em rosas, em um convento, porque fazia as doações de alimentos aos pobres, sem o consentimento do superior do convento, é o padroeiro dos cozinheiros. De acordo Reginaldo (2011, p.67) "São Benedito nasceu na Sicilia em 1524 de pais escravos mouros. No início do século XVII, algumas décadas após sua morte, ocorrida em Palermo em 1589, sua devoção já havia se tornado popular em Portugal. As primeiras notícias de sua devoção em Angola datam do final do século XVII".

O ato de caridade, realizado pelos membros desta confraria, é a entrega de alimentos preparados na cozinha da Irmandade aos famintos, nas ruas da Baixa dos Sapateiros e Rua das Flores, centro antigo de Salvador, onde se concentram muitas famílias em condições lastimáveis; após as celebrações, toda primeira quinta-feira do mês. Além da tradicional entrega da salsa como gesto de benção dos alimentos. A indumentária desta confraria é marrom e branca com sandália franciscana ou de couro figuras 13 e 14.

Figura 13 - Hábito feminino da Irmandade de São Benedito na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho.<sup>34</sup>



FONTE: Exposição Indumentárias Sagradas de Mônica Santos, Casa do Benin, Salvador, 17 de agosto 2012. Fotografia: Analia Santana

Figura 14 - Hábito Masculino da Irmandade de São Benedito na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.



FONTE: Exposição Indumentárias Sagradas de Mônica Santos, Casa do Benin, Salvador, 17 de agosto 2012. Fotografia: Analia Santana

<sup>34</sup> A exposição Indumentárias Sagradas da Arte Educadora Monica Santos realizada nos meses de agosto e setembro de 2012 na Casa do Benin Pelourinho Salvador-BA teve a curadoria do Prof. Jaime Sodré e expôs de forma dinâmica as indumentárias sagradas de diversas irmandades negras de Salvador e do Recôncavo da Bahia. Todos os hábitos foram confeccionados em miniaturas e revestidos em bonecos e bonecas, um destaque especial para o Rosário dos Pretos do Pelourinho e a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Cachoeira. Arquivo da pesquisa registro fotográfico Analia Santana.

A Confraria de Santo Antônio de Categeró, que tem seu ponto de encontro nas terças-feiras, às 18h, com a tradicional terça da bênção, foi iniciada no ano 1968 a primeira Festa em Louvor a Santo Antônio de Categeró. A ata do dia 07 de janeiro de 1968 descreve como começou a devoção:

A primeira festa celebrada em louvor a Santo Antônio de Categerona realizou-se em 7 de janeiro de 1968 em nossa Venerável Ordem. Iniciada com Missa Cantada e oficiada com prática pelo Ver. Pe. Aurelino Andrade nosso Capelão. Santo de origem africana, festejado no Brasil, na capital Paulista ainda não conhecido na Bahia, tendo participado dos festejos do Centenário de D. José B. de Menezes realizado no mês de novembro de 1967, saiu de nossa igreja para a da Conceição da Praia onde ficou em exposição junto ás demais imagens convidadas para abrilhantar a festa religiosa. Ocasião em que chegava ao Brasil a Rosa de Ouro oferecida por S. Santidade o Papa Paulo VI. Dali foi levado à igreja da Penha em 19 de novembro em majestosa Procissão, onde novamente ficaram as imagens expostas à visitação durante as festividades. [...]oito dias após voltava com grandioso cortejo á basílica da conceição da Praia, cada andor ostentando uma placa com nome do Santo. Foi então conhecido e acolhido com carinho e devoção de todo povo onde participou da festa de 08 de dezembro [...] (LIVRO de ATAS 1959-1974, ATA, 07/01/1968, p. 106 verso).

Com relação à imagem e a devoção a Santo Antônio de Categeró no Rosário, o documento registra que:

A Mesa Administrativa tomou a iniciativa de mandar reencarnar a referida imagem que tanto atraiu as atenções do povo, com as ajudas dos irmãos da Ordem e grande cooperação de D. Aristela Silva Cunha, que trouxe de São Paulo, a oração, registro e a história da vida do glorioso Santo. Fez surgir em nossa Ordem, a devoção ao culto ao Santo Antônio de Categerona, tendo o Prior baixado portaria no sentido de que seja celebrada uma missa em seu louvou no dia 08 de cada mês (IDEM, p. 107).

Nos anos de 1990 muitos jovens já frequentavam a Irmandade, mas a Igreja do Rosário estava com poucas atividades que envolvessem a comunidade local e a de Salvador. Por essa razão, o então padre Hélio e a Mesa Administrativa começaram a abrir a igreja nas terças-feiras e realizar a missa de Santo Antônio de

Categeró, e em seguida retomaram com mais vigor a devoção e criaram a Confraria. Esta missa tomou proporções enormes e é frequentada por pessoas de todos os bairros de Salvador, especialmente aqueles que concentram uma grande quantidade de pessoas negras ou afrodescendentes, como, por exemplo, Pernambués, Cajazeiras e Liberdade. A missa, também, é muito procurada por turistas de várias partes do Brasil e de outros países.

Essas missas são animadas por instrumentos percussivos de origem africana, (agogô, caxixes, atabaque, dentre outros), músicas que ressaltam a ascendência negra e africana, danças de origem africana e procissão dos pães. Nesta última, as pessoas apresentam no altar suas cestas de pães para serem abençoados e partilhados entre todos, ou quase todos, ao final da celebração. O hábito da Confraria de Santo Antônio de Categeró, o Santo Antônio Negro, que depois de Nossa Senhora do Rosário é o mais cultuado nesta Irmandade, tem a cor branca figuras 15 e 16. A festa de cerimônia de entrada de novos irmãos, nessa confraria, acontece no segundo domingo de janeiro.

Figura 15 - Hábitos masculino da Confraria de Santo Antônio de Categeró na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho



FONTE: (Idem)

Figura 16 - Hábito feminino da Confraria de Santo Antônio de Categeró na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho.



FONTE: (Idem)

A Devoção à Santa Bárbara é a confraria mais recente no Rosário dos Pretos do Pelourinho. A mesma teve início quando a comissão da Festa de Santa Bárbara, formada pelos comerciantes do Mercado com nome da Santa, na Baixa dos Sapateiros; entregou à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho a missão de realizar a festa do quatro de dezembro. No ano de 1987, a imagem oficial da festa chegou à Igreja do Rosário. A santa, responsável por acalmar os raios e tempestades, conhecida como a santa guerreira; tem uma história de mártir e é associada à Yansã, na religião do Candomblé.

Os devotos de Santa Bárbara, em sua maioria, são mulheres. Elas são "as mulheres de Yansã ou Oyá<sup>35</sup>": mulheres fortes, guerreiras da batalha cotidiana, desenvolveram a vocação para ser pai e mãe, ao mesmo tempo. Trabalham nas feiras, mercados, quitandas, barracas, tabuleiros de acarajés; são fateiras, quituteiras, vendedoras de mingaus e cuscuz nas madrugadas, doceiras, lavadeiras, ganhadeiras, cozinheiras. Ou seja, estão em diferentes profissões e mantendo o poder de dirigir suas vidas e famílias, são as verdadeiras negras ou "mulheres do partido alto" <sup>36</sup> do século XXI que, com inteligência e maestria, governam religiões de matriz africana, casas de axé em Salvador e em toda a Bahia, especialmente no Recôncavo. Na Irmandade de Santa Bárbara, os irmãos e as irmãs usam o hábito

2

<sup>&</sup>lt;sup>35</sup> Yansã ou Oyá orixá do Panteão Yorubá Deusa do fogo, dos trovões e tempestades.

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> Mulheres com um estilo próprio no Século XIX que saiam às ruas bem arrumadas, ostentando um poder e independência bem elevados para a época, suas joias e panos da costa eram invejados pelas outras mulheres daquela época. Ver: SOARES, Cecília. Mulher Negra na Bahia no Século XVIII.

vermelho e branco com fita e medalha no pescoço, como se pode observar nas figuras 17 e 18.

Figura 17 - Hábito masculino da Irmandade de Santa Bárbara na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho<sup>37</sup>



FONTE: (Idem)

Figura 18 - Hábito feminino da Irmandade de Santa Bárbara na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho



FONTE: (Idem)

<sup>37</sup> Idem.

Esta confraria se reúne na última quarta-feira de cada mês, e a missa em louvor a Santa Bárbara acontece neste mesmo dia às 18h. É a festa mais concorrida no Rosário dos Pretos, dada a sua aproximação com a festa de Yansã no candomblé. Por essa razão, acabam por acontecer algumas experiências religiosas híbridas. Lembramos também que no Rosário dos Pretos, na celebração à Santa Barbara, o acarajé e o abará, alimentos de origem africana, são oferecidos no momento do ritual das ofertas como elementos simbólicos e de representação da origem africana.

Relembro que em princípio não havia a necessidade de se passar pelas confrarias, bastava está ativo na comunidade. De acordo com o Compromisso, nada impede da pessoa se candidatar apenas à V. O. T. do Rosário de Nossa senhora às portas do Carmo. Após um ou dois anos frequentando uma dessas confrarias ou irmandades internas, e se preparando para candidatar-se ao noviciado na Irmandade do Rosário, ele(a) participa de diversas atividades preparatórias, dentre elas: retiros espirituais que acontecem durante o ano, seminários, reuniões, estudo do compromisso, reunião dominical e confissão. Este candidato ou candidata deve comprovar que não está com pendências na justiça comum, entregando o atestado ou certidão negativa, juntamente com a proposta assinada pelo padrinho ou madrinha para a avaliação da Mesa Administrativa. Sendo considerado (a) apto(a), ele (a) será apresentado (a) pelo capelão a toda a comunidade.

Sendo aprovado, pagará a joia, que, como já foi dito anteriormente, é uma taxa correspondente ao dízimo cobrado pela igreja católica para a manutenção do culto e para as despesas diárias da Irmandade. Na atualidade, o valor corresponde, em média, a R\$100,00 (cem reais). A confecção dos paramentos, que correspondem ao hábito, é de responsabilidade do noviço, bem como todos os elementos individuais da cerimônia de vestição. Existe toda uma preparação e expectativa, uma vez que só no inicio do mês de outubro é que a Mesa Administrativa expede o parecer negativo ou positivo dos candidatos a noviços. Sendo positivo, começará o noviciado; caso contrário, esperará dois anos para candidatar-se novamente. A cerimônia acontece no dia da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

A cerimônia de entrada dos noviços acontece geralmente no último ou penúltimo domingo do mês de outubro, no dia da Festa de Nossa Senhora do

Rosário, na missa das sete horas, seguida de café da manhã de confraternização. O hábito branco é a marca visível do período de noviciado na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho, vejam nas figuras 19 e 20.

Figura 19 - Hábitos da irmã noviça na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho<sup>38</sup>



FONTE: (Idem).

<sup>38</sup> Idem.

Figura 20 - Hábito do irmão noviço na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho<sup>39</sup>



FONTE: (Idem)

O período de noviciado, na atualidade, leva um ano. Em épocas anteriores, houve pessoas que ficaram durante muito tempo como noviço, como bem salientou a saudosa Irmã Ivone Silva Paixão. Isto porque, neste momento, ele (a) já goza de muitas das prerrogativas de irmão ou irmã, porém com certas restrições, como define o Compromisso e as normas internas da casa. Não tem direito ao voto, não pode representar a irmandade oficialmente por indicação da Mesa Administrativa, não pode candidatar-se a cargo eletivo do processo eleitoral e decisório da entidade. Assim como, ainda, não possui o diploma e o grau, que é a parte preta do hábito, que lhes confere o título de irmão ou irmã professo (a) e membro oficial da Irmandade dos Homens Pretos do Pelourinho, entidade trissecular, observem as figuras 20 e 21.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> Idem.

Figura 21 - Hábito do irmão professo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho) 40



FONTE: Idem

Figura 22 - Hábito da irmã professa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho (Idem) <sup>41</sup>



FONTE: Idem

<sup>41</sup> Acrescenta ao hábito já existente a parte preta da indumentária sagrada que se chama Grau, na qual encontra-se o emblema de Venerável Ordem Terceira, inspirado na Irmandade de São Domingos que foi o Santo que recebeu de Nossa Senhora a revelação e a incumbência da devoção do Rosário. A de profissão se realiza especificamente no domingo da festa de Nossa Senhora do Rosário no mês de outubro.

<sup>40</sup> Idem

## 3.3 RELAÇÕES DE PODER NA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DO PELOURINHO

Os homens sempre foram mais poderosos que as mulheres na Irmandade. Para conseguirmos fazer alguma coisa, tínhamos 'que ter muito peito'. Reuníamo-nos, uma só não podia, mas unidas [...] Nós debatíamos muito mesmo com eles (respira fundo). Tinha a Mesa Administrativa e A Mesa de Honra. A Mesa Administrativa cuidava das finanças e das decisões. A Mesa de Honra cuidava de tudo na Irmandade da roupa do padre à limpeza da igreja (Ir. LOURDES BÁRBARA, ENTREVISTA, 09/02/2013).

Iniciamos este tópico com este relato da Irmã Lourdes Bárbara, pois retrata bem como se davam as relações na administração da Irmandade. Efetivamente, muitos irmãos e irmãs que interagiram com as mudanças sociais e políticas, as conquistas do movimento feminista, as transformações ocorridas no País e com o processo de redemocratização; não concordavam com esta forma assimétrica de gestão que a Irmandade continuava mantendo.

As mulheres sempre estiveram presentes nas irmandades negras de todo o país, com participação ativa em todos os momentos históricos. Em algumas épocas, foram maioria, a exemplo do século XIX, sendo tratadas respeitosamente, ainda que com alguns lugares marcados, hierarquizados pelo poder patriarcal e a ideologia machista e sexista exercida pela Mesa Administrativa exclusivamente masculina que, embasada pelos preceitos bíblicos, as leis Canônicas da Igreja Católica e o Compromisso, encontraram terreno fértil para manter seu legado de exclusão das mulheres do poder administrativo por mais de três séculos. Portanto, na casa de Nossa Senhora do Rosário aconteceram e acontecem muitos embates, envolvendo as relações de gênero e poder.

Figura 23 - Imagem do Altar mor de Nossa Senhora do Rosário na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos Pelourinho Salvador - BA, Brasil



Fonte: Acervo Jornalista e Fotografa Charlene Soares, Acervo Pessoal, Gentilmente cedido, Agosto 2008.

É lícito afirmar que as relações de poder na Irmandade eram e são referendadas pelo Compromisso. Sendo ele a lei magna da Irmandade, estava em conformidade com as leis e ideologias patriarcais e da sociedade colonial. Embora com o passar dos séculos, as transformações sociais, as conquistas dos direitos civis e das mulheres fossem se efetivando, as inquietações surgindo internamente; mesmo assim, a irmandade manteve as mulheres longe dos cargos de poder e decisão.

As relações de poder que discutimos estão diretamente relacionadas às relações de gênero e aos papéis sociais forjados na sociedade para os homens e as mulheres. Mesmo porque, uma das mais cruéis faces do poder está relacionada a essas relações e aos privilégios conquistados milenarmente pelo segmento masculino, através da expropriação de seus pares. Não só existe uma ideologia do poder que impõe a misoginia, mas também todo um conjunto de estratégias articulado com práticas, além de uma ciência que até pouco tempo era mantida num viés unilateral de produção, de espaço e de processo civilizatório. Desse modo, Beatriz do Nascimento (1993, Apud RATS, 2006, p.127) declara que:

Foi forjada no Ocidente uma sociedade de homens, identificando não só o gênero masculino, mas uma espécie como um todo. Essa perspectiva possuía um devir utópico, previa-se um mundo sem diferenças. Entretanto, ao contrário do pensamento Iluminista, naquele momento processava-se a anexação de sociedades e culturas com extremas separações políticas, sociais e individuais à sociedade do europeu, através da maquina colonialista.

Nesse sentido, saberes desqualificados historicamente, pelo processo colonialista e escravocrata e pela misoginia masculina, mesmo que, no discurso em que o respeito às mulheres se afirmava e afirma, muitas vezes se escamoteou e escamoteia relações de poder antagônicas. Embora na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho os homens afirmem categoricamente a existência de um respeito pelas mulheres, percebemos relações de poder extremamente desiguais nestes quase quatro séculos de existência, principalmente em relação à participação política das mulheres nas decisões administravas. Para Juan Wallace Scott (1995, p.88), cientista negra norte-americana,

O gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente nas tradições judaico-cristãs e islâmicas.

Algumas das leis do Compromisso eram colocadas em prática com mais ênfase, especialmente quando se tratavam das questões administrativas da Irmandade. Então, "naquele momento histórico [a Irmandade] era regida por homens, os homens é que mandavam" (SANDRA MARIA BISPO, ENTREVISTA, 13/12/12). As mulheres, de posse dos seus cargos, realizavam as diferentes atividades, planejamento das festas, ornamentação da igreja, visitas aos irmãos doentes, atividades de cunho social e recreativo etc., porém, eram alijadas de participar do processo de tomada de decisão nos atos formais da administração até o ano 1969 e no processo eleitoral. Suas reivindicações eram enviadas para a Mesa Administrativa por escrito, através do Prior ou de algum outro membro da Mesa, para apreciação e aprovação. Um fato interessante é que as mulheres que ocupavam cargos da Mesa de Honra, especialmente os de Priora e ou Vice-Prior, não tinham

cadeira especial ao lado do altar como tinham o Prior e o Vice-Prior, como também não podiam entrar na sala da Mesa<sup>42</sup>.

Na Igreja não tinha a cadeira da Priora, como tinha do Prior na frente do altar e nem na sala da Mesa, às vezes colocava uma cadeira comum A Priora Sandra mandou fazer uma para a sala da Mesa e outra para a Igreja. Concordamos na Mesa de Honra que a cadeira tinha que ficar ocupada com alguma representante da Mesa de Honra, se a Priora ou a Vice-Priora não tivesse presente alguma representante da Mesa sentava em frente ao Prior (Irmã Lourdes Bárbara, Entrevista 09/02/2013).

Na busca pela compreensão das relações de poder, nas entidades negras, é preciso entender que "[...] o poder é precisamente o elemento informal que passa entre as formas do saber, ou por baixo delas [...] por isso, ele é dito microfísico. Ele é força, relação de força e não força." (DELEUZE, 1988, p.43). Nesta perspectiva, nos ambientes religiosos de ascendência negra muitas vezes os conflitos nessas relações são escamoteados em nome de Deus, Jesus, do Orixá, do Santo e da solidariedade étnico-racial. Mas não podemos esquecer que as relações de poder são humanas, embora transcendam e perpassem por subjetividades. Sueli Carneiro (2003, p.4) contribui com nossa discussão quando ressalta que:

A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do movimento feminista, as contradições e desigualdades que o racismo e a discriminação racial produziram entre as mulheres, particularmente entre pretas e brancas no Brasil. O mesmo se pode dizer em relação á solidariedade de gênero intragrupo racial, conduziu as mulheres negras a exigirem que a dimensão de gênero se instituísse como elemento essencial das desigualdades raciais na agenda dos Movimentos Negros Brasileiros (CARNEIRO, 2003, p.4).

Podemos dizer que esses cargos possibilitavam embates também com mulheres brancas. Como já discutido anteriormente, o cargo de juíza de festas era disputado por mulheres negras e brancas, mas em alguns anos a maioria selecionada era branca. No período pesquisado pela historiadora Lucilene Reginaldo (2011, p. 342), "45 mulheres brancas" se tornaram irmãs na Irmandade do

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup> Sala específica na Irmandade onde acontecem as reuniões da Mesa Administrativa e da Junta definitória. Não pode ser usada para outro fim.

Rosário dos Pretos do Pelourinho. A autora destaca o privilégio deste grupo, pois "27 destas irmãs brancas ocupavam cargos de juízas" (Idem), estas eram eleitas pela Mesa Administrativa. Nesse sentido, a questão étnica também era elemento importante na eleição das juízas de festa, uma vez que as mulheres brancas, com seus privilégios no sistema colonial, apesar da opressão patriarcal, machista e sexista tinham alguns privilégios frente as mulheres pretas na sociedade escravocrata e o racismo não pesava sobre seus ombros. As mulheres brancas também possuíam condição econômica que possibilitava pagar a joia que fosse estipulada pela Irmandade, como bem enfatiza Lucilene Reginaldo:

Estes números, além de revelarem a importância da devoção ao Rosário entre as senhoras brancas, também confirmam o "lugar" reservado às mulheres em geral dentro das irmandades. Juíza era o cargo mais alto e de maior importância que podia ser exercido por uma mulher, negra ou branca. As senhoras declaradas brancas que ingressavam na irmandade fizeram parte de um seleto grupo de irmãs, mas, como as irmãs negras, estiveram afastadas da mesa diretora, pelo menos oficialmente. Talvez isso possa explicar, em parte, a flexibilidade para o ingresso destas senhoras, além, é claro, das gordas esmolas que poderiam acrescentar aos cofres da irmandade. (REGINALDO, 2011, p. 342-343).

Os homens e mulheres brancos (as) que se identificavam com a Irmandade e a frequentavam com regularidade, tendo uma atuação ativa e doando suas esmolas regularmente, eram agraciados com o título de irmão benemérito. Muitos padres receberam este título como, por exemplo, padre Hélio Rocha e padre Alfredo Dórea.

## 3.4 "PELA QUALIDADE DO SEXO": O COMPROMISSO, CARGOS E HIERARQUIA

A expressão "pela qualidade do sexo" fazia parte do Compromisso para legitimar a exclusão das mulheres do processo de tomada de decisão na Irmandade. Esta descrição aparece no Compromisso da Irmandade de 1820, (Capítulo XVI, p.20; permanecendo em 1872 e 1900 no Cap. I, Artigo 34<sup>43</sup>). Por mais de trezentos anos as mulheres negras do Rosário não exerceram o poder administrativo porque

<sup>&</sup>lt;sup>43</sup>Arquivo da Irmandade (Caixa 01, doc1, doc2, doc3, doc4).

uma das diretrizes do Compromisso de 1820<sup>44</sup>, 1872<sup>45</sup> e 1900<sup>46</sup> as excluíam. A sociedade brasileira colonial e pós-emancipação para a república, alicerçada por estruturas de poder patriarcal, sexistas, como também, pelos cânones católicos; contribuiu para que esta norma se reelaborasse na teoria e na prática. Embora já tenha sido extinta do Compromisso, seus resquícios ideológicos estão presente até nos nossos dias. Ver figura 24.

Figura 24 - Pirâmide dos cargos na Mesa Administrativa Masculina 1820 e 1872.



FONTE: Compromisso de 1820<sup>47</sup>. Elaborada com a colaboração do Designe Gráfico Felipe Coelho.

A Mesa Administrativa, "como cabeça da Irmandade, é a sede onde reside a disposição administrativa do estado econômico e religioso de sua instituição" (COMPROMISSO, 1872, Art.33, p.23). Os incisos 1º ao 5º do mesmo Artigo descrevem a função da Mesa Administrativa:

- 1- Governar no seu ano observando os poderes de junta, administrar economia os interesses da Irmandade. com zelo e
- 2- Representá-la quando se faça preciso perante as autoridades e tribunais públicos.
- 3- Conservar inabalável o Patrimônio de Nossa Senhora.
- 4 Guardar e fazer valer os dictames dos Compromissos.
- 5- Eleger de Irmãos da Nova Mesa.

De acordo com o Compromisso de 1872, um total de 13 irmãos compõe a Mesa Administrativa (um juiz, um escrivão, um tesoureiro, um procurador, nove

<sup>&</sup>lt;sup>44</sup> Arquivo da Irmandade (Caixa 01, Doc 1,) doc1A.

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup> Arquivo da Irmandade (Caixa 1, doc. 1 A).

<sup>46</sup> Idem, (Caixa 23, Doc. 1).

<sup>&</sup>lt;sup>47</sup> O Compromisso de 1872 não sofreu alteração dos cargos masculinos. Todas as decisões deviam ser discutidas e aprovada pela maioria dos membros da Mesa.

consultores). Os pré-requisitos para compor a Mesa Administrativa eram saber ler e escrever e ter boa reputação, além de não estar privado da liberdade. O referido Compromisso indicava que era "preciso para argumento das festividades da nossa padroeira, a designação de três juízas de festa. Para que se escolha uma, dentre as irmãs mais dedicadas ao culto e que reúnam estado moralizado, e aptidão pousa louvável desempenho deste cargo e bem assim mais doze mordomas" (COMPROMISSO, 1872, p.9).

Observamos uma hierarquia masculina nas decisões da Irmandade visto que, segundo os documentos analisados, as juízas eram eleitas após a apuração da eleição pelos irmãos Mesários da Mesa Administrativa, na qual se "[elegia] três juízas e 12 mordomas de festa mediante proposta do juiz e de acordo com o artigo 12" (COMPROMISSO, 1872, p.12).

Os primeiros cargos ocupados pelas mulheres na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho foram os de juízas, procuradoras e mordomas de festa. Estes cargos de poder frente às demandas sociais eram disputados por brancas e negras nos primeiros anos da entidade. Consideramos necessário acrescentar, para compreensão do contexto da Irmandade do Rosário, o papel dos mordomos de festa que todos os anos eram eleitos pela Mesa Administrativa para custear os gastos com a Festa de Nossa Senhora do Rosário, no mês de outubro de cada ano. Esta festa é o ponto alto da Irmandade. Nela, a organização, o brilho, a elegância dos paramentos e a distribuição farta de alimentos para todos os convidados sempre foram as principais preocupações dos irmãos do Rosário.

Em 1945 o Capítulo XVI do Compromisso, Artigo 4, a conotação sexual é mudada no documento oficial e a participação das mulheres na Irmandade é permitida com a restrição de "sem, contudo poder administrar". Na reescrita do Compromisso de 1949<sup>48</sup>, no Capítulo II, Art. 4, que trata da Administração da Ordem, assim se descreve a proibição ao assinalar os cargos masculinos e femininos:

A ordem será administrada por uma Mesa composta dos seguintes membros: 1 Prior, 1 Vice-Prior, 1 secretário, 1 tesoureiro, 1 procurador Geral, 1 Vigário de Culto, 1 Mestre de Noviços e 8 definidores. Além destes, haverá uma priora, uma Vice-Priora, uma Mestra de Noviças, uma Visitadora, uma

\_

<sup>&</sup>lt;sup>48</sup>AINSRP, (Caixa 1, Doc. 4)

Zeladora, uma Procuradora e oito Condignas, que não tomarão parte na Administração da Ordem.

Houve perseguições internas, acusação de insubordinação à Mesa Administrativa, por parte da Mesa de Honra; agressões verbais; ameaça de agressões físicas; suspensão por desrespeito à autoridade da Mesa Administrativa; queixa em delegacia das mulheres, devido à ameaça de agressão física por parte de irmão da Mesa às Irmãs da Mesa de Honra etc. A Mesa de Honra só tinha legitimidade interna se fosse da vontade da Mesa Administrativa.

Você entendeu que a prioresa estava do lado da Vice- priora e dos outros cargos paralelos, porém eles só tinham efetividade só realmente aconteciam a partir da Mesa Administrativa e da formação desses sujeitos. Se eles achassem que a gente podia atuar, tudo bem se não [...] 'barreiravam' mesmo. Porque ali existiam: médicos, contadores, administradores e pessoas simples com seu Rafael que foi usado pelos outros para prejudicar a Mesa de Honra, mas nós lutamos, lutamos [...] (SANDRA MARIA BISPO, ENTREVISTA, 13/12/2012)

A preocupação com o serviço oferecido aos convidados sempre foi uma das principais preocupações dos irmãos do Rosário. Assim ressalta o Compromisso de 1820, no Capítulo VII, se referindo aos Mordomos de festa:

Todos os anos elegerão os mordomos que acharão outros vocalmente para servirem a virgem Nossa Senhora e serão de doze para cima, pessoas idôneas e com posse, pois por conta deles corre todo gasto da Novena, Festa e Procissão, serão estes avisados, por cartas, ou sejão irmãos ou não, porque não sendo ficarão irmãos, e se lhe lavrará termo no qual se declare que entrou na Irmandade sendo Mordomo de Festa, depois de dar sua esmola, cujas despesas serão pagas ao arbitro da Mesa, o que muito recomendamos todo cuidado, belo para argumento da Irmandade.

Nesse contexto, mordomos, juízas e mordomas de festa eram cargos de poder anual, ou seja, anualmente essas pessoas faziam todo o planejamento e execução das Festas, especialmente da Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Outubro. Estes irmãos e irmãs do Rosário experimentavam e exerciam esse poder dinâmico e real que dava sustentação aos cargos da Mesa Administrativa. Os ocupantes destes cargos eram escolhidos através de eleição pela Mesa

Administrativa, exclusivamente masculina. Elas pagavam suas joias, que eram a taxa de entrada, e durante todo o ano, no período da festa, exerciam o poder de promover a festa de Nossa Senhora, ganhando todas as prerrogativas do privilégio de ser irmã. As mulheres se organizavam, viam as necessidades, arcavam com as despesas e atividades, mas não lhes era permitido participar politicamente das decisões administrativas. Mas é certo que estas influenciavam nas tomadas de decisões, observem a figura 25.



Figura 25 - Pirâmide dos cargos femininos 1820

FONTE: Compromisso de 1820<sup>49</sup>. Elaborada com a colaboração do Designe Gráfico Felipe Coelho.

As festas se constituíam e constituem como momentos de extrema importância e dinâmica da Irmandade, nesses momentos as relações de poder são exercitadas na prática. Observa-se a liderança, a divisão das tarefas, as habilidades de artísticas, gestão das finanças, reflexão coletiva e resolução de conflitos e problemas para que tudo ocorra dentro do planejamento no qual a maioria dos irmãos e irmãs concordaram e elaboraram com o aval da Mesa Administrativa.

O Compromisso de 1900 trouxe transformações, com mudanças significativas na distribuição e na quantidade de cargos administrativos. Aparecem nesse Compromisso os cargos de Prior, Vice-Prior, conforme figura 26, com diferentes denominações, as quais foram mantidas até a atualidade.

<sup>&</sup>lt;sup>49</sup> Em 1872, O Compromisso não sofreu alteração de cargos femininos nem masculinos.

Figura 26 - Pirâmide Cargos Mesa Administrativa Masculina 1900.



FONTE: Compromisso de 1900. Elaborada com a colaboração pelo Designer Gráfico Felipe Coelho.

Este Compromisso é o primeiro a registrar os cargos, e a dar legitimidade a uma Mesa formada por mulheres, que mais tarde viria a se chamar Mesa de Honra, as quais não exerciam o poder administrativo, mas ocupavam cargos semelhantes As funções sociais atribuídas às mulheres eram: zelar pelo patrimônio (zeladoras), visitar os irmãos e irmãs acompanhando as necessidades ( visitadoras) e cuidar e ensinar os conhecimentos da irmandade ( mestra de noviços) e desenvolviam diversas atividades, influenciando diretamente na Mesa Administrativa.

Figura 27 - Pirâmide dos cargos femininos no Compromisso de 1900



No período compreendido pela pesquisa (1969-2001) a administração da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho era composta de: Mesa Administrativa, Mesa de Honra, Junta Definitória e os irmãos e irmãs. Como não houve mudança no Compromisso, no período pesquisado,

mantiveram-se os cargos descritos pelo Compromisso de 1949, que conservou as deliberações do Compromisso de 1900.

Mesa
Administrativa(homens)

Mesa de Honra
(mulheres)

Junta Definitória
Assembléia geral

Irmãos e Irmãs

Figura 28 – Organograma da Administração da Irmandade (1969-2001)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados da pesquisa.

Após muitos embates, que serão tratados posteriormente, o Compromisso de 2001 (Cap. II, Art.4) instituiu uma Mesa Única, como já foi dito, adotando uma perspectiva inclusiva de gênero. Mas isso não significa que as mulheres tenham conquistado a tão sonhada igualdade na divisão do poder administrativo, pois não foram consideradas algumas das importantes conquistas e atividade da Mesa de Honra, como se vê nas falas das irmãs:

Protestamos como foi feita a reforma e retirou a Mesa de Honra, a gente não fez parte da comissão porque a mudança não ajudou a mulher [ela] perdeu lugar na Mesa administrativa somente. Tá no papel, mas na realidade hoje temos poucas mulheres atuando [...] (Imã Lourdes Bárbara, 09/02 2013). [...] A equipe era maravilhosa, mas eu acho que ficou muito naquele negócio de empatia mesmo. Você pensou, mas nós não queremos vocês aqui [...], não deixou falar as protagonistas, os cargos foram competentemente bem distribuídos Prior, Priora, mas como está escrito no compromisso a quantidade igual de cargos para homens e mulheres pode ser que a mulher nunca mais volte a ser Priora, apenas chegue ao máximo a Vice-Priora (SANDRA MARIA BISPO, ENTREVISTA, [...] 13/12/2012).

Diante do exposto, vale refletir que as transformações vão ocorrendo, todavia, as lacunas ficam e podem comprometer toda a estrutura e funcionamento de uma entidade, especialmente quando algumas aspirações de participação não são referendadas pelo documento escrito. A oralidade e a memória buscam na prática

da Irmandade respostas para esses anseios e inquietações, mas consequentemente não são suficientes para provocar mudanças significativas no interior da Irmandade, porque o machismo em grande ou pequena proporção permeia as relações cotidianas. A figura 28 mostra como foram distribuídos os cargos em 2001.



Figura 29 - Equidade nos Cargos de acordo com o Compromisso de 2001

Fonte: Compromisso. Elaborada pela pesquisadora.

É notório que a Irmandade, enquanto entidade religiosa e de luta pelos direitos dos (as) negros (as) livres, forros(as) e escravizados(as) em Salvador, reuniu esforços para negociar ativamente com seus membros, com a igreja e com a sociedade colonial o cumprimento de todas as diretrizes do seu Compromisso. Na prática, muitas coisas escapam ao compromisso, pois na dinâmica das relações e atividades muitas das diretrizes são questionadas e buscam-se mudanças para uma adequação ao momento histórico vivido. Provavelmente, muitas das demandas internas eram sufocadas, principalmente no que diz respeito ao registro da participação das mulheres na divisão do poder administrativo. Se bem que, na prática, elas tinham grande influência nas decisões. O quadro 1 apresenta, de forma simplificada, a distribuição dos cargos para homens e mulheres como aparecem nos Compromissos de 1820 a 2001, analisados.

Quadro 1 - Cargos para homens e mulheres nos Compromissos pesquisados

SEXO	1820	1870	1900	1949	1949	2001
Homens	Juiz (1)	Idem	Prior (1)	Idem	Idem	Prior (a) (1)
	Procurador	Idem	Vice Prior	Idem	Idem	Vice-Prior (a)
	Tesoureiro/esc rivão		Procurador Geral	Idem	Idem	Tesoureiro (a)
	Mesários	Idem	Tesoureiro Mordomo do culto	Idem	Idem	Procurador (a) Geral
			Mesários		Definidore s	Mordomo (a) de Culto
						Secretários (as) Mestre (a) de Noviços
						Definidores (as)
						Um casal de Visitadores
Mulheres	Juízas de Festa	Idem	Prioresa Sub- Prioresa	Priora (1)	MESA DE HONRA	
	Mordomas de Festa	Idem	Mestra de Noviças	Vice-(1) Priora	Idem, Idem	
	Condignas	Idem	18 condignas	Tesoureira (1)	Idem	
				Condignas Mordomas	Idem Idem	

FONTE: Compromissos 1820, 1879, 1900, 1949,e 2001<sup>50</sup>. Elaborado pela Pesquisadora.

## 3.5 RELAÇÕES DE PODER E O REGISTRO EM DOCUMENTOS

No final dos anos de 1960 e início dos anos 1970, mesmo antes da mudança no Compromisso que deu às mulheres do Rosário a legitimidade da participação no poder administrativo, os Irmãos da Mesa Administrativa começaram a demonstrar mais interesse pelas ações da Mesa de Honra e deliberaram para que um dos seus Membros acompanhasse as reuniões da Mesa de Honra, além de terem autorizado a presença da Priora nas reuniões da Mesa Administrativa, para que ela fizesse o

 $^{50} \text{AINSRP}$  (Caixa 1, doc.1, doc.2, doc.) (1949 , Documentação Avulsa) e (2001, Documento pessoal da pesquisadora.).

-

relatório das atividades desenvolvidas pelas mulheres. Vale conjecturar, que isso reflete duas posições: de um lado, um ato de controle e vigilância das ações das mulheres na Mesa de Honra e suas reflexões sobre a participação na Mesa administrativa. Por outro lado, a mais imprescindível posição que assinalou o início da deliberação para a participação das mulheres nas decisões.

Analisamos um conjunto de atas da Mesa Administrativa do período referente aos anos de 1969 a 1976, todas registradas no Livro de Atas da Mesa Administrativa de 1959 e 1974. De um total de noventa e cinco atas da Mesa Administrativa, poucas fazem referência à Mesa de Honra. O segundo livro cobre o período de 1976 a 2000 como registramos no quadro 3 e 4. Contudo, encontramos nesses documentos algumas informações imprescindíveis para o enriquecimento da nossa pesquisa.

Quadro 2 - Atas utilizadas na Pesquisa 1959-1974

DATA DA ATA	PÁGINA DO LIVRO
08/01/1961	p.10
01/08/1965	p.72
Ata especial 19/11/1967	p. 105 e verso
21/09/1969	p. 126 verso
05/10/1969	p127, 128 e verso
03/10/1971	p.151 e verso, 152 e 153
Reunião em junta09/07/1972	p.172
Reunião em junta12/08/1973	p.177 e verso, 178, 179 e 180

Fonte: Livro de atas da Mesa Administrativa da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho1959-1974

Quadro 3 - Atas utilizadas na Pesquisa 1974-2000

DATA DA ATA	PAGINA DO LIVRO
01/11/1980	p.25 e verso
05/04/1981	p.26 e verso
18/03/1984	p. 43
05/08/1984	p.45 e verso, 46
10/03/1988	p.53
10/04/1988 Preparação do centenário da abolição	p. 92 e verso,93 e verso, 94
22/O5/1988	p.95 e verso
24/07/1988	p.98
Registro visita das duas mesas ao Arcebispo Dom	p.109 verso
Reunião em junta 25/ 09/1988	p.101 e verso, 102
11/12/1988	p.107

02/01/1992	p.121	
11/12/1994	p.133 verso	
13/04/1995	p.139 e verso, 140	
21/05/1995	p.141	
23/07/1995	p.142 e verso,	
06/08/1995	p.144 e verso, 145	
12/08/1995	p.145 verso e 146	
13/04/1997	p.164 verso	
13/07/1997	p.167verso	
14/10/1997	p.173	
Termo de posse mesa 1999-2000	p.177	
Estudo do compromisso12/12/1999	p.179	
06 /05/2000 reunião da mesa em junta	Documento Avulso, sem	
	paginação.	

Fonte: Livro de atas da Mesa Administrativa da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho. 1974-2000. Elaborado pela pesquisadora.

Em Ata da Sessão Ordinária da Mesa Administrativa de 21 de setembro de 1969 (Caixa 6, Doc. 1, p.126 e verso), o Irmão, Vice-Prior, José Ernandes Santos sugere que a Mesa Administrativa mande um dos seus membros para assistir à Sessão das Irmãs, visto que eles não sabiam nada sobre o relatório delas. O Irmão definidor Cristovão relatou que nunca tinha ido uma Priora para apresentar relatório. Na sua fala, o Prior Manoel Alves Muniz afirmou em reunião da Mesa Administrativa que: "nunca teve mais [Sic] agora tem uma" (ATA, 21/09/1969, p. 126). Observa-se que já vinham acontecendo, nos bastidores, discussões e reivindicações das irmãs sobre participar da Mesa Administrativa. Nota-se também uma resistência por parte de alguns irmãos.

Retomando a palavra, o Definidor Cristovão enfatizou: "é justo que a Mesa saiba de alguma coisa sobre elas, porque a Ordem é governada por uma Mesa". Franqueando sua fala, o Definidor Júlio Silva ressaltou que era justo "para não ficar parecendo que tem duas Mesas", sugerindo fazer um convite para "ela aparecer na nossa audiência no dia 05 de outubro de 1969" (ATA, 21/09/1969, p. 126, verso). Todos concordaram, e a primeira Priora a participar de uma reunião da Mesa Administrativa foi a Irmã Jandira Muniz Pereira. Essa fala revela que, devido às atividades realizadas, as irmãs já detinham o poder, que se manifestava através do trabalho que realizavam. A fala do Definidor sugere que já havia um poder paralelo,

que não estava formalizado pelo Compromisso, no entanto, real e efetivo, e que já incomodava alguns irmãos.

Podemos, também, observar, pelas falas de alguns Irmãos da Mesa, que havia um medo de que isso acarretasse a divisão do poder. Enquanto que alguns irmãos, de certa forma, tinham a intenção de fiscalizar as atividades da Mesa de Honra, para se prevenir de uma possível organização das irmãs, com vistas a abalar o poder administrativo concentrado em suas mãos; Outros, já influenciados pelas transformações políticas, sociais e de direitos civis e das mulheres, que vinham ocorrendo em todo o país a partir da revolução de 1968, buscavam uma maior aproximação com a Mesa de Honra, possibilitando a abertura para as irmãs.

A Priora leu seu relatório e todos ficaram bastante emocionados, com que vem fazendo para o bem da ordem. Então teve um louvor do Irmão Sr. Estevão de todo o coração pela sua administração à Ordem e que continuem seus trabalhos às irmãs que estão trabalhando unidas também (LIVRO DE ATAS DA MESA ADMINISTRATIVA, ATA DO DIA 05/10/1969, P.127-128, verso).

Voltamos a observar que o irmão secretário da época que fez o registro em ata, neste momento ímpar; também não descreveu nenhuma palavra proferida pela Priora Jandira, nem, tampouco, quais foram as atividades que a Mesa de Honra estava desenvolvendo na dinâmica da Irmandade. Depois desse episódio, a Priora só volta a participar de uma reunião da Mesa Administrativa em 03 de outubro de 1971<sup>51</sup> com a sua Vice-Priora Joana Dulcelina de Castro. Em 09 de julho de 1972<sup>52</sup>, em sessão ordinária, os irmãos reafirmam que a Priora Jandira tinha acesso às reuniões da Mesa Administrativa. Isso porque ainda tinham irmãos, sobretudo aqueles que ocupavam cargos administrativos, que questionavam a presença da Priora.

Em reunião no mês de agosto de 1972, a Priora se disse surpresa ao ser comunicada de que teria de apresentar os nomes para montar a Mesa de Honra daquele biênio. Ela respondeu que na próxima reunião daria a lista com os respectivos nomes. Para a liderança, em comum acordo, elas discutiam os perfis das irmãs, indicando as que apresentassem mais habilidades para os cargos. Às

\_

<sup>&</sup>lt;sup>51</sup> AINSRP, CAIXA 6, Doc. 1 Ata da Mesa Administrativa, 03 de outubro de 1971, p.151 e verso, 152 e verso e 153.

<sup>&</sup>lt;sup>52</sup> IDEM, Ata da Sessão Ordinária de 09 de julho de 1972, p.162.

vezes uma Priora ficava por alguns biênios no cargo, outras vezes revezavam. Elas preocupavam-se com a formação de novas líderes no interior da Irmandade. Isso era uma prática informal na entidade para garantir o bom funcionamento.

Muitos ganhos significativos, para nós, irmãs do Rosário, foram registrados na Ata da Reunião de Junta<sup>53</sup> onde, pela primeira vez, a Ordem reúne homens e mulheres para refletirem juntos sobre as questões de poder interno. A Ata histórica de 12 de agosto de 1973<sup>54</sup>, de cujo conteúdo poucos irmãos e irmãs da contemporaneidade têm conhecimento, demarca um novo momento para a Irmandade, a união de ambas as Mesas, reconhecendo a primordial colaboração da Mesa de Honra para a vivificação da Irmandade:

[...] da Reunião de Junta da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora as Portas do Carmo as deliberações da Reunião que pela primeira vez, esta Ordem cuja Mesa foi empossada no dia 28 de outubro de 1972<sup>55</sup>, para não ficar no marasmo que vinha de somente a Mesa Administrativa resolver tudo sozinha, sem que os irmãos e irmãs tivessem conhecimento do que a Ordem faz e precisava e do que a Mesa de Honra colaborasse, onde a mesma se reúne mensalmente e que também tem direito desde a gestão passada, onde a Mesa Administrativa tem acesso por ocasião das mesmas reuniões como seja Priora, Vice- Priora e Procuradora Geral (LIVRO DE ATAS MESA ADMINISTRATIVA 1959-1974, ATA 12/08 1973, p.177).

Houve Irmãos que, mesmo com tanto tempo de existência da Mesa de Honra, se escandalizaram por haver uma tesouraria paralela. Como exemplo, podemos citar o Irmão Aloísio Rocha que "se escandalizou em haver duas tesourarias, uma da ala feminina e outra da Mesa Administrativa". Na opinião dele, todo dinheiro deveria ser recolhido ao Tesoureiro da Mesa Administrativa. Naquele momento, a Prioresa

<sup>54</sup> IDEM, Ata da Reunião em Junta da Venerável Ordem 3ª de Nossa Senhora às Portas do Carmo, 12 de agosto de 1973, p. 177 e verso, 178 e verso, 179 e verso e 180. A localização dessa ata contribuiu para corrigir a informação dada em depoimentos e que é ventilada por alguns irmãos na oralidade de que a primeira reunião das duas mesas aconteceu somente por volta de 1990.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>53</sup>Reunião de *Mesa em Junta* refere-se á reunião das duas Mesas (Administrativa e de Honra) e mais alguns irmãos convidados ou ainda podemos dizer que era a Assembleia Geral, embora não usasse esta designação. Homens e mulheres discutindo as questões importantes da Irmandade, inclusive as relações de poder. A primeira reunião ocorreu em 28 de outubro de 1972.

<sup>&</sup>lt;sup>55</sup> Componentes da Mesa Administrativa de 1972: Prior Sr. Manoel Souza Galvão; Vice- Prior Olímpio França; 1º Secretário Antenor de Santa Cecília; Tesoureiro José Emídio dos Santos; Procurador Geral Manoel Alves Muniz; Vigário de Culto Afonso Júlio Vieira; Mestre de Noviços Júlio Silva; dois dos definidores: Arnoldo Manoel do espírito Santo, Aroldo Vicente de Oliveira. Mesa de Honra: Priora Profa Jandyra Muniz Pereira; Vice Priora Profa. Joana Dulcelina de Castro; Procuradora Geral Albertina Antonia Cordeiro.

Jandyra Muniz Galvão interveio na discussão, dizendo lamentar a censura feita pelo Irmão, pois ele não era assíduo na Ordem, por isso achava uma aberração (IDEM, 12 de agosto de 1973, p.178).

Nota-se, através da análise dos documentos, que as mulheres tinham uma atuação forte e gozavam de autonomia administrativa e de poder. Este poder, não regulamentado nem reconhecido pelo Compromisso, era efetivo na prática, consistente e determinante para a vida da instituição do que o poder auferido por um documento oficial. Não fosse assim, os homens não estariam protestando.

Outro fato importante daquela reunião histórica foi que, a partir dessa data, as mulheres passaram a ter voto na escolha dos membros da Mesa Administrativa. Como descreve o documento, após muitas discussões sobre esses assuntos, o Prior Irmão Manoel Souza Galvão, de posse da palavra, propôs aos irmãos que, diante do fato exposto pela Prioresa, ele achava uma incoerência as Irmãs não terem direito a voto, pois elas pagavam a mesma joia contribuindo para a Ordem, muitas vezes, mais que os irmãos e não tinham o direito de escolha daqueles que deveriam dirigir a nossa Casa. Em 1976, a Mesa Administrativa volta a discutir sobre o direito ao voto das mulheres e ratifica a permissão para as irmãs participarem do processo eleitoral da Mesa Administrativa. Nesta ocasião, os irmãos não registraram nas deliberações nenhuma atividade da Mesa de Honra.

O Irmão Prior propôs que as mulheres possam ajudar a dirigir o destino administrativo da nossa ordem podendo escolher entre si candidatas a Priora. Posta em apreciação depois de muitos debates foi votado por maioria sendo dois votos contra, sendo que a partir desta data fica para conhecimento de todos que as irmãs já podem votar. Com a palavra o Senhor Prior comunica a Prioresa e a todos os presentes que o mais breve possível tentarei de saldar os débitos. O Vice- Prior Olímpio França congratulando-se a participação e colaboração da Mesa de Honra o quanto ele trabalhou em gestão passada para que as irmãs tivessem assento à Mesa e jamais conseguiu (LIVRO 1959-1974, ATA DA REUNIÃO EM JUNTA, 12 DE AGOSTO DE 1973, p. 179).

Os débitos de que se fala acima, referem-se aos recursos arrecadados pela Mesa de Honra através da mensalidade de CR\$ 3,00 (Três Cruzeiros, do ano de 1973) que as irmãs pagavam para a manutenção do Culto e mais CR\$ 10,00 (Dez Cruzeiros, do ano de 1973) anuais para o presente de Nossa Senhora do Rosário. A Mesa Administrativa da gestão anterior tomou a título de empréstimo da Mesa de

Honra CR\$ 589,00 (Quinhentos e oitenta e nove Cruzeiros, do ano de 1973) e não havia devolvido, prejudicando as atividades que a Mesa de Honra já desenvolvia por muitos anos, impedindo-a de realizar seu planejamento. A esse respeito, a Priora relatou que seria inviável liberar todo o recurso para o empréstimo.

Se nós déssemos a nossa quantia ao tesoureiro da Mesa Administrativa como poderíamos requisitar na ocasião oportuna? Não quero dizer com isso que o nosso tesoureiro não é de confiança, mas o não planejamento dos trabalhos na Mesa Administrativa da gestão passada deu margem a isso, onde aqui estão os documentos comprovando o que a mim foi entregue é que passo as mãos do Senhor Prior. [...] As Mesas das gestões passadas nunca deram reconhecimento e apoio a colaboração das Mesas de Honra, pois muita coisa aparecida não se fazia alusão às irmãs que presentearam, no entanto, nós da ala feminina sempre gastamos, como sejam paramentos dos altares e altar- mor, paramentos dos padres, café da manhã nos dias de festa e etc. (IDEM, 178, verso).

Tudo indica que as irmãs tinham uma boa gestão dos recursos financeiros. Ao fazer uma articulação das observações obtidas, constatamos que as mulheres geriam um recurso que chegava regularmente a elas. Esse recurso era devido a iniciativa que tinham de fazer coleta de recursos junto à comunidade, recurso que sempre chegavam, pois dependia delas a arrecadação. E, caso contrário, articulavam diferentes alternativas como veremos mais adiante.

Ao observar o Livro de Atas da Mesa Administrativa da V. O. T. Irmandade do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo, com início em 02 de junho de 1974 a 27 de julho de 2000, verificou que entre os anos 1976 a 1979, não foram registradas as atas e nem as atividades que a Irmandade realizou durante este período. No ano de 1980 foram registradas duas atas. Na Ata do dia 01 de novembro de 1980<sup>56</sup>, onde constava uma a discussão sobre o cumprimento do horário das Missas, pois o Padre João Cassará, capelão da igreja na época, não estava mantendo a regularidade dos horários das celebrações.

A Prioresa Jandyra diz, usando da franqueza que tem uma crítica construtiva, pois, em determinada ocasião o Padre João Cassará, teria dito que a nossa Igreja parecia "Igreja Brasileira", pois Santo Antônio de Categeró, ou Categerona pertence à Igreja Brasileira. Talvez o Senhor não esteja bem entrosado por isso mesmo lhes foi

-

<sup>&</sup>lt;sup>56</sup> AIRNSP Livro de Atas da Mesa Administrativa da V. O. T. Irmandade do Rosário de Nossa Senhora às portas do Carmo (1974-2000); Ata do dia 01/11/1980, p. 25 e verso, sem catalogação.

entregue a carta de Santo Antônio de Categeró, afim de que o Senhor tome conhecimento com referência ao mencionado Santo. (LIVRO DE ATAS MESA ADMINISTRATIVA 1974-2000, ATA, 01/11/1980, p. 25 e verso).

O Padre Cassará por sua vez, não respondeu ás crítica da Priora Jandyra, apenas justificou sobre a doença de sua mãe e que sua presença não estivesse sendo satisfatória, ele voltaria para onde estava servindo antes. Outros membros da reunião também não discutiram o assunto. Na ata posterior não foi retomado o assunto e nem houve referência às atividades das irmãs.

Em 05 de abril de 1981 a Ata assinala na discussão sobre a Reforma do Compromisso, que Irmão Feliciano do Espírito Santo pede informações referentes ao Compromisso ou aos Estatutos que pelo que se "vê já está ultrapassado, houve uma época em que estava se providenciando sua reforma e, nunca mais se tratou desse assunto" (Idem, p.26 e verso). De acordo com os registros da Ata, O Prior Manoel Galvão fez várias explicações sobre o assunto, inclusive disse que esteve com o então Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil Dom Avelar Brandão Vilela, para discutir sobre a reforma do Compromisso, e este lhe orientou que não mexesse no Compromisso da Venerável Ordem. A justificativa era de que a reforma prejudicaria alguns benefícios que a Irmandade poderia receber. Ficou acordado na época de se elaborar um regimento interno. Coisa que não ocorreu.

Ainda tratando da Reforma do Compromisso, a Priora Jandyra, ao franquear a palavra naquela reunião, fez ponderações com referência às aprovações de assuntos religiosos, pois, se reuniam até cem vezes para aprovar um assunto. Ela questionou o irmão Feliciano, enquanto Procurador geral, se ele assumiria a responsabilidade da reforma, uma vez que, precisava formar uma comissão de quatro irmãos para estudar o documento. O Irmão, por sua vez, respondeu negativamente. Observa-se, conforme os registros documentais, que não foi formada a comissão e nem a Mesa aprovou as mudanças. Na prática, as irmãs já viam exercendo um poder, ocupando espaços nas discussões e influenciando nas decisões, contudo, a legislação ainda continuava sem transformações.

Observamos que existem lacunas no registro das atas, como já foi mencionado anteriormente. Entre abril de 1982 a junho de 1983, a Mesa Administrativa não registra, novamente, suas reuniões no Livro de Atas. Em 18 e

março de 1984, foi registrada na Ata<sup>57</sup>, pelo Primeiro Secretário, Asclepiades Alves Fernandes, que "a Prioresa Jandyra Muniz Galvão, apesar de não fazer parte da Mesa Administrativa, mas como faz parte das reuniões" (Livro de Atas 1974-2000, p. 43) encontra-se presente à reunião. Fica evidenciado que os irmãos estão sempre a enfatizar que as irmãs não participam da administração. É importante destacar que, apesar das irmãs não participarem da administração maior, das decisões mais gerais; no dia a dia, elas geriam a irmandade com competência em parceria com os irmãos. Embora a reunião tenha tratado de muitos assuntos só esse comentário foi colocado pelo secretário, sem mais nenhuma referência à Mesa de Honra.

Havia uma preocupação com a disciplina e a ordem nos momentos de reuniões, uma vez que, em alguns momentos, os ânimos ficavam exaltados. Isso foi notado pela Priora Jandyra Galvão na Reunião da Mesa Administrativa em 05 de agosto de 1984 (Idem, p.45, verso, e 46). "Precisamos ser um pouco disciplinados quando qualquer membro estiver fazendo o uso da palavra, pois está havendo muita interpelação, e no fim ninguém se entende." Isso é uma questão muito relevante quando se trata de exercer o poder de refletir sobre diferentes problemáticas da Irmandade. Garantir o exercício e a liberdade da reflexão num ambiente eminentemente machista é tarefa importante para evitar os atritos quando das discordâncias de opiniões.

Em 1985, Izabel Machado da Cruz, hoje com cento e um anos de idade, foi eleita Priora em substituição à Priora anterior que havia falecido. A nova Priora, estando presente em sessão extraordinária da Mesa Administrativa, em 10 de março de 1985, demonstrou preocupação com a falta de prestação de contas da Mesa Administrativa. "A Irmã Priora com a palavra diz que a Mesa Administrativa dormiu no ponto, deveriam exigir em tempo hábil, criticando porque a Mesa está deixando demorar a prestação de contas, e que já deveriam ter tomado providências neste sentido" (LIVRO DE ATAS 1974-2000, p.53, verso, e 54). Notamos, com isso, as mulheres no exercício efetivo do poder, assumindo o acompanhamento e o controle, embora não tivessem, ainda, oficialmente tais funções. Ousavam falar, se sentiam autorizadas a tal.

A Irmã Martinha, tesoureira da Mesa de Honra, que também estava presente na reunião acrescentou:

-

<sup>&</sup>lt;sup>57</sup> Ata da Sessão Ordinária da V.O.T. do Rosário de N. S. às portas do Carmo, (AINSRP, Livro de Atas da Mesa Administrativa 1974-2000), p. 43 verso).

Com a palavra a tesoureira também da Mesa de Honra Irmã Martina, disse que se deve haver sinceridade, afirmando que foi um erro em não se tomar providências que devemos logo providenciar a prestação de contas, apesar de nunca ser convidada para assistir à reunião da Mesa Administrativa, como tesoureira tinha contas a prestar. Inclusive, tomaram trinta mil cruzeiros (Cr\$ 30.000), por empréstimo para as festividades de Nossa Senhora, ao cofre de Santo Antônio de Categeró e não foi devolvido e não houve explicação por parte dos senhores (IDEM, p. 53).

Vários membros da Mesa Administrativa justificaram que a Irmandade estava com problemas nas finanças, e que, assim que organizassem tudo, devolveriam ao caixa da Mesa de Honra a quantia emprestada. As irmãs se dispuseram a esperar, e deixaram claro que tudo que elas faziam era para o bem e o engrandecimento da Ordem.

Em 1985 foram eleitas as duas Mesas para o triênio 1985-1988. Listamos, a seguir, alguns membros que foram eleitos a compor a Mesa Administrativa: Prior Antenor de Santa Cecília, Vice-Prior Rafael Gonzaga de Cerqueira, 1º Secretário Neilton dos Santos Barreto, entre outros<sup>58</sup>. Enquanto que na Mesa de Honra tivemos a eleição da Priora Ivone Silva da Paixão, Vice-Priora Abgail do Espírito Santo Barbosa, Procuradora Geral Izabel Machado da Cruz, entre outras<sup>59</sup>. A gestão da Mesa Administrativa, iniciada no ano de 1985, fez os registros das atas de todas as reuniões mensais. Embora a presença de membros da Mesa de Honra conste nas assinaturas destas atas, não foram mencionadas as falas ou aportes das representantes. Na Ata de 26 de janeiro de 1986 consta o registro do ofício da Priora Ivone da Silva Paixão solicitando licença por noventa dias por motivo de viagem, indicando Vice-Prioreza Abgail do Espírito Santo Barbosa para substituí-la.

O Irmão Neilton dos Santos Barreto, 1º Secretário, informou aos presentes que o que a Mesa de Honra arrecadava deveria ser gasto com as atividades sociais

-

<sup>&</sup>lt;sup>58</sup> 2º Secretário Asclepiades Alves Fernandes, Tesoureiro Antônio Conceição da Silva, Procurador Geral Valério Joaquim dos Santos, Vigário de Culto Júlio Silva, Mestre de Noviços Nicanor de O. Ferreira, Definidores: Raimundo Pimentel, Januário Terêncio Gomes, Virgílio Ribeiro dos Santos, Valdemiro Miguel França, Osvalrisio do E. Santo, Ricardo Nogueira, Gonçalo dos Santos e Antônio Jaime da Silva.

<sup>&</sup>lt;sup>59</sup> Tesoureira Mirian Vicência da S. Santos, Secretária Maria Bonfim Vidal, Mestra de Noviças Nolair Bomfim, Zeladoras Lídia Regina de Jesus e Martinha Guedes dos Santos, Visitadoras: Maria Máxima Francisca, Raimunda Nonato Conceição, Maria da Natividade Ramos. Condignas: Albertina A. Cordeiro, Eremita Maria Pereira, Miguelina Sena Cerqueira, Argemira Silva Santos, Elisete S. Nascimento, Constância Portela, Valdelice de Jesus e Domingas Souza Santos.

da Ordem, e, logicamente, feita a prestação de contas à tesouraria. Foi avisado que ocorreria uma reunião da Mesa em Junta (Assembleia Geral) em 28/09/1986. Essa reunião não ocorreu em data prevista, vindo a ocorrer em 22 de maio de 1988<sup>60</sup>.

Em 10 de abril de 1988, ano de comemoração do centenário da "Abolição da Escravatura no Brasil", a Mesa Administrativa da Irmandade refletiu sobre o Movimento Abolicionista na Reunião, e preparou uma Missa simples, mas com a exposição de artistas negros.

O Irmão Neilton Barreto Secretário solicitou ao Padre Helio Rocha que fizesse uma explanação sobre o Movimento Abolicionista no Brasil. O Padre começou falando das leis do Ventre Livre, Sexagenário e Áurea. Concluindo que estas leis, em vez de trazer um grande benefício para os negros escravizados foram usadas para iniciar o processo de marginalização dos negros. Por isso, embora tenham trazido melhoras, elas não ampararam os ex-escravos nas suas necessidades, deixando-os desabrigados e sem condições de se manterem de forma descente. Fazendo com que uma grande maioria caísse na mendicância e prostituição (LIVRO DE ATAS DA MESA ADMINISTRATIVA, ATA DO DIA 10/04/1988, p.93, verso).

Na Reunião de Mesa em Junta citada acima, além dos vários assuntos tratados, a Priora Ivone Silva Paixão demonstrou preocupação com a baixa frequência das Irmãs e disse:

Está muito aborrecida e descontente com os irmãos por causa da falta de apoio e de compreensão na parte da Mesa de Honra. Citou que as reuniões eram concorridas e começou a diminuir a frequência. Disse que ela não gosta de mandar porque entende que todas as irmãs sabem suas obrigações e que não temos empregados e acha que todas as irmãs têm obrigações em decorrência do cargo que ocupa e da consciência. Citou um incidente ocorrido no dia 13 de maio de 1988 que uma irmã não se comportou como se deve comportar na irmandade. Concluindo disse que esperava que na festa não tivesse os mesmos problemas. E, que estava a disposição para ajudar. (LIVRO DE ATAS MESA ADMINISTRATIVA, ATA MESA EM JUNTA 22 de maio de 1988, p. 95 e verso).

Refletindo sobre a situação colocada acima pela Priora Ivone Silva Paixão, o então Prior Antenor de Santa Cecília disse que "em todas as entidades têm dessas coisas" (IDEM, p.195, verso). Ao que o irmão Leocádio replicou dizendo que "a culpa

\_

 $<sup>^{60}</sup>$  Livro de Atas 1974-2000, Ata do dia 14 de setembro de 1986, p. 74 e verso.

era da Mesa que colocou pessoas sem a devida competência" (IDEM, p.195, verso). Retomando a discussão, a Priora Ivone "disse não concordar porque não houve uma eleição com a apresentação de chapa, uma eleição normal" (IDEM, p.195, verso). O irmão Neilton volta a se pronunciar, afirmando que "a eleição foi normal sim, dentro das normas do compromisso, o que não houve foi uma discussão sobre as pessoas que comporiam a chapa". (IDEM, p. 95, verso). A discussão foi ampla com a participação de vários irmãos e irmãs.

O irmão Leocádio disse que só depois de 1985, ele voltou à Irmandade, porque não concordava com as pessoas que comandavam a ordem, dizendo que não se colocava homens nos cargos e sim dava cargos a homens. O Irmão Neilton disse que o Irmão Leocádio também era responsável porque se omitiu e lembrou que se todos os irmãos que não concordam com uma determinada linha de ação de uma gestão se afastar da Irmandade, fatalmente ela acabará. Acrescenta ainda que é aí que os irmãos devem se unir, combater as coisas erradas e se for possível destituir aqueles que estão errados. Franqueada a palavra à Irmã Vice-Priora Abgail do E. S. Barbosa reclama da situação da irmandade, falando da falta de colaboração, afirmando que se cada um cumprisse sua obrigação tudo entrava nos eixos (IDEM, p.95 verso).

Esses fatos discutidos no documento acima têm pertinência, e muitos dos irmãos apresentam uma postura sensata ao refletir sobre a problemática que está sendo discutida. Efetivamente, a eleição, como determina o Compromisso, poderia ser de consenso e muitas vezes a reflexão sobre quem comporia a chapa não ocorria em tempo hábil de uma avaliação demorada e criteriosa dos irmãos. O próprio compromisso determina menos de um mês para organizar a chapa e ocorrer à eleição. Sobre as eleições o Compromisso de 1949 no Capítulo XVII estabelecia que:

Art.51 A Mesa Administrativa da V. O. 3ª do Rosário de Nossa Senhora será eleita bienalmente pelos Irmãos Mesários em exercício e 16 Irmãos professos de preferência ex-mesários sob a presidência Revmo. Comissário ou quem suas vezes fizer. Art. 52 Perde o direito de elegibilidade os irmãos que estiverem incurso no Art. 16<sup>61</sup> e seus parágrafos e os que devem joias até o dia da eleição, os que deverem à ordem por qualquer motivo, os noviços ou não professos

impressas conta a Mesa (COMPROMISSO, 1949, p. 16).

\_

Art. 16 será eliminado sem direito a indenização alguma o Irmão que: §1º Que se de conformidade demitir. §2º Que mudar de religião. § 3º Que cometer homicídio voluntário. §4º Que for condenado por crime infamante.§5º Que lesar a Ordem por qualquer forma, ficando ela com direito de chamá-lo em juízo para ressarcir o dano ou prejuízo causado.§ 6º Que sem causa justificada fizer publicações

e os empregados ainda que trabalhem sem remuneração. Art. 53 Os irmãos Mesários só poderão ser reeleitos uma vez para o mesmo cargo, exceto o irmão Prior que poderá ser eleito quantas vezes suceder com a aprovação da autoridade diocesana. [...] Art. 56 Não poderá ser eleito Prior ou Tesoureiro o Irmão que pleitear para si a eleição, porque sendo estes cargos de confiança, esta as inspira, e não se impõe, o que denota interesse inconfessáveis que redundam sempre em prejuízo da Ordem. Art.57 A reeleição de toda a Mesa depende de autorização da autoridade diocesana.

[...] Art. 59 No primeiro domingo de Outubro, reunida a Mesa, cada um dos mesários apresentará dois nomes de Irmãos que tenham sido Definidores e cada definidor 2 nomes para substituí-los; postos em votação cada um por sua vez serão classificados conforme o número de votos obtidos se forem aceitos; se, porém, o escrutínio rejeitar algum, outro nome será apresentado por aquele que o propôs até completar a lista. Concluído este trabalho o Irmão Prior apresentará dois nomes de Irmãs para Priora; 2 para Vice-Priora, 2 para mestra de Noviças e cada um dos membros da Mesa 2 nomes para Condignas; seguindo-se o mesmo processo até completar a lista e tudo deve ser consignado na ata (COMPROMISSO, 1949, p. 27 e 28).

Para tanto, no prazo máximo de três dias a lista com as chapas devem ser afixadas em mural, em área de grande circulação, para que os irmãos leiam e também se sintam convidados à eleição. Tem também a convocação escrita para a eleição que se procede no 3º domingo de outubro, ao fim de cada biênio, às 15 horas. O número de eleitores se encerrava ao completar 31 membros (Compromisso, 1949). O documento assim descreve a eleição:

Art. 65 Deferido o juramento, o Irmão Prior declinará o nome do Irmão e do cargo para que se votar, o Irmão Secretário irá chamando cada eleitor para deitar na urna a esfera branca se quiser aprovar e em a preta se rejeitar; concluída a votação do 1º nome apura-se para ulterior classificação; e segue-se do mesmo modo até o último cargo, passando-se imediatamente a eleição dos Mesários, observada as mesmas formalidades (IDEM, 1949, p.29).

Com a reforma do Compromisso 1999-2001 houve muitas alterações nos capítulos, artigos foram suprimidos e outros tiveram seus conteúdos resumidos. As transformações de linguagens se adequando ao momento atual. Muitas atualizações foram acrescentadas, dentre elas a adoção da questão de gênero na descrição dos cargos. Vejamos algumas alterações que se apresentam no Capítulo XIX, Art. 59:

A Mesa Administrativa da Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora será eleita em três anos, pelos Irmãos Professos,

sob a presidência do Capelão da Irmandade, ou quem suas vezes fizer, na composição de chapa que contenham todos os seus membros. [...] Art. 63 no primeiro domingo de setembro do final do triênio, a Mesa se reunirá para analisar a normalidade das chapas, que deverão ser compostas de um Prior (ou Priora), um Vice- Prior (ou Vice-Priora), um Secretário (a), um segundo Secretário (a) um 1º Tesoureiro (a), um 2º Tesoureiro (a), um Mordomo, um Mestre (a) de Noviços, de 8 (oito) definidores e de um casal de Visitadores (COMPROMISSO, 2001, p.21-22).

Outra mudança significativa é que este Compromisso aprova uma comissão eleitoral composta por cinco membros, quatro escolhidos entre os irmãos, presididos pelo Capelão, para "proceder à eleição, apurar os votos e proclamar a chapa vencedora, cuja comissão deverá lavrar ata circunstanciada de todo o seu trabalho" (COMPROMISSO, 2001, p. 21) E, o horário de início da votação que no Compromisso anterior iniciava-se às 15hs, foi alterado, ficando das 8hs ás 17hs, em seguida o início da contagem dos votos até ás 18hs. Contudo, a posse da Nova Mesa Administrativa se mantém de acordo ao Compromisso anterior, e se dará conforme descrito no Artigo 66º:

A posse dos novos eleitos será no dia da Festa de Nossa Senhora Padroeira, após a Procissão intramuros com S.S. Sacramento, conforme a praxe nesta Venerável Ordem perante a Mesa Administrativa, com a presença do Capelão, que referirá o juramento sobre o Livro dos Santos Evangelhos (COMPROMISSO, 2001, p. 23).

Após os devidos aprofundamentos sobre o processo eleitoral, retomamos aos registros feitos pela Mesa Administrativa no que se refere à Mesa de Honra e a atuação das mulheres na Irmandade. Em 24 de julho de 1988, ocorreu mais uma reunião da Mesa em Junta para apresentação das chapas eletivas para o biênio 1988-1991. Entretanto, não foram apresentados os nomes concorrentes. Os Irmãos discutiram bastante sempre a luz do Compromisso, mas não chegaram a um consenso (LIVRO de ATAS 1974-2000, p.98). Nesta reunião ainda não se efetivou os nomes dos respectivos candidatos Marcaram outra reunião para o dia 28 do mês seguinte.

Na reunião seguinte, em 28 de agosto do mesmo ano, ocorreu a discussão e a organização para composição da chapa eletiva. A eleição ocorreu em 02 de outubro, sendo eleitas as Mesas:

Mesa Administrativa; Prior Valério Joaquim Santos, Vice- Prior Rafael Gonzaga de Cerqueira, Secretário Antônio Jaime da Silva, Tesoureiro Roberto Ferreira Santos, Procurador Geral Antenor de Santa Cecília, Vigário de Culto Júlio Silva, Mestre de Noviços Nicanor Oliveira Ferreira. Definidores 1º Neilton dos Santos Barreto, 2º Antônio Conceição da Silva, 3º Virgílio Ribeiro dos Santos, 4º Asclepiades Alves Fernandes, 5º Osvalrisio do Espírito Santo, 6º Valdemiro Miguel França, 7º Gonçalo dos Santos, 8º Manoel do Bonfim Alves de Assis

A Mesa de Honra; Priora Isabel Machado da Cruz, Vice-Priora Ocridalina Maria da Conceição, Secretária Martinha Guedes, Tesoureira Lúcia Maria dos Santos, Procuradora Geral Ivone Silva da Paixão, Mestra de Noviças Abgail do Espírito Santo Barbosa, Visitadoras Dalva Conceição de Almeida, Domingas Souza Santana, Raimunda Maria da Conceição, Zeladoras Nolair Bonfim, Eremita Maria Ferreira, Elisete Santos da Conceição. Condignas: Perciliana de Souza, Albertina Auta Cordeiro, Etelvina Eustáquia dos Santos, Joaquina Eustáquia dos Santos, Argemira Silva Santos, Miguelina Sena de Cerqueira, Constancia Santa Rosa Portela, Adélia Santos (LIVRO DE ATAS MESA ADMINISTRATIVA 1974-2000, ATA, 02/10/1988, p.101, verso).

A solenidade de passagem dos cargos da Mesa de Honra ocorreu em 11 de dezembro de 1988, na qual a Priora Ivone Silva paixão fez o convite à Priora eleita Isabel Machado da Cruz. A Irmã Isabel por sua vez, franqueando a palavra, destacou que "não tinha muito desenvolvimento para o cargo e pediu a colaboração de todos e que lhe perdoassem as suas faltas. Acrescentou ainda que as críticas deveriam ser feitas claramente para construir" (ATA, 11/12/1988, p.107). A Irmã Nolair Bonfim, eleita para o cargo de zeladora, aquela que cuida e zela pelos altares dos santos da igreja, em sua fala, "agradece de coração e pede desculpas por algumas falhas e se coloca a disposição para ajudar". A Irmã Lucia Maria dos Santos "agradece pela escolha como Tesoureira da Mesa de Honra e solicita a ajuda de todos. (IDEM, 11/12/1988, p.107).

Em 1991, foi eleita a Mesa de Honra da qual fez parte a maioria dos entrevistados. Para o Triênio 1991-1994 como Priora, foi eleita a Irmã, já falecida, Abgail do Espírito Santo Barbosa, Vice- Priora a Irmã Sandra Maria Bispo, Tesoureira Lourdes Bárbara Pereira da Silva, Secretária Ivone Silva da Paixão e

como condigna Irmã Nolair Bonfim, entre outras<sup>62</sup>, Em reunião da Mesa Administrativa no dia 02 de janeiro de 1992 a Vice- Priora Sandra Maria Bispo sugeriu um calendário anual para os eventos e falou sobre a reportagem da TV educativa da Bahia, que fez a cobertura total de toda a nossa Igreja, alertando que devíamos ficar atualizados quanto ao que ocorre dentro da Irmandade. Neste mesmo documento, a Irmã citada acima, comunicou, também, que a Irmã Isabel Machado, Procuradora Geral, pediu demissão do cargo, mas não foi registrado em ata o motivo do afastamento nem sua substituta (ATA/02/01/1992, p.121).

A irmã Vice-Priora Ana Maria Alves pediu/propôs à Mesa Administrativa a liberação de uma verba para a Mesa de Honra executar seus trabalhos. Solicitou também uma pessoa para fazer a limpeza. O Prior Rafael Gonzaga, informou que tudo estava dependendo da aprovação do plano de trabalho (IDEM, 11/12/1994, p.133).

Na reunião do dia 13 de abril de 1995, nota-se que as questões de gênero, machismo e poder se entrelaçam nas relações entre as duas Mesas. Vejamos a seguir parte de um registro importante.

A Irmã Ana Maria Alves Vice- Priora pede ao Prior Rafael Gonzaga para a reorganização de uma Reunião em Junta. O Irmão Secretário Albérico Paiva pergunta qual era o ponto da reunião. Ela informa que será para um melhor entrosamento entre a Mesa Administrativa e Mesa de Honra, dizendo ainda que a Mesa Administrativa é muito autoritária e que quer mandar sozinha. O Irmão Adriano diz que não estava entendendo nada, pois em reuniões anteriores a Prioresa elogiou a Mesa Administrativa pela forma que está administrando a ordem (LIVRO DE ATAS DA MESA ADMINISTRATIVA, 13/04/1995, p.139, verso, 140).

Ao tratar da Reforma do Compromisso, a Irmã Priora Sandra Maria Bispo, retomou a mesma temática, chamando os irmãos à reflexão sobre suas posturas. Assim descreve o documento.

<sup>&</sup>lt;sup>62</sup> Procuradora Geral Izabel Machado da Cruz, Mestra de Noviças Maria Margarida V. Santos, Visitadoras Raimunda Conceição e Elisete Santos Nascimento, Zeladora Joaquina Eustáquia dos Santos. E, as oito Condignas: Lúcia Maria dos Santos, Oralice Gomes da S. de Oliveira, Ana Maria Alves, Adélia Auta, Nolair Bomfim, Valdete dos Santos e Argemira S. Santos.

A Irmã Priora pede que seja revisto o Compromisso. O Senhor Secretário diz que será feito o calendário e pede um melhor entendimento da Mesa de Honra para a Mesa Administrativa. A Irmã Priora acha que há um machismo, o que foi negado pelo Irmão Albérico falando da Ata que foi lida pela Priora, a reforma do mesmo e as atribuições da Mesa de Honra, repasse de verbas para despesas mínimas com recursos adquiridos. Foi escolhido o dia 09/07/1995 para aprovação do plano de trabalho (LIVRO DE ATAS MESA ADMINISTRATIVA 1974-2000, 13/04/1995, p. 140).

Esta questão voltou à reunião de 21 de maio de 1995, na qual a Irmã Joselita do Patrocínio achava que a guerra estava grande, disse que estava com vontade de abandonar a Mesa de Honra por causa de desentendimentos que estavam havendo entre os componentes das Mesas. "Nesta casa fica até difícil tomar apontamento para se elaborar uma ata". A mesma acrescenta ainda que "assim os trabalhos da Mesa de Honra não vão adiante e pede uma explicação razoável." (LIVRO DA MESA DE HONRA, ATA de 21/05/1995, p.141).

Ficou evidente nos documentos analisados, que alguns assuntos que envolviam reflexões e posicionamentos a cerca das relações de poder e de gênero, ao serem colocados em discussão, na maioria das vezes, não apareciam os debates, réplicas etc. Houve, em certos momentos, o registro, e, muitas vezes, observa-se um silenciamento. Não sabemos se por omissão de quem teve o poder do registro, ou por estratégia da gestão, para manter no poder decisório dos irmãos da Mesa administrativa. Mesmo que as irmãs já estivessem participando e influenciado nas decisões. Dessa forma, a reflexão profunda sobre os principais desafios, com a presença de todos os atores sociais de uma entidade, igreja ou associação, contribui decisivamente para relações sociais, interpessoais e comunitárias mais equilibradas.

Ao iníciar esta pesquisa, encontramos um documento que nos deixou intrigada. Nele, a então Priora Sandra Maria Bispo tinha sido advertida pela Mesa Administrativa por insubordinação. Em Ata do dia 06 de agosto de 1995 consta a narrativa do episódio que gerou toda a situação, que se deu devido a o agendamento de uma visita ao Arcebispo, sem a devida autorização da Mesa Administrativa. Vejamos o que foi registrado:

O Irmão Prior pergunta a Irmã Sandra se é verdade que ela teve uma audiência com o Cardeal Dom Lucas. Ela informou que uma amiga dela agendou uma reunião com o Cardeal, e ela convidou de última

hora algumas irmãs. O Prior Irmão Rafael disse que ela não tinha autoridade para marcar reunião sem o conhecimento da Mesa Administrativa. Que ela sabia que estávamos esperando o nosso Capelão Padre Hélio Rocha, marcar. O Irmão Albérico disse a Irmã Sandra que ela tinha agido mal e que desrespeitou a Mesa Administrativa. A Irmã Sandra depois de uma exaltada discussão com o Irmão Albérico disse que como ela tinha desrespeitado a Mesa e se a Mesa não existe, se retirou da reunião, não atendendo aos apelos do irmão Neilton, batendo a porta da sala da Mesa. O Irmão Valdemar de Souza protesta pelo comportamento da Irmã Priora que pede para ser retirado da ata. O Irmão Neilton solicitou à Mesa uma medida enérgica para coibir atos como estes da Irmã Priora. Conforme manda o Compromisso depois de ouvir a Mesa o irmão Prior marcou uma reunião extraordinária ( LIVRO 1974-2000, ATA DO DIA 06/08/1995, p. 144-145).

Em sua entrevista a Irmã Sandra Bispo também mencionou o fato:

Alguns amigos meus marcaram uma conversa com o Bispo, e eu fui porque não foi uma audiência oficial, ao chegar lá, na conversa eu apresentei o plano de trabalho da Mesa de Honra e ele se encantou. Mas fizeram a perversidade de dizer ao homem que eu era 'mãe de santo'<sup>63</sup>.

As medidas adotadas nos casos em que um irmão ou irmã venha a se exceder emocionalmente, e/ou tomar uma decisão sem autorização da Mesa, são descritas no Compromisso. Mesmo que seja em benefício da Irmandade, ele/ela deve respeitar o princípio hierárquico, comunicar e aguardar a decisão. O que não ocorreu neste caso, pois, a Irmã Priora não se deu conta, estando imbuída de desenvolver as diversas atividades que planejava conjuntamente na Mesa de Honra, entendeu não haver problema, enquanto líder feminina da Ordem, em ter uma conversa com o superior diocesano. De acordo com o Compromisso de 1949, Capítulo VI, Art.14 e 15, e O Compromisso de 2001, Capítulo VI, Art. 9 e Parágrafo Único.

O Irmão que transgredir a primeira parte do §2 do Artigo 11 que é "respeitarem-se mutuamente em todos ao atos internos e externos". Será admoestado pelo Prior em particular ou perante a Mesa se a transgressão tiver sido pública.

\_

Mãe de Santo é o nome popular dado na Bahia ás sacerdotisas do Candomblé ou líderes de terreiro, cujo nome oficial na língua Yorubá é Yalorixá e na Língua Banto Makota. A Irmã Sandra Maria Bispo é Mãe Pequena ou Yakekerê a segunda pessoa de liderança após a yalorixá de um terreiro. Ver Edson Carneiro Os candomblés da Bahia, 1948 e Roger Bastide, O candomblé da Bahia Rito Nagô, 1961.

O Irmão Prior para cumprir a segunda parte do artigo antecedente convocará ao transgressor, por ofício assinado por si ou pelo secretário para vir à sessão, e se ele recusar ou não comparecer sem causa justificada fica "*ipso facto*" suspenso até que se satisfaça a obrigação (COMPROMISSO, 1949, p.16) (COMPROMISSO, 2001, p.6).

Retomando o episódio anterior, em reunião do dia 12 de agosto de 1995, o Padre Hélio Rocha fez um comentário pertinente, assegurando que agora estava havendo um grande movimento feminista. Talvez por isto, a Mesa de Honra tenha se inspirado e ousado a tomar a frente de certas coisas. O Irmão Albérico Paiva frisou que as Prioras passadas são lembradas pelos trabalhos executados. O Irmão Neilton disse que a presença da mulher tem que ser respeitada por parte da Irmandade. O Padre Hélio Rocha finaliza a discussão enfatizando que a Igreja é patriarcal e que discordava dos desentendimentos causados pela Mesa de Honra (LIVRO DE ATAS 1974-2000, 12/08/1995, p.145, verso e 146). Em 19 de maio de 1996<sup>64</sup>, foi publicada a Advertência à Priora Sandra Maria Bispo.

As mudanças das condições sociais e culturais da Bahia, e da cidade de Salvador, mudaram o nível de educação e características de emprego das mulheres. Assim, com acesso à educação, à própria igreja, o acesso às informações sobre movimentos e reivindicações, lutas feministas e as demandas reivindicatórias das mulheres negras, influenciaram diretamente nas lutas das irmãs do Rosário para uma maior participação política. Não buscavam somente o "respeito dos irmãos", mas refletir junto, decidir coletivamente para a reelaboração dos saberes e memórias próprias da entidade. Estes saberes e memórias se mantêm até os tempos presentes, graças à resistência de muitos irmãos e irmãs que deram suas vidas pela Irmandade. Inseridos ou não nas conquistas sociais do movimento negro, das lutas de mulheres negras e do feminismo, assim como das transformações ocorridas na Irmandade e na própria Igreja Católica. A esse respeito o Irmão Tony endossa:

Eu me lembro de Dona Abgail que era uma pessoa muito especial, por isso era é lembrada até hoje. Aqui tinha um orelhão (telefone Público), toda vez que tocava, ela vinha da cozinha atender. Mil vezes que o telefone tocasse, ela dizia a mesma coisa: Venerável Ordem Terceira do Rosário dos Pretos, Pelourinho, Abgail do Espírito Santo às suas ordens! Olha, primeiro a valorização e o

-

<sup>&</sup>lt;sup>64</sup> AINSRP, Edital de 19 de maio de 1996, documentação avulsa da Mesa de Honra.

reconhecimento da instituição, sua identidade quem é, questão da receptividade pelo outro. E com isso ela sempre chamava atenção da gente. [...] Aprender com os mais velhos é um desafio nosso (Ir. TONY, ENTREVISTA, 05/06/2013).

Ao discutir as relações de poder que se desenvolvem na Irmandade, é necessário entender os mecanismos desiguais que operam nessas relações entre os papéis sociais masculinos e femininos, em diversos tempos históricos. Na contemporaneidade, onde os vínculos societários são muito íngremes, manter o alicerce da memória e a veneração dos mais velhos é, como bem disse o Irmão Tony, um dos grandes desafios da Irmandade. Nesse sentido, fortalecendo as relações interpessoais, realimentando a memória ancestral da Irmandade com os conhecimentos passados pelos mais velhos, poder-se-á amenizar as relações e tensões que permeiam o cotidiano desta entidade. A educação, com certeza, colabora para que as problemáticas sejam refletidas e aprofundadas criticamente.

Uma das grandes preocupações da Mesa de Honra era a reforma do Compromisso. A Priora Sandra Bispo, sempre que possível, colocava o assunto em discussão na Mesa administrativa. Em 13 de julho de 1997 ela colocou o assunto em debate.

A Irmã Sandra Maria Bispo fala que as irmãs da Pia União de Santo Antônio de Categeró ainda desconhecem o Compromisso, e por isto, foi feita uma convocação às irmãs para discutirem esse assunto e assim escolherem a Mesa de Honra. Primeiro a Priora e devem ficar esclarecidas a respeito da escolha. A irmã Priora põe em dúvida a eleição como fala o Compromisso. O Irmão 1º Secretário Adriano pede um aporte e diz que a escolha da Priora é da alçada do Prior e acrescenta ainda que o Compromisso foi elaborado por pessoas sábias. Retomando a discussão a Irmã Sandra Pede explicações a respeito, porque agora está se falando tanto em Compromisso e dos definidores escolherem os membros. Até parece coisa [...], para manipular as coisas. Por sugestão do Irmão Albérico Paiva foi pedido que se fizesse uma reunião extraordinária para discutir os capítulos do Compromisso que trata da eleição (LIVRO DE ATAS DA MESA ADMINISTRATIVA, ATA, 13/07/1997, p.167, verso).

No final do ano de 1997, foi eleita outra Mesa Administrativa e de Honra para o biênio 1997-1999 cujos nomes<sup>65</sup> estão registrados em Ata do dia 14/10 1997. A

<sup>&</sup>lt;sup>65</sup> Capelão Padre Helio Rocha, Prior Pedro Soares de Oliveira, Vice- Prior Januário Terêncio Gomes, Secretário Divaldo Gomes de Sá, Vigário de Culto Julio Silva, Mestre de Noviços Albérico Paiva Ferreira. Como definidores: Edson Tobias de Matos, Domingos Ramos Moreira, Edilson Jacob de C.

Mesa de Honra escolhida nesta gestão: Priora Ivone Silva Paixão, Vice-Priora Lourdes Bárbara Pereira Silva, Procuradora Geral Sandra Maria Bispo, Secretária Maria das Graças Ramos dos Santos e a Irmã Nolair Bonfim exerceu o cargo de Condigna, entre outras<sup>66</sup>.

Entre os anos 1998 e 1999 foram feitos muitas reuniões para estudo do Compromisso, mas estas não foram registradas no livro, há apenas indícios. No ano de 1999 foi eleita a última Mesa de Honra da V. O. T. Irmandade do Rosário de Nossa Senhora ás Portas do Carmo. Cujo temo de posse encontra-se no Livro de Atas 1974-2000 (p. 177)<sup>67</sup>. A Mesa de Honra: Priora Lourdes Bárbara Pereira Silva, Vice- Priora Maria da Glória Bonfim, Secretária Maria das Graças Ramos dos Santos e a irmã Nolair Bonfim ocupou o cargo de Visitadora, entre outras<sup>68</sup>.

As reuniões da Mesa Administrativa dos anos 1999-2000 foram anotadas no livro com os assuntos abordados de forma bem detalhada. Contudo, quase não se encontram vestígios dos relatos das irmãs na Mesa de Honra. A presença da Priora e da Vice-Piora era registrada no início de cada reunião, mas não há registro de suas falas. Vale ressaltar que os irmãos dessa Mesa demonstravam uma postura bem politizada, democrática e fizeram uma administração que é classificada, nos bastidores, como excelente. Todavia, esqueceram-se de registrar as inferências das Irmãs da Mesa de Honra nas reflexões importantes que, com certeza, ocorreram nas reuniões daqueles anos.

Na reunião da Mesa em Junta, ocorrida em 06 de maio de 2000<sup>69</sup> decidiu-se por uma tesouraria única. A reunião contou com a presença de 12 membros da Mesa Administrativa, 12 membros da Mesa de Honra e dois membros da Devoção à

Neves, Potiguara Catão, Julho Cesar Soares da Silva, Raimundo Nonato Almeida, Raimundo Nonato Almeida Junior e Armando Castro Silva.

<sup>&</sup>lt;sup>66</sup> Tesoureira, Valdete dos Santos, Mestra de Noviças Raimunda Lino Nicanor, Visitadoras Anita Januária da Silva e Elisete dos Santos Nascimento. As oito condignas: Maria de Lourdes Lopes, Nolair Bonfim, Maria Margarida dos Santos, Maria José Figueiredo, Valquíria Aragão, Joselita Anunciação do Patrocínio, Maria Francisca B, dos Santos e Eunice França Nascimento.

<sup>&</sup>lt;sup>67</sup> A Mesa Administrativa eleita: Prior Januário Terêncio Gomes, Vice- Prior Julho Cesar Soares da Silva, Secretário Adonai Passos Ribeiro, Tesoureiro Ubirajara Santa Rosa, Mestre de Noviços Albérico Paiva Ferreira, Vigário de Culto Domingos Ramos Moreira, Procurador Geral Pedro Soares de Oliveira. Definidores: Armando Castro Filho, Raimundo Nonato Almeida, Valdemar José de Souza, Araujo Barbosa, Almir Santos Menezes, Crispim José dos Santos, Ailton dos Santos Ferreira, e Adilson Santos da Silva.

<sup>&</sup>lt;sup>68</sup> Tesoureira Joselita do Patrocínio anunciação, Procuradora Geral Ivone Silva Paixão, Mestra de Noviças Joselita Conceição, Visitadoras Nolair Bonfim e Elisete S. Nascimento. Condignas: Raimunda Lima Nicanor, Francisca Bispo Santos, Maria José Da C. Figueiredo, Gildete B. dos Santos, Valdete dos Santos, Maria Margarida Santos, Maria de Lourdes Lopes e Rita de Cássia S. Conceição.

<sup>&</sup>lt;sup>69</sup> AINSRP, Documentos Mesa de Honra, ATA da Reunião da Mesa em Junta de 06 de maio de 2000 não Catalogados.

Santa Bárbara. Eles/elas elaboraram algumas regras para os encaminhamentos gradativos desta transição: todo questionamento deveria ser discutido na reunião da Mesa; proibição de citar fatos e nomes de pessoas; cada Irmão ou Irmã teria direito há dois minutos para expor suas ideias; evitar retomar assuntos já discutidos, com vistas a um melhor aproveitamento do tempo; a qualquer sinal de desacato pessoal, o Irmão ou a Irmã seria advertido/advertida no momento pela coordenação, se este/esta reincidisse, seria convidado/convidada a retirar-se do recinto para não tumultuar os trabalhos. Também foram propostos horários de lanche e almoço nas reuniões e o registro dos fatos ocorridos (ATA DA MESA EM JUNTA, 2000, sem paginação) <sup>70</sup>.

A Comissão de Reforma do Compromisso, que extinguiu definitivamente do documento o artigo que excluía, de forma sexista, a participação das mulheres da Mesa Administrativa, findou seus trabalhos em 02 de setembro de 2001. Essa comissão teve a participação de alguns irmãos colaboradores da pesquisa, como a Irmã Lourdes Bárbara, Priora, e Maria das Graças Ramos<sup>71</sup>, que também secretariou a comissão. Se Acreditávamos que a reforma do compromisso extinguindo A Mesa de Honra e colocando homens e mulheres juntos na administração da Irmandade teria trazido apenas benefícios para a Irmandade,isso não se efetivou . Ficou claro que a reforma:

A esse respeito o Irmão Tony ressaltou:

A expectativa que se tinha era a de acompanhar o contexto histórico. A Irmandade é um lugar de tradição. Como preservar a tradição e ao mesmo tempo acompanhar as transformações? Uma das expectativas era igualar o direito da mulher ao do homem. Mas isso não é simplesmente igualar e pronto, o que era de responsabilidade do homem [...], as mulheres a tradição. Se tivéssemos pensado mais um pouco [...], Isso foi uma das estratégias pensada pelos antepassados para preservar o Rosário dos Pretos e ter um elo maior [entre homens e mulheres] (Ir. TONY, ENTREVISTA, 05/06/2013).

A irmã Sandra Maria Bispo também traz uma colaboração importante sobre a mudança no Compromisso:

\_

<sup>&</sup>lt;sup>70</sup> Idem

<sup>&</sup>lt;sup>71</sup> Presidente da Comissão Irmão Carlos Alberto Leal, Secretário o Mestre de Noviços Albérico Paiva Ferreira. Como membros, o Vice- Prior Júlio Cesar Soares da Silva, Padre Josival Lemos Passos, Vice-Priora Maria da Glória Bonfim.

No estatuto [Compromisso] traz nós vamos administrar, mas a mulher virá conosco Prior/Priora, Vice-Priora(a), secretário(a). Eles foram muito inteligentes, distribuíram muito bem os cargos. Mas a reforma como foi feita pode ser que nunca mais a mulher volte a ser Priora, a mulher será vice-Priora. Com a reforma a mulher morre [enquanto ser atuante]. Está todo mundo junto e misturado. A equipe era maravilhosa, mas ficou naquele negócio da empatia: Você pensou, mas nós não queremos você aqui. Esqueceu-se do jurídico do social, não deixou falar as protagonistas (Ir. SANDRA BISPO, ENTREVISTA, 09/12/2012).

A Irmã Rosinha também ressaltou que "esta reforma pecou, no papel colocou a Mesa única, mas não pegou as mulheres da Mesa de Honra para ajudar na mudança" (ENTREVISTA, 06/02/ 2013). Isso leva-nos a refletir e argumentar que se no início da pesquisa acreditávamos que as mudanças que ocorreram no compromisso fizeram com que as mulheres tivessem tomando/ocupado espaço na Irmandade, esta hipótese não se confirmou. Percebermos que nem sempre as leis e regulamentos resolvem os problemas práticos das relações de poder e de gênero. Observamos nas várias falas e documentos que esta caminhada trouxe grandes transformações a Irmandade, além de ter havido a abertura para novas relações. Tudo isso, no entanto, está longe de ser a resolução da problemática das relações de poder.

Como bem enfatizou o Irmão Adonai "não existe filho sem mãe, [...] o passado deixou mais para o presente, do que o presente tem deixado para o futuro, infelizmente" (Entrevista, 10/06/2013). Nessa perspectiva, nós, irmãos e irmãs, rememorando nossas irmãs e irmãos, mães e pais do Rosário; temos grandes desafios pela frente. O principal deles é manter as tradições, sem, contudo, deixar de dialogar com as novas conquistas sociais, culturais e políticas, através do processo educativo constante, que já ocorre na Irmandade à quase quatrocentos anos.

#### 4 "NA NOVA TERRA A MULHER TERÁ SEU DIREITO"

Na nova terra a mulher terá seu direito Não sofrerá humilhações nem preconceitos O seu trabalho todos vão valorizar Das decisões ela irá participar ( Axé Irá chegar, Vera Lúcia)<sup>72</sup>

# 4.1 DISCUTINDO PODER, RELAÇÕES DE PODER E EMPODERAMENTO DE MULHERES

Consideramos importante iniciar este tópico ressaltando a importância das ideias de Michel Foucault sobre poder e relações de poder nos contextos sociais, uma vez que a discussão sobre empoderamento advém dessas primeiras ideias do autor, que foram reelaboradas por distintos pesquisadores e intelectuais em diferentes contextos. A contribuição de pesquisadores da América Latina sobre empoderamento de mulheres, especialmente a colombiana, é essencial para uma discussão mais aprofundada sobre esta temática, pois os estudos sobre empoderamento têm suas raízes nas reflexões sobre relações de poder em espaços sociais e simbólicos diversificados.

Michelle Perrot (1996) destaca a relevância da Obra de Michel Foucault como uma abordagem fundamental para pôr em evidência aspectos pouco perceptíveis quando analisamos as relações de poder. De acordo com essa estudiosa, "Vigiar e Punir não é apenas um livro que trate da origem da prisão, mas também do poder, biopolítica e disciplina". (PERROT, 1996, p. 124). Os estudos foucaultianos são indispensáveis para uma compreensão diferente da "história do trabalho, da disciplina operária ou, ainda, para compreender as políticas sociais, por que e como se desenvolvem em certos momentos históricos e o que significam" (IDEM). Michel Foucault adverte-nos que embora não exista um campo conceitual

\_

<sup>&</sup>lt;sup>72</sup> O canto Axé Irá chegar, também foi construído pelas CEBS faz parte dos cânticos que a Irmandade usa nas suas celebrações das terças-feiras na Celebração de Santo Antônio de Categeró. Livro de Cânticos Festa de Nossa Senhora do Rosário (2012, p. 1).

para pensar o poder, ele deve ser pensado como uma problemática das diversas sociedades. O autor rechaça as elaborações jurídicas, tradicionais e liberais onde o poder se legitimava a partir da estrutura estatal numa visão unilateral focada no economicismo, e nos parâmetros da teoria marxista. O essencial na análise de Foucault é que o poder não está dissociado do saber, "saber e poder se implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder [...]" (MACHADO, 1979, p. XXI). Nesse sentido, é importante reconhecer que as contribuições teóricas ajudam-nos a compreender essas questões nevrálgicas das relações de poder como práticas sociais que se apresentam, principalmente, nas apropriações do saber, do discurso e na articulação das relações hierárquicas das sociedades. Ainda nesse sentido, Machado ressalta que:

Todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação do saber. É assim que o hospital não é apenas local de cura, "máquina de curar" mas também instrumento de produção, açulo e transmissão do saber. Do mesmo modo que a escola está na origem da pedagogia, a prisão da criminologia, o hospício da psiguiatria. E, em contrapartida, todo saber assegura o exercício do poder. Cada vez mais se impõe a necessidade do poder se tornar potente. Vivemos cada vez mais sob o domínio do perito. Mais especificamente, a partir do século XIX, todo agente do poder vai ser um agente de constituição de saber, devendo enviar aos que lhe delegaram um poder, um determinado saber correlativo do poder que exerce. É assim que se forma um saber experimental ou observacional. Mas a relação é ainda mais intrínseca: é o saber que que encontra dotado se institucionalmente, de determinado poder. O saber funciona na sociedade dotado de poder. È enquanto é saber que tem poder (MACHADO, 1979, p. XXII).

A análise acima é indispensável para as discussões no campo das pesquisas em educação e das ciências humanas, porque contribui para pensarmos como o processo de pesquisa e aquisição do saber no Brasil é extremamente cruel. Se analisarmos, grosso modo, o nosso país, o poder e o saber articulados com os resquícios do colonialismo, do racismo e as coerções políticas, econômicas, ideológicas e as violências causam prejuízos incalculáveis na constituição do saber

produzido na sociedade brasileira, como também nas relações de poder construídas ao longo da nossa história.

O artigo Corpo, Poder e Dominação: Um Diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu, de autoria da pesquisadora Débora Thomé Sayão, ajuda na nossa reflexão porque procura discutir diferenças, hierarquias e violências nas configurações das relações de gênero. Ciente das diferenças metodológicas de ambos, a autora faz uma abordagem deste estudo em diferentes contextos sociais, pelo viés da educação. Os estudos de gênero e teorias feministas enriquecem nosso pensamento ao reconhecer a importância da discussão sobre poder na contemporaneidade:

Aprofundar este assunto também se deve ao fato de vivermos um momento em que as constantes mudanças na vida política e na economia mundial promovem um verdadeiro "show" quanto às formas como o poder e a dominação se desenvolvem por todos os cantos do planeta, marcando drasticamente os corpos e as mentes de homens e mulheres e confundindo identidades e categorias anteriormente estabelecidas. Penso que, de um jeito "romântico" e perverso, muitas vezes, o nome dado a essas formas de disseminação do poder é: "criatividade". Ficamos, inclusive, estarrecidos com a capacidade humana quanto à criação de artefatos imagens, códigos e signos que são facilmente incorporados pelos sujeitos, o que nos coloca "aparentemente" no jogo do capital (SAYÃO, 2003, p. 124).

As interpretações de poder socialmente construídas foram sendo delineadas desde os primeiros agrupamentos humanos, porque "os poderes se exercem em níveis variados e em pontos diferentes das redes sociais" (FOUCAULT, 1979). "Há diferenças marcantes ditadas pelas instituições que executam o poder, e intervêm no mesmo, como a escola, as instituições de Educação Infantil, o Estado, a Igreja, a família e o próprio mercado" (SAYÃO, 2003, p. 125).

Na contemporaneidade, as relações de poder entre homens e mulheres são elaboradas de acordo com os parâmetros da economia de mercado e de bens simbólicos, havendo, assim, uma discrepância no valor simbólico dos papéis sociais dos mesmos, como sinaliza Bourdieu (1999). As reflexões e as lutas que se travam para conquistar e obter transformações nos diversos contextos de atuação dos sujeitos sociais, somente são percebidas por especialistas. A maioria da sociedade permanece alheia a esta discussão.

Tentando fazer inferência sobre um possível diálogo entre Pierre Bourdieu e Michelle Perrot, Sayão (2003) argumenta sobre os pontos de vistas diferenciados, e talvez permita-nos ampliar a ideia de dominação ou de poder. Percebemos, contudo, que as relações de poder vão se reconfigurando a partir das transformações históricas, culturais e sociais, em contextos diferenciados. Estas devem ser analisadas com parâmetros próprios, percebendo que as conclusões são sempre provisórias; uma vez que não existe verdade suprema, e sim verdades erigidas por diferentes processos civilizatórios e suas elaborações ideológicas, simbólicas e políticas. Assim aborda a autora:

De um lado Bourdieu preocupa-se com as estruturas invariantes que fazem parte do *habitus*<sup>73</sup> – condição *cine quo non* da dominação como estratégia das instituições que ostentam o poder como aquelas já citadas acima. Porém Perrot da visibilidade ao movimento de contraposição ao poder (no singular) exercido pelas mulheres, muitas vezes nas mesmas instituições (...) mediante estratégias ligadas à vida cotidiana, as quais lhes conferem "poderes no plural colocando ênfase em aspectos relacionais do convívio cotidianos" (SAYÃO, 2003, p. 127).

As relações de poder que discutimos estão diretamente relacionadas às relações de gênero e aos papéis sociais forjados por homens e mulheres nas sociedades. Mesmo porque, uma das mais cruéis faces do poder está relacionada a essas relações e aos privilégios conquistados milenarmente pelo segmento masculino através da expropriação de seus pares. Não só existe uma ideologia do poder que impõe, mas também todo um conjunto de estratégias articuladas com ideologias e uma ciência que, até pouco tempo, era mantida num viés unilateral de produção, de espaço e de processo civilizatório. A Irmã Sandra acrescentou:

O poder e o prestígio das mulheres foi se desenvolvendo e a legislação foi mudando, mas na irmandade continuavam excluídas do poder. Sua participação era reconhecida, mas não nas decisões, o código civil a legislação nacional foi se modificando e a irmandade

<sup>&</sup>lt;sup>73</sup> Habitus foi anteriormente trabalhado por: Hegel, Hussuerl, Weber, Durkleim e Mauss. Reelaborado o conceito por Bourdieu (1983), se refere a esquemas de percepções e apreciações, como também de produções que são atravessadas por estruturas cognitivas e avaliativas adquiridas através de experiências duradouras construídas nas relações sociais. Pode ser pensado também como instrumento conceitual que colabora para pensarmos a relação e a mediação entre os condicionamentos sociais externos à subjetividade dos sujeitos. Ver BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

continuava sem prerrogativas, sem espaço para que participássemos do poder. As mulheres desde o inicio já detinham conhecimentos e consciência política para buscar mudanças internas e externas. Os embates internos foram constantes desde os primeiros tempos, porque lidávamos com homens letrados, doutores e especialistas em várias áreas, mas não conseguiam abrir mão da relação de controle e dominação sobre a Mesa de Honra Feminina (Ir. SANDRA, ENTREVISTA, 15/03/2011).

É necessário situar saberes desqualificados historicamente pela misoginia masculina, mesmo que, no discurso em que o respeito às mulheres se afirmava e afirma, eles escamotearam relações de poder antagônicas. Embora na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho os homens afirmem categoricamente a existência de um respeito pelas mulheres, percebemos relações de poder extremamente desiguais nestes mais de três séculos de existência, principalmente em relação à participação política das mulheres no poder administrativo. (Freire e Faundez, 1989) revisitados por (Aronowitz, 1998) esclarecem:

Penso que o poder e a luta pelo poder devem ser redescobertos nas bases da resistência que recobre o poder das pessoas, das expressões semióticas,linguísticas, emocionais,políticas culturais que as pessoas usam para resistir ao poder da dominação. E isso começa pelo poder que eu chamaria "poder primário"; o poder da luta e a luta pelo poder têm que ser redescobertos (FREIRE e FAUNDEZ, 1989, p 64 apud ARONOWITZ, 1998,p. 117).

Inserindo este estudo nesse contexto das relações de poder, podemos observar que "cada luta se desenvolve em torno de um foco particular de poder" (FOULCAULT, 1979, p. 75), o poder está presente nas relações religiosas, culturais e simbólicas em todos os setores da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. No que se refere às questões hierárquicas como, por exemplo, o poder dos homens de administrar e decidir o destino da entidade, há mais de trezentos anos, sem dividir estas responsabilidades com seus pares: as mulheres. Decerto, por muitos anos a maioria das mulheres não se posicionaram, com esta hierarquização das relações, mas, também, vem de muito longe os seus questionamentos. Ao forjar novas formas de perceber o mundo, questionando as estruturas, as mulheres já estavam exercitando o poder e propiciando a construção

de outras relações humanas, porque as lutas se desenvolvem sobre diferentes aspectos em cada contexto e tempo histórico.

Convém, no entanto, ressaltar que as experiências de poder envolvem ideologias, discursos, materialidades, subjetividades e objetividades em todas as formas de relações sociais desenvolvidas pelos seres humanos, na tentativa de se afirmarem enquanto sujeitos históricos. As disputas e lutas diversas nos campos sociais, políticos, culturais e religiosos são entrecruzadas por relações de poder. Mas estas lutas também podem possibilitar o empoderamento dos sujeitos. Surgem, contudo, alguns questionamentos: o que vem a ser empoderamento ou empowerment? Como foi problematizado nos movimentos sociais, antirracistas e de mulheres? Como se dá o processo de empoderamento? Procuraremos discutir algumas dessas questões a seguir.

#### 4.2 CONTEXTUALIZANDO O EMPODERAMENTO

Cabe, em primeiro lugar, contextualizar o termo *empowerment* (substantivo masculino) relativo ao poder; 'dar poder', conceder a alguém o exercício do poder, palavra da Língua Inglesa, mas também, operacionalizada no Espanhol desde o século XVII. Em Espanhol, corresponde aos sinônimos dos vocábulos *potenciacion y poderio* que podem corresponder a empoderar, potenciar, apoderar (LEON, 1997). Os dicionários da Língua Portuguesa, no Brasil, não trazem este termo, aparece o verbo *empoderar* no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, de 2009, da Academia Brasileira de Letras, que se refere a dar poder. Mas as ciências sociais, os estudos de gênero, os movimentos de mulheres e antirracistas entendem empoderamento como socialização do poder, conscientização, exercício de cidadania, dar poder, buscar o poder ou, ainda, ato ou efeito de empoderar.

A construção filosófica, histórica, antropológica e social do empoderamento advém de duas correntes epistemológicas. Uma corrente problematiza a partir de estudos da América Latina, México, África e Índia. Nela, os estudiosos destacam que o empoderamento surge da remota interação entre o feminismo e o movimento de educação popular de Paulo Freire, através da influência do pensamento gramsciano. Embora Freire ignorasse a perspectiva de gênero, começou a suscitar

reflexões sobre a opressão dos pobres, negros, mulheres etc., em diferentes partes do mundo. A exemplo da Terceira Conferência Mundial das Mulheres em Nairóbi, Quênia, no ano de 1985, que discutiu e divulgou, de forma contextualizada, as dimensões do empoderamento para a emancipação e busca do poder pelas mulheres.

A segunda corrente contextualiza o termo a partir da reforma protestante com Martinho Lutero e os movimentos antirracistas e feministas dos Estados Unidos, na década de 1960. Foi reelaborado nos países europeus e periféricos a partir dos anos 1970 e 80 (OLIVEIRA, 2004; (VASCONCELOS, 2003); BAQUEIRO, 2012). Estudos acadêmicos das ciências políticas, sociais e os estudos de gênero, tanto na Europa como nos Estados Unidos, problematizaram o empoderamento com dimensões amplas.

É importante destacar que o processo de empoderamento não se relaciona apenas a abertura para as mulheres ou grupos tomarem decisões e participarem dos poderes construídos socialmente. Todavia, esses aspectos estão relacionados às dimensões políticas e educativas que envolvem o empoderamento, que conclama diferentes grupos explorados e marginalizados a buscar seu espaço na sociedade através da consciência e da organização social e comunitária. Não basta, porém, se tornar visível na sociedade, é necessário que estes tenham a capacidade de perceberem-se capazes de interagir nos espaços que ocupam, usando-os de maneira efetiva.

De acordo com os estudos de Batliwala (1998, p.194), "O processo de desafios das relações de poder, assim como o de obtenção de maior controle sobre as fontes de poder podem ser chamados de empoderamento". A autora recorre a Sharma (1991-1992) e traz uma definição bem esclarecedora para nós, brasileiros:

El término empoderamiento se refiere a una gama de actividades que van desde la autoafirmaci6n individual hasta la resistencia colectiva, la protesta y la mobilizacione para desafiar las relaciones de poder. Para los individuos y los grupo sen los que la clase, la raza, la etnia y el género determinan su acceso a los recursos y al poder, el empoderamiento comienza cuando reconocen las fuerzas sistémicas que los oprimen, así como cuando actúan para cambiar las relaciones de poder existentes. El empoderamiento, por tanto, es un proceso orientado a cambiar la naturaleza y la direcci6n de las

fuerzas sistémicas, que marginan a la mujer y a otros sectores en desventajas en un contexto dado (SHARMA, 1991-1992 Apud BATLIWALA, 1998, p. 194).

Uma das principais características do empoderamento é o reconhecimento por parte do oprimido, sejam eles/elas negros(as), mulheres, agricultores, pobres ou operários; das forças que os oprimem e segregam. Já citamos anteriormente algumas das forças que oprimem as mulheres, especialmente as negras brasileiras, a exemplo do sexismo, machismo, racismo, patriarcalismo etc. A tomada de consciência do potencial do empoderamento pode proporcionar um conjunto de processos dinâmicos nas relações e dimensões individuais, coletivas e nas relações com os pares. Pode, também, contribuir efetivamente para o desenvolvimento da confiança e da autoestima. Assim como estimular o desenvolvimento de habilidades, procedimentos e atitudes que vislumbrem capacidades individuais e coletivas para realizar trabalhos e reestabelecer sua dignidade.

Enquanto a discussão sobre gênero inicia-se no primeiro mundo, empoderamento se contextualiza nas lutas das mulheres do terceiro mundo. Dessa maneira, o empoderamento pode ser visto como um instrumento analítico imprescindível, porque abarca diferentes preocupações quanto aos impactos do desenvolvimento das mulheres. Ele inter-relaciona avanços teóricos e metodológicos das diversas áreas do conhecimento, principalmente na antropologia, sociologia, educação, ciência política, direito e economia. Vale salientar, também, que o empoderamento envolve três dimensões: pessoal, próxima e coletiva. Os estudos de Rowlands (1998), Batliwala (1998) e Ojeda (2003), embora estejam em espanhol, dão subsídios para entender e descrever as dimensões do empoderamento.

Em outras palavras, Vasconcelos (2003) ressalta que pode ser: autoempoderamento, empoderamento comunitário e empoderamento grupal. Essas dimensões envolvem processos psicológicos, relações sociais próximas e também de resistência e luta. As transformações sociais, psicológicas, econômicas e políticas, individuais e coletivas, fruto desse processo dinâmico, podem ser consideradas empoderamento. Este vive em tensão e diálogo constante com as forças opressoras.

A dimensão pessoal de empoderamento refere-se à capacidade dos sujeitos de realizar ações para a transformação da identidade e à percepção da condição de

opressão, na qual se encontra, para alcançar o empoderamento. Assim, o desenvolvimento do sentido do ser, a confiança e a autoestima são elementos imprescindíveis para negociação com as forças sociais, políticas e simbólicas das relações de poder. Para Rowlands (1998), Batliwala (1998) e Ojeda (2003) outro fator importante na dimensão pessoal de empoderamento é a aquisição de novos conhecimentos, porque permite às mulheres ampliarem suas habilidades para expressar ideias, opiniões, participar ativamente e influenciar em novos espaços. Assim como alarga seu poder de análise e atuação efetiva nos espaços de poder.

Concordamos com os autores porque percebemos que esse é o marco inicial que nos habilita (empodera) a questionar cotidianamente as relações desiguais de gênero, os racismos e diversas formas de opressão que a sociedade nos impõe. Através da legitimação bíblica, ideológica e canônica, a igreja católica continua praticando sua misoginia no cerne do poder. Nem somos coadjuvantes quando se trata de decidir os caminhos das entidades católicas. Na Irmandade do Rosário dos Pretos, por exemplo, as mulheres levaram mais de trezentos anos lutando para participar politicamente das decisões da entidade, porque toda uma legislação nos excluía desse processo.

No tocante à dimensão coletiva de empoderamento, ela se assemelha à dimensão pessoal e se apresenta nas relações comunitárias, nas redes sociais de colaboração, nos movimentos de mulheres, movimento feminista, cooperativistas etc. Essas relações coletivas favorecem e fortalecem as relações comunais, porque o grupo exerce influência direta sobre o empoderamento individual. A Irmandade, como uma das entidades iniciais de organização social, tanto de negras como de negros; influenciou e influencia no processo de empoderamento, porque desenvolve várias atividades sociais, culturais, educacionais e religiosas que nos deixam fortalecidos para articular ações de empoderamento, seja coletivo ou individual.

Já na dimensão das relações próximas e/ou comunitária ou de seus pares ela é mais complexa. Isso porque depende diretamente das dimensões pessoal e coletiva, uma vez que as resistências provocam avanços ou retrocessos nos diferentes grupos de mulheres, as expectativas de mudanças nos comportamentos são poucos visíveis. Isso se deve às complexidades de interesses, contextos, de militância política e de movimentos sociais ou não. Segundo as reflexões de Vasconcelos (2003), esse tipo de empoderamento instrumentaliza o grupo, favorecendo o fortalecimento da sua cidadania; faz ampliar os laços, evitando o

isolamento e faz com que se reconheçam as violações dos direitos nos ambientes e contextos próximos, e se busquem alternativas políticas, sociais e econômicas.

Ainda nesse sentido, muitos programas sociais e de reconstrução das relações de gênero e de combate à pobreza no México e na América Latina (especialmente na Colômbia, Argentina e Venezuela), estão articulados com os propósitos do empoderamento das mulheres camponesas. Agências internacionais investem cada vez mais em projetos sociais onde a emancipação econômica de mulheres e outros grupos estejam diretamente entrelaçados com as dimensões tríplices do empoderamento: pessoal, comunitário e coletivo. Aqui no Brasil, embora os estudos acadêmicos, os movimentos negros, o feminismo, os movimentos de mulheres. em particular os movimentos de mulheres negras; venham problematizando o empoderamento, com estudos a partir dos anos 1990, tem-se pouca divulgação de programas dessa natureza.

Retomamos ainda as ideias de Leon (1997 e 2001) porque elas suscitam excelentes reflexões. O empoderamento de mulheres significa também o empoderamento dos homens, um poder compartilhado com seus pares, solidário, alternativo, em que esse processo de empoderamento lhes ameniza o duro fardo que a sociedade lhes impôs, como os únicos capazes e provedores obrigados ao sustento da família. Nessa perspectiva, o empoderamento psicológico e emocional dos homens pode tornar possível a retirada da proteção limitante que os coloca na condição primeira dos estereótipos de gênero. Mas presume-se que possamos sonhar com uma sociedade onde os homens desejem ser mais humanizados, exprimam seus sentimentos, transmitam ternura e possam chorar conosco. Entendam, também, que eles possuem um lado feminino que a psicanálise convidaos a conhecer.

De acordo com as discussões de Baqueiro (2012, p.174), não obstante o uso indiscriminado do termo empoderamento, "os debates sobre empoderamento apontam para duas dimensões essenciais a serem consideradas: a educativa e a política, uma vez que visões de mundo e de propósitos sociais diferenciados orientam as distintas concepções e ações de empoderamento. Assim, nossa pesquisa se articula com essas duas dimensões porque elas são imprescindíveis e permeiam todo o contexto da Irmandade pesquisada.

Enfim, a consciência do empoderamento ajuda a problematizar os papéis sociais de mulheres e homens e os coloca como sujeitos e protagonistas das suas

próprias histórias, pois, nesse processo pessoal e coletivo. Empoderar-se a si mesmos e aos outros requer educação, engajamento, reflexão e atividade permanente. Permite também o desenvolvimento da autonomia, da autoestima e das identidades individuais e coletivas. Como também, dá subsídios para resistir às diferentes formas de opressão e discriminação, ampliar a percepção de mundo e articular estratégias para lidar de forma ativa com as relações de poder e a divisão social do poder.

## 4.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE: MULHERES, FEMINISMO E GÊNERO

Os papéis sociais forjados pelas mulheres em diferentes contextos e grupos sociais para quebrar a hegemonia dos homens, no pensar, ser e agir coletivamente estão envolvidos por diversas lutas individuais e coletivas. Essas inquietações foram e são enfrentadas cotidianamente pelas mulheres, e alguns poucos homens, em distintas sociedades. Lutas contra o machismo, o patriarcalismo, o sexismo, a violência e toda uma ideologia de subalternidade feminina de identidade única, baseada nos atributos biológicos e na celebração da maternidade e no binarismo homem versus mulher.

Eu vejo na Irmandade e no próprio movimento Negro, o papel da mulher nesse movimento negro, ela tem uma função fundamental de dinamizar o processo e nessas relações. Na Irmandade os homens pisavam com sapato com taxa no calcanhar da gente 24 horas, chegando ao ponto de um irmão ameaçar a Irmã Vice-Priora com um soco num dia de Festa do 2 de julho onde a Irmandade comemora seu título de Ordem Terceira [...] (Ir. SANDRA BISPO, ENTREVISTA , 13/12/2012).

A citação acima da irmã colaboradora demonstra que, em todas as instituições sociais e religiosas, basta as mulheres reivindicarem seus direitos e ocuparem os espaços que não ocupavam anteriormente, para que o machismo e as diversas formas de violência, até então escamoteadas, mostrem suas faces mais cruéis. Contudo, nesses embates, existe uma parcela significativa de homens politizados que discordam dessa forma de relação, apoiam e incentivam a participação feminina de forma igualitária nos diferentes espaços sociais.

Quando empregamos o termo **mulheres**, comungamos com o pensamento de que não existe uma categoria única de mulher, "afinal não existe a mulher, mas várias e diferentes mulheres, que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opostas" (LOURO, 1997, p.32). Ressaltamos também a contextualização de disputas e das relações de poder entre as várias categorias de mulheres nos campos teóricos, políticos, sociais e simbólicos.

O filósofo Deleuze nos ajuda a pensar que existem várias formas de ser mulher na diversidade dos processos civilizatórios. Não existe uma história única das mulheres, mas sim várias histórias das mulheres a partir das construções históricas e culturais, específicas e heterogêneas. Portanto, "há um devir ser mulher que não se confunde com as mulheres, com seu passado e seu futuro, e é preciso que as mulheres entrem nesse devir para sair de seu passado e de seu futuro, de sua história [...]" (DELEUZE, 1998, p.10). Mulher é um termo em processo constante, um vir a ser, ele se reconstrói e não podemos dizer se tem um princípio ou um fim (Bather, 2003). Diferentes paradoxos colaboram para a complexidade desta problemática.

Desse modo, destacamos a indispensável contribuição das intelectuais Michelle Perrot e Geneviéve Fraisse, que a partir do contexto francês, desenvolvem uma epistemologia que afirma a inclusão das mulheres na "história da humanidade". Esta história, que foi escrita no masculino, focando especialmente os aspectos do século XIX como sendo a época de afirmação do poder do homem sobre as coisas e as mulheres. O Iluminismo proclamou o homem como senhor do universo e também do conhecimento. Conforme as ideias das autoras discutidas por Sayão (2003), este tempo é fértil para inscrever as mulheres como sujeitas da história, não só pelo desenvolvimento do feminismo, mas também pela reflexão acerca de como os conhecimentos e as histórias oficiais foram narradas e registradas. Aí entraria a contribuição da "História das\_mulheres<sup>74</sup> para a história geral" (SAYÃO, 2003, apud FRAISSE PERROT, 1991, p.14).

Perrot (1996) ressalta que, quando tratamos da história das mulheres, esta se relaciona diretamente com a história dos homens e as relações entre ambos. Ela exemplifica que mesmo que se trabalhe com um grupo de religiosas de um

Grifos da autora. Elas escreveram nos anos 1970 o livro da História das mulheres, mas reforçam que só tem sentido a história das mulheres se estiverem entrelaçados os papéis sociais de homens e mulheres para não estigmatizar, colocando binarismos principalmente nos estudos acadêmicos.

convento, elas não estão separadas da sociedade, só será possível compreender o convento em questão, se refletirmos sobre as problemáticas da religião, seu lugar na sociedade, as relações entre padres, religiosas e todo o contexto que envolva a circularidade masculina e feminina.

Inspirada em Michelle Perrot foi que, no Brasil, Mary Del Priore organizou, em 1997, o livro *A história das mulheres no Brasil*, reeditado nove vezes. Esse livro traz contribuições sobre as variadas realidades das vivências das mulheres, nos diversos setores da sociedade brasileira, construídos por "mulheres que escrevem sobre mulheres e homens que escrevem sobre mulheres", os textos são escritos sem os grandes jargões acadêmicos e trazem contribuições imprescindíveis para a compreensão das complexidades que envolvem esta temática:

As histórias aqui contadas refletem as mais variadas realidades: o campo e a cidade, o norte, o sudeste e o sul. Os mais diferentes espaços: a casa e a rua, a fábrica e o sindicato, o campo e a escola, a literatura e as páginas de revista. E, finalmente, os múltiplos extratos sociais: escravas, operárias, sinhazinhas, burguesas, heroínas românticas, donas de casa, professoras, boias frias (...). (...) A história das mulheres é relacional inclui tudo que envolve o ser humano, suas aspirações e realizações, seus parceiros contemporâneos, suas construções e derrotas. Nesta perspectiva, a história das mulheres é fundamental para compreender a história geral: a do Brasil, ou mesmo aquela do Ocidente cristão ( DEL PRIORE, 2010, p. 8).

Ousamos lançar uma crítica sobre a obra de Del Priore que, com a melhor das intenções, ao estruturar uma obra de tão grande magnitude, não dedicou nenhuma página às reelaborações dos grupos de mulheres negras nas diferentes regiões do país. Isso nos leva a conjecturar que na produção acadêmica brasileira poucos são os pesquisadores que incluem esse segmento como sujeitos históricos e, também, como intelectuais que vem se constituindo após algumas ter construído uma caminhada de pesquisa, produção acadêmica na sociedade em geral.

No contexto brasileiro, o poder colonial, patriarcal e eclesiástico exercido como forma de dominação (relações assimétricas do poder) dos outros (indígenas, africanos e crioulos) envolvia, além de outras formas, a apropriação e controle do corpo e do espírito, como estratégias usadas pelos senhores e autoridades coloniais para impor um sistema de coerção (REIS, 1996). As reações ao poder colonial, e as

diferentes formas de hierarquização social, se mostraram desde os primeiros anos de colonização. Insurgências, lutas, embates, confrontos coletivos e individuais, negociações e acordos permearam as relações de poder coloniais e pós-coloniais. As confrarias, quando elegiam os reis e rainhas congos, mesmo que simbolicamente, estavam de certa forma exercitando uma experiência de poder negro, já experimentado pelos negros oriundos do antigo Reino do Congo.

É perceptível que as relações sociais entre homens e mulheres se estabelecem, nas sociedades, em campos conflituosos de constantes tensões. O processo de colonização, empreendido pelas grandes potências europeias nas Américas e na África, e a ideologia iluminista não devem ser esquecidos quando problematizamos essas relações. A historiadora e pesquisadora Beatriz do Nascimento, grande referência nos estudos sobre mulheres negras no Brasil, corrobora com esta reflexão quando ressalta que:

Foi forjada no Ocidente uma sociedade de homens, identificando não só o gênero masculino, mas uma espécie como um todo. Essa perspectiva possuía um devir utópico, previa-se um mundo sem diferenças. Entretanto, ao contrário do pensamento Iluminista, naquele momento processava-se a anexação de sociedades e culturas com extremas separações políticas, sociais e individuais á sociedade do europeu, através da máquina colonialista (NASCIMENTO, 2006, p. 127).

Mesmo no século XXI, um significativo número de mulheres, em diferentes países do mundo, ainda não se percebem como sujeitos históricos, não expressam seus desejos, e se submetem às vontades e estereótipos impostos pela sociedade que desumaniza e individualiza os seres humanos. Elas não conseguem cuidar de si e da sua formação porque têm que providenciar todas as condições mínimas de subsistência das famílias. Acrescentamos também os diversos tipos de violência, dentre elas, a violência simbólica, física e psicológica que marcam profundamente o indivíduo. Além disso, as relações de poder que se manifestam em espaços públicos e privados, onde os homens manipulam estas relações, exercendo uma dominação masculina do poder. Diante do exposto, recorremos aos estudos de Beauvoir (1970, p.14), que nos leva a observar que:

(...) Ora, as mulheres sempre foram, senão as escravas dos homens ao menos suas vassalas; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado handicap. Em quase nenhum país seu estatuto legal é idêntico ao do homem e muitas vezes este último a prejudica consideravelmente. Mesmo quando os direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão concreta. (Grifos nossos, grifo da autora).

A desarticulação dos mecanismos citados acima requer lutas e embates constantes, mas de forma articulada e reflexiva entre os pares. É na família, escola, igreja e movimentos sociais diversos que os papéis sociais de gênero são forjados, manipulados ou transformados. É importante destacar também que a opressão sobre as mulheres foi sendo delineada, principalmente, a partir da divisão social do trabalho, impulsionados pelo capitalismo que intensificou disputas de poder econômico, ideológico e político, calcados nas relações trabalhistas. No caso do Brasil, acrescenta-se a sociedade patriarcal, oriunda do processo de colonização e escravismo, como intensificador do problema.

As primeiras bandeiras de luta foram: direito ao pensamento próprio, aos nossos corpos, ao voto e ao aborto. Vale sinalizar, também, que o Feminismo<sup>75</sup>, os estudos feministas, as relações de gênero e o movimento de mulheres negras, são desdobramentos dos movimentos de mulheres. Estudiosas como González (1985) e Scott (1990, 1995), têm imprescindível importância neste entendimento.

Os movimentos de mulheres se configuram de acordo com a necessidade do contexto. No caso brasileiro, ele foi diretamente influenciado pelos movimentos feministas dos Estados Unidos e da França. A luta pelo direito ao voto feminino foi a primeira grande bandeira de luta, nos primeiros anos do século XX.

Outros episódios históricos nacionais também exerceram influência direta no movimento de mulheres. Nesse sentido, podemos citar o movimento de redemocratização do país; as resistências contra o Golpe Militar de 1964; o uso da pílula anticoncepcional, já em vigor em vários países; o Movimento Hippie; a Anistia

<sup>&</sup>lt;sup>75</sup> Feminismo enquanto movimento social engloba um conjunto de teorias e práticas historicamente variáveis em torno da constituição e da legitimação dos interesses das mulheres SOIHET, Apud ERGAS, 1994. Para aprofundar ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In DUBY, Georges; PERROT, Miclelle. História das mulheres no Ocidente. V. 5., Porto: Afrontamento, 1994.

brasileira em 1975. Esses foram fenômenos importantes que nortearam o Movimento Feminista Brasileiro.

Ainda nesse sentido, o processo de redemocratização do país possibilitou a organização dos diversos movimentos sociais: movimento estudantil; as organizações comunitárias; criação de diversos partidos políticos de esquerda, quando as mulheres impulsionaram lutas por cotas. As associações de moradores e o movimento das donas de casa não podem ser esquecidos.

A escolha da ONU pelo ano de 1975 como o Ano Internacional da Mulher foi impulsionada pelo Movimento Feminista Internacional, que articulou diversas reivindicações em nível mundial, especialmente quanto à violência praticada contra as mulheres no mundo inteiro. Na Declaração dos Direitos da Mulher, foram elencados doze direitos que se tornaram um referencial para desnaturalizar a opressão sofrida pela mulher, proibir e combater todo tipo de desigualdade, violência e opressão. São eles:

Direito á vida; á liberdade e à segurança pessoal; à igualdade e estar livre de todas as formas de discriminação; direito à liberdade de pensamento; à informação e educação; à privacidade; á saúde e à proteção desta; direito a construir relacionamento conjugal e a planejar sua família; a decidir ter ou não ter filhos e quando tê-los; direito aos benefícios do progresso científico; direito à liberdade de reunião e participação política; direito a não ser submetida a tortura e maltrato (ONU, 1975 s/p)<sup>76</sup>.

Naturalmente, que esta declaração não trouxe a equidade de gênero, mas ela foi primordial para sustentar O Movimento Feminista Brasileiro que, em princípio, defendia apenas os interesses de mulheres brancas, ricas e heterossexuais. Enquanto isso, dentro do próprio movimento, outros clamores ecoavam: mulheres negras, lésbicas e transexuais questionavam a legitimidade das lutas e colocavam outras demandas em discussão. Os anos de 1970 estão marcados, ainda, pelo binarismo mulher e feminismo.

A década de oitenta foi marcada pela reestruturação do Movimento Feminista Brasileiro. Com pautas cada vez mais diversificadas, incluindo temas como aborto, lesbiandade, heterossexualidade obrigatória, homossexualidade e, o mais importante para a nossa pesquisa, a reflexão sobre a categoria gênero e a interação

<sup>&</sup>lt;sup>76</sup> Disponível em: www.onu.org

com os estudos de gênero de feministas negras norte-americanas, como Judith Butler, Dona Hawarw Joan Scott, dentre outras.

A teologia da libertação da Igreja Católica<sup>77</sup> teve um papel imprescindível na década de 1970, formando alianças com os novos movimentos sociais, as lutas pela anistia dos presos políticos, a reflexão dentro do movimento de mulheres e do feminismo, das demandas específicas das mulheres negras e os partidos políticos de esquerda. Não podemos esquecer também do movimento de redemocratização do país e a anistia dada aos presos políticos do golpe militar, de 1964.

Temos tratado de movimentos feminista e/ou de mulheres porque não há um consenso de reivindicações, são várias lutas dentro da luta, vertentes epistemológicas diferenciadas. São diversos grupos, com demandas específicas dentro do mesmo rótulo: movimento de mulheres brancas heterossexuais, mulheres negras excluídas pela etnia e condição social, mulheres lésbicas, transexuais, camponesas, domésticas, dentre outras.

Ao discutir sobre o processo emancipatório das mulheres, buscamos compreender que as diversas formas de opressão e preconceitos contra elas, como o machismo, racismo direcionado às mulheres negras e os vários estereótipos, são construções históricas e culturais. Como também, formas de violência, especialmente a violência simbólica. Estes (as) são criados (as) nas diferentes sociedades, reproduzidas e transformadas diariamente. Nesse sentido, o enfrentamento dessas situações se dá através das reflexões entre os pares. E, o aprendizado dos papéis sociais de homens e mulheres, inseridos nas relações de gênero mais equânimes, requer negociação, reflexão, acordos e embates constantes. Roger Chartier, no artigo *Diferença entre os Sexos e dominação simbólica (nota crítica)* salienta que:

Definir a submissão imposta ás mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação, que é uma relação histórica, cultural e linguisticamente construída, é sempre afirmada como uma diferença de natureza, radical, irredutível, universal. O essencial não é então, opor termo a termo, uma definição histórica e uma definição biológica da oposição masculino/feminino. Os mecanismos que enunciam e representam como "naturais", portanto biológica, a divisão social e, portanto, histórica dos papéis e funções [...] (CHARTIER, 1995, p.42).

<sup>77</sup> A teologia da Libertação

É possível também qualificar a conduta masculina com relação aos seus pares como Violência de Gênero. A pesquisadora Heleieth I. B. Saffioti (2001) sugere que a Violência de gênero é o conceito mais amplo, porque abrange vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens se apropriam do poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio.

Interessa-nos pensar que, no contexto onde o cristianismo foi articulado, com os pressupostos do colonialismo e do patriarcalismo, as relações desiguais de gênero foram impostas através das "instâncias de poder" (SCOTT, 1996). Utilizando vários mecanismos, dentre elas, as diversas formas de violência, coação e racismo, instituíram ideologias e normatizações sociais que se disseminaram por toda a sociedade brasileira. As contribuições de Souza (1983, p. 10) podem ajudar a entender que:

A violência racista subtrai a possibilidade de explorar e extrair do pensamento todo o infinito potencial de criatividade, beleza e prazer que ele é capaz de produzir. O pensamento do sujeito negro é um pensamento que se auto-restringe. Que delimita fronteiras mesquinhas à sua área de expansão e abrangência, em virtude do bloqueio pela dor de refletir sobre sua própria identidade.

Mesmo com todas essas questões impostas socialmente, acreditamos que as mulheres reinventaram um mundo de possibilidades e vivências, quebrando tabus e estereótipos, rompendo padrões de comportamentos preestabelecidos pela visão masculina de mundo. Ainda hoje, a cada instante, temos que discutir, em casa e nos espaços sociais, nosso direito de ser e estar no mundo. A violência impera em todas as esferas sociais, porque gênero é um campo no qual o poder se articula. Assim, existe um desgaste psicológico, físico e epistemológico para tentar garantir o direito de existência de nós, mulheres, como seres pensantes, capazes de tomar decisões acertadas sobre as diferentes atividades na vida.

Retomamos as reflexões de Juan Wallace Scott para enfatizar que: "O gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter sido uma forma persistente e

recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente nas tradições judaicocristãs e islâmicas" (SCOTT, 1995, p. 88).

O Documento de Aparecida que estabelece as diretrizes da Igreja Católica na América Latina e Caribe, elaborado na cidade de Aparecida, São Paulo, no ano de 2007, pelos Bispos destas regiões institui que:

Nesta hora da América Latina e do Caribe, é imperativo tomar consciência da situação precária que afeta a dignidade de muitas mulheres. Algumas desde crianças e adolescentes, são submetidas a múltiplas formas de violência dentro e fora de casa: tráfico, violação, escravização e assédio sexual; desigualdades na esfera do trabalho, da política e da economia; exploração publicitária por parte de muitos meios de comunicação social que as tratam como objeto de lucro (APARECIDA, 13-31 de maio de 2007).

Efetivamente, as novas concepções e diretrizes da Igreja Católica incluem certa preocupação com os vários tipos de violência sofrida pelas mulheres nas distintas sociedades. No entanto, as teólogas feministas ainda são perseguidas e estigmatizadas no seio da própria entidade religiosa. Podemos dizer que dão importância a alguns aspectos dos estudos feministas e gênero, porém nessas instituições ainda são alarmantes os casos de violência e estigmatização das mulheres, embasadas pelas leis canônicas e também por alguns trechos bíblicos interpretados de modo a manter-nos afastadas das grandes decisões nestas entidades.

Partindo da premissa acima, e situando nosso objeto de estudo nesta reflexão, o Compromisso que estabelece os papéis sociais dentro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho reduziu o papel político administrativo das mulheres por mais de trezentos anos. Isso interessava diretamente aos homens que faziam parte da Mesa administrativa, pois com uma Mesa de Honra paralela, eles podiam controlar livremente toda a administração, o poder e o destino da Irmandade, mesmo sobre intensos processos de resistência; Por isso toda uma legislação disciplinando as relações de poder. As construções sobre violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização para oprimir, violentar e segregar.

#### 4.4 MULHERES NEGRAS: ALGUMAS PALAVRAS

As mulheres negras, desde cedo, protagonizaram relevantes lutas na sociedade brasileira, mas foram, por muitos séculos, invisibilizadas como sujeitos históricos atuantes positivamente. A elas foram atribuídos os papéis servis como mães pretas, mucamas (escravas das sinhazinhas) e de objetos sexuais (mulatas). Podemos observar isso na obra de Gilberto Freire que, apesar de todos os méritos que tem, está mergulhado nos pressupostos das teorias evolucionistas e racialistas do século XIX, e, portanto, escamoteou nos seus estudos todo um contexto de lutas, resistências avanços e recuos que as mulheres negras escravizadas vivenciaram.

Positivar o protagonismo e as lutas das mulheres negras, desde o processo de escravização sofrido por mais de três séculos, não tem sido tarefa fácil na sociedade contemporânea. Gonzáles (1981) ratifica a importância das mães pretas no período colonial, formando valores e saberes africanos transplantados para as Américas através da migração forçada, no processo de escravização mercantil colonial.

A mãe preta também desenvolveu as suas formas de resistências (...) cuja importância foi fundamental na formação dos valores e das crenças do nosso povo. Conscientemente ou não, ela passou para o brasileiro branco as categorias das culturas negro-africanas de que era representante. Foi aí que ele africanizou o português falado no Brasil, transformou-o em "pretuguês" e conseqüentemente a brasileira (GONZALES, 1981, p.4).

Em se tratando da ocupação, segundo dados do IBGE do senso de 2000, as trabalhadoras negras estavam nas três maiores seções de atividade consideradas de baixo prestígio social, em número de pessoas, os serviços domésticos, comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos e educação agregavam cerca de 45% das mulheres, sendo que esses serviços absorvia 18,7% de negras. Nos serviços domésticos as mulheres ocupavam 92% dos cargos dessas podemos conjecturar que 82% são mulheres negras e dos 10% restante se divide entre homens negros, seguido de mulheres brancas ou mestiças.

Yêda Pessoa de Castro, nos artigos *No canto do acalanto* e *Também Mulher imagem de Deus*, enfatiza que:

(...) a mulher negra, na função de "mãe-preta", teve oportunidade de interagir e exercer sua influência naquele ambiente doméstico e conservador, incorporando-se à vida cotidiana do colonizador, fazendo parte de situações realmente vividas e interferindo no comportamento da criança através de seu processo de socialização linguística e de determinados mecanismos de natureza psicossocial e dinâmica. Entre eles, os elementos de sua dieta nativa, com comidas temperadas com azeite-de-dendê, e componentes simbólicos do seu universo cultural e emocional que ela introduziu em contos populares e cantigas-de-ninar tais como, seres fantásticos (tutus, mandus, boi-da-cara preta), expressões de afeto (dengo, xodó), crenças e superstições (o homem-do-saco, interdições alimentares) (PESSOA DE CASTRO, 1990, p.1)

O desenvolvimento de um diálogo constante com os saberes construídos pelas mulheres negras nas religiões afrobrasileiras, contribui, significativamente, na produção de conhecimentos e de experiências pouco narradas pela historiografia oficial. Nesses espaços sociais e simbólicos, é possível perceber os papéis representativos das mulheres negras nesta inter-relação entre a cosmovisão africana, na qual o princípio feminino e ou, masculino se complementam para que a energia vital (axé) circunde o universo.

Embora as mulheres negras colaborassem intensamente na construção da sociedade colonial, sua condição de desigualdade era a pior se comparada a dos homens brancos e negros, das mulheres brancas e amarelas. Elas estavam situadas na base da hierarquia daquela sociedade, eram excluídas de qualquer possibilidade de transformação social e de crescimento econômico, uma vez que lhes era ceifada qualquer possibilidade de mudança na ocupação desenvolvida (CARNEIRO, SANTOS e COSTA, 1985).

Consideramos ser de fundamental importância ressaltar que os movimentos de mulheres negras e o feminismo negro brasileiro nasceram para dar legitimidade às lutas das mulheres negras em diferentes regiões do país, nas quais o movimento de mulheres brancas e o feminismo da primeira onda, com suas demandas específicas, não consideravam. Os enfrentamentos com o movimentos acima citados foram importantes para a conquista de espaço social e simbólico, pois, as mulheres negras não eram consideradas historicamente como sujeitos sociais e de direito. Sueli Carneiro e Tereza Santos et. al. situam esta problemática:

[...] a luta da mulher branca pela sua equiparação ao homem, ante os meios do desenvolvimento do pensamento e da ação, a diferença da mulher negra já que à mulher branca está assegurada, historicamente, uma certa mobilidade vertical na sociedade, o que se contrapõe não só à mulher negra, mas também, ao homem negro[...], no sentido explícito de que, a liberdade pleiteada pela mulher branca, implica visceralmente na exclusão da mulher negra, já que esta não está identificada com a outra pelo sistema valorativo racioetnocêntrico, que delega a mulher negra, as tarefas mais ínfimas da sociedade brasileira ( CARNEIRO, SANTOS e COSTA 1985, p. 44 Apud SOUSA, 2007, p.98).

Enquanto mulheres negras, vivenciamos cotidianamente a pressão da estrutura social da classe dominante, orquestrada pelo racismo, sexismo e pela classe que escamoteiam toda uma gama de exclusão e violência articuladas, disfarçadas em estereótipos e ideologias. Cabe-nos nessa tomada de consciência, através do reconhecimento das discriminações, exclusões e do empoderamento que buscamos, nas lutas feministas, dos movimentos negros e outros; criticar essa estrutura hegemônica. Ao reconhecermos nossa marginalidade, ela nos autoriza a usarmos esta perspectiva para fazer uma crítica ao sistema estabelecido, assim como imaginar e criar uma contra hegemonia (HOOKS, 2004).

Para ampliar a discussão, nos apoiamos em Michel de Certeau (1994) para ousar dizer que a circularidade do fazer e do dizer está ligada ao movimento de mulheres negras. Porque elas/nós não desejam apenas fazer, mas dizer de forma clara, ou seja, narrar histórias vividas, sem que seja necessária uma voz masculina para dar credibilidade.

Então se poderiam compreender as alternâncias e cumplicidades, as homologias de procedimentos e as imbricações sociais que ligam as artes de fazer às artes de dizer: as mesmas práticas se produziriam ora num campo verbal ora num campo gestual; elas jogariam de um ao outro, igualmente táticas e sutis cá e lá; fariam uma troca entre si do trabalho no serão, da culinária às lendas e as conversas de comadre, das astúcias das histórias vividas às das histórias narradas (CERTEAU, 1994, p.153)

Nessa perspectiva, é importante reconhecer as lutas específicas das mulheres negras, situando-as historicamente, e, também, registrar essas lutas e falas faz com que reconheçamos suas/nossas identidades, buscando a igualdade de direitos na diversidade social, cultural e simbólica para que a elaboração da agenda

política foque a interceccionalidade das discriminações e estereótipos de raça, gênero e classe.

A propósito, foram as memórias da Rainha Nzinga, como guerreira estrategista do antigo reino do *Ndongo Ngola*, de Beatriz Kimpa Vita<sup>78</sup>, que criou o Movimento Antoniano, impulsionando a africanização do cristianismo no Reino do Congo. Como também a religião do candomblé, onde as Mães de Santo (*yalorixas e macotas*) e Pais de Santo (*Babalorixás e lenguas*) na Bahia reelaboraram as religiões africanas, trazidas pelos africanos escravizados; podem ser consideradas reminiscências das lutas de mulheres negras e homens negros nos primórdios desse país. Marco Aurélio Luz (1993) registra a importância desses movimentos, assinalando que:

Nas Américas a estratégia da rainha Nzinga se desdobrou, tanto nos *Kilombos*<sup>79</sup>, especialmente no dos Palmares, quanto nas irmandades católicas de negros. Irmandades que proporcionaram um espaço social necessário à coersão do negro para formar correntes de libertação, e reestruturar seus valores. Associando suas igrejas as congadas, Moçambiques, Ticumbis, Maracatus, etc., o negro *e a negra*<sup>80</sup> rememoram continuamente os valores de ancestralidade e realeza africana. Nas Congadas são dramatizadas a dinâmica das embaixadas entre a rainha Nzinga, aqui chamada de Ginga e *o Mani Congo*<sup>81</sup> o rei do Congo (LUZ, 1993, p.14).

Tratar da temática da mulher negra, que aqui é entendida como uma questão que envolve relações de gênero, poder, raça, classe e etnia etc.; dentro de um contexto histórico e cultural. Assim sendo, envolve uma série de complexidades, com temáticas abrangentes, a qual os (as) pesquisadores (as) têm si debruçado nos últimos anos, com contribuições excepcionais do mundo inteiro. É desafiante, para nós mulheres negras, tentar compreender estas temáticas e contribuir significativamente para a discussão

<sup>78</sup> Para compreender melhor esse importante movimento religioso ver: VAINFAS, Ronaldo.e SOUZA, Marina. de Mello. e "*Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento Antoniano, séculos XV- XVIII*" Tempo, 6, 1998, PP. 95-118.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>79</sup> Grifos nossos. A experiência dos quilombos foi trazida para o Brasil pelos povos *Bantu* que desenvolviam táticas de guerra para se defender dos ataques de invasores em seus espaços. Reelaborado no Brasil tornou-se espaço de reestruturação comunitária, vivência e resistência dos negros fugidos do processo de escravização.

<sup>&</sup>lt;sup>80</sup> Acréscimo nosso

<sup>81</sup> Grifos do autor

"Na Irmandade a gente trabalhou muito, em cima de uma mulher negra, da Independência da Bahia [...] (parou, pensou) [...] [Maria Felipa?]Sim essa! Ela lutou bastante, teve uma reunião para falar sobre ela, ela não era citada na história, era de Itaparica[...], antes só falava de Zumbí. (LOURDES BÁRBARA, Entrevista, 09/02/2013).

No primeiro encontro Nacional de Mulheres Negras em 1988 a Irmã Maria das Graças Ramos que já era membro do Movimento Negro da Bahia esteve presente neste celebre evento. Na entrevista ela relatou "participei do lº Encontro Nacional de Mulher Negra em Valencia Rio de Janeiro. Conheci Lélia Gonzalez, Sandrão, Beatriz do Nascimento, Benedita da Silva que ainda estava se projetando. Tenho botom e algumas coisas" (Ir. GAL, ENTREVISTA, 04/04/2013). Dessa forma, as experiências das mulheres negras atuando no movimento negro, no movimento de mulheres negras e na religião do candomblé têm influência direta nas ações das mulheres da Irmandade do Rosário pela divisão do poder e por relações inter-pessoais menos machistas.

### 5 "EU VI MEU ROSÁRIO FALAR"

Eu vi meu Rosário falar Eu vi meu Rosário falar Agora que eu quero ver Se couro de gente é pra queimar Vou pedir pra São João Cosme e Damião pra nos ajudar Há um aviso no engenho de flores Chamando pra trabalhar [...]

#### 5.1 OS REGISTROS DA MESA DE HONRA

Entendemos que "a História se faz a partir de qualquer traço ou vestígio deixado pelas sociedades passadas e presentes e que, em muitos casos, as fontes oficiais são insuficientes para compreender aspectos fundamentais" (CORSETTI, 2006, p. 35-36). Assim, neste item, trazemos alguns fragmentos de documentos que legitimam o empoderamento e ou a visibilidade das ações das mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho, a partir do seu protagonismo na Mesa de Honra, espaço onde aconteceram as principais reflexões, atividades e embates para que as mulheres pudessem, enfim, ser reconhecidas como partícipes do poder administrativo da Irmandade. Os estudos de Oliveira (2005, p. 4) e Lagarde (1996, p. 112) afirmam que existe o entrecruzamento de diversas dimensões para que se efetive, verdadeiramente, o empoderamento na vida das mulheres.

O empoderamento das mulheres se entrecruza com as dimensões de gênero, raça/etnia, classe, cultura, história. Defende o acesso a recursos, vantagens, informações, serviços e, principalmente, a participação das mulheres O empoderamento das mulheres implica o desaparecimento dos mecanismos de poder patriarcais fundados na opressão das mulheres e necessita mudar normas, crenças,

<sup>&</sup>lt;sup>82</sup> Este canto foi criado pelo então Padre Alfredo Dórea quando foi capelão da Igreja do Rosário entre (1994) e irmãos do Rosário quando da abertura para a formação do grupo de canto do Rosário o qual resultou na gravação do CD (Rosário dos Pretos Cânticos) em 1999. O evento foi gravado na Missa de Santo Antônio de Categeró numa terça-feira, com a participação de cantores da Bahia como: Aluízio Menezes, Jota Veloso, Margareth Meneses, Ilê Aiyê, Mariene de Castro, Dona Edite do Prato de Cachoeira (já falecida), Coral do Rosário dentre outros.

mentalidades, usos e costumes, práticas sociais e construir direitos das mulheres hoje inexistentes.

São muitos os desafios para o estudo da ação das mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho. Dentre eles, destacam-se a falta de registro das atividades e ações da Mesa de Honra durante anos; a ausência de muitos documentos referentes aos períodos de 1950 a 1980, devido ao incêndio na Igreja da Barroquinha que abrigava grande parte do acervo do Rosário quando da reforma entre 1973 a 1982; e, também, o desaparecimento de uma vasta documentação, organizada pela Mesa de Honra nos anos 1990, atribuído a alguns membros de Mesas Administrativas que foram indiciados por irregularidades administrativas.

Outro fato importante é que os registros internos das atividades da Mesa de Honra só se efetivaram a partir dos anos 1980 e início dos anos 1990. As Mesas de Honra que "antecederam, infelizmente não deu tempo de registrar as belezas, mas eu acho que elas nos inspiraram, iluminaram de alguma maneira [...] (Irmã Sandra Bispo, 2012)". Nesse sentido, não só o registro escrito em atas, mas também o registro oral dessas histórias da Irmandade têm significativa importância para sua memória histórica, porque a memória e a história se articulam para dar significado aos processos de vivência das pessoas nas entidades. As Atas são importantes fontes de documentação porque

[...] se transformavam em registros intencionais, enquanto herança documental destinada à rememoração, por se constituírem em referência documentada e fonte que retratavam, ou ainda interpretavam, um importante acontecimento vinculado a interesses de grupos que protagonizaram ações e reflexões sobre os destinos de cada um em um contexto de transformações [...] (LEAL, 2011, p. 122).

Embora o Compromisso de 1949 legitimasse a existência da Mesa de Honra, não foi encontrada nos arquivos da Irmandade nenhuma referência às ações desta. Sabe-se, no entanto, que o significado, as formas de operacionalizar e os ritos de muitas dessas ações eram transmitidas por meio da oralidade e, como bem relatou a Irmã Ivone Paixão, "desde sempre as Prioras estavam lá trabalhando para o bem da Irmandade" (ENTREVISTA, março de 2011). Porém, o registro dessas experiências

nem sempre acontecia. Contudo, entre o simbólico e o real também estão algumas faces do poder, porque as gerações posteriores só têm acesso ao que foi elaborado anteriormente se os sujeitos daquele tempo histórico quiserem que outros saibam. O registro, o saber a memória intercambiam a história década entidade.

Numa ata do dia 08 de janeiro de 1961<sup>83</sup>, observamos que a Mesa Administrativa, na pessoa do Prior, percebe a necessidade da colaboração das irmãs Condignas, responsáveis pelos trabalhos práticos da manutenção do templo: limpeza da igreja, lavagem das roupas etc. Nesse sentido, o irmão Prior apresentou uma proposta para ser levada às irmãs da Mesa de Honra:

O Irmão Prior apresentou uma proposição que achava viável ser designadas condignas para a limpeza semanal dos altares a fim de evitar que o zelador dissesse que não tinha tempo para fazer as respectivas limpezas. Ainda o senhor Prior frisou que deste modo a Igreja ficaria limpa e dava melhor realce. Com a Palavra o Irmão tesoureiro declarou que era necessário ouvir a Irmã Priora<sup>84</sup>para combinarem as que pudessem vir sempre à Igreja a fim de fazer esses serviços. O Irmão Amâncio Pita declarou que era preciso ver as Irmãs que dispunham de tempo porque em sua maioria eram donas de casas e não podiam sempre cooperar com tais limpeza ficando acertada a sugestão do Tesoureiro. (LIVRO DE ATAS 1959-1974, ATA DO DIA 08/01 1961, p.10).

É notório que, naquele momento histórico, os irmãos não mostravam interesse nas atividades da Mesa de Honra, que já atuava na Irmandade, ainda viam nós, mulheres, apenas como realizadoras de atividades de cunho doméstico. Não havia interação e nem empenho para uma construção conjunta, a fim de realizar as diferentes atividades. "Eles estavam lá para mandar e as mulheres para trabalhar" (Ir. IVONE, ENTREVISTA, 15/03/2011). Em 04 de fevereiro de 1962, o Irmão Secretário Antenor de Santa Cecília apresentou à Mesa Administrativa um documento da Irmã Jacinta, Priora, solicitando da Mesa sua exoneração do cargo em caráter irrevogável. Essa solicitação foi posta em discussão e aprovada. No entanto, não foi possível saber quais os motivos que levaram a Irmã Priora a se afastar, e nem foi encontrado nos arquivos documento sobre o fato.

\_

<sup>83</sup> AINSRP, Caixa6, Doc. 1

<sup>&</sup>lt;sup>84</sup> Eles não registram na Ata o nome da Irmã que era Priora naquela data. Mas, ela se chamava Irmã Jacinta Oliveira dos Santos.

Em 1º de agosto de 1965, a Ata da Mesa Administrativa registrou que o irmão Tesoureiro Francisco Pereira Lima apresentou à Mesa uma proposta organizada pelas Irmãs Condignas para fazer uma rifa, no intuito de angariar recursos para colaborar com a festa da Padroeira Nossa Senhora do Rosário. Elas colocaram a condição de que, a citada rifa, não poderia ter nenhum dos seus bilhetes devolvidos. Todos os irmãos deveriam ser responsáveis pelos bilhetes adquiridos, ficando marcada a data de 10 de novembro de 1965 para o sorteio.

Observa-se que, desde os primeiros anos, sempre faltou à Mesa de Honra o apoio financeiro da Mesa Administrativa para efetivar as diferentes atividades que realizavam, especialmente as Festas da Padroeira e dos outros Santos da Casa. A Irmandade de Nossa Senhora Rosário dos Pretos do Pelourinho sempre teve recursos oriundos de diferentes fontes: peditórios, doações, mensalidades dos irmãos, joia de entrada na Irmandade, aluguéis de imóveis, aluguéis de carneiras no Cemitério Quintas dos Lázaros etc., mas a Mesa Administrativa não repassava os recursos financeiros para a Mesa de Honra. Dessa maneira, angariar recursos para o brilhantismo das festas e atividades era um desafio constante para as Irmãs da Mesa de Honra.

Mesmo sem visibilidade, as irmãs trabalhavam ativamente para que fossem reconhecidas como coparticipes das ações da Irmandade. Em 1967<sup>86</sup>, por ocasião da Festa de Nossa Senhora do Rosário, todos foram convidados pela Vice- Priora Jandira Maria Pereira para reunirem-se no Salão de Honra, a fim de prestarem homenagem à Irmã Ex-Priora Jacinta Oliveira dos Santos. A abertura do ato foi feita pelo Prior Manoel Alves Muniz; na presença de todos, foi aberta uma cortina onde se encontrava um quadro com o retrato da Irmã Jacinta. O documento registra que houve forte salva de palmas.

Ainda de acordo com o documento, o Prior passou a palavra para o capelão Padre Aurélio de Andrade. Este declarou que, apesar de não conhecer o passado da Irmã homenageada, diante do que vira naquele dia, não restava outra coisa senão reconhecer os seus méritos. A Irmã Jacinta por sua vez, em agradecimento, fez um relato das suas atividades dentro da Ordem Terceira do Rosário, enumerando vários fatos ocorridos em todo o seu tempo de irmã. Finalmente, com uma "nevoa de

<sup>86</sup> AINSRP, CAIXA 6, Doc. 1 Ata Especial do dia 19 de novembro de 1967, p 105 verso.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>85</sup> AINSRP, CAIXA 6, Doc. 1 Livro de Registro de Atas da Mesa Administrativa Ata da Mesa administrativa 01 de agosto de 1965, p.72.

lágrimas de alegria e emoção em seus olhos a Irmã Jacinta conclui seus agradecimentos" (CAIXA, 06, Doc. 01, p.105, verso).

Vale observarmos que os documentos "não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto" (LUDKE e ANDRÉ, 2012, p. 39). Existem, ainda, a intencionalidade e o poder de quem registra, evidenciando ou escamoteando fatos, de acordo com o momento histórico e político da entidade. Dessa forma, através dos documentos que irmãos e irmãs deixaram, podemos tentar compreender o relato de algumas situações vivenciadas na Irmandade, não como uma verdade absoluta, mas sempre como uma verdade aproximada.

Ao registrar ou ocultar informações importantes, podemos inferir que a Mesa Administrativa masculina pode colaborar ou não para a ampliação da memória histórica da Irmandade. O registro das atividades realizadas pela Mesa de Honra, tem grande relevância que somadas às ações dos irmãos, contribuíram para a preservação da Irmandade. Podemos citar, por exemplo, o fato tratado no documento anteriormente, o irmão que fez o registro, não se referiu às atividades e ações que a irmã Jacinta Oliveira dos Santos realizou, nem tampouco aos embates, aos desafios enfrentados, os quais se supõem que ela mesma, em momento de homenagem, tenha relatado.

#### 5.2 O LIVRO DA MESA DE HONRA

Nos Anos 1980, as reuniões da Mesa de Honra foram registradas em livro de Atas, onde são descritas todas as atribuições que elas desenvolviam. O livro foi tomado como análise porque colabora efetivamente para o enriquecimento da pesquisa, embora se tenha outros, ele foi o único a que tive acesso. Nele estão registradas algumas das ações e reflexões da Mesa de Honra historicizada pelas próprias protagonistas, as irmãs do Rosário. Relembro novamente que, no período da pesquisa (2011-2013), a Irmandade estava em reforma, e uma parte da documentação não pode ser acessada, porque o arquivo ainda não havia sido reorganizado.

O Livro foi aberto na gestão da Priora Jandyra Muniz Galvão, em 02 de novembro de 1980 e encerrado em 19 de janeiro de 1992, quando a Priora era a

Irmã Abgail do Espírito Santo Barbosa e a Vice- Priora a Irmã Sandra Maria Bispo. O Livro foi encerrado pela secretária Irmã Ivone Silva da Paixão.

A Ata que abre o livro foi escrita pela Irmã Vice-Priora Lindaura Vitória de Lima e relata a reunião realizada em 01 de junho de 1980, na Sacristia da Igreja da V. O. T. de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho, às 11h e 20min, que contou com a presença de 17 irmãs<sup>87</sup>. Das Irmãs que se fizeram presentes nesta reunião histórica, apenas três estão vivas: a Irmã Elisete Santos, em processo de doença, assim como a Irmã Raimunda Nonato da Conceição. A que se encontra em plena atividade na Irmandade é a Irmã Nolair Bomfim, que do alto dos seus 81 anos é colaboradora desta pesquisa.

> Com a presença de várias Irmãs, bem como da Prioreza e Professora Jandyra iniciou-se a sessão com o cântico do "A nós descei". A seguir usou a palavra a Irmã Prioreza dizendo que as próximas sessões seriam realizadas no quarto domingo de cada mês após a Missa e não no último, sendo que a estas reuniões todas as irmãs estariam obrigadas a assistir, e não como na reunião dos Irmãos em que somente os mesários assistem. Ficou esclarecido ainda que todas deveriam dar suas opiniões, sobretudo em se tratando de dinheiro (LIVRO ATAS DA MESA DE HONRA 1980-1992, p 01 e verso e 02).

Lembramos que, nas várias atas contidas no livro (entre outubro de 1980 a novembro de 1981), todas registradas pela Irmã Lindaura Vitória de Lima, Vice-Priora da época, ressaltou bastante a fala da Priora Jandyra e as diversas atividades realizadas pelas mulheres, e sempre com a presença de algum membro da Mesa Administrativa. A quantidade de irmãs que participavam da reunião variava de vinte a vinte cinco presenças. É possível notar que, além das componentes da Mesa de Honra, compareciam algumas outras irmãs interessadas em colaborar; discutiam sobre as atividades e demandas do cotidiano da Irmandade, como: doação de utensílios domésticos para a cozinha; compra de tecidos para fazer os paramentos; a limpeza dos altares, divididos por diferentes irmãs e não apenas as Condignas; as festas; a prestação de contas das arrecadações da Mesa de Honra; os gastos e os repasses para a Mesa Administrativa, com apresentação dos respectivos recibos.

<sup>&</sup>lt;sup>87</sup> Jandyra Muniz Galvão, Elisete Santos, Zulmira Fernandes Silva, Miriam V. da Silva Santos, Lídia Regina de Jesus Nolair Bomfim, Erenita Maria Pereira, Miguelina Sena Cerqueira, Jacinta Vieira, Izabel Machado da Cruz, Abgail do Espírito Santo Barbosa, Martinha Guedes dos Santos, Adelia Santos, Raimunda Nonato Conceição e Maria Máxima Maximiniana.

Notamos que, nos anos oitenta, as ações da Mesa de Honra eram organizadas e distribuídas em comissões para a realização dos trabalhos de sua responsabilidade. Em documento de 22 de novembro de 1981, observa-se que se discutia muito sobre não sobrecarregar umas irmãs em detrimento de outras, então, traçaram suas metas, dividindo as tarefas entre as irmãs que eram mais frequentes na Irmandade. Havendo, de certa forma, um consenso na distribuição dos cargos e nas atividades práticas.

[...], foi traçado um plano de trabalho para o próximo ano vindouro que ficou assim deliberado: Jacinta arrumar os gavetões, providenciar um caderno para anotar o que se encontra em cada gavetão. Será ainda a Mestra das noviças, devendo ser bastante rígida quanto à entrada de novas irmãs. Como Zeladoras ficarão as Irmãs Adélia, Nolair e Anita que se incumbirá de trocar as toalhas quando necessário, mudar as flores, zelar pelos altares. A irmã secretária ficará encarregada de redigir, ler e trazer as atas em dia. Esta é a incumbência da irmã Ivone. Geral foi indicada Miriam e como visitadoras ficarão Raimunda e Maria Máxima, como condignas as irmãs Lídia Regina ajudada por todas caberia providenciar para não faltar flores naturais aos domingos. Abgail se encarregaria de arrecadar o dinheiro e comprar os presentes dos aniversariantes. Quanto ás reuniões ficou acertado que uma seria presidida pela Prioreza e outra pela Vice- Prioreza Irmã Izabel (LIVRO DE ATAS DA MESA DE HONRA 1980-1992, p. 11 e verso).

A partir de abril de 1982 a novembro de 1989, as atas foram registradas pela Irmã Ivone Silva da Paixão, que também não deixou de anotar a presença constante do Prior Manoel Galvão nas reuniões. Estas continuaram acontecendo entre o terceiro ou quarto domingo do mês, na sacristia da Igreja. Os registros das atas continuaram seguindo o mesmo padrão, porém, trazendo mais detalhes das participações de outras irmãs com seus respectivos posicionamentos nas reuniões. Outro fato curioso, que até então não aparecia em atas anteriores, foi a colaboração das irmãs do Rosário com a *Sociedade Monte Pio dos Artistas*<sup>88</sup> para a compra de um som a ser doado à entidade, como também a sua ajuda na limpeza e

<sup>&</sup>lt;sup>88</sup> A Sociedade Monte Pio dos Artífices da Bahia, fundada em 16 de dezembro de 1832 entidade de ajuda mútua, de cunho político, social e cultural. A entidade era composta por artesãos e operários das diversas áreas, dentre eles: músicos, carpinteiros, sapateiros, ourives, alfaiates, comerciários dentre outros. Ver: LEAL, Maria das Graças de Andrade. *Sociedade dos Artífices: experiência liberal de mutualismo na Bahia imperial (1832-1862)*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História- ANPUH, São Paulo, julho, 2011, p. 1-17.

organização do espaço. Elas discutiram sobre o assunto em reunião do dia 27 de junho de 1982. Assim descreve o documento:

[...] foi realizada a quarta reunião da Mesa de Honra, da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, sendo relatados os assuntos que seguem. Como de hábito rezamos as orações de abertura, sempre oficializada pela Prioreza, professora Jandira Muniz Galvão. Em seguida a mesma deu prosseguimento à reunião procurando saber das irmãs que faltam contribuir com dinheiro para a compra do som da Sociedade Monte Pio dos Artífices<sup>89</sup>, pois já está na hora de cumprirem a promessa. Prosseguindo relatou-nos que estando presente a uma das reuniões da referida sociedade, notou que a sujeira impera de modo geral, e que é preciso uma grande limpeza. Então, ela, a Prioreza conversando em particular com o presidente, ofereceu-se, contando com a ajuda das irmãs, para três ou mais membros da Ordem uma vez por mês, com a presença de um membro da diretoria da sociedade permanecer conosco até o término da limpeza, munido de todo o material necessário. A mesma não poderá ser feita de uma só vez, e sim por etapa. (LIVRO DE ATAS DA MESA DE HONRA 1980-1992, p.14 e verso).

As irmãs preocupavam-se não só com a Irmandade do Rosário, mas também com outras entidades a que eram associadas. Neste caso, o Monte Pio dos Artistas, que agregava artesãos e profissionais liberais de toda a cidade dentre eles: carpinteiros, pintores, artesãos escultores etc., e onde, provavelmente, havia poucas mulheres atuando. Para a tarefa da limpeza da Sociedade do Monte Pio dos Artistas.

[...] foi organizada a primeira frota para o dia 06 de julho de 1982, ficando a mesma assim constituída Jandyra Prioreza, Miriam, Constancia Nolair e Joaquina, todas as irmãs da Ordem Terceira do Rosário dos Pretos [...], foi também estudada a possibilidade de ter uma Irmã, só para cuidar do altar de Nossa Senhora do Amparo, padroeira da Sociedade em discussão, ficando como tal a Irmã Ivone Paixão (Idem, p.14 verso).

Cabe lembrar também que, na Mesa de Honra, se organizavam excursões, passeios e atividades recreativas para todos os irmãos da Irmandade. Podemos citar, por exemplo, excursões para Bom Jesus da Lapa, para a festa de Nossa Senhora da Boa Morte em Cachoeira (esta ainda continua acontecendo); e, ainda, a

<sup>&</sup>lt;sup>89</sup> A redatora quis dizer Artistas, pois a mesma faz a correção disso na leitura da ata na sessão posterior quando foi chamada a atenção para fazer a ressalva na Ata de 25 de julho de 1982.

distribuição de presentes aos aniversariantes de cada mês. Geralmente isso acontecia nas reuniões da Mesa de Honra.

Para o triênio 1985-1988, no ano de 1984, foi apresentada uma primeira proposta de chapa eletiva com os nomes das irmãs e seus respectivos cargos, os quais foram submetidos à apreciação pelos membros da reunião. Estas tinham como missão afirmar esses nomes ou redimensionar, montando outra proposta a partir das habilidades das irmãs que compunham a chapa. A Ata do dia 17 de junho de 1984, nela a Irmã Priora apresentou a chapa para renovação da Mesa de Honra referente ao triênio 1985-1988<sup>90</sup> a qual foi encaminhada à Mesa Administrativa para fins de votação.

Após muitas reflexões, nesta mesma reunião da Mesa de Honra, muitos cargos foram redimensionados. A Irmã Ivone Silva da Paixão, que a princípio estava como indicada a Vice- Priora, passou a exercer o cargo de Priora e a Irmã Abgail do Espírito Santo Barbosa, que antes era pretendente ao cargo de Priora, assumiu o cargo de Vice- Priora. Nos anos oitenta, ainda continuava a prerrogativa das irmãs prepararem as chapas concorrentes e encaminharem para a Mesa Administrativa para serem votadas.

Neste livro de Atas, estavam sendo redigidas as atas mensais da Mesa de Honra, mas houve uma interrupção na ata de 23/09/1984, só retornando o registro em 28/07/1985, na reunião presidida pela nova Mesa de Honra correspondente ao triênio 1985-1988. Neste meio tempo, consta em ata, o falecimento da Irmã, e ex-Priora, Jandyra Galvão, não havendo registro do motivo. Mesmo tomando posse no final do ano de 1984, as integrantes desta nova mesa só começaram a registrar suas reuniões no meado de 1985.

Neste ano, por conta deste falecimento, a Festa de Nossa Senhora do Rosário foi simples, sendo celebrada missa festiva seguida de um lanche no dia 27 de outubro. Em sua fala, a Priora ressaltou que, em concordância com a Mesa Administrativa, "na segunda-feira 28 [ a festa], também será simples, não havendo o tradicional Bacalhau, pois neste dia, será o aniversário de morte da nossa Ex-Priora,

\_

<sup>&</sup>lt;sup>90</sup> Priora Abgail do Espírito Santo Barbosa; Vice- Priora Ivone Silva da Paixão; Secretária Maria Bomfim Vidal; Tesoureira Martinha Guedes dos Santos; Procuradora Geral Izabel Machado da Cunha; Zeladoras Nolair Bomfim e Lídia Regina de Jesus; Visitadoras Raimunda Nonato Conceição e Maria Máxima Maximiniana; Mestre de Noviças Miriam Vicência da Silva dos Santos; Condignas Albertina Auta Cordeiro, Domingas Souza Santos, Argemira Silva Santos, Elisete Santos, Miguelina Lessa Cerqueira, Constância Portela, Valdelice de Jesus e Eremita Maria Pereira(LIVRO DE ATAS MESA DE HONRA, Ata do dia 17/06/1984, p.22 verso e 23).

a Prof.ª Jandyra Muniz Galvão. A Prioreza determinou que no dia 31 fosse celebrada missa em sufrágio da mesma" (LIVRO DE ATAS DA MESA DE HONRA 1980-1992, ATA 29/07/1985, p. 27 e verso).

Embora tenha sido eleita a irmã Maria Bonfim como secretária da Mesa de Honra, esta esteve presente apenas em três reuniões de Mesa, pedindo, posteriormente, a demissão do cargo. Assim, a Priora Ivone Silva Paixão passou a registrar as reuniões, enquanto não era colocada uma substituta. Houve momentos em que nenhuma irmã se dispusera a assumir o cargo de secretária, então foi feito o sorteio com a presença do Padre Aurelino, que se dispôs a colaborar. Nesse tempo, enquanto assumia também a secretaria, a Irmã Ivone registrou algo interessante quando foi advertida por outra irmã da Mesa: "Eu Ivone Silva da Paixão, fui severamente censurada pela Irmã Argemira Silva Santos por ter, em uma reunião, dissolvido a presidência da Irmandade de Santo Antônio de Categeró, dizendo a mesma que eu havia, dissolvido pela minha conta a referida Irmandade".

Este fato não apareceu em mais nenhuma Ata. Vale dizer que no cotidiano da ordem são frequentemente veiculados discussões nos corredores, que muitas vezes chegavam/ e chegam às reuniões de Mesa. Geralmente as questões levantadas são esclarecidas, e quando não, são discutidas nas reuniões dominicais chamada de preleção. Caso seja necessário, são objetos de tratamento da Mesa Administrativa e, havendo fundamento e necessidade, chama-se a Junta Definitória e constitui-se uma comissão de sindicância para apurar o ocorrido. Neste caso, observa-se pelas atas que a discussão da acusação referida pela irmã não teve prosseguimento.

Em 25 de julho de 1986, foi comunicada pela Priora Ivone da Silva Paixão a

[...] presença a nossa Ordem de um grupo jovem de estudantes negros Norte Americanos, que buscando a origem da cultura negra, escolheu a nossa Ordem, fazendo muitas fotos inclusive filmando toda a Missa. Também houve algumas entrevistas. [...] recebemos a visita do nosso Irmão Antônio Vieira da Silva que serviu de interlocutor do grupo aproximando-os de nós (LIVRO DE ATAS MESA DE HONRA 1980-1992, ATA 20 /071986, p. 31).

A Irmandade desperta interesse não somente em estudantes brasileiros, mas também em pessoas de diferentes partes do planeta, em busca de conhecimento e história que esta Irmandade construiu ao longo de quase quatro séculos. Muitas vezes, nós, membros, não temos a consciência dessa dimensão histórica, religiosa,

da ressignificação da identidade, da memória étnico racial de origem africana e do impacto que ela é capaz de causar em diferentes sujeitos nesse mundo contemporâneo. A falta de registro acaba empobrecendo a nossa memória recente e a de nossa Irmandade. Alessandra Pimentel (2001) fornece uma contribuição importante ao nosso estudo ao afirmar que:

Embora alguns personagens, instituições, e acontecimentos não pertençam ao cenário atual, isto não significa que estejam confinados ao esquecimento. Ao contrário, eles estão presentes de alguma forma em cada um de nós, em nossa atuação e em nossa produção do conhecimento, pois estamos envolvidos e partimos exatamente do que anteriormente foi elaborado (PIMENTEL, 2001, p.191).

As irmãs sempre agiam com transparência em relação às finanças. Em quase todas as reuniões registradas, a tesoureira presta conta de tudo que foi arrecadado pela Mesa de Honra, do que foi gasto e do que foi prestado conta à tesouraria da Mesa Administrativa. Esta, sempre que se encontrava com problemas financeiros, recorria constantemente ao saldo da Mesa de Honra para tomar empréstimo.

As duas primeiras atas do ano de 1988 foram registradas também pela Irmã Priora da época, Ivone Paixão, porém continham apenas assuntos corriqueiros, avisos da Mesa Administrativa, sempre com a presença de irmãos desta Mesa, festas da Irmandade, lembrando às irmãs a responsabilidade com o dízimo ou taxa que cobre as despesas da Igreja. Na terceira reunião do ano, conclamavam-se as irmãs para a apresentação da chapa que concorrerá ao próximo triênio, 1988- 1991, deixando claro que a oposição também poderia montar sua chapa para que a eleição fosse legal. Quem fosse eleita tomaria posse em outubro de 1988, ocasião da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Muita discussão a respeito, mas não há registro do teor das discussões, apenas uma chapa foi montada. Na reunião posterior, em 10 de setembro de 1988 (p. 36 e verso), foi apresentada, em definitivo, a chapa e eleita<sup>91</sup>.

9

<sup>&</sup>lt;sup>91</sup> Vamos agora conhecer a chapa definitiva da Mesa de Honra para o Triênio 1988 a 1991: Priora Izabel Machado da Cruz; Vice Oridalina Maria da Conceição; Secretária Martinha Guedes dos Santos; Tesoureira Prof<sup>a</sup> Lucia dos Santos; Procuradora Geral Ivone Silva da Paixão; Mestre de Noviças Abgail do Espírito Santo Barbosa; Visitadoras: Dalva Conceição Almeida, Domingas Souza Santos e Raimunda Nonato da Conceição; Zeladoras: Nolair Bomfim, Erenita Maria Pereira e Elizete Santos Nascimento; Condignas: Albertina Auta Cordeiro, Etelvina Eustáquia dos Santos, Joaquina Bispo dos Santos, Argemira Silva Santos, Miguelina Lessa de Cerqueira, Constancia Santa Rosa Portela e Adelia Auta. Esta é a chapa que tomará posse no dia 30 de outubro de 1988 ocasião da Festa da nossa Padroeira (Idem, Edital e Ata do dia 10 de outubro de 1988, p. 36 e verso).

No sentido de evitar problemas de ordem prática na primeira reunião desta mesa, secretariada pela Irmã Ivone da Silva Paixão em 24 de novembro de 1991, a irmã Priora Abgail chama a atenção das irmãs para a frequência às missas e reuniões, sendo este item também tratado pela Irmã Vice- Priora Sandra Maria Bispo. Ambas pediram, ainda, que as irmãs evitassem fazer comentários fora das reuniões, pois é para isso é que essas existiam. Nas reuniões, era discutido o que era certo ou errado para a Mesa de Honra (p.48 verso). Ainda nesse sentido, é oportuno acrescentar:

A vice- Priora pediu a palavra a fim de pedir mais uma vez a frequência de todas não só ás missas, mas às reuniões e todos os eventos aqui realizados; bem como trabalharmos em prol da situação monetária da nossa Irmandade. Continuando, disse ainda a vice, ou seja, a Irmã Sandra Maria Bispo que eventos importantes são aqui efetuados, e que muitas irmãs não tomam conhecimento como: Missa da Consciência Negra, Ilê Aiyê, Missa das Baianas, Bodas de Prata e outros (IDEM, Ata do dia 24 de novembro de 1991, p. 48 verso e 49).

O livro de atas desta gestão não foi encontrado, apenas duas atas do início do ano de 1991, registradas nas últimas páginas do livro analisado. A primeira foi citada acima e a segunda foi redigida pela Irmã Maria das Graças Ramos que, embora sendo ainda Noviça, foi eleita em assembleia como Secretária da Mesa de Honra, porque o cargo estava vago. É importante ressaltar que, de acordo com o Compromisso, os/as noviços/as não podem ocupar cargos eletivos, mas, de vez em quando, se abre uma exceção quando os cargos estão vagos e os irmãos professos recusam-se a ocupá-los. Nesta Ata, a secretária registrou a sua condição. "Teve início a segunda reunião das mulheres, a noviça Maria da Graças Ramos dos Santos, 2ª secretária eleita em assembleia, fez a leitura da ata da reunião passada" (LIVRO MESA DE HONRA, Ata de 19 de janeiro de 1992, p. 49).

Em se tratando da frequência das irmãs da Mesa de Honra na reunião da Mesa Administrativa, a Vice-Priora do triênio citado esteve presente na reunião e comentou que a reunião foi muito boa e que estava completa com todos os seus componentes, enquanto a das mulheres estava faltando uma condigna e uma procuradora geral, pois a Irmã Izabel, que ocupava o cargo, pediu demissão e só foram eleitas sete condignas (IDEM).

As ações desta Mesa de Honra foram todas documentadas, especialmente as atividades sociais que elas realizaram. Fizeram planejamento anual, organizaram cursos diversos e tiveram presença assídua na reunião da Mesa Administrativa, sempre tendo como representante ou a Priora Abgail ou a Vice- Priora Sandra.

Para o Triênio de 1994-1997, como já foi citado anteriormente, foi eleita a Mesa de Honra cuja Priora foi a Irmã Sandra Maria Bispo e sua Vice-Priora a Irmã Ana Maria Alves, Procuradora geral Irmã Ivone da Silva Paixão<sup>92</sup>. Algumas das prioridades desta Mesa foram: a mobilização para reforma do capítulo do Compromisso concernente à Mesa de Honra; construção do calendário histórico da Irmandade, contendo as principais datas comemorativas; repasse de verbas por parte da Mesa Administrativa para as despesas mínimas; regulamentação dos horários de abertura e fechamento da Igreja e retomada das reuniões em junta onde Mesa Administrativa e de Honra sentavam para definirem pontos em comum sobre a Irmandade. Como fora explicitado anteriormente, essas reuniões aconteceram no meado dos anos de 1970, mas, nos anos subsequentes, não tiveram continuidade.

Esta Mesa de Honra foi a que mais recebeu retaliações por parte da Mesa Administrativa, por ousar bastante e planejar várias ações sociais para a Irmandade; questionar a tesouraria da Mesa Administrativa pela falta de transparência nas ações da tesouraria; provocar a abertura de sindicância para apurar fatos ocorridos, a exemplo da ameaça de agressão física à Irmã Vice Priora, dentre outros fatos. E, ainda, a que sentiu na pele as ações do machismo, sexismo e conservadorismo por parte de alguns Irmãos. Podemos citar, por exemplo, alguns episódios tratados pelas irmãs, nas entrevistas, sobre os quais foi possível encontrar os documentos comprobatórios.

No caso da ameaça de agressão física, ocorrida em 02 de julho de 1996, feita por um Irmão da Mesa Administrativa, que ocupava o cargo de Tesoureiro e estava sendo questionado pela Mesa de Honra sobre suas ações, especialmente pela Vice-Priora Ana Maria Alves, existe o relato seguinte da Irmã Sandra Maria Bispo:

No dia 02 de julho o tesoureiro Roberto Muniz no dia da festa de aniversário da Irmandade bateu no meu ombro como Prioreza, eu estava junto com o Prior. Ele disse: - Vá ver sua Vice- Prioreza porque eu vou dar 'um pau na cara dela!' Eu disse não, meu irmão, eu não ouvi isso, eu não escutei isso! Eu quero ouvir de

-

<sup>&</sup>lt;sup>92</sup> Tesoureira Joselita do Patrocínio, Secretária Maria das Graças Ramos, Segunda Secretária Gildete Batista que, na atualidade, se afastou da Irmandade

novo!Chamei todas as irmãs para o quarto, comuniquei o fato. Mas muitas das irmãs, simplesmente por questão de empatia ou não, acharam aquilo normal. Em princípio eu mantive um processo dentro da Irmandade, fiz o ofício mandei para a Mesa Administrativa pedindo retratação do que o irmão havia dito e que avaliasse o comportamento. A resposta foi que a irmã havia lhe provocado que isso justificava aquela atitude.

Nós queríamos que eles mergulhassem conosco e vissem o fato todo, o contexto que foi em relação à mulher, mulher negra, irmã. Passou, não se tomou atitude interna. Ana Maria tem família, chegou em casa, muito nervosa e comentou e seu irmão queria ir lá na Irmandade para o tesoureiro dar um tapa na cara dele. Então para evitar isso Ana falou, ele ameaçou e não fez, mas, e se ele fizer. A família dela quis intervir. Então ela ficou com medo e fez a queixa na delegacia das Mulheres onde a Delegada Dra Isabel fez uma audiência à noite. Ao chegar lá o Irmão repetiu tudo novamente dizendo que foi provocado pela Irmã. A delegada propôs reconciliação (Ir. SANDRA, ENTREVISTA, 13/12/2012).

O uso da violência nas relações de poder, quando se refere às disputas de gênero, nos diferentes ambientes sociais é gritante, e, nas entidades religiosas, essa realidade não muda. Os homens, na maioria das vezes, não conseguem dialogar e nem querem perder os privilégios que têm mantidos. Os embates nas relações de poder ocorrem em diferentes momentos históricos, mas pouco se tem registrado, os episódios são silenciados em nome da 'harmonia ou do aqui vivemos em paz', contudo, a violência é o instrumento mais utilizado para a manutenção do poder (ARENDT,1969). Ou ainda, para impedir uma relação menos hierárquica. Consideramos interessante acrescentar a definição de Hannah Arendt na releitura de Renato M Perissinotto sobre poder e em seguida sobre violência. Para Arendt,

[...] o poder corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em concerto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo conserva-se unido. Quando dizemos que alguém está 'no poder', na realidade nos referimos ao fato de que ele foi empossado por certo número de pessoas para agir em seu nome (ARENDT, 1969, p36 In PERISSIONATO, 2004, p. 118).

O autor ressalta, ao se referir à violência, que esta é inerente ao ato de "fazer", "fabricar" e "produzir" e, na sequência de sua exposição, identifica-a com o ato de "matar" e "violar" (ARENDT, 2002, p 152). Nesse sentido, " a violência não identificaria qualquer ato coativo, mas apenas aquele que opera, no caso das

relações sociais, sobre o corpo físico do oponente, matando-o, violando-o, enfim, parece descrever apenas o *uso efetivo dos implementos*" (Idem, 2001, p. 37) <sup>93</sup>.

Encontramos o recibo da queixa entregue à Mesa Administrativa, e o Edital de 03 de agosto de 1996, no qual o Prior Irmão Rafael Gonzaga, já falecido, redigiu para esclarecer aos demais Irmãos os procedimentos e a conclusão do caso:

Com relação aos acontecimentos verificados na nossa Igreja dia 02.07.96, envolvendo o Irmão Tesoureiro Roberto dos Santos Rodrigues e a Irmã Vice- Priora Ana Maria Alves, a Irmandade se sente na obrigação de levar a luz os fatos e esclarecer:

Em audiência realizada no dia 23.07.96, perante a Ilm<sup>a</sup>. Senhora Doutora Titular da Circunscrição especializada da Mulher Isabel Alice Pinho, foram devidamente elucidados os fatos, onde se teve oportunidade de se constatar que efetivamente existiu excesso de zelo pela Ordem, (confirmando o julgamento feito por este Prior no âmbito da nossa Irmandade), onde os envolvidos proferiram palavras impensadas, que cada um deles interpretou como ofensas e agressões.

Face às explicações mediadas pela autoridade a Irmã Vice-Priora Ana Maria Alves, resolveu sustar o pedido de providência policial se comprometendo juntamente com o Irmão Tesoureiro Roberto dos Santos Rodrigues, a primarem por uma convivência condigna conforme os ensinamentos cristãos. Outrossim, esclareço a esta Irmandade que como Prior não tolerarei que providências externas sejam tomadas antes que de se esgotarem as providências no âmbito de nossa Irmandade (V.O. T. IRMANDADE DO ROSÀRO DE N. S. AS PORTAS DO CARMO, EDITAL, 03/08 1996, Documento Avulso) <sup>94</sup>.

Diante de questões tão complexas que envolvem as relações de poder, especialmente em entidades religiosas como a Irmandade do Rosário, a visibilidade desses fatos leva-nos a refletir sobre essas relações, que devem ser negociadas através do diálogo constante entre os pares. Ao mesmo tempo, são importantes para compor a tessitura desse estudo, no intuito de ajudar na reelaboração de uma discussão mais ampla sobre as relações de poder, no contexto estudado, considerando diferentes elementos dessa conjuntura social, religiosa e cultural.

É interessante enumerar as atividades da Mesa de Honra desse triênio para que tenhamos um pouco da dimensão das atividades sociais e culturais organizadas por aquela gestão. No planejamento das diversas ações, estavam incluídos: cursos

-

<sup>&</sup>lt;sup>93</sup> Grifos do autor.

<sup>&</sup>lt;sup>94</sup> AINSRP, CAIXA, MESA DE HONRA, Documentos Avulsos, sem catalogação Mesa de Honra Irmandade de Nossa Senhora do rosário dos Homens Pretos do Pelourinho.

de crochê; manicure; ponto de cruz; corte e costura; aproveitamento de retalhos de tecidos; arrecadação de alimentos entre os irmãos e irmãs para doação de cestas básicas; curso bíblico, no segundo sábado do mês; hora santa na segunda sextafeira do mês, com momento de oração; curso de catequese, não só com formação religiosa, mas também humana; organização e registro das atividades da Mesa de Honra. Ainda foi organizado o Primeiro Encontro de Crianças, ocorrido em 16 de dezembro de 1995, cuja programação incluiu visita à igreja, oficinas de desenho, visita ao Centro Histórico de Salvador (Pelourinho), caça ao tesouro, distribuição de presentes, avaliação, oração, lanches e almoço.

Sobre os cursos oferecidos, o relato da Irmã Maria das Graças Ramos corrobora com esta reflexão ao salientar que "a parte social era a marca da Mesa de Honra. Muitas mulheres começaram a ser empreendedoras a partir dos cursos: culinária, fuxico, costura e emendo de tecidos, fazendo calcinhas, colares ganhavam dinheiro" (Entrevista, 20/04/2012). Ainda nesse sentido, a Irmã Sandra Maria Bispo afirma: "Conseguimos formar, só em um ano, 87 senhoras e senhores, formatura de primeira, à noite com solenidade, missa às 18h com sapato alto, baile e tudo [...] mais tanta coisa esse pessoal aprendeu, foi bom, deu saudade [...] (Entrevista, 13/12/2012)".

Os irmãos Tony e Adonai também acrescentaram questões relevantes.

Os homens estavam no poder, mas quem comandava eram as mulheres. Então assim, o que se pensava que o rótulo de que o homem tem isso a mulher tem aquilo,fosse mudar acho que atrapalhou. As mulheres quando se reuniam, eram mulheres pensando o Rosário dos Pretos, mulheres que tinham ata, mulheres que organizavam a memória [...]. A Mesa Administrativa caminhava com base na Mesa de Honra, ou seja, tanto é que tem coisa assim: é coisa de tradição, os andores quem arrumava eram as mulheres as Condignas, organizadas pela Procuradora Geral junto com a Tesoureira, a Vice e a Prioreza (Ir. TONY, ENTREVISTA, 05/06/2013).

Na minha época tinha a Mesa Administrativa e de honra. Inclusive se dependesse da minha opinião particular não tinha acabado a Mesa de Honra, porque eu acho que nenhum filho nasce sem mãe. E, a Mesa de Honra colaborou muito para o bom andamento desta casa. Na época a Mesa de Honra preparava, organizava as festas, esta festa era passada para a Mesa Administrativa, que por sua vez, dava continuidade ao projeto [...] (ADONAI, ENTREVISTA, 10/06/2013).

As discussões para as mudanças no Compromisso foram fortes, mas a documentação existente não retrata esta questão. Em 1998 houve as primeiras discussões internas e reflexões para que se efetivassem algumas transformações, como bem relatou Irmão Tony:

O Compromisso com sua caminhada histórica passou por modificações, o de 1820, o posterior, [de 1872] e o de 1900 que não se efetivou suas modificações. O de 1949, só veio a ser modificado em 2001. Em 1998 foi quando comemoramos 300 anos de Irmandade e 100 anos de Ordem Terceira, é que começamos a reformular [o Compromisso de 1949] e uma das mudanças foi a Mesa de Honra e Mesa Administrativa (Ir. TONY, ENTREVISTA, 05/06/2013).

Dando continuidade à reflexão sobre a reforma do Compromisso, é relevante acrescentar que "estamos hoje na era da informática, tem alguns dados que a gente precisa fazer correções. Temos mudanças no código penal, código civil, mudança da moeda. Então nós temos que nos atualizar dentro do processo que a globalização exige." (Ir. ADONAI RIBEIRO, ENTREVISTA, 10/06/2013).

Muitas conquistas já haviam sido efetivadas na prática, contudo necessitouse ainda introduzir mudanças no regulamento. O Triênio 1998-2001, já citado anteriormente, foi o último em que a Mesa de Honra feminina atuou enquanto organismo independente e articulador das ações sociais na Irmandade. Quanto a participação das mulheres nas ações e decisões administrativas, neste triênio ocorreu a mudança no Compromisso, efetivando uma Mesa Administrativa única, formada por homens e mulheres para a administração da Irmandade. Os Irmãos Adonai Passos Ribeiro e as Irmãs Lourdes Bárbara, Ivone da Silva Paixão, Nolair Bonfim e Maria das Graças Ramos dos Santos fizeram parte da gestão.

Uma das primeiras iniciativas para a transição de duas para uma Mesa única foi a retomada da reunião conjunta com os representantes das duas Mesas, que tratamos anteriormente. Nas primeiras reuniões, havia certa resistência, principalmente por parte da tesouraria, mas, a maioria dos Irmãos aceitava as mudanças. As Irmãs reclamavam mais abertura por parte da Mesa Administrativa que, a partir daquele momento histórico, deveria tomar decisões que considerassem as ideias de homens e mulheres para chegar a um consenso, respeitando os ideais do Compromisso, visto que este agora garantia a existência de uma Mesa única, incluindo os homens e mulheres.

Na Ata da Reunião de 06/05/2000<sup>95</sup> houve o registro da presença de vinte e quatro membros, sendo doze da Mesa Administrativa e 12 da Mesa de Honra. Os irmãos e irmãs presentes tomaram a decisão de uma tesouraria única e elaboraram algumas normas para este momento de transição. Antes, descreveram o objetivo da retomada da Reunião em Junta, que era "reunir irmãos e irmãs participantes das Mesas Administrativas e de Honra, afim de que juntas possamos racionalizar as atividades desenvolvidas, para conseguirmos numa ação conjunta melhor desempenho de nossas funções" (ATA DA PRIMEIRA REUNIÃO EM JUNTA DO ANO 2000, 06/05/2000).

Em seguida, nessa mesma reunião, elencaram as normas que poderiam servir para direcionar as relações entre as duas Mesas na reunião mensal da Mesa Administrativa.

1- todo questionamento deverá ser discutido na Mesa. 2- É proibido citar fatos e nomes de pessoas; 3- Cada irmão ou irmã, disporá de dois (2) minutos para expor sua ideia; 4- Evitar discutir o mesmo assunto já questionado, para ganharmos tempo, apenas complementar o que faltou; 5- A qualquer sinal de desacato pessoal, o irmão ou irmã, poderá nesse momento ser advertido pela coordenação; 6- Em caso de reincidência esse irmão ou irmã será convidado a abandonar o recinto, para não tumultuar os trabalhos; 7- Haverá intervalo para refeições: lanche e almoço; 8- No final da reunião haverá um relato do que ocorreu. Mesa de Honra e Administrativa (ATA DA PRIMEIRA REUNIÃO EM JUNTA DO ANO 2000, 06/05/2000, sem catalogação).

### 5.3 NARRATIVAS ORAIS: MEMÓRIAS DA MESA DE HONRA

A Mesa de Honra foi o espaço legitimado pelo Compromisso para que as mulheres negras e empoderadas do Rosário pudessem engendrar suas lutas e resistências internas, para a efetiva participação política na divisão do poder na Mesa Administrativa da entidade. Nela, muitas mulheres, com formação educacional diversificada, puderam trabalhar e lutar intensamente, com alguns irmãos politizados, para que hoje, mulheres e homens, sentem-se juntos para buscar soluções para os problemas da Irmandade, tendo como ponto de partida a exclusão da expressão sexista "Pela qualidade do sexo" do Compromisso.

<sup>&</sup>lt;sup>95</sup> AINSRP, Documentos da Mesa de Honra, sem catalogação.

Um dos momentos ricos dessa pesquisa foi o processo de entrevistas com as irmãs e irmãos colaboradores: Irmã Ivone Silva Paixão (in memoriam), Irmã Nolair Bonfim, Irmã Sandra Maria Bispo, Irmã Maria Rosa Santos, Irmã Lourdes Bárbara e Irmã Maria das Graças Ramos dos Santos, Adonai Passos Ribeiro e Antonio Carlos Conceição Souza. Enquanto pesquisadora, e também membro da Irmandade, pude exercitar a escuta sensível de diferentes tipos de experiências. Foram muitos momentos nos quais pudemos perceber lembranças alegres, outras sofridas e ainda de superação. Foi notório vivenciar as emoções que envolveram gargalhadas, sorrisos, choros, cantos, silêncios e desabafos. Convém também apontar, a riqueza de informações importantes.

Posso destacar, ainda, que tive a confiança de todos os colaboradores, contribuindo bastante para que se sentissem acolhidos, e, assim, pudessem rememorar acontecimentos difíceis, vivenciados na luta interna para minimizar o machismo, o sexismo e o processo de negociação intensa empreendida pelas duas Mesas. Se, a princípio, começamos acreditando que havia a total centralização do poder nas mãos dos irmãos, no percurso da pesquisa houve a descoberta de um poder paralelo, exercido pelas mulheres e das intensas reflexões na irmandade sobre o tema da distribuição do poder entre os dois sexos.

Salientamos que no trato de algumas questões problemáticas e relatos envolvendo membros da Mesa Administrativa, Mesa de Honra, outras irmãs e irmãos que ainda estão frequentando a Irmandade, seus nomes não foram revelados. Por uma questão de ética, processo administrativo interno, judicial, respeito à individualidade da irmã colaboradora e também de quem participou do episódio, que não está envolvido nesse processo de pesquisa.

A Mesa de Honra teve importância fundamental para a transformação das relações de poder, para o desenvolvimento de atividades sociais, culturais e educacionais na Irmandade. E, também, para dinamizar as relações interpessoais dos seus membros e da comunidade que frequentava e frequenta o Rosário. Vejamos o que relatam as Irmãos do Rosário. A Irmã Ivone antes do seu falecimento declarou:

A mesa de honra fazia sua reunião e a priora era a presidente, discutia os problemas, e enviava o relatório para a Mesa Administrativa para aprovação. Normalmente era aprovada porque a Mesa de Honra que percebia as necessidades da Irmandade. As

mulheres eram responsáveis pela ordem e tudo da Irmandade: ornamentos, limpeza, paramentos, trocar roupas, preparar as missas, as grandes festas, alimentação, via as necessidades sociais dos irmãos mais necessitados, fazia as compras. Até dinheiro para fazer as compras eu tirava do meu bolso para não faltar às necessidades da Irmandade (Ir. IVONE, ENTREVISTA, 20/02/2013).

## Para a Irmã Sandra Bispo:

A Mesa de Honra para mim, Ave Maria! Serviu como um alicerce para manter o equilíbrio, o bom senso, a integração. Integração! A compreensão do sujeito, transparência, aceitação do outro, respeito e demonstração de amor, mesmo aparentemente na da dor. Procurava buscar a espiritualidade e olhar as necessidades da casa. A Mesa de Honra preparou um plano de trabalho tendo como pano de fundo o conhecimento, a educação e o crescimento de todo e qualquer irmão. Inclusive com parceria no próprio Centro Histórico. Um plano muito ousado. [...] A gente trabalhava o comportamento, a questão da ética, a moral [...] (Ir. SANDRA, ENTREVISTA, 13/12 2012).

A Irmã Ivone, que participou apenas da primeira etapa das entrevistas, porque faleceu em Agosto de 2011, ressaltou que

A Mesa de Honra fazia sua reunião e a priora era a presidente, discutia os problemas, e enviava o relatório para a Mesa Administrativa para aprovação. Normalmente era aprovada porque a Mesa de Honra que percebia as necessidades da Irmandade. As mulheres eram responsáveis pela ordem e tudo da Irmandade: ornamentos, limpeza, paramentos, trocar roupas, preparar as missas, as grandes festas, alimentação, via as necessidades sociais dos irmãos mais necessitados, fazia as compras. [...] Até dinheiro para fazer as compras eu tirava do meu bolso para não faltar às necessidades da Irmandade. (Ir. IVONE (in memoriam), ENTREVISTA, 21/02/2011).

### A Irmã Nolair disse:

Na Mesa de Honra, fui mestre de noviças, Condigna e depois visitadora duas vezes. Quando entrei, as mulheres só vinham dias de festa com os maridos. A Priora Jandira Galvão era boa priora combinava as decisões com as outras irmãs, ela era comunicativa a gente opinava. As mulheres trabalhavam certo, tudo na hora certa, sem briga. Todo mundo trabalhava, comunicava tudo direitinho. Tinha gente que não concordava [...] (Ir. NOLAIR BONFIM, ENTREVISTA, 20/04/2013).

A Irmã Lourdes Bárbara, que hoje está afastada da Irmandade e participa de uma igreja evangélica, deu sua colaboração nesta pesquisa afirmando que:

Para a mulher participar tinha a Mesa de Honra. A Mesa Administrativa cuidava das finanças e a Mesa de Honra cuidava de tudo na Irmandade, organizava tudo liturgia, alimentação, as festas, tinha o bacalhau da festa do Rosário. O recurso só ficava com eles. Os homens eram nas finanças e a Mesa Administrativa dava ordem para passar tudo que nós precisávamos. As atividades da igreja eram mais com as mulheres [...] nós trabalhávamos e eles ficavam arrecadando as finanças (Ir. LOURDES BÁRBARA, ENTREVISTA, 07/ 02 2013).

Embora na Irmandade a obediência às regras do Compromisso seja uma máxima, em certos momentos históricos e de acordo com as necessidades, ocorrem algumas exceções. Uma das regras é que o/a irmão/irmã noviço/noviça, pelas Leis do Compromisso, não pode ocupar cargos na Mesa Administrativa nem na extinta Mesa de Honra. Porém, algumas das nossas colaboradoras ocuparam cargos ainda quando eram noviças. Podemos citar: a Irmã Maria Rosa Santos (Irmã Rosinha) que foi eleita por aclamação como condigna da Mesa de Honra, pela desistência de uma das irmãs do cargo. Assim como a Irmã Maria das Graças Ramos (Irmã Gal) eleita para o cargo de segunda secretária, no ano de 1991.

Na entrevista com a Irmã Rosinha, ela ressaltou que as mulheres se reuniam na Mesa de Honra e faziam de tudo na Irmandade:

A mulher tomava parte de tudo na Irmandade, a Priora e a Vice-Priora faziam a nota para dar ao tesoureiro para ele dar o dinheiro. Na Mesa Administrativa trabalhava os homens na Mesa de Honra trabalhava as mulheres [...]. [...] Na reunião da Mesa de Honra subia um homem Membro da Mesa para pegar as deliberações da mesa de Honra para levar para a Mesa Administrativa (Ir. ROSINHA, ENTREVISTA, 06/02/2013).

A irmã Maria das Graças Ramos dos Santos ressaltou que o grupo de dezesseis mulheres da Mesa de Honra dos anos 1990 fez história na Irmandade e hoje é referência para nós, as outras mulheres negras que estão chegando à entidade. Dar visibilidade a esses relatos ajuda a registrar a vivência delas como sujeitos da história da Irmandade. Em sua narrativa sobre a Mesa de Honra, a irmã destacou que:

Eu fui a primeira noviça a participar da Mesa de Honra. Entrei como segunda- secretária figuei dez anos no cargo. Juntamente com a finada Abgail do Espírito Santo, Sandra Bispo, Ana Maria Alves, Lourdes Bárbara, Joselita do Patrocínio. Embora as mulheres na Mesa de Honra tivessem a responsabilidade, trabalhassem, estivessem lá em maior quantidade e fossem mais "importantes" que os homens em qualidade, poucos homens faziam questão de estar junto. Irmãos como: Albérico Paiva Ferreira, Júlio Cesar Soares, Antonio Carlos Conceição (Irmão Tony) e Geraldo que era um Quem fazia tudo eram mulheres. franciscano. as operacionalizávamos e eles [a Mesa Administrativa e a maioria dos irmãos] só estavam ali para poder pagar (Ir. MARIA DAS GRAÇAS RAMOS DOS SANTOS, ENTREVISTA, 04/04/2013).

O Irmão Tony salientou que "eu achei interessante foi a união que as mulheres tinham. Era aquela coisa gostosa de se ver, uma reunião acolhedora, de troca, uma coisa muito bonita de se ver era a Mesa de Honra" (Ir. TONY, ENTREVISTA, 05/06/2013). Continuando esta reflexão ele acrescentou:

Os trabalhos sociais na verdade eram os cursos de corte-costura, crochê, culinária, bordado. A ponto de que tudo que era feito nas oficinas por aquelas mulheres, depois elas faziam a feira do Rosário. Elas pediam aquelas barraquinhas na Prefeitura e armava na frente da Igreja. Ali elas vendiam crochê, mingau, cuscuz, café. Tudo que se arrecadava era para a Mesa de Honra poder salvaguardar as festas da Casa. Santo Antônio de Categeró, São Benedito, Rainha dos Anjos, Nossa Senhora do Rosário e até Santa Bárbara apesar de ter chegado depois. Além de estar no dia a dia ali, cuidando, zelando, providenciando as coisas. O acolhimento e o plantão dando atendimento a quem chegou (Ir. TONY, ENTREVISTA, 05/06/2013).

Para entender a magnitude do que representou a Mesa de Honra na emancipação das mulheres negras na Irmandade, é preciso compreender os espaços religiosos como fenômeno social que se transforma a partir das ações e reflexões dos sujeitos (homens e mulheres) aí inseridos. Cabe também entender que, nessas entidades, são potencializadas lutas com o intuito de conquistar a equidade nas relações de gênero e poder, que vão além das elaborações teóricas. E, ao mesmo tempo, perceber que a dimensão religiosa mobiliza repulsa e adesão, colaborando efetivamente para a recriação de novas e velhas identidades.

As trajetórias de vida dessas mulheres e homens são riquíssimas e receberam influências de diferentes setores sociais, dentre eles destacamos: as suas famílias, o movimento negro, a religião do candomblé, as empresas onde trabalharam. Na luta por reconhecimento, afirmação identitária e espaço de atuação

enfrentaram os diferentes desafios possíveis, seja internamente ou externamente, para reinventar suas vidas e a da Irmandade. No Livro *Mulheres Negras na Primeira Pessoa*, editado em 2012<sup>96</sup>, um produto das *Organizações de Articulação de Mulheres Negras Brasileiras*, do qual participam mulheres negras atuantes em diferentes entidades, nas várias regiões do país, Jurema Werneck, Nilza Iraci e Simone Cruz narram suas histórias de luta, superação, resistência e vitórias. E dizem:

Nós, mulheres negras, vivenciamos em nosso cotidiano múltiplas formas de violência: física, psicológica, sexual e simbólica; maior vitimização no tráfico de mulheres e de drogas. Estamos mais expostas à violência produzida por atores armados da polícia (agentes do Estado brasileiro!) e da marginalidade. Não será por outras razões que vivenciamos emoções e sentimentos de baixa autoestima, rejeição, medo, raiva, desilusão, tristeza, impotência, dor, insegurança, frustração e perda de identidade (WERNECK, IRACI E CRUZ, 2012, p. 14).

No que tange às atividades realizadas pelas Mesas de Honra, das quais as irmãs colaboradoras participaram, elas trazem informações interessantes com riqueza de detalhes dos eventos e diferentes ações sociais que se desenvolviam ativamente quando elas se encontravam de posse dos seus cargos, ou não. O planejamento coletivo, a inclusão de homens, mulheres, crianças e jovens, a descentralização das ações eram marcas fortes.

"Na minha época, tinha grupo de jovem, dia das crianças era uma festança". Tinha escola lá em cima 'no primeiro andar da igreja', tinha muita coisa. Eu não me escusava nem escuso de fazer nada. A gente lavava as roupas, arrumava. As condignas faziam todo o trabalho, faziam café [...]. Não tinha nada de dinheiro não. Agora só querem fazer se pagar. Muita preocupação. Muitas pessoas foram criadas aqui dentro [...] (Ir. NOLAIR, ENTREVISTA, 20/04/2013).

Com a Mesa de Honra muitas mulheres começaram a ser empreendedoras. A partir dos cursos de culinária, fuxico, costura, e emendo de tecidos, faziam colares. Quando chegava a Páscoa, a gente não comprava chocolate nenhum, a gente fazia os próprios ovos, para os irmãos e para a comunidade. Nós padronizamos a roupa de Santo Antônio de Categeró, porque umas irmãs vinham com vestido de seda, de brocado e as que vinham com o vestido simples de algodão se sentiam constrangidas. [...] Registramos tudo,

-

<sup>&</sup>lt;sup>96</sup> Disponível em: < www.criola.org.br>. Acesso 30 de mar. 2013.

livros de atos importantes, registro das doações, atas, relatórios. Eu Irmã Glória, Bárbara, Sandra [...] (Ir. GAL, ENTREVISTA, 04/04/2013).

Vale também afirmar que cada um dos depoentes trouxe detalhes diferenciados das ações que foram realizadas pela Mesa de Honra, então, quando coincidiram as respostas, procurei registrar algo que servia para ampliar o entendimento das questões de pesquisa.

Encontramos uma série de paramentos<sup>97</sup> com buracos, encardidos, a casa meio empoeirada. Havia muitos irmãos dispersos da casa isso nos aspectos práticos. Muitos irmãos afastados há muitos anos, reclamando da maneira que estavam sendo tratados, [...]. Então colocamos como uma das primeiras estratégias implantar cursos de formação, grupo de eucaristia, conseguimos fazer uma quadrilha no São João, mas a quadrilha era para trabalhar as relações interpessoais, convocamos os irmãos afastados através de uma carta. O que a Mesa de Honra faz? De maneira muito acertada começa a fazer bazares, começa a solicitar das pessoas quem pode ajudar. Ai alguém traz uma garrafa de vinho, outro uma blusa bonita. Fazíamos sorteios, rádiodas moças, rifas, sorteio. Íamos, através disso, captando recursos para trabalhar (Ir. SANDRA BISPO, ENTREVISTA, 13/12/2012).

Como foi visto nos relatos das irmãs, e em trechos anteriores, a Mesa de Honra não tinha autonomia financeira, todos os recursos arrecadados eram repassados para a tesouraria da Irmandade e depois repassados novamente para a Mesa de Honra realizar as atividades planejadas. Contudo, dependendo do tesoureiro e da gestão da Mesa, havia má vontade ou acolhimento para disponibilizar os recursos financeiros para realizações da Mesa de Honra.

A pressão da Mesa Administrativa através do viés do sexismo era muito grande. E nesse viés do sexismo eles conseguiam segurar a gente. Nós fazíamos bingo, sorteio, bazar e repassávamos tudo para a tesouraria, mas na hora do trabalho eles não liberavam o dinheiro. Então eu e a Vice-Priora Ana Maria éramos funcionárias públicas federais, eu pegava um pouco do meu próprio salário e do meu marido e Ana também. Mas a gente disse: não podemos trazer dinheiro pra aqui dentro. [...]. Todo esse trabalho foi assim um trabalho [...] (*respira fundo*) <sup>98</sup>. Às vezes íamos para o quintal e chorávamos muito. [...] (Ir. SANDRA, ENTREVISTA, 13/12/2012).

<sup>98</sup> Neste momento da entrevista a irmã relatou algo muito pessoal que pediu para não registrar na gravação.

<sup>&</sup>lt;sup>97</sup> Todos os tecidos, panos e roupas dos santos que fazem parte da liturgia da igreja católica.

Uma das alternativas que as irmãs usavam para angariar recursos era a venda de mingau na portaria da igreja. Com o que arrecadavam, compravam os materiais para as professoras e alunas dos cursos realizados, preparavam o lanche das crianças da catequese e do encontro de crianças, assim como supriam outras necessidades.

Ainda nesse contexto, a Irmã Maria das Graças Ramos Santos relata um fato ocorrido em um das festas de Santo Antônio de Categeró que, como já foi dito anteriormente, acontece na segunda semana do mês de janeiro, com tríduo preparatório, missa festiva no domingo, procissão e feijoada na terça-feira da semana seguinte. Tudo isso exige investimento para que a festa ocorra com todos os requintes, brilhantismo, organização, harmonia e fartura de alimentos porque, como bem afirmou a Irmã Ivone Silva Paixão, rememorando uma fala da falecida Irmã Abgail do Espírito Santo "na casa de Nossa Senhora do Rosário não podemos passar vergonha". Todavia, a Mesa Administrativa era quem movimentava o caixa e autorizava o tesoureiro da época a destinar os recursos da Mesa de Honra para a realização da festa.

Festa de Santo Antônio de Categeró, o segundo padroeiro, as mulheres organizavam já que era uma das responsabilidades da Mesa de Honra. A Mesa de Honra não tinha tesouraria própria. Organizamos, mandamos a lista para ele, com ofício tudo direitinho, eles compravam o feijão e as carnes, o resto a gente se organizava. Só que na entre véspera da festa ele foi embora. O tesoureiro da época o Senhor [...], não ficou para repassar os recursos para a festa, então nós juntamos todas as doações, os recursos que chegavam, Joselita do Patrocínio era a Tesoureira da Mesa de Honra, organizamos tudo, compramos tudo, arrumamos as notas e entregamos para ele. Ele disse que queria respeito. [...] quase dá na gente. Passamos todo o material arrumadinho, nós mostramos e fizemos. A festa não é minha, a festa é da casa. Estamos fazendo o que é certo, como você tesoureiro, representante da mesa, vai embora e. Isso causou muita discussão. Eu, Ana Maria, Glória, Sandra, chamou a gente de problemática. Na verdade, eles não admitiam nossa organização [...] (Ir. GAL, ENTREVISTA, 04/04/2013).

Sobre os fatos relatados acima pela Irmã, encontramos nos arquivos toda a prestação de contas a que ela se referia. Os recibos, notas, demonstrativo de despesas e receitas assinadas pela Priora da época, Sandra Maria Bispo, a Vice Priora Ana Maria Alves e a Tesoureira da Mesa de Honra Joselita do Patrocínio. O

documento é datado de 27/01/1995<sup>99</sup>, logo após a conclusão de todos os festejos de Santo Antônio de Categeró.

A Irmã Lourdes Bárbara narra, com riqueza de detalhes, outra atividade muito importante que era o encontro de crianças. O primeiro ocorreu em 16/12/1996, na gestão da Irmã Priora Sandra Maria Bispo e da Vice- Priora Ana Maria Alves. E ainda nesta perspectiva, o Irmão Tony faz uma reflexão pertinente sobre esta atividade na Irmandade.

A irmã Lourdes Bárbara dizia:

Quando entrei para ser priora, continuei o projeto, recebi ajuda da Mesa Administrativa, do IPAC com Tânia Simões. Nós levamos as crianças para conhecer o Pelourinho, explicava a história, depois, quando voltávamos, dávamos almoço. Era caruru [...]. Sandra mais Ana faziam, mas não era de preceito, 100 não. Eu não era e nunca fui "de santo 101". Orávamos, rezávamos agradecíamos a Deus pelo encontro, o padre fazia a oração. Depois do almoço, nós brincávamos as brincadeiras todas: corrida de saco, ovo na colher, tinha caça ao tesouro, bambolê, pular corda. Tinha a avaliação do encontro, distribuíamos os presentes. Havia inscrição. Enquanto eu estive Priora, teve encontro de crianças. Depois ainda continuei só que [...] 102 (Ir. LOURDES BÁRBARA, ENTREVISTA, 07/02/2013).

## Acrescentando o Irmão Tony enfatizou:

Para mim foi bastante significativo ali dentro, o trabalho com crianças, jovens, e terceira idade. Ai dentro nós tínhamos o trabalho educativo com crianças, crianças aprendendo liturgia, criança fazendo arte, oficinas diversas, crianças conhecendo a cidade onde mora, conhecendo a história do verdadeiro Pelourinho, onde ele nasce. Quem eram essas crianças?! Eram adolescentes filhos e netos de irmãos da casa ou da comunidade, meninos da vizinhança [...]. E com a terceira idade com dança, alongamento. Lá não é uma casa apenas de reger a fé. É uma casa de culto, mas, um culto que te leva a uma ação, ação social. Garantir a esse indivíduo direito é a uma cultura que é dele [dela] , uma identidade, conhecer o seu corpo, sua origem, suas raízes . E poder também passar isso para seus filhos e netos e assim sucessivamente (Ir. TONY, ENTREVISTA, 05/06/2013).

Já o Irmão Adonai endossou:

<sup>&</sup>lt;sup>99</sup> AINSRP, Documentos Mesa de Honra, Pasta documentos, não catalogada.

<sup>&</sup>lt;sup>100</sup> Refere-se ao caruru feito em homenagem a um orixá ou a um santo da igreja católica.

<sup>101</sup> Expressão popular "de santo" diz respeito á pessoa iniciada no candomblé.

<sup>&</sup>lt;sup>102</sup> Entrevista, Ir. Lourdes Bárbara07/02/2013.

Muita das nossas tradições as irmãs sempre tiveram uma participação muito grande, cursos no geral, catequese, Sementes do Rosário 103, datilografia, bordado, costura foram idealizados por essas irmãs. Aqui tinha que ter uma alimentação diferenciada, especialmente nas festas. A exemplo da Festa de Santo Antônio de Categeró e outras mais (Ir. ADONAI, ENTREVISTA, 10/06/2013).

Na busca por visibilidade das suas ações e por participação político administrativa, as irmãs procuraram desarticular toda a estrutura de machismo, sexismo e poder patriarcal que havia na Irmandade. Elas criaram estratégias práticas de ação e reflexão nas diferentes Mesas de Honra que foram sendo realizadas paulatinamente. Elas questionavam, discutiam e propunham alternativas. Muitas vezes, algumas irmãs mais incisivas iam ao embate, outras vezes, aquelas irmãs mais estratégicas e com sua forma de resolver os entraves de forma diferente, articulavam com os irmãos mais sensíveis às suas demandas, sendo acolhidas por eles. Assim sendo, o importante eram as alianças que se faziam entre membros das duas Mesas, no propósito de irmãos e irmãs compreenderem a necessidade de relações menos hierárquicas.

E ainda introduziram novas práticas:

A Mesa de Honra botou os homens, pela primeira vez, para mexer o bacalhau aí dentro. Os homens nunca tinham entrado na cozinha, achavam que isso era coisa de mulher. Nós conseguimos que os homens descascassem as batatas, mexessem o bacalhau, dividissem o bacalhau. Conseguimos que eles organizassem o feijão, dividissem o feijão. Relação de gênero e machismo é 'porradão' ou sedução (Ir. SANDRA, ENTREVISTA, 13/12/2012).

Esta questão colocada pela Irmã Sandra é muito presente nas instituições religiosas, o assédio sexual ou, como ela bem chamou, a sedução para frear a possibilidade das mulheres continuarem a sua caminhada pela divisão do poder. Isso também foi relatado pela Irmã Rosinha: "alguns irmãos assediavam as irmãs ou queriam namorar com elas". Posso ressaltar, enquanto membro desta entidade, que para minimizar fatos dessa natureza, a Irmandade desenvolve um trabalho efetivo com a espiritualidade e as relações interpessoais para que uns vejam os outros como irmãos e irmãs. Se bem que relações afetivas e sexuais fazem parte da

4

Grupo de Jovens que se reunia aos sábados para preparação para sacramento do Crisma com a coordenação do Irmão Antônio Carlos Conceição.

natureza humana, o que se pretende com o trabalho desenvolvido é evitar que o namoro seja utilizado como uma estratégia para manutenção do poder masculino. Em consonância com esta perspectiva, a Irmã Sandra destacou:

Se o afeto está na raiz da inteligência humana, consequentemente, se a essência do afeto é a espiritualidade, consequentemente com essa espiritualidade ele/ela vai reorganizando seus afetos. Essa espiritualidade afeta a força de acreditar. Essa ousadia dessas rainhas que ela vai acreditar que é possível [...] A mulher é incrível, mas tem hora que ela perde essa perspectiva, Ela é levada pelos valores dessa sociedade [...]. Nós temos pessoas que não vão para ali com a fé trabalhada. Os afetos não são bem vividos, porque a fé como base da espiritualidade vai determinar seus conceitos, valores e princípios. Você vai ser cooperativa, amorosa, amiga, estar, alegre consolar o irmão. Nós, eu também, precisamos conhecer aquilo ali, saber que o irmão é tão humano quanto eu e não ficar projetando no outro seus conflitos. (Ir. SANDRA, ENTREVISTA, 13/12/2012).

Ainda se tratando de espiritualidade o Irmão Tony disse:

Deus é um só, ele aparece onde quer, como quer, e quando quer. Deus não tem bandeira, isso dizia Albérico [Paiva], e eu guardo isso na minha memória. Deus não tem bandeira, assim como os orixás têm sua bandeira de origem, mas, podem chegar onde quer. A gente não pode limitar a experiência do sagrado para mim e para o meu grupo. O sagrado pode chegar onde quer da maneira mais democrática possível. Porque, o sagrado não é posse de ninguém. A experiência da espiritualidade com o sagrado é sua, mas ele e de todos, não é propriedade. Talvez seja essa a maior dificuldade de todas as religiões do mundo (Ir. TONY, ENTREVISTA, 05/06/2013).

Percebamos que a Irmandade é uma entidade muito complexa, e, quando tratamos do seu contexto, diferentes dimensões são problematizadas. Para que possamos ter uma visão mais ampla das possíveis vivências que ocorrem no seu interior, temos que considerar todos os aspectos das relações humanas e sociais. Nesse sentido, gostaríamos também de registrar algumas ações promovidas pela atuação da Mesa de Honra, no intuito de conquistar mais espaço, para dar visibilidade às mulheres no interior da Irmandade.

Na igreja de Nossa Senhora do Rosário, próximo ao altar, sempre teve a cadeira do Prior, mas não tinha a cadeira da Priora. Assim, o Prior tinha/tem destaque e era/é visibilizado por toda a assembleia nos momentos de festa. As irmãs da Mesa de Honra buscaram assumir esse espaço, reivindicando também a

cadeira da Priora, como bem afirmou a Irmã Sandra "pela primeira vez, a Priora sentou em destaque na Irmandade". A Ir. Bárbara destacou:

Na Igreja não tinha a cadeira da Priora, só do Pior, a irmã Sandra mandou fazer duas cadeiras quase do mesmo estilo da do Prior. Uma para sala da Mesa e outra para a Igreja. Decidimos que a cadeira tinha que ficar ocupada, representando a Mesa de Honra. Se a Priora ou Vice- Priora não estivesse presente, alguma representante da Mesa sentava. [Esse gesto era importante para a Irmã?]. A gente percebia que ela se sentia importante sentada de frente para o Prior, perto do Padre e tinha representação. (Ir. BÁRBARA, ENTREVISTA, 07/02/2013).

Outro fato interessante foi relatado pela Ir. Sandra Maria Bispo. Muitas das irmãs mais velhas, embora nascidas, criadas e estabelecidas as suas vidas em Salvador, não conheciam o mar. A Mesa de Honra, na pessoa dela e da Vice-Priora Ana Maria Alves, realizaram o sonho de uma das irmãs da Irmandade. Levando-a para a praia e proporcionando um momento mágico na vida daquela irmã.

Quando vi uma irmã de 92 anos, pela primeira vez, tomando banho de mar, com aquele camisão branco até os pés, foi emocionante. A gente segurando assim, eu mais Ana. A irmã conheceu o mar através da Mesa de Honra. Se alguém duvidar das histórias ditas aqui, então não viveu. [...] tanta coisa aconteceu naquela Mesa [...] (Ir. SANDRA, ENTREVISTA, 13/12/2012).

Essas irmãs, e outras que não tiveram suas histórias registradas, marcaram o legado da Irmandade e são exemplos para as novas gerações de irmãos/irmãs como nós, e muitos outros (as). Ao serem questionados sobre quais os desafios, o aprendizado e a experiência para as suas vidas, na Mesa de Honra e na Irmandade, cada um abordou a questão de forma diferente. A irmã Nolair Bonfim, com seus 81 anos de vida e com uma energia de causar inveja em qualquer jovem, é uma das irmãs mais respeitadas e que mais tempo tem na Irmandade, na atualidade. Ela destacou que:

Na Mesa de Honra a gente trabalhava, a gente falava, mas tinha coisa que eu via que não acontecia na Mesa e as pessoas falavam; eu vi muita briga por causa da gente querer participar da Mesa, mas todo mundo trabalhava direitinho, a gente quando entra aqui o compromisso é com Nossa Senhora. (IRMÃ NOLAIR, ENTREVISTA, 20/04/2013).

### E acrescenta:

Faço tudo livre, de coração aberto, sem querer recompensa, faço tudo por amor. Às vezes, eu não quero ouvir certas coisas, mas sou obrigada, mas me dou bem com todo mudo. Todos sabem seus compromissos com a Irmandade. Não brigo com ninguém, temos que fazer amizade e zelar pelo nome de Nossa Senhora. Todo mundo me respeita e me dá 'bença'. A Mesa de Honra era boa. Eu só saio daqui quando morrer, até no dia que eu morrer eu venho para a igreja [...] (IDEM).

A Irmã Sandra Bispo afirma que a Mesa de Honra foi para elas um

Processo de hiper-amadurecimento, de compreensão e avanço como sujeito, apliquei a minha teoria na prática. A minha experiência no candomblé me ajudou muito na Irmandade. 'Apanhei', vivi, intermensurei, muitas vezes chorei, sai feliz. Porque me amadureceu muito, poxa como amadureceu! Hoje sou uma outra pessoa, outra pessoa! Eu aperfeiçoei nos valores [...] compreendi mais. Eu passaria por toda a experiência de novo se tivesse que passar por ela outra vez. Mas pediria a Nossa Senhora do Rosário que respeitassem meu ponto de vista [...] (Ir. SANDRA, ENTREVISTA, 13/12/2012).

E a Irmã Bárbara também destaca a importância da Irmandade como espaço de aprendizagem

Eu fui a responsável pela liturgia por 18 anos. Graças as Deus, sempre procurei atender bem às pessoas de dentro e de fora, servir bem às pessoas. A Mesa influenciou dentro e fora de lá, uma experiência para mim, adquiri muito conhecimento, fui aprendendo, as pessoas vinham me procurar [...] Eu fui convidada para receber o prêmio "Sonia Galvão," mulheres negras destaque como uma referência na Irmandade em Salvador. Todas as entidades negras foram representadas na Assembleia Legislativa da Bahia. Me senti honrada (Ir. LOURDES BÁRBARA, ENTREVISTA, 09/02/2013).

A irmã Rosinha ressaltou que "foi na Mesa de Honra que a gente pôde trabalhar aqui dentro, conheci muita gente [...] teve muito curso, foi bom, muito bom a Mesa de Honra guardava as tradições dessa casa, hoje sinto falta daquele movimento [...]"(Ir. ROSINHA, ENTREVISTA, 09/02/2013). A Irmã Maria das Graças Ramos faz a conexão com as falas das outras irmãs entrevistadas, dizendo:

Eu me senti valorizada por ser mulher, ser negra ter feito parte da Mesa de Honra e do Rosário, foi um marco. Irmandade trissecular, eu guardo com muito garbo e continuo dando minha contribuição, isso é importante. Eu tenho o registro da minha história no Rosário, sei que vou morrer e vou deixar minha história lá. [...] Sempre tive autoestima e a Irmandade fortalece, [...] eu vou estar lá para incomodar, para mudar. Achamos casa, imóveis, joias, história, temos que ler. Acorda negro, acorda negro! Temos que estudar e aprofundar [...] (Ir. GAL, 04/04/2013.

As opiniões dos irmãos Tony e Adonai vêm colaborar assertivamente com as narrativas das Irmãs. O irmão Tony diz:

Era por causa da Mesa de Honra que se tinha plantão no Rosário dos Pretos. Porque, elas [e eles] estavam lá todos os dias. Uma parte dos aposentados estava lá das 8hs ás 18hs. Seu Julio. Albérico, Dona Abgail, Seu Nicanor. O Rosário era a vida, era o porto seguro dessas pessoas. E, ao mesmo tempo, salvaguardavam a instituição. Isso era muito bom, existia aquela questão de ver a casa [...]. O acolhimento, o plantão, o dar atenção a quem chega. Outra coisa importantíssima, as visitadoras Dona Anita e Dona Elisete, ambas hospitalizadas hoje. As duas eram de uma presteza. Iam lá[ na Igreja], saudar a Casa, procuravam o Mestre de Noviços para saber os candidatos a entrar a entrar na Irmandade como postulantes, ou futuros noviços e também doentes, visitavam . Após as visitas elas traziam o relatório no mesmo dia. Tudo era no miudinho, com ética, as falas bem pontuadas, um trabalho conjunto. Eu ainda alcancei, sem alardes, sem gritaria. Tudo no' buxi-buxi' aqui se fala, aqui se fica. (Ir. TONY, ENTREVISTA, 05/06/2013).

## E o irmão Adonai, reforça:

Nós tínhamos as irmãs Dona Ivone, Dona Abgail, Irmã Sandra, Ana Maria. Essas irmãs não esquecendo as demais, possa ser que não consigamos falar pois, é muito tempo, muita história. Elas se relacionavam muito bem e tinham as soluções dos nossos problemas que eram justamente as festas e a organização da casa. Um homem pode entender de ornamentação e de administração, mas a irmã faz com mais perfeição do que a gente. O relacionamento, primeiro não era de irmão, porque não tinha essa abertura para chamar apenas irmão/irmã. O tratamento era senhor e infelizmente poucos ADONAI, senhora. Hoje, usam (lr. ENTREVISTA, 10/062013).

# 5.4 AS REFERÊNCIAS SOBRE TEMAS ESPECÍFICOS NO DEPOIMENTO DAS IRMÃS E IRMÃOS

Nas entrevistas, procuramos também abordar alguns dos temas que atravessaram toda a pesquisa. A partir da nossa pretensão de estudar sobre a participação política das mulheres e do arcabouço teórico e metodológico escolhidos para a construção da pesquisa, foram selecionados alguns temas: relações de poder, relações de gênero, machismo, sexismo, mulheres negras, divisão de poder, dupla pertença religiosa e mudança de religião. Após a sistematização dos dados, para melhor compreensão do contexto vivenciado pelos entrevistados, houve um redimensionamento. Assim, buscamos encontrar nas falas dos entrevistados referências sobre relações de poder, relações de gênero e machismo, mulheres negras, mudança de religião e dupla pertença religiosa. O penúltimo item foi abordado apenas por uma colaboradora entrevistada, porque ela não se encontrava mais na entidade pesquisada.

Entendendo que não basta apenas trazer as teorizações construídas pelos pesquisadores renomados, e no intuito de problematizar a análise, dando mais significado ao contexto estudado e às reflexões das colaboradoras, quisemos trazer as reflexões das irmãs e dos irmãos sobre questões centrais e, ao mesmo tempo, difíceis de lidar na Irmandade, que é composta de homens e mulheres negros (as) que vivenciam cotidianamente sua religiosidade católica negra. Gostaríamos de lembrar que não trouxemos a continuidade do depoimento da Irmã Ivone neste momento, devido ao seu falecimento no decorrer da pesquisa.

Nessa parte do texto retoma-se a busca desses temas nas narrativas dos entrevistados. Quando questionadas sobre as relações de poder na Irmandade, as irmãs se posicionaram da seguinte forma: "Aquele momento histórico era regido por homens, os homens é que mandavam [...], pisam com sapato de taxa no nosso calcanhar" (Irmã Sandra). "Os homens sempre foram mais poderosos na Irmandade", [...], entretanto, "as mulheres estavam sempre questionando" (Irmã Lourdes Bárbara).

Poder, "não é saber comandar é vamos, tem que inserir os dois, em todas as instâncias de poder. O homem não vive sem a mulher e a mulher não vive sem o homem; se separar, segrega" (Ir. GAL, ENTREVISTA, 04/04/2013). "Eu acho que hoje a mulher tem poder antes não tinha, não" (Ir. NOLAIR, ENTREVISTA,

20/04/2013). "Os poderosos na Irmandade são Nossa Senhora, São Benedito, Santo Antônio de Categeró, Santa Bárbara, depois veio os homens e as mulheres" (Ir. ROSINHA, ENTREVISTA, 06/02/2013). Outra questão importante é colocada pelo irmão Adonai ao salientar que "só em ser um/uma irmão/irmã do Rosário já é um poder" (Ir. ADONAI, 10/06/2013). Abordamos ainda a discussão muito interessante empreendida na narrativa do Irmão Tony que contextualiza muito bem as reflexões a que este trabalho se destina:

Hoje a gente vê o poder assim descompromissado, não no total. Eu diria um poder que precisa ser repensado mais, ou seja: O poder na Irmandade do Rosário dos Pretos está para além do posto, há coisas que estão para além da compreensão de muitos que eu não posso falar aqui [...] [pausa]. Há coisas que as pessoas que estão aqui precisam buscar esse entendimento. E, não tendo esse entendimento a tendência é caminhar equivocadamente, dando passos em falso e isso acaba prejudicando a caminhada da Instituição. Nossos irmãos precisam ter a humildade de aprender que a cultura africana ela não é da escrita, é da oralidade. A cultura do Rosário dos Pretos ainda é oral e alguns não têm a ideia de que se perderam e está se perdendo com a falta dos mais velhos (Ir. TONY, ENTREVISTA, 05/06/2013).

Como vimos nas narrativas acima, os colaboradores contextualizam de forma interessante suas percepções sobre relações de poder. Primeiro, "o poder é um fenômeno do campo da ação humana; não é, portanto, uma 'estrutura', nem se iguala à posse de determinados recursos; segundo, o poder é um fenômeno do campo da "ação coletiva"; terceiro, "o poder surge na medida em que um grupo se forma e desaparece quando ele se desintegra [...]" (PERISSIONATTO, 2004, p.118). Nessa perspectiva, enquanto existirem relações sociais, grupos, religiões, irmandades, as relações de poder vão permear o processo de cada entidade e das relações dos sujeitos aí inseridos, sendo pensadas de forma diferente em cada uma, dependendo do grau de inter-relações que se desenvolve.

Ampliando esta reflexão, podemos acrescentar que "é preciso divergir para crescer, estudar isso é tomada de poder, é empoderamento" (Irmã Maria das Graças). Compartilho com esse entendimento porque o conhecimento ajuda-nos a ampliar nossa visão de mundo e com isso, a busca por espaços de poder mais equânimes e com muitas estratégias de ações efetivas. Se estivermos fragilizadas e com poucos argumentos para o debate, desistimos no caminho. "A educação é

primordial em todos os sentidos senão não transforma, é alienação; não se forma e transforma, eles lhe usam" (Entrevista, 20/04/2013).

Para Maria Cecília Minayo, as narrativas dos sujeitos revelam questões importantes dos valores, símbolos e normas de um tempo histórico situado. E tem, ainda, a "magia de transmitir através de uma porta-voz, as representações de determinados grupos históricos em condições históricas, sociais, econômicas e culturais específicas" (MINAYO, 2004, p. 109).

Quando perguntados sobre as relações de gênero e machismo, as irmãs e irmãos ressaltaram que "não tinham respeito pela Mesa de Honra, as mulheres estavam sempre debatendo com os homens, a gente estava sempre debatendo" (Irmã Lourdes Bárbara). Ainda sobre esta questão a Irmã continua:

Eu sofri muito ali no Rosário, me escravizavam (choro) [...] Deus é grande. [...] a pessoa que está ali na linha de frente, sofre viu, não é assim que se toma o poder. [...] (choro novamente) [...] eu fiquei doente, me afastei. Alguns estão ali, mas não se comportam como irmãos. Tem que tomar o poder, mas não é assim não. Tudo tem seu dia certo. Eu estou lá? Não, mas se eu quiser voltar, garanto que meus irmãos me receberão de braços abertos. (Ir. LOURDES BÁRBARA, ENTREVISTA, 07/02/2013).

Por conta disso, a Irmã Lourdes Bárbara hoje se encontra afastada da Irmandade, em uma igreja evangélica. Ela fez o relato de outras questões no momento desta pergunta, mas, por questão de ética e de acordo com a Irmã Colaboradora, suas observações não foram transcritas na íntegra, sendo incluídas neste texto apenas as questões mais gerais, relevantes para a compreensão dos temas estudados. Após esta entrevista pude compreender melhor o que a levou ao afastamento da Irmandade, mas a mesma continua mantendo uma crença na mãe do Rosário, porque após relembrar fatos não tão agradáveis assim, cantou o hino de Nossa Senhora do Rosário.

Cantemos a Maria um hino de louvor Ô Senhora do Rosário! Ave Maria cheia de graças. Ave Maria cheia de Graças Cheia de Amor Irmãos, sejamos dignos das graças de Maria Ò Senhora do Rosário! Ave Maria cheia de graças Ave Maria cheia de graças Cheia de amor [...] (Ir. LOURDES BARBARA, ENTREVISTA, 07/02/2013).

Continuando a discussão sobre machismo e relações de gênero, a Irmã Maria das Graças traz uma contribuição importante sobre esta questão:

O homem deve mandar nele, entre eu e ele deve ser nós. Mulher sexo frágil? O pior é que tem mulher que acha! Enquanto nós não percebermos isso, a coisa não vai fluir em lugar nenhum do mundo. A mulher é sexo frágil?! Pra você, pra mim eu sou forte. Vou para o embate mesmo. Então vá parir, vá ter menstruação [...] (Ir. GAL, ENTREVISTA, 04/04/2013).

Ainda nesse sentido, a Irmã Rosinha acrescenta: "tem machismo na Irmandade, principalmente quando eles estão com um cargozinho, ficam cheios de autoridade". Isso nos leva a conjecturar que, nas relações internas da Irmandade, percebem-se alguns traços semelhantes de outras entidades sociais quando se trata das questões de gênero e machismo, e que as transformações internas vão ocorrendo de acordo com a atuação de homens e mulheres, nos diferentes momentos históricos.

As respostas dos irmãos vieram a ampliar o entendimento das questões estudadas, ambos afirmaram a existência do machismo na entidade: O Irmão Adonai R acrescentou que "tem machismo e se apresenta em alguns casos isoladamente, é aquela coisa [...]" (Ir. ADONAI, ENTREVISTA, 10/06/2013) preferindo não tratar da questão com mais profundidade. O Irmão Tony também acrescentou questões pertinentes à discussão:

Houve machismo sim, de uma maneira muito injusta e cruel, no sentido de [...]. Diante duma questão relacional, na verdade se confundiu os papéis, foi muito ruim, todos discordaram no sentido de não respeitar o outro[a outra] na rua, na sua casa, o outro [outra] que é diferente. Foi uma postura além de machista de ostentação de poder, tipo assim: Eu estou no comando, eu sou, enquanto que o outro também é. Nessa relação de poder [relação de gênero] o outro não se dá conta que existe limites. Tanto é que teve desdobramentos de uma forma muito digna. Na verdade não podemos dizer que somos negros em busca de uma liberdade se internamente fazemos o contrário (Ir. TONY, ENTREVISTA, 05/06/2013).

Como nosso estudo teve o foco nas mulheres negras, interessava-nos saber se os Irmãos Colaboradores tinham referência de outras mulheres que colaboraram com eles na Irmandade, ou fora dela. E, ainda, queríamos conhecer as histórias e memórias de mulheres negras de outros tempos, que foram referências, e os impulsionaram na luta para que se sentissem fortalecidas nas suas atividades na Irmandade. A Irmã Sandra disse: "uma delas, minha primeira mãe, Helena Evangelista Bispo, Filha de Yansã; Mãe Nilzete de Yemanjá; Mãe Stela, mulher ousada, guerreira; Vanda Machado, Ana Maria Alves, Cotinha de Ewá" (Ir. SANDRA, ENTREVISTA, 13/12/2012).

A irmã Rosinha acrescentou: "eu, Dona Ivone, Dona Isabel, a Atriz Chica Xavier que entrou na Irmandade do Rosário, junto comigo, Sandra Bispo e Nolair, que representam mais 50 anos na Irmandade; Irmã Maria Francisca" (Ir. ROSINHA, ENTREVISTA, 06/02/2013). Ainda, nesse sentido, a Irmã Nolair colocou "a Irmã Jandyra Galvão e irmã Isabel" (IR. NOLAIR, ENTREVISTA, 20/04/2013) como referência para ela na Irmandade. A Irmã Lourdes Bárbara fez menção a um encontro de mulheres negras, ocorrido na Irmandade, com a presença da primeira reitora negra do Brasil, Profa Ivete Sacramento, ex- reitora da nossa universidade (UNEB). Lembrou também da "Delegada Valquíria Barbosa. Nós trabalhamos muito em cima de uma mulher da independência da Bahia, ela lutou bastante, teve uma reunião para falar dela" [...] "o nome dela" [...] memória [Maria Felipa!] "Ela mesma!" (Ir. LOURDES BÁRBARA, ENTREVISTA, 09/02/2013).

Já a irmã Maria das Graças acrescentou que

É do século XIX para cá que se começa a falar das mulheres negras, mas ainda muitas das nossas guerreiras continuam na invisibilidade. A história das mulheres negras da África até o Brasil, neste país aqui, estava na sombra, a gente não sabe das nossas guerreiras. Até quem foi Abgail, Dady, Dona Ivone as mulheres da terceira geração da Mesa de Honra. E Luiza Mahin, Maria Felipa, Santa Efigênia (MARIA DAS GRAÇAS, ENTREVISTA, 20/04/2013).

O Irmão Tony, ao rememorar as mulheres negras referências em sua vida, fez uma narrativa emocionante, e rica em memória, sobre sua mãe e sua avó materna. Uma narrativa imprescindível para esta pesquisa, porque tanto na cidade, quanto na roça (interior) as experiências das mulheres negras ainda são pouco conhecidas.

[...] Eu trago como referência minha mãe e minha avó, muitas das minhas conquistas, da minha forma de ser, do cozinhar, do costurar, do ouvir, do respeito aos mais velhos. [Vamos registrar os nomes delas?!] Isaura Maria da Conceição uma mulher sábia, como remanescente da escravidão ela trabalhou em fazenda até 1984, quando veio se emancipar com a minha intervenção, para buscar algo para ficar mais livre autonomia da carteira de trabalho.[...], minha mãe foi dada com cinco anos de idade, onde trabalhava numa casa e cuidava de onze crianças e passava ferro nas roupas. Apanhava muito, aos quatorze anos, foi trazida para Salvador para trabalhar pela Família Lopes Conceição no Rio Vermelho. Depois voltou para Cruz das Almas e em seguida para Conceição do Almeida (190KM de Salvador), onde trabalhou nesta fazenda até idade de 55, 56 anos. Na sua trajetória foi depois que ela casou, foi buscar minha Avó lá na roça. [e parte da família se reuniu]. [...] Minha mãe colocava agente para ler toda a tarde, perante ela, [as vezes] de joelho. [...] A casa que minha mãe frequentava o culto era de porta fechada, não tinha acessibilidade, não podia ter afirmação que era de terreiro (ENTREVISTA, 05/06/2013).

O irmão Tony também relata sobre Dona Vitalina Maria da Conceição, conhecida carinhosamente como Vitá. Ela trabalhava na roça e era de uma habilidade impar, que não tinha homem para consegui-la alcançar nas tarefas de capinação. Numa conversa com um fazendeiro local, seu Susu, e com uma de suas tias, o Irmão Tony teve o conhecimento de vários feitos inesquecíveis de sua avó. Dois deles serão relatados aqui. "Na época da Hanseníase mais conhecida pejorativamente com 'lepra' doença infecto contagiosa, no interior quando se descobria alguma pessoa infectada se fazia uma casa de taipa no meio do mato e deixava a pessoa lá até falecer". O irmão colaborador então perguntou à sua tia onde entrava sua avó nessa história. Foi um momento de muita emoção, onde, ao rememorar estes fatos, o irmão, e também nós, ficamos emocionados. Então ele retoma a narrativa:

[Choro], [pausa], [ainda com voz trêmula retoma]. Minha avó saia de madrugada com a lata de gás, ia buscar água de beber na fonte, escondido para ninguém ver. Batia nessas casas, entregando as latas de água de beber. [...], [choro forte], [nos abraçamos] para não morrerem de sede. Eles não podiam sair, pois eram condenados à morte. Depois ela fazia um fogo no meio do mato, pegava folhas de bananas, esquentava e entregava a essas pessoas para colocarem sobre as feridas e para dormir, porque servia para aliviar as dores. Um dia a denunciaram e queriam isolá-la também (Ir. TONY, ENTREVISTA, 05/06/2013).

Dona Vitá trabalhava muito naquelas fazendas, espacialmente colhendo café. Pelas habilidades que tinha, e os trabalhos constantes, não fazia distinção de dia da semana, como bem relatou nosso Irmão Tony. Nesse momento seus olhos brilharam e o sorriso voltou ao rosto.

Ela passava por aquelas fazendas e via as plantações que estavam maduras via fumo, café, laranja eram pessoas trabalhadoras remanescentes da escravidão e também meeiros. Se estivessem maduras, ela chamava as amigas e diziam:- vamos roubar fulano! Mas não era roubo, na verdade era adiantar o trabalho da colheita, pulavam a cerca, subia nos pés de café e colhia . Depois que os cesto estavam cheios e o trabalho adiantado cantavam esta música.

Vem cá, vem ver, traz a cachaça fulano pra nós beber

Brincar mais eu pancadão

Brincar mais eu pancadão

Brincar mais eu pancadão

Vem cá ,vem ver , traz a comida seu fulano pra nós comer.

Isso a minha tia cantando já era bonito imagine aquelas mulheres todas. E isso o dono da fazenda ouvia perguntava o que é isso mulheres. É você Vitá! Então ele mandava matar galinha e fazia aquela comida! Minha avó também era Mestre de bandeira de Santa Madalena. Eu venho desta realidade (Ir. TONY, ENTREVISTA, 05/06/2013)

Afirmamos a magnitude desse depoimento, e a riqueza que é para a Irmandade ter no seu quadro pessoas como o Irmão Tony. A riquíssima experiência de vida e a memória de sua avó Dona Vitá e de sua Mãe Isaura, contribuem positivamente para o processo de enriquecimento da memória coletiva da Irmandade. Embora poucos reconheçam, mas os resquícios da escravização ainda estão bem próximos de nós, porém na luta silenciosa e quase individual de famílias, especialmente das cidades do interior da Bahia e do Brasil, vão se instrumentalizando para restabelecer a dignidade de seus membros, que ainda sofrem as mazelas dos mais de trezentos anos de escravidão no país. Isso leva-nos a perceber que não é só o que foi construído internamente pela entidade que tem relevância, mas todo o patrimônio trazido por seus membros anteriores e atuais que compõe o mosaico histórico e de memória, ainda pouco explorado pelas pesquisas.

As reconstruções das múltiplas e complexas identidades das mulheres perpassam pela naturalização do masculino nas relações sociais e culturais. Paira uma ideologia montada sobre uma "força suprema" que sustenta uma rede de crueldade praticada contra as mulheres, como também a identidade "da mulher", no

singular, perpassa por discursos de diferentes origens sociais, como o literário, o científico e o religioso. E "diferentes orientações ideológicas, como os discursos tradicionais do senso comum e diversos discursos progressistas, incluindo aqueles produzidos pelo feminismo" (SOARES, 1991, p.1).

Uma questão que talvez pudesse passar despercebida nesta pesquisa, e que também despertou meu interesse, foi saber algumas das motivações, dificuldades e desafios do Rosário, que levaram uma das mais conhecedoras do sistema litúrgico católico da Irmandade do Rosário a se afastar "repentinamente" da entidade, e tornar-se evangélica. Sem, contudo, perder a mítica da entidade, a amizade e a consideração dos irmãos e irmãs. Esta questão foi específica para a Irmã Lourdes Bárbara, que abordou a situação da seguinte forma:

Adoração só ao Pai Eterno tem um dizer peça ao filho que o pai atende. A Igreja deve pensar apenas em Deus, Jesus Cristo, no Espírito Santo e Nossa Senhora já que lá é casa dela. Maria foi a Mãe de Jesus, não se deve atirar pedras. Então nossas orações devem ser direcionadas apenas para Deus. E ele é ciumento viu! Eu amo Nossa Senhora, gosto de Nossa Senhora, mas odorar só a Deus. Então quando Deus tira a faísca dos nossos olhos, a gente abre e sai. Porque eu estava cega, vendo apenas aqueles ídolos, pedaços de madeira enfeitados de ouro. Basta elevar nossas orações a Deus (Ir. LOURDES BÁRBARA, ENTREVISTA, 09/02/2013).

Insistimos mais um pouco, e questionamos se a Irmã passou por decepção ou mágoas, se foi vítima de machismo, ou ciúme por parte de alguns irmãs e irmãos devido a sua atuação na Irmandade. Em seguida ela acrescentou:

Também um pouquinho de mágoa, decepção, amargura. Eu fui muito escravizada, tudo era jogado para mim, a liturgia toda pense?![escravidão seria sobrecarga de atividades?]. Sim era sobrecarga! Uma Irmandade com tantas pessoas? Eu não tinha tempo para divertimento, era o tempo todo na Irmandade do Rosário. Teve um dia que a gente foi para Valença, a equipe de liturgia disse que não ia lá no outro dia. Eu não ia deixar o padre sozinho. Fui e fiz tudo foi uma segunda-feira na Missa dos antepassados. Nesse dia 09 de dezembro de 2007, eu sair definitivamente. Tenho muitas lembranças boas de lá (Ir. LOURDES BÁRBARA, ENTREVISTA, 09/02/2013).

Situações como essas, levam-nos a refletir sobre a necessidade na atualidade de não deixar apenas uma pessoa responsável por um setor ou atividade,

mas um grupo. Existe a necessidade da responsabilidade de algumas atividades serem distribuídas entre várias pessoas para não sobrecarregar apenas uma. A gestão participativa, coisa que sempre fez parte da dinâmica da Irmandade desde os primeiros tempos, minimiza estas questões, porém muitos irmãos ainda mantêm a centralização das atividades que são deliberadas pela Mesa Administrativa e pelo Prior.

Ao tratar da questão da dupla pertença religiosa, quisemos discutir uma temática que tem sido um dos principais desafios da Irmandade nesses quase quatrocentos anos. A questão, é que a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, algumas vezes, em diferentes tempos históricos, foi/vem sendo acusada de praticar sincretismo. Este tema, abordado por muitos pesquisadores, hoje serve de estereótipo para estigmatizar o legado da Irmandade. Oficialmente, a Irmandade é Católica, com uso de elementos culturais afrobrasileiros e/ou africanos, e seu Compromisso, desde sempre, nunca admitiu o ingresso de pessoas adeptas de outras religiões. Todavia, sabemos que muitos dos seus membros, homens e mulheres, também pertencem à religião do Candomblé, fato este que causa estranheza em muitas pessoas e pesquisadores. A esse respeito, cada uma das Irmãs colaboradoras colocou seu ponto de vista:

Aqui na Igreja tem Orixá? Não! Aqui tem o quê? Lá tem o quê? [...] Eu acho um absurdo dizer que hoje em dia a gente pratica sincretismo. Foi uma sabedoria do negro para enganar os colonizadores. Estão folclorizando os dois segmentos religiosos. Acho que temos que ter respeito aos nossos antepassados (Ir. GAL, ENTREVISTA, 04/04/2013).

Eu acho que é dupla pertença. Na minha Igreja, eu participo de uma maneira, no meu axé, eu participo de outra. O candomblé é uma parte, o Rosário é outra. Na Igreja, tem santo, no candomblé orixá que também é um santo. Não vou misturar, os dois têm coisa boa. Ajudam a gente a dar fortaleza, a não pensar mal, fazer tudo que tem merecimento, de fazer você nunca se prejudicar (Ir. ROSINHA, ENTREVISTA, 06/02/2013).

Nunca fui iniciada, só participava da Irmandade. Quem já vem de berço tem que continuar. Muitos irmãos quando entraram na Irmandade já participavam do Culto Afro. Ali eles não se manifestavam [...] Na igreja, eles faziam o culto a Nossa Senhora do Rosário. Eu acho que é sincretismo religioso (Ir. LOURDES BÁRBARA, ENTREVISTA, 09/02/2013).

Eu sempre fui do candomblé e não vejo muita diferença. A dupla pertença religiosa! Ai, que coisa boa! Na verdade, em minha opinião,

não existe sincretismo. Eu acho que se você tem convicção do que você tem, da sua espiritualidade, dessa força que emana de você, de onde vem, para onde vai. A minha experiência no Candomblé me ajudou muito no Rosário (Ir. SANDRA, ENTREVISTA, 13/12/2012).

Dando continuidade à discussão, acrescentamos a narrativa do Irmão Tony que também vai no mesmo sentido.

Uma riqueza que nós temos é a dupla pertença, somos irmãos na sua maioria somos de dupla pertença religiosa. Uma casa de trezentos anos seria impossível não reconhecer o legado que ela tem. O que não podemos fazer é confusão, algumas pessoas folclorizam, até mesmo alguns irmãos acabam fortalecendo esse processo de folclorização. Inclusive por aqueles que não são irmãos. A Irmandade sempre esteve ai e nunca teve problema. O problema não está nas nossas cabeças, e sim daqueles que querem equivocar a Irmandade. Não temos problema nenhum de ter dupla pertença, até porque somos negros, temos identidade, e ai está nossa raiz. Como também temos uma fé católica de identidade negra de um Cristo que descobrimos na dor para poder sobreviver.

Por mais que se debata por que não vai só para o terreiro ou só para a Irmandade?! Porque aprendemos com os nossos antepassados, a redescobrir o rosto de Cristo que é o rosto negro, igual ao da gente. Que teve uma postura, uma posição e uma visão política da realidade. E, que a gente comunga também com esse aspecto de visão de mundo. A gente na verdade vê esse caminho e não aquele apresentado muitas vezes, por uma igreja eurocêntrica, onde se tem uma visão [...]. Dentro da dupla pertença o respeito aos mais velhos é impossível desconstruir esse aspecto que já encontramos, não fomos nós que criamos (Ir. TONY, ENTREVISTA, 05/06/2013).

Antes de continuarmos a narrativa é pertinente que reflitamos sobre essa questão da folclorização, abordada por dois dos nossos irmãos. Consorte (2006, p. 90) colabora para ampliar o entendimento da questão, ao provocar uma discussão na mesma linha dos nossos colaboradores: "todo este nosso esforço é por querer devolver ao culto dos Orixás, à religião africana, a dignidade perdida durante a escravidão e processos decorrentes da mesma: alienação cultural, social e econômica, que deram margem ao folclore, ao consumo e profanação da religião".

O Irmão Adonai finaliza com uma reflexão bastante interessante.

Eu sou só da Irmandade, respeito toda e qualquer religião, não tenho nada contra a dupla pertença. Tem também algumas histórias de alguns ossuários que tem aqui que foram de alguns irmãos que também tinham dupla pertença religiosa. Respeitar a memória daqueles irmãos que construíram esse templo aqui e já traziam da

África e de outros cantos do Brasil sua religiosidade. [...] hoje houve uma abertura onde se respeita mais, e que na época era uma coisa sigilosa. Por ser sigilosa, muitos deles usaram a religião católica para não demonstrar seu pertencimento religioso ao candomblé ou o outro lado. Só que não devemos é misturar ou fazer aquele 'caruru'. Deve haver separação, a diferença e o respeito acima de qualquer coisa e qualquer situação. Aqui na Ordem, por exemplo, são feitas algumas missas de terreiros e são coisas que vêm dos nossos antepassados e não podemos perder esta tradição (Ir. ADONAI, ENTREVISTA, 10/06/2013)

"O debate sobre sincretismo afrobrasileiro entre nós, iniciado no fim do século passado, tornou-se extremamente popular nas décadas de 30 e quarenta. Até então só interessava aos meios acadêmicos e á Igreja Católica" (CONSORTE, 2006, p. 78). Na perspectiva antropológica, renomados pesquisadores, cada um partindo de um princípio, abordaram o tema de forma a refletir sobre a justaposição de duas crenças ou a mistura dessas. Sabemos que não se sustenta esta discussão. Rodrigues<sup>104</sup>(1935) denominava a experiência religiosa afrobrasileira como formas primitivas de culto. No entanto, relatos têm mostrado que no continente africano, embora a maioria da população tenha se convertido a novos segmentos religiosos ainda mantém uma forte ligação aos cultos ancestrais mantendo em muitos casos os dois cultos.

A esse respeito, podemos dizer que são questões pertinentes e subjetivas que suscitam grandes reflexões. A dupla pertença religiosa é defendida por Consorte (2006) como uma alternativa para refletir, na contemporaneidade, sobre diferentes fenômenos religiosos, e como uma opção de participar de dois segmentos religiosos, sem perder a crença na religião ancestral e sem, contudo, misturá-los nos seus momentos de culto, como acreditam aqueles que defendem o sincretismo. As falas da maioria dos colaboradores da pesquisa atestam o que a estudiosa define como dupla pertença:

[...] a dupla pertinência: ao catolicismo quando se referiam às práticas que se realizam no espaço da igreja e ao Candomblé quando se reportavam às práticas que se desenrolavam no terreiro, o mesmo acontecendo com relação à separação dos santos católicos dos orixás. [...] Os vínculos entre o candomblé e o catolicismo são muito profundos na visão e vivência da yalorixá Olga de Alaketo.

.

RODRIGUES, Nina. O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

Fundou-se num entrelaçamento muito antigo, representam a continuidade de uma tradição [...] (CONSORTE, 2006, p.82).

Em sua entrevista a Irmã Nolair Bonfim enfatizou que:

Aqui a maioria é de terreiro, eu não sou iniciada mais frequento de vez em quando as casas de algumas pessoas conhecidas. Todo mundo já traz sua tradição desde o princípio do mundo. Todo mundo sabe, que aqui tem ligação, tem fundamento e deve manter. A casa aqui é de Deus, Nossa Senhora do Rosário e nossos antepassados (Ir. NOLAIR, ENTREVISTA, 20/04/2013).

Na religião do Candomblé<sup>105</sup>, enquanto fenômeno religioso em processo de afirmação, uma corrente que vem buscando o respeito e a legitimação dessa religião, defende que seus adeptos devem professar apenas este segmento religioso, defendendo a total separação, sem que, em seus ritos, incluam-se a ida à Igreja Católica (Ilê Axé Opô Afonjá). É notório que outra corrente, especialmente dos Terreiros mais antigos (Casa Branca, Oxumaré, Gantois e outros) continuam mantendo suas tradições, fazendo suas missas para seus santos devocionais e levando seus iniciados para fazer parte do ritual de purificação nas igrejas católicas. De acordo com Reginaldo Prandi,

Só muito recentemente as religiões de origem negra começaram a se desligar do catolicismo, já numa época em que a sociedade brasileira não precisa mais do catolicismo como a grande e única fonte de transcendência que possa legitimá-la e fornecer-lhe os controles valorativos da vida social. Mas isso é um projeto de mudança nos referenciais de identidade que mal começou e que exige, antes outras experiências de situar-se no mundo com mais liberdade e direitos de pertença (PRANDI, 2006, p.97).

Dando continuidade às narrativas e, ao mesmo tempo, finalizando-as as Irmãs Rosinha e Ivone antes do seu falecimento também tratou da temática da dupla pertença.

-

Vale ressaltar que não é finalidade desta pesquisa, discorrer sobre este segmento religioso, existe toda uma bibliografia especializada e diferentes pesquisas. Contudo, ele atravessa a discussão, uma vez que as primeiras reelaborações das religiões de matrizes africanas no Brasil e na Bahia surgiram nos porões da igrejas católicas. Então no caso da ligação da Irmandade do Rosário com o Candomblé vai além do sincretismo ou dupla pertença, tem uma relação colaborativa ancestral, que talvez a ciência não tenha resposta. Mesmo que cada um compartilhe de filosofia e mística diferentes, foram as recriações de laços comunais nesses espaços que possibilitou a existência de ambos. É uma questão histórica, antropológica, sociológica e filosófica que ainda suscita muita discussão.

Na minha Igreja eu participo de uma maneira, no meu Axé<sup>106</sup> de outra. Eu fui representante do Culto Afrobrasileiro em um evento no Rio Grande do Sul em Santa Maria, passei 14 dias, fui com Albérico, levei minha vestimenta do Axé. O Candomblé é uma parte, o Rosário é outra. Na Igreja tem santo no Candomblé, no candomblé orixá também é santo, mas não pode misturar. Os dois têm coisa boa, ajudam a dar fortaleza, a não pensar mal. Fazendo tudo que tem merecimento de fazer você nunca se prejudica (Ir. ROSINHA, ENTREVISTA, 09/02/2013).

Finalizando, usamos a memória da Irmã Ivone, deixada em 2011 antes do seu falecimento.

Todos os irmãos sempre foram do candomblé e a convivência sempre foi clara. Não concordo com sincretismo, acho que as pessoas podem conviver com as duas religiões. Eu sigo a linha Angola dos caboclos meu guia é o Caboclo Tumbancè. Eu tenho claro que é possível celebrar a religião dos ancestrais e a tradição católica. Eu fui batizada por Dona Oxum Menina uma hora da tarde no Cais do Porto. Tem pessoas que dizem que a nossa igreja é do candomblé. Essa igreja foi fundada pelos africanos e naquela época eles nem podiam entrar nas igrejas. Então nas horas do descanso eles construíam, eles pegavam os atabaques. Por isso a igreja usa os atabaques, as músicas celebram a luta dos negros e a fé em Deus e a devoção a Nossa Senhora minha Mãe do Rosário (Ir. IVONE, ENTREVISTA, 21/02/2011).

Elbein, 2001, p. 39.).

-

<sup>&</sup>lt;sup>106</sup> Aqui a Irmã se refere ao Candomblé que também recebe o nome popular de axé. Axé( àse)palavra da língua Yorubá, significa força vital energia que emana dos orixás e dos elementos sagrados. " É a força que assegura a existência dinâmica, que permite o acontecer e o devir [...] a força invisível, a força mágico-sagradade toda a divindade, de todo ser animado de toda coisa". Ver: (SANTOS, Juana

# 6 PALAVRAS QUASE CONCLUSIVAS: SEMPRE UM NOVO COMEÇO

Esta pesquisa teve como principal foco estudar a Participação Política das Mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho (1949-2001). O principal objetivo foi compreender, a partir da análise do Compromisso, das narrativas dos colaboradores e de outros documentos as relações de poder, as resistências e lutas que ocorreram internamente na busca por uma maior participação política das mulheres na Mesa Administrativa, no período de 1969 a 2001. Ao chegar nesta fase da pesquisa, é possível tecer algumas considerações acerca do percurso.

As irmandades negras são diversas, e estão presentes no Brasil desde os primeiros tempos do processo de colonização e escravização portuguesa, em África e no Brasil. Embora existam muitos estudos, elas continuam sendo um campo vasto de investigação que corrobora para novos estudos nas diferentes áreas do conhecimento.

Elas são entidades que resistiram à alienação religiosa, sistemas políticos, invasões por parte de outras irmandades de brancos e mestiços. Mesmo tendo incorporado a liturgia católica, elas souberam preservar seu legado pluricultural, que se iniciou aqui em nosso país, há quase cinco séculos.

Gostaria de salientar que ao desenvolver esta pesquisa a minha intenção, enquanto mulher negra, da roça, inserida no contexto urbano, mas sem perder a conexão rural foi a de colaborar para o debate e dar visibilidade e contribuição das mulheres negras inseridas em Irmandades de homens pretos na construção do conhecimento e da identidade sociocultural e religiosa brasileira. A partir dessa perspectiva, estudei a participação das mulheres na irmandade negra mais antiga de Salvador, cujo foco centrou-se na V. O. T. Irmandade do Rosário de Nossa Senhora, às portas do Carmo. Entidade esta, de importância histórica, religiosa, cultural e simbólica para a reconstrução dos laços africanos brasileiros ou das africanias, na Bahia, Brasil e, porque não, no mundo.

No entender de Luz (1995, p. 432), "o processo de africanização do catolicismo iniciou-se então com a Rainha Ginga. Ela abriu as portas do Ndongo aos missionários capuchinhos, reafirmou seu batismo com o nome de Ana de Souza e logo tomou a iniciativa de erguer uma igreja em homenagem a Sant'Ana". Podemos dizer que esta foi apenas uma das várias formas de africanização. Inúmeras outras

podem ser citadas como a de outra mulher imprescindível, do antigo Reino do Congo, Beatriz Kimpa Vita que soube, em momento de crise política e religiosa, articular um fenômeno religioso que redimensionava os elementos do cristianismo católico aos elementos da religião tradicional, criando o movimento messiânico Antoniano.

Embora este tema ainda seja pouco estudado, ele nos dá a possibilidade de refletirmos mais especificamente sobre o papel das mulheres negras. Pensando nas confluências de diversos campos do conhecimento para dar visibilidade a algumas das contribuições contemporâneas, de algumas dos milhares de mulheres negras, de diferentes tempos históricos, que passaram pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho. Quero deixar claro que não tinha a intenção de esgotar o tema e nem tampouco ter dito uma verdade absoluta, pensando sempre nas verdades relativas, aproximadas e intencionais. Estas vão sendo registradas, conhecidas e visualizadas ao longo da história da humanidade. Portanto, sendo este um dos primeiros estudos com esta temática na Bahia, certamente, muitas lacunas aparecerão.

É importante dizer, também, que pelo fato de a Igreja da Irmandade encontrar-se em reforma de 15 de junho de 2010 a 15 de abril de 2012, alguns dos documentos registrados pela Mesa de Honra não foram consultados, porque as caixas encontravam-se ainda sem catalogação. Mesmo sendo a pesquisadora membro da Irmandade, foi prudente não desorganizá-los antes do mutirão de organização dos arquivos, que tem o apoio do IPAC e ainda está para acontecer neste ano de 2013.

Procurei registrar, ainda que de forma breve, o protagonismo de algumas mulheres na Mesa de Honra da Irmandade pesquisada, até a conquista com lutas e embates da participação na Mesa Administrativa. As narrativas dos irmãos nas entrevistas deram-me pistas para concatenar documentos e depoimentos em alguns momentos. Os Compromissos, As atas da Mesa Administrativa que se reportavam à Mesa de Honra, o livro de Atas da Mesa Administrativa, editais e outros documentos foram de relevância ímpar para que pudesse encontrar informações sobre a atuação dessas mulheres. Mulheres estas, respeitadas pela memória oral da Irmandade. Desse modo, Cabe inferir que:

Sabemos que as mulheres negras proeminentes, respeitadas e memorizadas historicamente e mesmo invocadas religiosamente pelos segmentos negros da diáspora, são aquelas que, senhoras descendentes ilustres de linhagens dos reinos de origem, caracterizaram sua passagem neste mundo por lutar e se dedicar a enraizar no Brasil sua herança sócio-cultural (LUZ, 1994, p.33).

Os estudos de gênero não excluem a discussão sobre mulheres. Assim, articulando vários estudos, pude perceber o quanto foi relevante a Mesa de Honra feminina, formada por mulheres negras da Irmandade, para a relação dialógica dos papéis sociais de homens e mulheres na Irmandade, com o propósito de relações de poder menos machistas, sexistas e homofóbicas. No entendimento de Marco Aurélio Luz (2002), ao referir-se às religiões africano-brasileiras, nesses ambientes sócio-religiosos, as diferentes forças se conectam para difundir a política do sagrado, que também influencia as relações de poder político administrativo.

A política do sagrado se caracteriza por re-ligar e presentificar o sentido originário que empresta a identificação, linguagem, e comunicação à sociedade. O poder político se realiza em meio à tensão dialética entre o mundo sagrado das forças que regem o universo, de um lado e a sociedade, do outro. Os orixás, **santos** e ancestrais, de um lado, e os seres humanos, de outro, em relação transcendente e vice-versa. É a tensão entre os ara-orum, os habitantes do orum, o além, e os ara-aiyê, os habitantes desse mundo, que através dos ritos empresta sentido à ordem do poder (LUZ, 2002, p. 75, grifo nosso).

Isso também está presente no interior da Irmandade do Rosário, permeando as diferentes relações sociais que estão inter-relacionadas no seu contexto. O diálogo constante que a Irmandade do Rosário do Pelourinho construiu com diferentes setores da sociedade foi imprescindível para desfazer estereótipos racistas e excludentes, especialmente na esfera política da cidade de Salvador, e do estado da Bahia. A preservação do seu patrimônio material e imaterial vem sendo assegurado pelo processo educativo interno e externo.

Vale acrescentar, ainda, que alguns irmãos e irmãs, e/ou pessoas outras que frequentam ou frequentaram a Irmandade, por não compreenderem a grandeza dessa entidade, acabam depredando o patrimônio e o seu acervo documental. Muitos documentos desapareceram dos arquivos da Irmandade, especialmente quando algum membro de Mesa Administrativa passava por sindicância interna. Ou

ainda, quando tinha alguma divergência com membros da Mesa de Honra, ou de uma nova gestão. As conversas de corredor são outro problema que a Irmandade tem que administrar constantemente. O processo educativo oral e também formal, desenvolvido pela Irmandade, tem contribuído para minimizar essas questões.

Não temos que falar mal do nosso templo, da nossa casa, do nosso povo. Hoje tudo isso é legado e por muito pouco a gente 'se manda'. Tem equívocos tem, mas vamos lavar a roupa suja em casa, não é fora não. Isso para mim é 'café pequeno'. Vai olhar aqueles documentos, aquelas imagens, o altar mor. Tudo isso são legados. Não tem um abençoado na Bahia que não faça referência à História do Rosário (Ir. GAL, ENTREVISTA 04/04/2013).

A ressignificação das memórias da Mesa de Honra, narradas pelas irmãs e irmãos colaboradores, e os registros documentais, fizeram-me perceber algumas das riquezas construídas internamente, e que eu, como membro da Irmandade há, mais ou menos nove anos, ainda não tinha tido acesso. Ao contextualizar o papel das Mulheres do Rosário em parte do caminho para a divisão do poder administrativo, trouxemos para a visibilidade algumas irmãs que ajudaram a valorizar a contribuição feminina, juntamente com os irmãos, na construção da Irmandade em estudo. Como exemplo, podemos citar as saudosas Irmãs Eugênia Ana dos Santos, Ivone Silva Paixão, Jandyra Galvão, Abgail do Espírito Santo Barbosa, Dady, Francisca e muitas outras.

E, na atualidade, as Irmãs: Nolair Bonfim Sandra Maria Bispo, Maria Rosa Santos, Lourdes Bárbara Pereira e Maria das Graças Ramos, que se encontram conosco, nos ajudando a colaborar com o registro de questões importantes para a preservação da ancestralidade africana presente na Irmandade. Outras irmãs e irmãos não foram selecionados por causa dos parâmetros da pesquisa, e por questões metodológicas, mas estavam, em diferentes momentos, nas lutas e embates das Mesas de Honra: Joselita do Patrocínio, Valdete, Jacira, Vandete, Glória, Maria Miguel e demais. A fala da Irmã Nolair resume esse sentimento:

Minha felicidade é isso aqui [a Irmandade], é minha distração, oração. Depois vou passear. Eu gosto mesmo de coração, me sinto em casa, é a minha casa. Aqui tenho amizade, conforto, a irmandade é a minha vida. Quando as pessoas vêm a gente tem que chamar para dentro (Ir. NOLAIR, ENTREVISTA, 20/04/2013).

A análise dos documentos permitiu perceber a fundamental importância das Mulheres do Rosário na articulação política e comunitária para "dinamizar o processo" administrativo e social da entidade e para construir a materialidade da instituição. Foi observado também que a participação ativa das mulheres, juntamente com os homens, proporcionou diferentes atividades sociais, todas elas planejadas cuidadosamente pelas Mesas de Honra, especialmente nos anos 1980 a 2001, cujos resultados são rememorados não só pelas irmãs que participaram da pesquisa, como também por outros irmãos e outras irmãs.

Os relatos das irmãs ainda revelaram uma preocupação com a Reforma do Compromisso que, embora tenha legitimado a participação política das mulheres, excluindo expressões sexistas e machistas, não incorporou algumas das muitas conquistas das irmãs da Mesa de Honra. Porque as "coisas que elas, viveram, quase ninguém que está aqui viveu" (Ir. NOLAIR, ENTREVISTA, 20/04/2013). "Tem muita coisa no Compromisso que mudou, o de hoje é uma cartilhazinha, [...], antes diziam muita coisa[...] (Ir. ROSINHA, ENTREVISTA, 06/02/2013). "A equipe era maravilhosa, mas eu acho que ficou naquele negócio de empatia [...] o jurídico, o social não deixou falar o protagonismo, distribuíram muito competentemente os cargos, porém se não cuidarmos, pode ser que a mulher nunca mais volte a ser priora" (Ir. SANDRA, ENTREVISTA, 13/12/2013).

A preocupação das Irmãs procede, porque os alicerces machistas foram abalados na Irmandade, porém não extirpados. As negociações constantes, que se desenvolvem, podem corroborar para que nós, irmãs, busquemos participar mais ativamente, pleiteando os cargos mais altos da Mesa Administrativa. Suas experiências de fora e de dentro da entidade foram decisivas para os enfrentamentos que tiveram que suportar. Permitam-me, ainda, retomar algumas das questões espinhosas e desagradáveis nas negociações das relações de poder que são perpassadas por violência ou ameaça. Tentativa de agressão física, xingamentos, suspensão, violência simbólica, ferimento da condição feminina, dentre outros. As conquistas daquele momento histórico são vivenciadas na atualidade por todas e todos que são membros da Irmandade.

Os irmãos Tony e Adonai fizeram reflexões pertinentes na finalização de suas entrevistas. O irmão Tony ressaltou:

Eu diria a você que è minha irmã, entre naquela casa todos os dias, veja a cada dia o que você foi buscar ali. Que nunca duvide da força daquela casa, nunca dê as costas à aquela casa até o último dia da sua vida. Porque a riqueza que tem ali, a espiritualidade ali construída não é qualquer coisa. A experiência que eu tenho naquela casa de joelhos eu não agradeço o que pude vivenciar e ainda vivo. Devemos zelar, cuidar, estar atento,ser o olho, para que a gente possa estar se fortalecendo. [...] Tem uma frase do Araketu que eu trouxe e guardo comigo e me marca até hoje esta mensagem: 'fazer o bem sem olhar a quem, esse é o nosso lema. Embora houvesse alguém para garfar nosso tema'. E tem muita gente querendo se apossar (Ir. TONY, ENTREVISTA, 05/06/2013).

O Irmão Adonai enfatizou que "a emancipação da mulher colaborou para o crescimento da Irmandade, elas sempre foram bem vindas e serão para manter nossas tradições e também o lado histórico" (Ir. ADONAI, ENTREVISTA, 10/06/2013) Nesse sentido, nós irmãos e irmãs temos uma grande responsabilidade no intuito de interconectar as relações de gênero de forma a favorecer relações mais equânimes.

Se no início da pesquisa tínhamos a hipótese de que a reforma do Compromisso extinguindo A Mesa de Honra e colocando homens e mulheres juntos numa Mesa Administrativa única na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho, teria trazido apenas benefícios para a Irmandade, isso não se efetivou. Ficou evidenciado através dos documentos e das narrativas das Irmãs e Irmãos que a extinção total da Mesa de Honra causou um grande prejuízo nas atividades sociais, culturais e educativas da Irmandade. Assim como, também causou prejuízo para sua dinâmica cotidiana que, na atualidade, sofre a carência de pessoal para as atividades de expediente, coisa que não ocorria quando existiam as duas Mesas. Isso tem levado à retomada dessa reflexão internamente para as próximas reformas.

Contudo, ficou confirmado que vários estereótipos de machismo e sexismo foram minimizados, internamente, com a luta das irmãs nas diferentes Mesas de Honra. Posso afirmar que essas Irmãs eram mulheres empoderadas, porque percebiam de onde vinham as opressões, vindo muitas vezes de outras irmãs em processo de alienação à "dominação masculina" (Bourdieu, 1999). O empoderamento vem da percepção das forças opressivas, da articulação de várias estratégias de ação e resistência e da reflexão constante sobre esse processo, e isso vem ocorrendo na contemporaneidade. Os caminhos trilhados foram

orquestrados pela colaboração de vários setores da sociedade na vida dessas irmãs. Especialmente, da aproximação com as religiões afrobrasileiras e o Movimento Negro.

Outro fato interessante confirmado pela pesquisa é que o fenômeno da dupla pertença religiosa é marcante dentro da instituição, em detrimento do reconhecimento da existência de sincretismo. E isso não minimiza a importância de nenhum dos dois segmentos religiosos, a Irmandade e a Religião do Candomblé. Eles caminham cada um com seus pressupostos, mas muitos membros transitam entre os dois cultos sem, contudo, fazer a "mistura" que muitas das pessoas acreditam haver. Lembramos que muitos dos elementos culturais africanos e afrobrasileiros são utilizados na Irmandade do Rosário do Pelourinho. Há, entretanto, uma simbologia e significado próprios da Irmandade na busca por manter seus laços ancestrais, culturais e de memória afro-religiosa católica negra.

As experiências coletivas vivenciadas no Rosário são recriadas nas atividades cotidianas e nas missas, nas festas, nos encontros, preleção dominical, reuniões de mesa administrativa, atividades educativas, seminários, retiros espirituais e etc. "A irmandade tem uma importância imensurável para mim, porque resgata minha história enquanto negra e consciente do meu papel social e histórico" (Ir. SANDRA, ENTREVISTA, 13/12/2013). Através de rituais, memórias e simbologias recriamos identidades, fortalecemos os laços religiosos, culturais e afetivos reverenciando a grande Mãe Nossa Senhora do Rosário.

Vale ressaltar que a educação e seu processo de letramento têm fomentado na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho, nesses quatro séculos de existência mudanças significativas, porém ressignificadas pela sua memória que vem sendo preservada. Ela é mola mestra para que a Irmandade interaja, nos diferentes momentos históricos, preserve sua tradição oral e também escrita e resguarde o patrimônio. Porque, a educação empodera através do saber que é poder, fortalece a memória, a identidade étnica africana e a preservação dos patrimônios material e imaterial desta significativa Entidade religiosa, cultural e educativa.

Concluo esta etapa com o lindo poema *Meu Rosário* de Conceição Evaristo que bem traduz as tradições da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho. Ser rosariano/rosariana é interconectar diferentes

experiências, simbologias, memórias num complexo religioso e cultural que recria cotidianamente suas heranças africanas e brasileiras.

"Meu rosário"

Meu rosário é feito de contas negras e mágicas. Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum E falo padre-nossos, ave-marias.

Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques do meu povo e encontro na memória mal-adormecida as rezas dos meses de maio de minha infância. As coroações da Senhora, onde as meninas negras, apesar do desejo de coroar a Rainha tinham de se contentar em ficar ao pé do altar lançando flores.

As contas do meu rosário fizeram calos nas minhas mãos, pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas, nas casas, nas escolas, nas ruas, no mundo.

As contas do meu rosário são contas vivas.

(Alguém disse um dia que a vida é uma oração, eu diria porém que há vidas-blasfemas.)

Nas contas de meu rosário eu teço entumecidos sonhos de esperanças.

Nas contas de meu rosário eu vejo rostos escondidos por visíveis e invisíveis grades e embalo a dor da luta perdida nas contas do meu rosário.

Nas contas de meu rosário eu canto, eu grito, eu calo.

Do meu rosário eu sinto o borbulhar da fome no estômago, no coração e nas cabeças vazias.

Quando debulho as contas de meu rosário, eu falo de mim mesma um outro nome.

E sonho nas contas de meu rosário lugares, pessoas, vidas que pouco a pouco descubro reais.

Vou e volto por entre as contas de meu rosário, que são pedras marcando-me o corpo-caminho.

E neste andar de contas-pedras, o meu rosário se transmuda em tinta, me guia o dedo, me insinua a poesia.

E depois de macerar conta por conto o meu rosário, me acho aqui eu mesma e descubro que ainda me chamo Maria (Evaristo, 1992, p. 23-24).

#### **FONTES**

#### 1. ENTREVISTAS

BISPO, Sandra Maria. [março, 2011 e dez. 2012] 2 arquivos sonoros digitais (180mim).

BOMFIM, Nolair. [março 2011 e abril 2013] 2 arquivos sonoros digitais (120min).

PAIXÃO, Ivone Silva (In memoriam) [21/02/2011). Registro manuscrito.

PASSOS, Adonai. [ 10/06/2013] arguivos sonoros digitais ( 60mim)

RAMOS, Maria das Graças. [20/04/2011] 1 arquivo sonoro digital ( 120mim ).

SANTOS, Maria Rosa. 2 arquivos sonoros digitais [90mim].

SILVA, Lourdes Bárbara Pereira. [09/02/2013] 2 arquivos sonoros digitais (100mim)..

SOUZA, Antônio Carlos Conceição. [ 05/06/2013] 1 arquivo sonoro ( 160mim).

# 2. REGULAMENTOS LOCALIZADOS NO ARQUIVO DA IRMANDADE (AINSRP)

COMPROMISSO DO ANO DE 1820, Caixa 1 Nº. Documento 1.

COMPROMISSO Venerável Ordem Terceira Irmandade do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos) 1872, Caixa 1 Documento 2.

COMPROMISSO Venerável Ordem Terceira Irmandade do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos) 1900 Caixa 1Documento 3.

COMPROMISSO Venerável Ordem Terceira Irmandade do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos) 1945, Caixa 1, Documento 4.

COMPROMISSO Venerável Ordem Terceira Irmandade do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos) 1949, Caixa 1, Documento 5.

COMPROMISSO, Venerável Ordem Terceira Irmandade do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos) 2001, Arquivo Pessoal

#### 3. ATAS

Livro de Atas da Mesa Administrativa entre 1959 -1974. AINSRP, Caixa 6, Doc.1 Livro de Atas Mesa Administrativa entre 1974-2000. AINSRP, Caixa 6, Doc.2 Livro de Atas da Mesa de Honra 1980-2000AINSRP, sem Catalogação Atas avulsas da primeira e segunda Reunião Conjunta Mesa Administrativa e de Honra ano 2000, sem catalogação.

## 4. EDITAIS

19 de maio de 1996 ( Aplicação de advertência à Irmã Priora, por desobediência à Mesa) AINSRP, sem catalogação

16 de julho de 1996 ( tratando da ameaça de agressão física à irmã Vice-Priora e do resultado da audiência na Delegacia da mulheres) AINSRP, sem catalogação.

## 5. RELATÓRIOS

Relatório de Atividades Mesa Administrativa 1995, sem catalogação Atividades da Mesa Administrativa 1994/1996, sem catalogação Atividades da Mesa de Honra 1997, sem catalogação Plano de Ação da Mesa de Honra 1996, sem catalogação

# REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. 5. ed. 2009.

ALBERTI, Verena. **Manual de história Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALVES, Marcio Moreira. **A Igreja e a política no Brasil**. Prefácio Frei Beto. São Paulo: Brasiliense, 1979.

ANDRÉ, Marli. (org.) **Pedagogia das Diferenças na Sala de Aula**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

ARENDT, Hannah (2001). **Poder e violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 81-97.

BAQUEIRO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: Instrumento de Emancipação Social? – uma Discussão Conceitual. **Revista Debates**. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1979.

BATLIWALA, Srilatha. El significado Del empoderamiento de lãs mujeres: nuevos conceptos desde La accion. In: LEON, Magdalena (Org.). **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Bogotá, Colômbia: MT Editores, 1998.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Tradutor Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas- Magia e técnica, Arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico.** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, v. 4, 1712 – 1728, p.200.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. (Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 1979.

Questões de sociologia. F	Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.				
A Dominação Masculina.	Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.				

BUTLER, Judith P.. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Cadernos Negros 24. São Paulo: ed. dos autores, 2001.

CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Tereza; COSTA, Albertina. **Mulher Negra- Política Governamental e a mulher**. São Paulo: Nobel Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. **Estudos Avançados**. v. 17, n. 49. São Paulo set/dez.2003. Disponível em <a href="http://www.scielo.php?pid=S0103-40142003000300008&script=sci\_arttext">http://www.scielo.php?pid=S0103-40142003000300008&script=sci\_arttext</a>. Acesso em 05 de abr. de 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. Diferença entre os sexos e dominação Simbólica (nota crítica). **Cadernos Pagu**, n. 4., Florianópolis, p. 37-45, 1995. Disponível em: <www.periodicos.ufsc.br> Acesso em 16 de maio de 2012.

CONSORTE, Josildeth. Em torno de um Manifesto de Ialorixás Baianas contra o Sincretismo, In: CAROSO, Carlos e BACELAR, Jéferson (orgs.). Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas/Salvador:

CEAO, 2006. p. 71-91.

CORSETTI, Berenice. Análise documental no contexto da metodologia qualitativa. **UNIREVISTA**. V 1, n. 1. Janeiro de 2006. Disponível em<a href="http://www.unirevista.unisinos.br/\_pdf/ART%2005%20BCorsetti.pdf">http://www.unirevista.unisinos.br/\_pdf/ART%2005%20BCorsetti.pdf</a>. Acesso em 16 abr. de 2012.

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral- memória, tempo e identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DEL PRIORE, Mary (Org.) A História das mulheres no Brasil. São Paulo: contexto/UNESP, 1997.

DIOP, Cheikh Anta. *Nations Negres et Culture*. Paris: Presence Africaine, 1974.

DURKHEIM, Emille. As formas elementares da vida religiosa, o sistema totêmico na Austrália. São Paulo, Paulus, 2008.

EVARISTO, Conceição. Meu Rosário. In: **CADERNOS NEGROS 15**: poesia. São Paulo: Quilombhoje, 1992.

\_\_\_\_\_. Conceição Evaristo: Literatura e Consciência Negra. Entrevista concedida a Bárbara Araújo (Blogueiras Feministas) em 30 de set. de 2010. Disponível em:

<a href="http://www.abpn.org.br/index.php?option=com\_content&view=article&id=1401:conceicao-evaristo-literatura-e-consciencia-negra&catid=1:noticias&Itemid=24&lang=fr>. Acesso: 15 de jul. de 2013.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Tradução Adriano Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

FARIAS, S. O. Irmãos de cor de Caridade e de Crença: a irmandade do rosário do Pelourinho na Bahia do século XIX. Dissertação (Mestrado). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1997.

FOUCALT, Michel. <b>Vigiar e Punir.</b> São Paulo: Zahar, 1979.
Microfísica do Poder. São Paulo, zahar, 1997
El sujeito y El poder. <b>Revista Mexicana de Sociologia</b> , 2(3): jul sept, 1988, 3-20.
FREIRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. São Paulo, Global, 49 ed. 2004.
FREIRE, Paulo. SHOR, I. <b>Medo e ousadia – o cotidiano do professor</b> . Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.  e FAUNDEZ, A. Learning To Question: A Pedagogy of Liberation. New York: Continuum, 1989.
FRIEDEMAN, Nina. <b>Negros refúgios de Africanias em Colombia. Montiban</b> . Caracas: Universidade Andes Bello, 1998.
FREUD, Sigmund <b>O Mal-estar da Civilização</b> . Rio de janeiro: Imago Editora, 1969. (Obras Psicanalíticas completas).
GATTI, Bernadete Angelina. <b>A construção da Pesquisa em Educação no Brasil</b> . Brasília: Plano Editora, 2002.
<b>A construção metodológica da pesquisa em Educação</b> . Palestra proferida no PPGEduc ( UNEB), Salvador, BA. 04/09/2008.
GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Sociedade Brasileira. Apresentado na Reunião do grupo de Trabalho Temas e Problemas da População Negra no Brasil. V Encontro Anual da Associação de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 29 a 31 de outubro de 1980.
Mulher negra, essa quilombola. <b>Folha de São Paulo</b> . São Paulo, 22 de novembro de 1981. Folhetim.
Racismo e Sexismo na cultura brasileira. <b>Ciências Sociais Hoje</b> .ANPOCS, Brasília, (1983) p. 223-244.
Por Un Feminismo Afrolatinoamericano Isis Internacional & MUDAR – Mujeres por un Desarrollo Alternativo. Mujeres. crisis y movimiento. América Latina y el Caribe. Ediciones de las Mujeres, Núm. 9, 1988, p.160.

HEYWOOD, Linda Marinda. Diáspora Negra no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.

HOOKS, Bell. " Mujeres Negras: Dar forma a La Teoria" en otras inapropiables. Madrid: Editora Traficantes de Sueño, 2004. Disponível em: <a href="http://www.marxists.org/espanol/tematica/mujer/autores/hooks/1984/001.htm">http://www.marxists.org/espanol/tematica/mujer/autores/hooks/1984/001.htm</a>. Acesso em 10 de abr. de 2013.

JUNIOR, Caio Prado. **Formação do Brasil Contemporâneo**, São Paulo, Ed. Brasiliense, 8ª edição, 1965.

JUNIOR, Vilson. Caetano. de S. Orixás e Santos de Festas: Encontros e desencontros do sincretismo afro-católico na cidade de Salvador, Salvador: EDUNEB, 2003.

KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África**: I. Metodologia e pré-história de África. São Paulo: Ática [Paris]: Unesco, 1982.

LAGARDE, Marcela. **Género y Feminismo: desarrollo humano y democracia**. Madri: HORAS &HORAS, 1996.

LEAL, Maria das Graças de Andrade. **Em Tempo de Crise: uma Memória Documental da Sociedade dos Artífices na Bahia Oitocentista**. CEM N.º 2/ Cultura, ESPAÇO & MEMÓRIA nº 2, 2011. Disponível em <a href="http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10420.pdf">http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10420.pdf</a>>. Acesso em 20 de abr. de 2013.

LEON, Magdalena (Org.). **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Bogotá, Colômbia: MT Editores, 1998.

\_\_\_\_\_. El em poderamiento de las mujeres: Encuentro Del primer y tercer mundos em los estúdios de genero. La Ventana, n. 13, 2001, p. 94-106.

LEVY, Joseph Abraham. **Compromisso e Solução: escravidão e as irmandades afrobrasileiras:** origem e formação das confrarias religiosas no Brasil Colonial (1552-1822). Estudos Brasileiros- Brazilian studes Bd. 2 Lir Ver Lag, Berlin, Alemanha, 2006.

LIMA, Ivana Stolze. **Na Bahia, a arte da língua de Angola. Comunidades linguísticas no mundo atlântico** XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH em Natal (RN) 22-26 de julho de 2013. Disponível em: <a href="http://www.snh2013.anpuh.org/site/anaiscomplementares">http://www.snh2013.anpuh.org/site/anaiscomplementares</a>>. Acesso: 30 de nov. de 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pósestruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUDCKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação*: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUZ, Marco Aurélio. **Do Tronco ao Opá Exim**: Memória e dinâmica da tradição africana-brasileira. *S*alvador: Edições SECNEB, 1993.

LUZ, Narcimária Correia do P. **Reencantamento do Mundo**: Perspectivas de Análise para a compreensão do nosso tempo. Salvador: Departamento de Educação do Campus I da Universidade do Estado da Bahia. Texto da promoção e progressão na carreira de Magistério Superior Concurso Professor Pleno. 17 de jun. de 2008.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979.

MCLAREN, Peter., LEONARD, Peter, GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: poder, desejo e memórias da libertação.** Trad. Márcia Moraes. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

MENEZES, Ulpiano de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. São Paulo: Revista do IEB, 1992, p.23-66.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed., São Paulo: Hucitec, 2004.

MOREIRA, Núbia Regina. A organização das feministas negras no Brasil. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2011.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. Dez Freguesias da cidade do Salvador Aspectos Sociais e Urbanos do séc. XIX. Salvador, FCEBA. IEGBA, 1986.

OLIVEIRA, Adriana Lucinda. **A trajetória de empoderamento de mulheres trabalhadoras em empreendimentos de economia solidária**. Dissertação Mestrado em Serviço Social. Universidade Federal de santa Catarina. Florianópolis, 2004.

\_\_\_\_\_A trajetória de Empoderamento de mulheres na economia solidária. **Fórum Brasileiro de Economia Solidária,** 2005, p.1-14. Disponível em: <a href="http://www.fbes.org.br/empoderamento oliveira Adriana Lucinda.pdf">http://www.fbes.org.br/empoderamento oliveira Adriana Lucinda.pdf</a> Acesso em 10 de mar. de 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Os Direitos da Mulher 1975. Disponível em < http://www.un.org/en/documents/charter/chapter1.shtml>. Acesso em 10 de abr. 2012.

OTT, C. A irmandade de Nossa senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho. **Afro** – **Ásia**, N. 6 e 7, (1968), p.119-126.

\_\_\_\_\_, **A história de N. S. do Rosário de Cachoeira**. Salvador: UFBA, 1978.

PERROT, Michelle. A história feita de greves, excluídos & mulheres (entrevista). **Tempo Social; Rev. Social**. USP, S. Paulo, 8 (2): 191-200, outubro de 1996.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. .**No canto do acalanto.** Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, 1990. (Série Ensaio/Pesquisa, 12).

Também Mulher Imagem de Deus. In QUINTAS, Fátima. Mulher. <b>Mulher Negra: preconceito, sexualidade e imaginário</b> . INPSO, Instituto de Pesquisas Sociais, FUNDAJ, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Pernambuco, Brasil, 199?.
Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; TopBooks Editora. 2001.
PIMENTEL, Alessandra. <b>O Método da Análise Documental: seu uso numa pesquisa historiográfica</b> . Cadernos de Pesquisa, n. 114, p. 179-195, Novembro/2001.
PORTELLI, Alessandro. <b>Fonti orali e potere</b> : una conferenza in Brasile. Disponível em: <a href="http://alessandroportelli.blogspot.com.br/2010/12/fonti-orali-e-potere-una-conferenza-in.html">http://alessandroportelli.blogspot.com.br/2010/12/fonti-orali-e-potere-una-conferenza-in.html</a> . Acesso em 16 de set. de 2011.
PRANDI, Reginaldo. <i>As Religiões e as Culturas</i> : Dinâmicas religiosas na América Latina. Conferência Inaugural das Jornadas Sobre Alternativas Religiosas na América latina. Buenos Aires, Argentina, 25-28 set. 2007.
, Referências sociais das Relações AfroBrasileiras: Sincretismo,
Africanização. In: CAROSO, Carlos e BACELAR, Jéferson (orgs.). <b>Faces da tradiçãoafro-brasileira</b> : religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas/Salvador:CEAO, 2006. p. 93-111.
POLLAK, M. Memória Esquecimento e Silêncio. Tradução Dora Rocha Flaksman. <b>Estudos Históricos</b> , Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.3-15.
QUINTÂO, Antônia Aparecida. <b>Irmandades negras outro espaço de luta e resistência</b> . São Paulo: FAPESP ANNBLUME 1870-1890, 2002.
Irmandades Negras: estratégias de resistência e solidariedade. Mídia Etnica Educação e Comunicação LTDA, n. 9, 2010. Disponível em <a href="http://midiaetnia.com.br/wp-content/uploads/2010/09/Irmandades-Negras-Antonia.pdf">http://midiaetnia.com.br/wp-content/uploads/2010/09/Irmandades-Negras-Antonia.pdf</a> > Acesso:10 de out. de 2013.

MOREIRA, Núbia Regina. **A organização das feministas negras no Brasil.** Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2011.

RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz do Nascimento. Instituto Kuanza. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

REGINALDO, Lucilene. **Os Rosários dos Angolas: Irmandades Negras, experiências e identidades africanas na Bahia setecentista**. Tese de Doutorado Campinas, SP: UNICAMP, 2005.

\_\_\_\_\_. Os Rosários dos Angolas: Irmandades de africanos e Crioulos na Bahia setecentista. São Paulo: Alameda, 2011.

REIS, João José. Identidade e Diversidade Étnica nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. Rio de Janeiro: R. Tempo V.2, N. 3, 1996, p.7-33.

\_\_\_\_\_ Rebelião Escrava no Brasil. a história do levante dos Malês em 1835. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

RODRIGUES, Nina. **O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

ROLANDS, Joanna Mary. Empoderamiento y mujeres rurales em Honduras: um modelo para El desarollo. In: LEON, Magdalena (Org.). **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Bogotá, Colômbia: MT Editores, 1998.

RUSSEL-WOOD, A. J. R. Aspectos da vida Social das Irmandades Leigas da Bahia do século XVII. In: **O Bi-Centenário de um Monumento Baiano**. V.2, Salvador, 1971, p.145-160. (Coleção Conceição da Praia)

SAFIOTTI, Heleieth I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. Cadernos Pagu, n. 16, ano 7, p. 115-136, 2001. Disponível em : <a href="https://www.sciello.br/pdf/spa/n16/a7.pdf">www.sciello.br/pdf/spa/n16/a7.pdf</a>. Acesso em 18 de nov. de 2012.

SANTOS FILHO, Gabriel dos. O catolicismo brasileiro e a construção de identidades negras na contemporaneidade: um olhar socioantropológico sobre a Pastoral Afro-Brasileira. Salvador: EDUFBA, 2012.

SANTOS, Juana Elbein dos. Os Nagôs e a Morte: pàdê, asésé e o culto Egun na Bahia. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

SANTOS, Léa Austrelina Ferreira. **Odara**: A Linguagem Educativa dos Contos de Mestre Didi. Dissertação de Mestrado em Educação e Contemporaneidade. Salvador: Universidade do Estado da Bahia (UNEB), 2005.

SANTOS, M. Deoscoredes; LUZ, Marco Aurélio. O rei nasce aqui – Oba Biyi, a educação Pluricultural africano- brasileira. Salvador: Fala Nagô, 2007.

SAYÃO, Débora Thomé. Corpo, poder e dominação: Um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. **Perspectiva**. Florianópolis, v.21, n.1, p.121-149, jan./jun 2003. Disponível em: <a href="http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva\_2003\_01/07\_artigo\_sayao.pdf">http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva\_2003\_01/07\_artigo\_sayao.pdf</a> Acesso em 05 de mar. de 2012.

SCARANO, J. **Devoção e Escravidão**: A Irmandade de N. S. do R. dos Pretos no distrito de Diamantino no Século XVIII, COL. Brasiliana 1976.

SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". **Educação & Realidade**. Porto Alegre, Vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99. Disponível em: <hr/>
<h

SEIXAS, Rogério Luis Rocha. A condição estratégica do exercício do poder em Michel Foucault. **Argumentos**, Ano 3, Nº 5, p.71-80, 2011.

SHARMA, Kate., 1991-1992. "Grassroots organizations and women's empowerment: Some issues in the contemporary debate", en **Samya Shakti** 6: 28 - 43.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Os Fundamentos Africanos da Religiosidade Brasileira in MUNANGA Kabengele (Org.) **História do Negro no Brasil O Negro na Sociedade Brasileira: Resistência, participação, contribuição**. Brasília. Fundação Cultural palmares-MinC, março, 2004.

\_\_\_\_\_, Iyámi, Iyá Agbás Dinâmica da Espiritualidade Feminina em Templos Afro-baianos. **Estudos Feministas**. ano 3, 2º Semestre, nº 2. Florianópolis, Santa Catarina, p. 436-445, 1995,

SOARES, Cecília Moreira. A Negra na Rua, outros conflitos. In: SANDENBERG, Cecília M. B. et.al. (Orgs.). **Fazendo Gênero na historiografia da Bahia**. Salvador: NEIM/UFBA, 2001. p.35-47.

SOUSA, Sandra Maria Nascimento. **Mulheres em movimento: memórias da participação das mulheres nos movimentos pelas transformações das relações de gênero 1970 a 1980**. São Luis: EDUFMA, 2007.

SOUZA, Juana ; Elbein. de A. **Viagens do Rosário entre a velha Cristandade e o Além Mar**. Salvador: UFBA, 2004.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal. 1983.

STANLEY, Aronowits. O Humanismo Radical e Democrático de Paulo Freire. In: MCLAREN, Peter., LEONARD, Peter, GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: poder, desejo e memórias da libertação.** Trad. Márcia Moraes. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SWEET, James H. Recriar África Cultura, Parentesco e Religião no mundo Afro-Português (1441-1770). Tradução João Reis Nunes. Lisboa/ Portugal: Edições 70, 2007.

THORNTON, J. K. "Religião e vida cerimonial no Congo e áreas de Umbundo, de 1500 a 1700".ln: HEYWOOD Linda M. (Org.). **Diáspora negra no Brasil**. São Paulo, Editora Contexto, 2008, p. 81-100.

TOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: história oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIVIÑOS, Augusto. Pesquisa Qualitativa. In: **Introdução á pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 116-175.

VAINFAS, R.; SOUZA, M. de M. Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento Antoniano, séculos XV- XVIII. **Tempo**, 6, 1998, p. 95-118.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. O poder que brota da dor e da opressão. Empodwerment, sua trajetória, teorias e estratégias. São Paulo: Paulus, 2003.

VELHO, Gilberto. "Observando o familiar". Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

VIANA FILHO, Luis. O Negro na Bahia. São Paulo: José Olímpio, 1946.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO E DO CARIBE. *Documento Final.* Aparecida, São Paulo. 13-31 de maio de 2007.

WERNECK, Jurema; CRUZ, Simone et al (Org.). Mulheres negras na primeira pessoa.

Porto Alegre: Redes Editora, 2012. Disponível em <www.criola.org.br>. Acesso em 10 de dez. de 2012.

WARNER, W. Lioyd, A Black Civilization: A Social Study of an Australian Tribe. Nova Yorque: Harper & Row, 1964.

WEBER, Max. Ensaios de sociologia. Guanabara, Rio de Janeiro: Koogan, 1982.

SITES

HTTP://www.criola.org.br

HTTP://www.cpdoc.fgv.br

HTTP:// www.historiaoral.org.br

## APÊNDICE A



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDC - CAMPUS I PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE PPGEduC

LINHA I: PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS: EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E PLURALIDADE CULTURAL

# Termo de Consentimento e Participação em Pesquisa Acadêmica

Concordo em colaborar com a Pesquisa Acadêmica de Mestrado, dissertação e seus desdobramentos (A Participação Política das Mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho 1949-2001). Desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, Linha I Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural pela Pesquisadora Analia Santana orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizabete Conceição Santana.

Salvador-BA,	de	_ de
Assinatura		

\_\_\_\_

# **APÊNDICE B**



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDC - CAMPUS I PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE PPGEduc

LINHA I: EDUCAÇÃO PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS MEMÓRIA E PLURALIDADE CULTURAL

TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PESQUISA: A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES NA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DO PELOURINHO

colaborador				
(a): Nacionalidade:				
Estado Civil:				
Profissão				
RG				
CPF				
Endereço:				
Objetivo: Entrevista gravada para a pesquisa A Participação Política das Mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho (1949-2001), e seus desdobramentos no Curso de Mestrado da Universidade do Estado da Bahia no Programa de Pós Graduação e Educação e Contemporaneidade Linha I Educação Processos Civilizatórios Memória e Pluralidade Cultural.  Jso: Eu				
uso do <b>depoimento oral</b> ao processo de pesquisa exclusivamente para efeitos nvestigativos e acadêmicos a plena propriedade dos direitos autorais dos depoimentos de caráter histórico e documental que prestei ao (à) Pesquisadora e rmã do Rosário Analia Santana na cidade de Salvador-BA. Total de horas gravadas				
Salvador,de, 20				

Assinatura do (a) depoente colaborador (a)

# APÊNDICE C



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDC - CAMPUS I PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE PPGEduC

LINHA I: PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS: EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E PLURALIDADE CULTURAL

# Termo de Uso de Imagem em Pesquisa Acadêmica

Autorizo para os devidos fins o uso da minha imagem através de fotografias na Pesquisa Acadêmica de Mestrado, dissertação e seus desdobramentos (A Participação Política das Mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho 1949-2001). Desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, Linha I Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural pela Pesquisadora Analia Santana orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizabete Conceição Santana.

Salvador-BA,	de_	de_	
Assinatura			

\_\_\_\_

# **APÊNDICE D**



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDC - CAMPUS I PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE PPGEduC

LINHA I: PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS: EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E PLURALIDADE CULTURAL

Pesquisa: A participação política das mulheres na Irmandade de nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho (1949-2001)

Mestranda – **Analia Santana** 

Orientadora- Profa Dra. Elizabete Conceição Santana

# Roteiro guia para a Entrevista

## 1- Identificação:

a) Qual seu nome completo? Idade? Onde nasceu? Escolaridade? Profissão?
 Estado Civil? Quando entrou na Irmandade? Tempo de Irmandade?
 Religião?

#### 2- Família

As pessoas de sua família elas também são ou foram da Irmandade?

#### 3- Educação

Qual é a importância da educação para a senhora?

E na Irmandade?

### 4-A Irmandade

Seus primeiros anos de Irmandade?

Quando a senhora entrou na irmandade que idade tinha?

O que a levou a entrara na irmandade?

Sua família participava?

Quais eram as exigências em sua época para a entrada de um irmão na Ordem?

E seu ritual de entrada poderia relatar um pouco?

A irmandade influencia na sua vida cotidiana?

O que a faz continuar na Irmandade por todos esses anos?

#### 5- Compromisso

A senhora sabe o que é o Compromisso? Para que serve??

## 6- Relações de poder

Como o poder pode ser observado na Irmandade?

Quem tem poder nesta entidade trisecular?

Como se relacionavam homens e mulheres negros (as) neste processo de divisão do poder na Mesa Administrativa?

Como a educação ajudou o nesse processo?

### 7- Mesa de Honra Feminina

Fale um pouco sobre este processo. O que foi a Mesa de Honra?

A senhora participou? Que cargos ocupou?

Quais as principais atividades da Mesa de Honra?

Como foram os principais embates? E as conquistas?

## 8- Relações de gênero

Existe machismo na Irmandade? Como ele se apresenta?

A senhora já vivenciou alguma experiência de machismo/sexismo na Irmandade mesmo sendo ela formada por homens negros e mulheres negras?

Como eram/são tratadas as mulheres e qual as atividades em que elas participavam/participam? E as que não podia participar? Por quê?

E, existia (e) alguma atividade que as mulheres não podiam participar? Por quê? Como a entidade faz para que as relações de gênero (homem/mulher) sejam menos conflituosas?

A experiência das prioras que mais marcaram sua vida dentro da irmandade?

## 9- Mulheres Negras

A senhora participa de algum movimento organizado: Negro, Mulheres e etc.? A senhora poderia citar algumas mulheres negras que são ou foram referencia na

irmandade?

E. fora dela?

A senhora como mulher negra foi valorizada dentro da Irmandade? Poderia falar sobre isso?

A Irmandade fortalece a identidade da mulher negra? Como?

Em sua opinião qual a importância das mulheres na Irmandade?

## 9- Divisão do poder

Que cargos a senhora já ocupou na Mesa Administrativa da Irmandade? Como se dá a ocupação desses cargos?

Como se relacionavam homens e mulheres negros (as) neste processo de divisão do poder na Mesa?

E as discussões e lutas internas entre homens e mulheres pelo poder, tem algo que a senhora gostaria de ressaltar?

Por muitos anos havia duas mesas uma de Honra para Mulheres e a Mesa Administrativa Masculina. Como a senhora viu e participou desse processo? Como foi para a senhora vivenciar esse processo?

Como a senhora foi tratada pelos irmãos nos momentos de crise e embates? A senhora se lembra quais as Prioras, Vice-Prioras, Secretárias etc. que mais se destacaram na luta pela Mesa Administrativa única com participação de homens e mulheres?

## 10 - Dupla pertença religiosa

A senhora é iniciada na Religião Afrobrasileira? Fale um pouco sobre esta experiência.

Muitos Irmãos transitam tranquilamente entre os dois cultos? Como à senhora observa isso?

Dupla pertença religiosa? Ou sincretismo? Como à senhora percebe a relação da Irmandade com a religião do candomblé e as religiões de matriz africana?

# 11- Mudança de religião

O que a levou a mudar de religião e sair da Irmandade? Em que a Irmandade deve melhorar para acolher mais os irmãos? Tem algo que a senhora gostaria de acrescentar?